

CARLOS TORRES PASTORINO

Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma – Professor
Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro

SABEDORIA DO EVANGELHO



8.º Volume

Publicação da revista mensal

SABEDORIA

RIO DE JANEIRO, 1971



O “EU” PROFUNDO

João, 14:1-14

(Tradução literal)

(Sentido real)

- | | |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. “Não se turbe vosso coração: crede em Deus e crede em mim. 2. Na casa de meu Pai há muitas moradas; senão, ter-vos-ia dito que vou preparar lugar para vós? 3. E se eu for e preparar lugar para vós, de novo volto e vos tornarei junto a mim, para que, onde estou, também vós estejais” 4. E para onde vou, sabeis o caminho”. 5. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como poderemos saber o caminho? 6. Disse-lhe Jesus: “Eu sou o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão por mim. 7. Se me conhecesses, conheceríeis também meu Pai; e agora o conheceis e o vistes”. 8. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai e basta-nos. 9. Disse-lhe Jesus: “Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como dizes tu: mostra-nos o Pai? 10. Não crês que estou no Pai e o Pai (está) em mim? As palavras que vos falo, não falo por mim mesmo: o Pai que habita em mim faz as obras dele. 11. Crede-me que eu (estou) no Pai e o Pai em mim; se não, crede nas próprias obras. 12. Em verdade, em verdade vos digo: o fiel a mim, fará as obras que eu faço e fará maiores que elas, porque vou para o Pai, 13. e tudo o que pedirdes em meu nome, isso farei, para que o Pai se transubstancie no Filho. 14. Se me pedirdes algo em meu nome, eu farei”. | <ol style="list-style-type: none"> 1. “Não se turbe vosso coração: sede fiéis à Divindade e ao Eu. 2. Na casa de meu Pai há muitas moradas: senão, ter-vos-ia dito que o Eu vai preparar lugar para vós? 3. E se o Eu for e preparar lugar para vós, de novo volta e vos tomará junto a si, para que onde esteja o Eu estejais vós também. 4. E para onde vai o Eu, sabeis o caminho”. 5. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais, como poderemos saber o caminho? 6. Disse-lhe Jesus: “O Eu é o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão pelo Eu. 7. Se conhecesseis o Eu, conheceríeis também meu Pai e agora o conheceis e o vistes”. 8. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai e basta-nos. 9. Disse-lhe Jesus: “Filipe, há tanto tempo o Eu está convosco e não o conheceis? Quem vê o Eu, vê o Pai. Como dizes tu: mostra-nos o Pai? 10. Não crês que o Eu está no Pai e o Pai no Eu? As palavras que vos falo, não falo por mim mesmo: o Pai que habita no Eu faz as obras dele. 11. Crede-me que o Eu (está) no Pai e o Pai no Eu; senão, crede nas próprias obras. 12. Em verdade, em verdade vos digo: o fiel ao Eu fará as obras que faço, e fará maiores que elas, porque o Eu vai para o Pai, 13. e tudo o que pedirdes em nome do Eu, isso o Eu fará, para que o Pai se transubstancie no Filho. 14. Se pedirdes algo em nome do Eu, o Eu fará”. |
|---|---|

Inicialmente, alguns esclarecimentos a respeito do texto literal, para posterior comentário exegético e simbólico em que se procurará alcançar o sentido real das palavras do Cristo.

Parece que, de fato, os discípulos se achavam perturbados com os acontecimentos que se precipitavam naqueles dias tumultuados e cheios de acontecimentos imprevisíveis para eles. Daí a recomendação inicial. O segundo membro do versículo é traduzido pelo indicativo ou pelo imperativo, já que *pisteúete* é forma comum a ambos os modos. Optam pelo indicativo: Agostinho, a Vulgata, Beda, Maldonado, Knabenbauer, Tillmann, Lagrange, Durand. Preferem o imperativo: Cirilo de Alexandria, João Crisóstomo, Teofilacto, Hilário, Joüon, Bernard, Huby; e o imperativo coaduna-se muito mais ao contexto.

A frase: “se não, ter-vos-ia dito que vou preparar lugar para vós”?, deixamo-la como interrogativa, conforme se acha na margem da tradução da Escola Bíblica de Jerusalém (1958), na Revised Standard Version (1946), na New English Bible (na margem, 1961), em Die Heilige Schrift (Zurich, 1942), em The Greek New Testament de Kurt Aland (1968), em Le Nouveau Testament, de Segond (1962) e na tradução de Lutero (revidierter Text, 1946) - lendo todos *hóti* como recitativo (Bauer e Bernard). Realmente, é muito melhor contexto, do que a leitura afirmativa que se acha em Wescott e Hort, The New Testament in the Original Greek (1881), em Bover, Novi Testamenti Biblia Graeca et Latina (1959), em Nestle-Aland, Novum Testamentum Graece (1963), em He Kaine Diathêke, da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (1958), na Revised Version of New Testament (1881), na American Standard Version (1901), em The New English Bible (1961), na Translation for Translators (1966).

No Evangelho, anteriormente, não há a frase literal citada aqui, mas em João, 12:26 há um aceno: “onde eu estou, aí estará meu servidor..” Agostinho (*Patrol. Lat.* vol. 35, col. 1814) abandona a interpretação de “casa de meu Pai” como lugar geográfico, afirmando que “Cristo prepara as moradas de Seus discípulos, ao preparar moradores para esses lugares”.

O Pai que “habita” ou permanece (*mánôn*) em mim (*en emoi*) faz as obras dele (*poieí tà érga autoú*) conforme também se acha em João, 5:19; 7:16; 8:28; 10:38 e 12:49.

Para o idioma grego, não teria sido difícil escrever claramente, tal como o fazemos em português, os pronomes pessoais, embora conservando-lhes as características casuais, como independentes: seria possível empregar diante deles os artigos, para esclarecer o sentido. Exemplifiquemos com a frase:

Egô eimi he hódos kai he alêtheia kai he zôê: oudeís érchetai pròs tòn patéra ei mê di'emou,

que poderia, a rigor, talvez, escrever-se:

TO EGÔ ESTIN he hódos kai he alêtheia kai he zôê: oudeís érchetai pròs tòn patéra ei mê dià TOU EMOU.

No entanto, jamais encontramos essas construções em qualquer autor, donde concluímos que, ou os gregos não na aceitavam absolutamente, ou não interessava ao evangelista falar abertamente. Terceiro argumento: quem falou, não foi Jesus, o ser humano, mas o CRISTO manifestado através dele (dià autoú).

Temos, por conseguinte, que interpretar corretamente as palavras do Cristo, de acordo com o conhecimento que a humanidade já adquiriu, e de acordo com a assertiva do Cristo mais adiante (João, 16:12-13): “Ainda muitas coisas tenho que vos dizer, mas não podeis compreender agora. Mas todas as vezes que vier aquele, o Espírito Verdadeiro (o “Cristo Interno” ou o Eu Profundo), ele vos conduzirá a toda Verdade”.

Não interessava a manifestação plena do conhecimento do EU, para a massa popular e para os profanos, mesmo altamente situados na sociedade, mormente durante o longo período de obscurantismo e despotismo vigente na kaliyuga: aproveitar-se-iam os chefes embrutecidos da confusão do Eu profundo (Individualidade) com o eu menor (personagem) para atribuir àquele as ambições deste, a fim de oprimir mais ainda os pequenos e fracos. Importava que eles temessem o Deus Transcendente, que

podia castigá-los nesta e na “outra vida”. Indispensável, pois, que tudo permanecesse na bruma, oculto aos profanos, pois os verdadeiros evoluídos perceberiam tudo por si mesmos, mediante sua ligação com o plano superior. E isso ocorreu, sem dúvida, com indiscutível frequência, em todos os climas, produzindo alguns dos denominados “santos” e todos os “místicos”. E ainda hoje verificamos que criaturas, sem elevação, confundindo os dois planos conscienciais, julgam tratar-se do Eu profundo, quando estão apenas lidando com o eu menor cheio de falhas. E o pior é que carregam após si numerosos discípulos, aceitando o título de “mestres”, etc.

Obedecendo às orientações recebidas, damos, neste capítulo, ao lado da tradução literal do texto grego, o “sentido real do ensino, de acordo com o nível atual do desenvolvimento espiritual da humanidade. Talvez agora ainda muitos estranhem essa nova interpretação, mas muitos haverá que se regozizarão com ela, pois sentem e sabem essas coisas, apenas ainda não as haviam lido nos Evangelhos. E com o decorrer o tempo, ao chegarem à Terra as novas gerações que se preparam para deslançar o impacto da renovação das criaturas no terceiro milênio, tudo se tornará tranquilamente compreensível. E o avanço que, por esse meio, poderão dar os espíritos será incalculável, pois terão em suas mãos as chaves que lhes abrirão as portas até agora reclusas; só no Oriente fora revelado claramente esse ensino, mas ninguém se arriscou a ler o sentido real dos Evangelhos, dando de público essa interpretação legítima. Atrevemo-nos a fazê-lo (embora reconheçamos que ainda não atingimos o ponto mais elevado, pois outros sentidos há, mais profundos ainda, que não estão a nosso alcance) para quebrar todos os tabus da “letra que mata”, e abrir passagem aos mais capazes, descendo o caminho a trilhar: as vias do Espírito.

*

* *

“Não se turbe vosso coração: sede fiéis à Divindade e fiéis ao Eu”. O coração, como vimos (col. 59, pág. 114), é o local onde reside o átomo monádico, ligação direta com o Eu Profundo e com o Cristo Interno. Se aí penetrar a perturbação, todo o ser se descontrola. Importa menos a perturbação do intelecto, pois só a personagem seria envolvida. Mas quando o descontrole - pela dúvida - atinge o coração, tudo desmorona, porque se altera a ligação profunda.

Para que não advenha perturbação ao coração, é indispensável manter firme e inalterada a união ou fidelidade à Divindade e ao Eu profundo, que é o Espírito que com a Divindade sintoniza: essa a única maneira de evitar-se qualquer perturbação espiritual. Se ocorrer perturbação, e conseqüente desligamento sintônico do Eu, e portanto da Divindade, o descontrole do Espírito se comunicará irremediavelmente à personagem, que entrará em colapso espiritual, animalizando-se nas mais perigosas emoções. É quando a criatura manifesta sinais evidentes de alteração do caráter, revelando desinteresse e indiferença pelas coisas mais sérias, susceptibilidade, negativismo, impulsividade, oposição e hostilidade a tudo o que é espiritual, irritabilidade e agressividade, além de reações coléricas contra os melhores amigos, obstinação, desconfiança e reações de frustração, com hiperemotividade nos círculos sociais que frequenta e nos empregos, egocentrismo e egoísmo, que coloca seu eu pequeno como a coisa mais importante a ser atendida, além ainda de instabilidade psicomotora e afetiva, ora amando ora odiando as mesmas pessoas, o que leva a embotamento do psiquismo, diminuindo sua sensibilidade às intuições e inspirações e advindo daí todos os desajustamentos imagináveis, que tornam a criatura insociável.

Portanto, todo o segredo da PAZ que defende o Espírito contra qualquer ataque, é a absoluta fidelidade sintônica com o Eu e com a Divindade, de tal forma que NADA consiga abalar sua segurança e sua confiança granítica no Cristo Interno que o dirige e cujas vibrações ele permanentemente PERCEBE em si mesmo, no âmago mais profundo do ser. Podem vir ataques pessoais contra ele, do plano astral ou do material; podem seus amigos mais íntimos traí-lo ou menosprezá-lo ou agir contra ele; podem seus amores abandoná-lo; pode sua situação financeira cair em descalabro; pode tudo ruir a seu lado e avalanches de perseguições envolvê-lo, e a doença martirizar-lhe o corpo - continuará IMPASSÍVEL em sua paz interior, porque NADA O ATINGE: seu Eu está mergulhado no Cristo, como um peixe nas profundezas do oceano, onde não chegam as tempestades e borrascas que agitam a su-

perfície em vagas gigantescas: ele possui em si a PAZ que o Cristo dá: “MINHA PAZ vos dou, MINHA PAZ vos deixo”.

“Na Casa de meu Pai há muitas moradas. Alguns interpretam materialmente: há muitos planetas habitados. Outros acham que são os diversos planos ou graus conseguidos no “céu”. Supõe certo grupo que se trata de locais espirituais, que servem de habitação aos espíritos desencarnados. Ainda pode interpretar-se como referência aos numerosos planos evolutivos das criaturas ainda presas à carne. E também pode, a “Casa do Pai”, neste trecho, referir-se a Shamballa, onde permanece o Pai (Melquisedec) com o Grupo de Servidores da Humanidade, a Fraternidade Branca. O Mestre Jesus, Chefe do Sexto Raio (“Devoção”) já saíra da “Casa do Pai” e agora regressava para assumir seu posto; e lá prepararia os lugares destinados a seus discípulos mais avançados. Mais tarde, voltaria a eles e, quando largassem seus corpos físicos, os tomaria consigo para fazerem parte do corpo de Seus emissários junto às criaturas como membros de Seu Ahsram. Assim permaneceriam nos milênios seguintes sempre junto a Ele, só retomando ao corpo físico quando fosse indispensável para alguma missão vital, como ocorreu, por exemplo, com João o Evangelista, que mergulhou na carne como Francisco de Assis.

Mas, para o momento atual da humanidade que quer evoluir realmente, a mais clara compreensão do trecho é a que damos na tradução para o “sentido REAL”. Trata-se do CRISTO que fala, e não do Mestre Jesus; daí ser óbvia a interpretação segundo os diversos níveis evolutivos em que a “Casa do Pai”, o Templo de Deus, que é o ser humano, pode encontrar-se “morando”; e devemos salientar que, nesta longa conversa com Seus discípulos, a expressão “morar” ou “permanecer” é repetida ONZE vezes.

O Eu profundo, que inspira a personagem por Ele plasmada de um lado, enquanto do outro lado permanece unido ao Pai, precisa recolher-se em certas situações junto ao CRISTO, a fim de fortalecer-se, para depois novamente fixar-se na personagem, fazendo-a unir-se à Individualidade, para a seguir atraí-la a Si: “para que, onde esteja o Eu, estejais vós também”.

Repitamos o processo: a personagem transitória, que pertence ao mundo mentiroso da ilusão, precisa transferir sua consciência para o nível superior da Individualidade, para então poder unificar-se com o Eu profundo. Só depois disso poderá unificar-se com o CRISTO interno, e através deste, que é “Caminho”, se unificará ao Pai, que é a Verdade e a Vida. O “Espírito verdadeiro” (CRISTO) absorverá, dominando-o e vencendo-o, o “espírito mentiroso” da personagem terrena.

Quando isso ocorrer, teremos a unificação completa da Individualidade que peregrina evolutivamente através das muitas personagens transitórias, com o Eu profundo; e “naquele dia, conhecereis que o Eu está no Pai, e vós no Eu, e o Eu em vós” (João, 14:20). E daí a conclusão: “E para onde vai o Eu, sabeis o caminho”, isto é, o processo a seguir.

Já muitas explicações haviam sido dadas; no entanto, muitos dos discípulos ainda confundiam o Eu maior com o eu menor; confundiam o Cristo com Jesus.

Isso ocorreu com Tomé (como o comprovará sua dúvida a respeito da “ressurreição”), que ingenuamente indaga, referindo-se à personagem de Jesus: “Senhor, não sabemos para onde vais; como poderemos saber o caminho”?

A evidência de que não se tratava de caminho físico-geográfico é a resposta de Jesus: “O EU é o Caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão pelo Eu”!

Aqui temos que alongar-nos para que fique bem clara e comprovada nossa tradução.

O texto diz, literalmente: “Eu sou o caminho e a verdade e a vida”. A repetição do “e” (kai) no segundo e terceiro elementos, dá-nos a chave para compreender que se trata de uma hendíades (cfr. col. 1 e vol. 5) A tradução, para dar idéia do sentido real, deve respeitar a hendíades, para que não fique “ilógica”: a Verdade e a Vida, são a meta, que não pode confundir-se com o “caminho” que a elas leva. Jamais diríamos: “este é o caminho E a cidade”, mas sim “este é o caminho DA cidade”; “caminho”, em si, nunca poderá constituir um objetivo: é o MEIO para chegar-se ao objetivo, à meta.

Ora, sendo o CRISTO cósmico, (individuado em Jesus, mas NÃO a criatura humana de Jesus) que falava, podia o CRISTO dizer: “EU sou o caminho que leva à Verdade (ao Pai) e à Vida (ao Espírito, o Santo)”.

Sendo o EU de cada um de nós (o EU profundo) a individuação do CRISTO, a tradução mais perfeita, para evitar qualquer dúvida, é a do sentido real: “O EU é o caminho da Verdade e da Vida”. Em qualquer ser, “que já tenha Espírito” (cfr. João, 7:39, col. 6.º pág. 172), o EU ou Cristo interno é, sem a menor dúvida, o caminho, o meio, pelo qual se alcança o objetivo da evolução: a Verdade e a Vida.

E a comprovação plena de que nossa interpretação é fiel e verdadeira, está na segunda parte da frase: “ninguém vem ao Pai senão por mim”, ou melhor, “senão pelo EU”. Ninguém “vem”, pois estando o Eu, o Cristo e o Pai unificados, o verbo só pode ser “vir”, e não “ir”, que daria idéia de um local diferente daqueles em que eles estariam.

Se o Pai é a Verdade, e o Espírito é a Vida, e se o Cristo é o “Caminho”, a frase está perfeita: Ninguém chega ao Pai, senão através do caminho (Cristo). Então, não é, certamente: “Caminho E Verdade E Vida”, mas sim: “Caminho DA Verdade e DA Vida”.

Sendo o Cristo UM com o Pai, objetam que, indiscutivelmente também Ele é Verdade e é Vida. Certo. Mas na expressão específica dada neste versículo, o Cristo respeita o que havia dito: “O Pai é maior que eu” ou “que o EU” (João, 14:28, col. 6.º pág. 163), e O coloca como objetivo, pondo-se na condição de caminho que a Ele leva. Acresce, ainda, que, referindo-se ao EU em todas as criaturas, quis salientar que o EU de todos é o intermediário, através' do qual se chega ao Pai (Verdade) e ao Espírito ou Divindade (Vida). Tanto que prossegue: “Se conhecêsseis o EU, conheceríeis também o Pai: e agora O conheceis (no presente do indicativo) e o vistes” (no pretérito perfeito).

“Agora o conheceis”, pois com Sua força cristônica fê-los experimentar a união, quase que por osmose de Sua presença, naquele átimo revelador. Por isso, já falou no passado: “e o vistes”: fora um instante atemporal.

Mas Filipe não se satisfaz. Queria talvez ver com seus olhos físicos ou astrais, um “ser” com forma: “mostra-nos o Pai”. É o verbo deíknymi (cfr. vol. 49 pág. 92), que exprime o ato de revelar, por uma figura física, uma verdade iniciática. Ora, jamais isso seria possível. Daí a resposta taxativa do Cristo, procurando fazer compreender a Filipe que o EU lá estava ligado a eles, pois já haviam atingido, evolutivamente, o nível em que o EU se individualiza. E lá estavam ligados a Ele. Será que depois de tanto tempo, ainda O não conheciam? Será que ainda viviam presos à ilusão transitória da personagem encarnada? Será que ainda acreditavam ser seu próprio corpo físico, vivificado pelos outros veículos inferiores? Não haviam percebido a existência desse EU superior, que lhes constituía a Individualidade, que criara e animava a personagem? Ora, quem descobre e quem vê o EU, automaticamente está vendo o Pai; porque o EU e o Pai são da mesma essência: o SOM, vibração criadora e o SOM vibração criada, SÃO O MESMO SOM, a MESMA vibração, a MESMA substância que subestá ao arcabouço da criatura.

Entretanto, toda essa “região” vibratória elevadíssima só é percebida pela consciência da Individualidade, jamais chegando até a personagem: “A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus” (1.ª Cor. 15:50). No máximo, o intelecto poderá tomar conhecimento a posteriori; mas nem sempre isso ocorre: quando o intelecto está demasiadamente absorvido nas lutas do ideal ou dos afazeres do serviço, a Individualidade tem seus encontros místicos e nada lhe deixa transparecer. A consciência “atual” nem sempre percebe o que ocorre na consciência espiritual superior.

Daí muitas ilusões que ocorrem:

A) personagens que colocam sua Imaginação a funcionar e “sentem”, no plano emocional, vibrações deleitosas, e com o olho de Shiva do corpo astral percebem luzes, acreditam estar em contato com o EU profundo e anunciam, jubilosos, esse equívoco, como se fora realidade;

B) *personagens que nada “sentem” e vivem no trabalho árduo de servir por amor, julgam não ter tido ou não estar em contato. No entanto, vivem contatados e dirigidos diretamente pelo Eu profundo, que os inspira e orienta totalmente.*

Entre esses dois extremos, há muitos pontos intermediários, muitos matizes variáveis. Mas o fato é que todo aqueles que, consciente ou inconscientemente na consciência “atual”, teve contato REAL, jamais o diz, da mesma forma que o Homem jamais revela a estranhos os contatos sexuais que tenha mantido com sua amada. Quanto a saber-se quem está ou não ligado, não é difícil para aqueles que se acham no mesmo grau: SABEM nem é preciso que ninguém lhes diga.

Mas o Cristo prossegue em Sua lição sublime a Filipe: “não sabes que o Eu está no Pai, e o Pai está no EU”? Realmente, lá fora antes ensinado que “seus anjos estão diante da Face do Pai” (Mat. 18:10; col. 6.º, pág. 52). E então é dada a prova imediata: “as palavras que vos falo, não as falo por mim mesmo: o Pai, que habita no Eu, faz as obras. dele” (do próprio Pai, através do Eu, que é o intermediário).

Vem a seguir o apelo: “crede que o Eu está no Pai e o Pai no Eu, pois as próprias obras (érga) o demonstram”. Ora, as obras do Cristo, através de Jesus, eram irrefutáveis e manifestas: domínio dos elementos da natureza, das enfermidades, da matéria, das almas e dos corações. Inegável que, “pelos frutos se conhece a árvore” (Luc. 6:44).

E como prova de que a todas as criaturas se dirige o ensino e de que o CRISTO está em todas as criaturas, vem a garantia, precedida da fórmula solene (cfr. vol. 5.º, pág. 111): “Em verdade, em verdade vos digo, que aquele que for fiel ao EU (que estiver a Ele unificado), esse fará as obras que faço, e ainda maiores, porque o EU vai para o Pai (liga-se ao Pai) e tudo o que pedirdes em nome do EU (por causa do EU, cfr. vol. 4.º pág. 136) o Eu fará, para que o Pai se transubstancie no Filho”. E repete: “Se pedirdes algo em nome do Eu, o Eu fará”.

Aí temos uma lição prática de grande alcance. Muitos queixam-se de que pedem e nada conseguem; mas pedem com a personagem desligada e em nome da personagem Jesus. Não é esse o “caminho”: o caminho é o EU Profundo, o CRISTO interno. E para obter-se, com segurança, mister que estejamos unificados com esse EU. Sem isso, o caso é aleatório, poderá conseguir-se ou não. Mas uma vez unificados, sempre obteremos; o que não significa, porém, que o fato de obtermos; seja indício de que já estamos ligados ao EU.

Essa obtenção é imediata e fatal porque, estando unificados com o EU, e estando o EU unificado ao Pai, o EU volta-se (vai) ao Pai que é o Verbo Criador, e então pode “criar” tudo sem dificuldade.

E a razão de assim ser, é que o atendimento se faz “porque o Pai se transubstancia no Filho”. E esse é o objetivo final. Não que o Pai “glorifique” o Filho, mas que o Filho seja absorvido pelo Pai, que lhe comunica a plenitude (plerôma) de Sua substância. Torna-se, então, a criatura um Adepto, Hierofante ou Rei, com domínio absoluto e soberania irrestrita. Isso ocorreu com Jesus e com outros sublimes Avatares que se transformaram em Luz (Buddhas) e assistem junto ao trono do Ancião dos Dias, na “Casa do Pai”.

Para lá caminhamos todos: oxalá cheguemos rapidamente!

O “ADVOGADO”

João, 14:15-24

15. “Se me amardes, executareis meus mandamentos,
16. e eu rogarei ao Pai e vos dará outro advogado, para que convosco esteja no eon,
17. O Espírito verdadeiro, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós o conheceis, porque habita convosco e está em vós.
18. Não vos deixarei órfãos: volto a vós.
19. Ainda um pouco e o mundo já não me vê, mas vós vedes, porque eu vivo e vós viveis.
20. Naquele dia, vós conhecereis que eu (estou) em meu Pai e vós em mim, e eu em vós.
21. Quem tem meus mandamentos e os executa, é quem me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele”.
22. Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Senhor, que acontece, que deverás manifestar-se a nós, e não ao mundo?
23. Respondeu Jesus e disse-lhe: “Se alguém me ama, realiza meu Logos e o Pai o amará e a ele viremos e nele faremos moradia.
24. Quem não me ama, não realiza meu Logos; e o Logos que ouvís, não é o meu, mas do Pai que me enviou”.

Comecemos, ainda aqui, pelo exame de algumas palavras.

O termo *paráklêtos* é vulgarmente transliterado “paráclito” ou ainda “paracleto”; ou é traduzido como “Consolador”, “Advogado” ou “Defensor”. Examinando-o, vemos que é formado de *pará* (ao lado de, junto de) e de *klêtos* do verbo *kaléô* (chamar). Então, *paráklêtos* é aquele que é “chamado para junto de alguém”: o “Evocado”. A melhor tradução literal é ADVOGADO, que deriva do latim *advocatus* (formado de *vocatus*, “chamado” e *ad*, “para junto de alguém”). Apesar de o sentido atual dessa palavra ter mudado de tal forma que não caberia aqui, não encontramos termo melhor.

O sentido de *paráklêtos* é mais passivo que ativo: não exprime aquele que toma a iniciativa de defender-nos, mas sim aquele que nós *chamamos* ou *evocamos* ou *invocamos* para permanecer junto de nós.

Esse advogado é dito, logo a seguir, “o Espírito verdadeiro” (*tò pneuma tês alêtheias*). Ainda aqui afastamo-nos da tradição, que apresenta a tradução literal: “o Espírito da Verdade”. O raciocínio alerta-nos para o sentido racional e lógico: que pode exprimir a junção dessas duas palavras? Colacionando essa frase com a outra de João (1.^a João, 2:16), onde se fala do “espírito da mentira”, verificamos que, em ambos os passos, há evidentemente uma figura de hendíades (cfr. vol. 19, pág. XII).

Trata-se realmente de “Espírito verdadeiro” e de “espírito mentiroso” ou “enganador”. Mais adiante (vers. 26) o Espírito verdadeiro, ou evocado, é dito “o Espírito, o Santo”, expressão que levou os teólogos a confundi-lo com a terceira “pessoa” da santíssima Trindade.

Observemos a oposição nítida do ensino: o Espírito verdadeiro, isto é o Espírito real e genuíno, é o que não teve princípio nem terá fim, o Espírito eterno, individuação da Centelha divina; enquanto o espírito mentiroso ou enganador é aquele que ilude as criaturas, que o julgam eterno e real, quando é apenas transitório e perecível: aprendemos a oposição entre o Eu profundo e o eu menor; entre a Individualidade e a personagem; entre o Cristo e a criatura; entre o Espírito VERDADEIRO E REAL e o espí-

rito ENGANADOR E TRANSITÓRIO que, nesta obra, sistematicamente distinguimos, escrevendo o primeiro com maiúscula (Espírito) e o segundo com minúscula (espírito).

O termo “mundo” (*kósmos*) é empregado como em outros passos de João (1:10; 7:7; 12:31; 15:18,19; 16:8, 11, 33; 17:11ss; 1.º João, 2:15, 16, 17; 3:1, 13; 4:5; 5:4, 5, 19).

A expressão “não vos deixarei órfãos” deve colocar-se ao lado da que os discípulos são carinhosamente chamados “filhinhos” (João, 13:33).

Ao falar de Judas, João tem o cuidado de esclarecer “não o Iscariotes”. Nas listas de Mateus (13:55) e de Marcos (13:8) parece tratar-se do Emissário aí denominado “Tadeu”. Lucas di-lo irmão de Tiago o menor, primeiro inspetor de Jerusalém e irmão de Jesus.

“Se amardes o Cristo (se me amardes) executareis meus mandamentos, e eu rogarei ao Pai e vos dará outro advogado, para que convosco esteja no eon, o Espírito verdadeiro”. O verbo “amar”, aqui, é agapáô, que exprime o amor de predileção, de união profunda (cfr. vol. 2). Esse amor, que revela e exige sintonia perfeita entre o amado e o amante, faz que este, espontânea e alegremente se coloque em posição de realizar todos os desejos do amado, observando intuições e inspirações que lhe chegam, sem deixar-se levar pelas distrações e injunções externas. Qualquer desejo do Cristo interno, através do Eu profundo, será uma ordem, um “mandamento” para a personagem transitória.

Neste caso, ao verificar que a personagem por ele criada para a evolução do Espírito é obediente e fiel, correspondendo integralmente à sua expectativa, realizando e vivendo suas orientações, o Eu profundo, através do Cristo interno, rogará ao Pai para que permita a descida definitiva e permanente, durante todo o eon, da Força Cristônica, ou seja, evocará a ligação do Cristo, verdadeiro Espírito, para que fique ligado e “morando” na personagem, como prêmio à sua fidelidade sintônica perfeita. Então o Espírito real do Homem, o Espírito já santo, porque santificado, não o abandonará durante o ciclo evolutivo, jamais correndo ele perigo de haver o abandono da personagem por parte da Individualidade (cfr. vol 4 e vol. 7).

Esse Espírito verdadeiro “não pode o mundo receber, porque não o vê nem o conhece mas vós o conheceis, porque habita em vós e está em vós”; o mundo, que representa aqui aqueles que ainda estão voltados para as coisas exteriores, jamais têm condição de ver e conhecer aquilo que se passa dentro deles mesmos: seu olhar estende-se para horizontes longínquos - prazeres, cobiça de agregar a si riquezas perecíveis julgadas eternas, erudição, fama, e glória das personagens e para as personagens - e não têm condições de humildemente enclausurar-se em si mesmo, renunciando e esquecendo tudo o que vem de fora. Aqueles, todavia, que negarem e esquecerem sua personagem transitória e mergulharem no abismo sem fundo de seu Eu, esses conhecem seu “Morador Divino”, com ele mantém as mais íntimas relações de afeto, confabulam, pedem orientações, e prestam conta de seus atos e pensamentos; em Sua mão entregam todos os problemas que surgem, e a qualquer momento sabem que podem encontrá-lo, porque “neles habita e está neles”, mais valioso que o universo inteiro com suas riquezas e belezas mais importante que todos os seres humanos com suas glórias e sua fama.

Neste ponto, o Cristo manifestado em Jesus fala diretamente para confortar o coração dos discípulos: “eu não vos deixarei órfãos, volto a vós”; embora não mais no corpo físico de Jesus, mas no âmago de cada um. No corpo de Jesus, o mundo não mais o verá dentro de pouco tempo, porque esse corpo será levado alhures. “Mas vós vedes, porque eu, o Cristo, vivo, e vós vivereis em mim e por mim”, pois “quem vive e sintoniza comigo, jamais conhecerá a morte” (João, 11:26).

E então, nesse dia em que conseguirmos VIVER no Cristo, “conhecereis (tereis a gnose plena) de que EU (o Cristo) estou no Pai, e vós em mim e eu em vós”. Nada pode ser mais claramente declarado, do que a revelação dessa verdade: o Cristo interno está em nós, e nós estamos no Cristo interno. Por que não O percebemos? Por falta, ainda, de sintonia. No momento em que elevarmos nossa sintonia até a do Cristo, pela negação e renúncia total, absoluta e definitiva a tudo o que é externo, inclusive a nosso eu, pequeno e vaidoso, e a nosso intelecto cheio de convencimento e orgulho, nesse momento poderemos sintonizar com o Cristo interno, através de nosso Eu profundo, de modo total: é o Cristo que

viverá em nós (cfr. Gál. 2:20). É o que faz Salomão exclamar em êxtase: “vosso Espírito incorruptível está em todos” (Sab. 12:1).

Repete-se aqui a fórmula: “Quem têm meus mandamentos e os executa”, isto é, quem os conhece e reconhece e os vive intensa e permanentemente, “é quem me ama”; em grego, literalmente: “é meu amador ou amante” (ho agapôn me). E quem me ama, será amado por meu Pai e eu o amarei e a ele eu mesmo me manifestarei (esphanisô autôi emautón”).

Essa é uma das frases mais fortes, uma das promessas mais confortadoras do Cristo. Não se dirige apenas aos Emissários ali presentes, nem a Seus discípulos imediatos, durante Sua peregrinação terrena na Palestina, mas sim A TODOS OS QUE AMAM O CRISTO.

Muitos queixam-se da dificuldade de conseguir a união com o Eu profundo e posteriormente a unificação com o Cristo. Mas a condição de obter-se isso, é uma só: AMÁ-LO e seguir-lhe as ordens, obedecer-lhe às intuições, viver-lhe os ensinamentos, renunciando a tudo, com desapego total (não abandono!), absoluto, permanente de objetos, de pessoas, de seu próprio eu pequeno, de seu próprio intelecto, de sua própria cultura, de todos os seus conhecimentos humanos.

De que vale a própria “sabedoria” humana da personagem? “A Sabedoria da carne (da personagem) é adversária de Deus” (Rom. 8:7); e mais: “Se alguém, entre vós, se julga sábio neste mundo, torne-se louco para tornar-se sábio, pois a sabedoria deste mundo é loucura perante Deus” (1.ª Cor. 3:18-19).

Quem assim ama o Cristo, entra plenamente na sintonia crística (reino dos céus) e, logicamente, na sintonia do Pai, na frequência do SOM cósmico, cuja tônica, em cada planeta, é dada pela tônica de seu Governador, o Pai plasmador e sustentador de tudo.

Estabelecida a sintonia no receptor, a onda da Estação transmissora entra perfeitamente, sem distorções: é a união do amor mais perfeito, a onda hertziana em vibrações de beleza, de bem, de verdade, que entra e repleta o circuito do receptor bem sintonizado em alta fidelidade, numa unificação total, no amor mais puro e absorvente.

E se o aparelho é aquilo que denominamos de “televisor”, além do som, entra a imagem: “eu mesmo me manifestarei a ele”. O verbo emphaínô significa exatamente “manifestar-se visivelmente” ou “fazer-se ver”, isto é “mostrar-se”; daí ter sido dito: “felizes os limpos (desapegados) de coração, porque verão a Deus (Mat. 5:8; vol. 2.º, pág. 128).

Visão contemplativa, não de uma forma física, mas sem forma, pois estamos no plano mental (arupa) onde só se percebe o caminho (Cristo), o Som que é a Verdade (Pai) e a Luz que é a Vida (Espírito, a Divindade).

Jamais esperem os iniciantes ver com olhos físicos; nem mesmo os médiuns que se ambientaram no astral, esperem ver com o olho de Shica a forma humana do Cristo ou do Pai: é mais alto, mais elevado, mais sublime. Trata-se da absorção, pela mente, das ondas espirituais que emanam do Pai como SOM e do Espírito Santo como LUZ e envolvem e impregnam o Espírito do Adepto, e se transubstanciam nele, numa fusão daí por diante indissolúvel e irreversível: mais uma vez o Cristo se transubstancia na criatura, e mais uma vez teremos um Avatar, um Hierofante cristificado, um Buddha.

Judas não contém sua curiosidade: por que seria que essa manifestação, prometida aos discípulos que O amassem, não seria feita ao mundo? Não seria um acontecimento fabuloso se isso ocorresse, elevando todos a planos superiores?

Volta o Cristo a paciente e caridosamente elucidar o discípulo insofrido: “Se alguém me ama, executa meu ensino”, no sentido de cima: obedece, VIVE o ensino. E também em outro sentido: realiza meu Logos, ou seja, passa a VIVER MEU SOM, a vibrar na mesma nota fundamental, na mesma frequência vibratória, no mesmo tom. E repete uma vez mais: “o Pai o amará e eu (o Cristo) e o Pai viremos (como uma só coisa) e habitaremos nele”: e passaremos a viver em lugar dele, e nos transubstanciamos nele.

Não é possível ser mais explícito nem proferir palavras mais consoladoras, ensinos mais profundos: a união será permanente: habitaremos (monên par 'autôi poiêsómetha, isto é, faremos nele nossa moradia) ou permaneceremos nele, dentro e em redor dele. Não há mais separação, não há mais distinção. A que mais pode aspirar-se nesta Terra?

Volta-se, então, para o outro lado, ao referir-se ao mundo: “Quem não me ama”, preferindo as exterioridades superficiais do mundo e seu próprio eu pequeno, “não realiza evidentemente meu ensino” e, logicamente, não tem possibilidade de perceber a sintonia do Cristo interno: recebe e realiza as ondas de outras estações emissoras. E mais uma vez é dada garantia absoluta da fonte de onde emanam as revelações; “o ensino que ouvis (ho lógos hón akoúete, cfr. vol. 4) não é meu, mas do Pai que me enviou”.

Ainda uma vez revela-se a obediência cega às ordens do “Pai, que é maior que eu”: o Filho faz a vontade do Pai sem titubear, repete o ensino do Pai, revela o Lógos (SOM, Palavra) paterno, como lídimo intérprete que não trai a confiança nele depositada.

UNIÃO COM CRISTO

João, 15:1-17

- 1. “Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor.**
- 2. Todo ramo, em mim, não dando fruto, ele o tira; e todo o que produz fruto, purifica-o para que produza mais fruto.**
- 3. Vós já estais purificados, por meio do Logos que vos revelei.**
- 4. Permanecei em mim e eu em vós. Como o ramo não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim não podeis vós, se não permanecéis em mim.**
- 5. Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse produz muito fruto, porque sem mim não podeis fazer nada.**
- 6. Se alguém não permanece em mim, foi lançado fora como o ramo, e seca, e esses ramos são ajuntados e jogados ao fogo e queimam.**
- 7. Se permanecéis em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vos acontecerá.**
- 8. Nisso se transubstancia meu Pai, para que produzais muito fruto e vos torneis meus discípulos.**
- 9. Como o Pai me amou, assim eu vos amei: permaneci em meu amor.**
- 10. Se executais meus mandamentos, permanecéis no meu amor, assim como executei os mandamentos de meu Pai e permaneço no amor dele.**
- 11. Isso vos disse, para que minha alegria esteja em vós e vossa alegria se plenifique.**
- 12. Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei.**
- 13. Ninguém tem maior amor que este, para que alguém ponha sua alma sobre seus amigos.**
- 14. Vós sois meus amigos se fazeis o que vos ordeno.**
- 15. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o senhor dele; a vós, porém, chamei amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai, vos fiz conhecer.**
- 16. Não vós me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos pus, para que vades e produzais frutos e vosso fruto permaneça, a fim de que o Pai vos dê aquilo que lhe pedirdes em meu nome.**
- 17. Isso vos ordeno: que vos ameis uns aos outros”.**

Entramos com os capítulos 16 e 17, antes de apresentar os versículos 27 a 31 do capítulo 15, pois essa distribuição de matéria satisfaz à crítica interna plenamente e à sequência das palavras. Com efeito, logo após dizer: “Levantemo-nos, vamos daqui” (14:31) João prossegue: “Tendo dito isso, Jesus saiu com Seus discípulos”, etc. (18:1). Não se compreenderia que, após aquela frase de fecho, ainda fossem proferidos 86 versículos.

Alguns comentadores (Maldonado, Shanz, Calmes, Knabenbauer, Tillmann) opinam que, após a despedida e a ordem de saída, ainda permaneceu o Mestre no Cenáculo, de pé, a conversar com os discípulos.

Outros (Godet, Fillion, Wescott, Sweet) julgam que todo o trecho (inclusive a prece do cap. 17?) foi proferido durante o trajeto para o monte das Oliveiras.

Um terceiro grupo (Spitta, Moffat, Bernard) propõe a seguinte ordem:

cap. 13- 1 a 31a

cap. 15- todo

cap. 16- todo

cap. 13- 31b a 38

cap. 14- 1 a 31

cap. 17- todo

Essa ordem não satisfaz, pois a prece não cabe depois da palavra de ordem da saída.

Outros há (Lepin, Durand, Lagrange, Lebreton, Huby) que sugerem que os capítulos 15 e 16 (por que não o 17?) foram acrescentados muito depois pelo evangelista.

Nem a ordem original, nem as quatro propostas, nos satisfazem. O hábito diuturno com os códices dos autores clássicos profanos revela-nos que, no primitivo códice de João, com o constante manuseio, pode ter saído de seu lugar uma folha solta, contendo 5 versículos (27 a 31), que foi colocada, por engano, 17 folhas antes, pois 17 folhas de 5 versículos perfazem exatamente 85 versículos. O engano tornou-se bem fácil, de vez que o versículo último do cap. 17, é o 26.º, assim como é o 26.º o último do cap. 14. Tendo em mãos os vers. 27 a 31, ao invés de colocar a folha no fim do cap. 17, esta foi inserida erradamente no fim do cap. 14.

“Mas - objetarão - naquela época o Novo Testamento não estava subdividido em versículos”! Lógico que nossa hipótese não é fundamentada na “numeração” dos versículos. Pois embora os unciais B (Vaticano 1209) do século 4.º e o CSI (Zacynthius) do 6.º já tenham divisões em seções, que eram denominadas κεφάλαια (“Capítulos”) maiores, com seus τίτλοι (títulos) menores; em Amônio (cerca de 220 A.D.) em sua concordância dos quatro Evangelhos os tenha dividido também em seções (chamadas ora *perícopae*, ora *lectiones*, ora *cánones*, ora *capítula*) e essas fossem bastante numerosas (Mateus tinha 355; Marcos 235; Lucas 343 e João 232); embora Eusébio de Cesaréia tenha completado o trabalho de Amônio em 340 mais ou menos (cfr. *Patrol. Graeca* vol. 22, col. 1277 a 1299); no entanto, a divisão atual em capítulos foi executada pela primeira vez pelo Cardeal Estêvão Langton (+ 1288) e melhorada em 1240 pelo Cardeal Hugo de Saint-Cher; mas os versículos só foram colocados, ainda na margem, pelo impressor Roberto Estienne, na edição greco-latina do Novo Testamento em 1555; e Teodoro de Beza, na edição de 1565, os introduziu no próprio texto.

Acontece, porém, que a numeração dos versículos nos ajuda a calcular o número de linhas de cada folha. E existe um testemunho insuspeito que, apesar de sozinho, nos vem apoiar a hipótese. Trata-se do papiro 66, do 29 século, possivelmente primeira cópia do manuscrito original *no qual, segundo nossa hipótese*, já se teria dado a colocação errada da folha já muito manuseada. Ora, ocorre que nesse papiro, atualmente na Biblioteca de Genebra, Cologny, sob a indicação P. Bodmer II, nós encontramos o Evangelho de João em dois blocos:

1.º) o que vai de João 1:1 até 14:26;

2.º) o que vai de João 14:27 até 21:25.

Conforme vemos, *exatamente nesse ponto, entre os versículos 26 e 27 do capítulo 14*, ocorre algo de anormal, a ponto de ter estabelecido dúvida na mente do copista, que resolveu assinalá-la na cópia: era a folha que devia estar no final do cap. 17 e que caíra de lá, tendo sido colocada, por engano, no final do cap. 14.

Em vista desses dados que, a nosso espírito, se afiguraram como perfeitamente possíveis, intimamente afastamos qualquer hesitação, e apresentamos a ordem modificada.

* * *

Interessante notar-se que, nestes capítulos (14 a 17) algumas palavras são insistentemente repetidas, como ἀγάπη (amor) quatro vezes; καρπός (fruto) oito vezes; e μῆνω (habitar ou permanecer morando) onze vezes.

No cap. 14 firma-se a idéia da fidelidade em relação aos mandamentos; no 15, salienta-se a idéia da perfeita união e da absoluta unificação da personagem com o Eu e, em consequência, com o Cristo interno; a seguir, é chamada nossa atenção para o ódio, que todo o que se uniu ao Cristo, no Sistema, receberia da parte das personagens do Anti-Sistema.

Não se esqueça, o leitor, de comparar este trecho com o ensino sobre o “Pão Vivo”, em João 6:27-56 (cfr. vol. 3) e sobre a Transubstanciação (vol. 7).

* * *

No Antigo Testamento, a vinha é citada algumas vezes como o protótipo de Israel (cfr. Is. 5:1; Jer. 2:21; Ezeq. 15:1ss e 19:10ss; Salmo 80:8-13).

Nos Sinópticos aparece a vinha em parábolas (cfr. Mat. 20:1-16 e 21:33-46) e também temos o vinho na ceia de ação de graças (cfr. Mat. 26:29; Marc. 14:21 e Luc. 22:18).

Nos comentários desses trechos salientamos que o vinho simboliza a Sabedoria; e ainda no vol. 6 e no 7 mostramos que Noé, inebriado de Sabedoria, alcançou o conhecimento total e desnudou-se de tudo o que era externo, terreno ou não, de tal forma que sua sabedoria ficou patente aos olhos de todos. Não tendo capacidade, por involução (por ser o mais moço, isto é, o menos evoluído) de compreendê-lo, seu filho Cam riu do pai, julgando-o bêbado e louco. Mas os outros dois, mais velhos (ou seja, mais evoluídos, porque espíritos mais antigos em sua individuação), Sem e Jafet, encobriram com o véu do ocultismo a sabedoria do pai, reservando-a aos olhos do vulgo. E eles mesmos, não tendo capacidade para alcançá-la, caminharam de costas, para nem sequer eles mesmos a descobrirem. Daí dizer o pai, que Cam seria inferior aos dois, e teria que sujeitar-se a eles.

Aqui é-nos apresentada, para estudo e meditação, a videira verdadeira (he ámpelos he alêthinê), ou seja, a única digna desse nome, porque é a única que vem representar o símbolo em toda a sua plenitude.

A videira expande-se em numerosos ramos e o agricultor está sempre atento aos brotos que surgem, aos ramos e racemos, aos que começam a secar, aos que não trazem “olhos” promissores de cacho. Os inúteis são cortados, para não absorverem a seiva que faria falta aos outros, e os portadores de frutos, ele os limpa, poda e ajeita, para que o fruto surja mais gordo e mais doce e sumulento.

Depois desse preâmbulo parabolístico, vem o Mestre à aplicação: “vós já estais purificados por meio do Logos que vos revelei”, muito mais forte no original, que nas traduções vulgares: “pela palavra que vos falei”.

A união nossa com o Cristo, em vista da comparação, demonstra que três condições são exigidas, segundo nos diz Bossuet (“Méditations sur L’Évangile”, 2.^a parte, 1.^o dia):

- a) “que sejamos da mesma natureza, como os ramos o são da vinha;
- b) que sejamos um só corpo com Ele; e
- c) que Ele nos alimente com Sua seiva”.

Esse ensino assemelha-se à figura do “Corpo místico” de que nos fala Paulo (1.^a Cor. 12:12,27; Col. 1:18 e Ef. 4:15).

No vers. 16, as duas orações finais estão ligadas entre si e dependem uma da outra: “a fim de que vades ... para que o Pai vos dê” (ἵνα ὑμεῖς ὑπάγητε ... ἵνα ὁ τι ἂν αἰτήτε ... δώ ὑμῖν).

A lição sobre o Eu profundo foi de molde a esclarecer plenamente os discípulos ali presentes e os que viessem após e tivessem a capacidade evolutiva bastante, para penetrar o ensino oculto pelo véu da letra morta. Aqui, pois, é dado um passo à frente: não bastará o conhecimento do Eu: é absolutamente

indispensável que esse Eu permaneça em união total com o Cristo interno, sem o Qual nada se conseguirá na vida do Espírito, na VIDA IMANENTE (zôê aiônios).

Magnífica e insuperável a comparação escolhida, para exemplificar o que era e como devia realizar-se essa união.

Já desde o início, ao invés de ser trazida à balha qualquer outra árvore, foi apresentada como modelo a videira, produtora da uva (Escola de Elêusis), matéria-prima do vinho, símbolo da sabedoria espiritual profunda que leva ao êxtase da contemplação: já aí tem os discípulos a força do simbolismo que leva à meditação.

Mas um ponto é salientado de início: se o Cristo é a Videira, o Pai é o viticultor, ao passo que o ramo que aí surge é o Eu profundo de cada um. Então, já aqui não mais se dirige o Cristo às personagens: uma vez explicada a existência e a essência do Eu profundo, a este se dirige nosso único Mestre e Senhor. E aqui temos a base da confirmação de toda a teoria que estamos expondo nestes volumes, desde o início: o PAI, Criador e sustentador, o CRISTO, resultado da criação do Pai ou Verbo, e o EU PROFUNDO, individuação da Centelha Crística, como o ramo o é da videira.

Da mesma forma, pois, que o ramo aparentemente se exterioriza do tronco, mas com ele continua constituindo um todo único e indivisível (se se destacar, seca e morre), assim o Eu profundo se individua, mas tem que permanecer ligado ao Cristo, para não cair no aniquilamento. A vida dos ramos é a mesma vida que circula no tronco; assim a vida do Eu profundo é a mesma vida do Cristo.

O ramo nasce do tronco, como o Eu profundo se constitui a partir da individuação de uma centelha do Cristo, que Dele não se destaca, não se desliga: a força cristônica que vivifica o Cristo, é a mesma que dá vida ao Eu: é o SOM ou Verbo divino (o viticultor) que tudo faz nascer e que tudo sustenta com Sua nota vibratória inaudível aos ouvidos humanos.

Se houver desligamento, a seiva não chega ao ramo, e este se tornará infrutífero. Assim o Eu profundo, destacado do Cristo, se torna improdutivo e é cortado e lançado ao fogo purificador, para que sejam queimados seus resíduos pelo sofrimento cármico e regenerador.

No entanto, quando e enquanto permanecer ligado ao Cristo, ipso facto se purifica, já não mais pelo fogo da dor, mas pelas chamas do amor. E uma vez que é vivificado pela fecundidade do amor, muito mais fruto produzirá. Essa purificação é feita “por meio do Logos que cos revelei”, ou seja, pela intensidade altíssima do SOM (palavra). Hoje, com o progresso científico atingido pela humanidade, compreende-se a afirmativa. Já obtemos resultados maravilhosos por meio da produção do ultra-som, a vibrar acima da gama perceptível pela audição humana; se isso é conseguido pelo homem imperfeito ainda, com seus instrumentos eletrônicos primitivos, que força incalculável não terá o Logos divino, o Som incriado, para anular todas as vibrações baixas das frequências mais lentas da gama humana! E, ao lado de Jesus, veículo sublime em Quem estava patente e visivelmente manifestado o Cristo, a frequência vibratória devia ser elevadíssima; e para medi-la, nenhuma escala de milimicra seria suficiente! Se o corpo de Jesus não estivera preparado cuidadosamente, até sua contraparte dos veículos físicos materiais poderia ter sido destruída.

O Cristo Cósmico, ali presente e falando, podia afirmar tranquilamente, pela boca de Jesus: “EU sou a videira, vós os ramos”. Compreendamos bem: não se tratava de Jesus e dos discípulos, mas do CRISTO: o Cristo é a videira e cada “Eu profundo”, de cada um de nós, é um ramo do Cristo único e indivisível que está em todos e em tudo. Então, o “vós”, aqui, é genérico, para toda a humanidade. Cada um de nós, cada Eu profundo, é um ramo nascido e proveniente do Cristo e a Ele tem que permanecer unido, preso, ligado, para que possa produzir fruto.

Realmente, qualquer ramo que venha a ser destacado do tronco, murcha, estiola, seca e morre, perecendo com ele todos os brotos e frutos a ele apensos. Assim, a personagem que por seu intelectualismo vaidoso e recalcitrante se desliga do Cristo interno, prendendo-se às exterioridades, nada mais proveitoso produzirá para o Espírito: é o caso já citado (vol. 4) quando a individualidade abandona a personagem que se torna “animalizada” e “sem espírito”, ou seja, destacada do Cristo.

E didaticamente repete o Cristo a afirmativa, para que se fixe na mente profunda: “Eu sou a videira - vós os ramos”. E insiste na necessidade da união: “Quem permanece em mim e eu nele, produz muito fruto, porque sem mim não podeis fazer nada”. Verificamos que, sem a menor dúvida, não há melhor alegoria para ensinar-nos a fecundidade vitalizante da Divindade em nós.

A vida, que a humanidade vive em seu ramerrão diário, na conquista do pão para sustentar o corpo, das comodidades para confortar o duplo, dos prazeres para saciar as emoções, do estudo para enriquecer o intelecto, leva o homem a permanecer voltado para fora de si mesmo, à cata de complementos externos que preencham seu vazio interno. Encontra mil coisas em seu redor, que o desviam do roteiro certo e o fazem esquecer e despercebido do Eu profundo que, no entanto, é o único “caminho da Verdade e da Vida”. Com esse tipo de existência, nada podemos conseguir para o Espírito, embora possa haver progresso material. Em outros termos: desligados do Cristo, podemos prosperar no Anti-Sistema, mas não no Sistema; podemos ir longe para fora, mas não daremos um passo para dentro; fácil será exteriorizar-nos, mas não nos interiorizamos: nenhum ato evolutivo poderá ser feito por nós, se não estivermos unidos ao Cristo.

Daí tanto esforço e tantas obras realizadas pelas igrejas “cristãs”, durante tantos séculos, não terem produzido uma espiritualização de massas no seio do povo; ao invés, com o aprimoramento intelectual e o avanço cultural, a população da Terra filiada a elas, vem dando cada vez menos importância aos problemas do Espírito (excetuando-se, evidentemente, casos esporádicos e honrosos) e ampliando sua ambição pelos bens terrenos.

Ao contrário, ligando-nos ao Cristo, unidos e unificados com Ele, frutos opimos colhe o Espírito em sua evolução própria e na ajuda à evolução da humanidade. Aos que se desligam, sucede como aos ramos: secam e são ajuntados e lançados ao fogo das reencarnações dolorosas e corretivas.

Outro resultado positivo é revelado aos que permanecem no Cristo, ao mesmo tempo em que Suas palavras (ou seja, Suas vibrações sonoras) permanecem na criatura: tudo o que se quiser pedir, acontecerá. Não há limitações de qualquer espécie. E explica-se: permanecendo na criatura a vibração sonora criadora do Logos, tudo poderá ser criado e produzido por essa criatura, até aquelas coisas que parecem impossíveis e milagrosas aos olhos dos homens comuns. Daí a grande força atuante daqueles que atingiram esse degrau sublime no cimo da escalada evolutiva humana, com total domínio sobre a natureza, quer material, quer astral, quer mental. Em todos os reinos manifesta-se o poder dessa criatura unificada com o Cristo, pois nela se expressa a vibração sonora do Verbo ou SOM criador em toda a Sua plenitude.

E chegamos a uma revelação estupefaciente: “Nisso se transubstancia meu Pai, para que produzais muito fruto e vos torneis meus discípulos”. Então, não é apenas a vibração sonora em toda a Sua plenitude: é a própria essência do Logos Divino que se transubstancia na criatura! Daí a afirmativa: “Eu e o Pai somos UM”. Já não é apenas o Cristo, mas o próprio Pai ou Verbo, que passa a constituir a substância íntima e profunda da criatura, com o fito de multiplicar os frutos espirituais, de tal forma que a criatura se torna, de fato, um discípulo digno do único Mestre, o Cristo (cfr. Mat. 23:8-10) e não apenas um aluno repetidor mecânico de Seus ensinamentos (cfr. Vol. 4).

Coisa muito séria é conseguir alguém atingir o grau de “discípulo” do Cristo, e muito rara na humanidade. Embora para isso não seja mister que se esteja filiado a qualquer das igrejas cristãs, muito ao contrário. Gandhi, o Mahatma, constitui magnífico exemplo de discípulo integral do Cristo, em pleno século vinte. E poucos mais. Pouquíssimos. Efetivamente raríssimos os que negam a si mesmos, tomam sua cruz e palmilham a mesma estrada, colocando seus pés nas pegadas que o Cristo, através de Avatares como Jesus, deixam marcadas no solo do planeta, como reais seguidores-imitadores, que refletem, em sua vida, a vida crística; verdadeiros Manifestantes divinos, discípulos do Cristo, nas quais o Pai se transubstancia, unificando-se com eles pelo amor divino e total.

O amor desce a escala vibracional até englobar em Si a criatura, absorvendo-a integralmente, em Si mesmo, tal como o SOM absorve o Cristo, e o Cristo nos absorve a nós. A nós bastará permanecer ligados, unidos, sintonizados, unificados com o Cristo, mergulhados nele (cfr. Rom. 6:3 e Gál. 3:27), como peixes no oceano. Permanecer no Cristo, morar no Cristo, como o Cristo mora em nós, e ex-

cutar, em todos os atos de nossa vida, externa e interna, em atos, palavras e nos pensamentos mais ocultos, todas as Suas ordens Suas diretrizes, Seus conselhos. Assim faz Ele em relação ao Pai, e por isso permanece absorvido pelo Amor do Pai; assim temos nós que fazer, permanecendo absorvidos pelo Amor do Cristo, vivendo Nele como Ele vive no Pai, sintonizados no mesmo tom.

Esse ensino - diz-nos o próprio Cristo - nos é dado “para que Sua alegria esteja em nós”. Observemos que o Cristo deseja alegria e não rostos soturnos, com que muitos pintam a piedade. Devoto parece ser, para muitos, sinônimo de luto e velório. Mas o Cristo ambiciona que Sua alegria, que a alegria crística, esteja EM NÓS, dentro de nós, em vibração magnífica de euforia e expansionismo do Espírito. Alegria esfuziante e aberta, alegria tão bem definida e descrita na Nona Sinfonia de Beethoven. Nada de tristezas e choros, pois o Cristo é alegria e quer que “nossa alegria se plenifique”: alegria plena, sem peias, sem entraves, luminosa, sem sombras: esfuziante, sem traves: vibrante, sem distorções; constante, sem interrupções; acima das dores morais e físicas, superiores às injunções deficitárias e às incompreensões humanas, às perseguições e às calúnias. Alegria plena, total, integral, ilimitada, que só é conseguida no serviço incondicional e plenamente desinteressado, através do amor.

E chega a ordem final, taxativa, imperiosa, categórica, dada às individualidade, substituindo, só por si, os dez mandamentos que Moisés deu às personagens. Basta essa ordem, basta esse mandamento, para que todas as dez sejam dispensados, pois é suficiente o amor para cobrir a multidão dos erros que as personagens são tentadas a praticar.

Quem ama, não furta, não desobedece, não abandona seus pais, não cobiça bens alheios, não tira nada de ninguém: simplesmente AMA. Esse amor é doação integral, sem qualquer exigência de retribuição. O modelo é dado em Jesus, o Manifestante crístico: amai-vos “tal como vos amei”. E o exemplo explica qual é esse amor: por sua alma sobre seus amigos. Já fora dita essa frase: “Eu sou o bom pastor ... o bom pastor põe sua alma sobre suas orelhas” (João, 10:11). Já falamos a respeito do sentido real da expressão, que é belíssima e profunda: dedicação total ao serviço com disposição até mesmo para dar sua vida pelos outros (cfr. 2.^a Cor. 4:14, 15; 1.^a João, 3:16 e 1.^a Pe. 2:21).

A afirmação “vós sois meus amigos” é subordinada à condição: “se fazeis o que vos ordeno”. Entende-se, portanto, que a recíproca é verdadeira: se não fizerdes o que vos ordeno, não sereis meus amigos. E que ordena o Cristo? Na realidade, uma só coisa: “que vos ameis uns aos outros”. Então, amor-doação, amor-sacrifício, amor através do serviço. E explica por que os categoriza como amigos: “o servo não sabe o que faz o senhor dele, mas vós sabeis tudo o que ouvi do Pai”. Realmente, a amizade é um passo além, do amor, já que o amor só é REAL, quando está confundido com a amizade.

Como se explica a frase: “tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer”, diante da afirmativa posterior: “muito tenho que vos dizer, que não podeis compreender agora” (João, 16:12)? Parece-nos que se trata de um sentido lógico: tudo o que ouvi de meu Pai para revelar-vos, eu vos fiz conhecer; mas há muita coisa ainda que não compreendeis, pois só tereis alcance compreensivo mais tarde, após mais alguns séculos ou milênios de evolução. Não adianta querer explicar cálculo integral a um aluno do primário, ao qual, entretanto, se diz tudo o que se tem que dizer sem enganá-lo, mas não se pode “avançar o sinal”. A seu tempo, quando o Espírito verdadeiro, o Eu profundo, estiver amadurecido pela unificação com o Cristo, então será possível perceber a totalidade complexa e profunda do ensino.

A anotação da escolha é taxativa e esclarecedora: “não vós me escolhestes, mas eu vos escolhi”. Não é o discípulo que escolhe o Mestre, mas este que o escolhe, quando vê que está apto a ouvir suas lições e a praticar seus ensinamentos. Muita gente, ainda hoje, pretende escolher seu Mestre: um quer seguir Ramakrishna, outro Râmana Maharshi, outro Yogananda, outro Rudolf Steiner, outro Max Heindel. Livres de fazê-lo. Mas será que esses Espíritos os aceitam como discípulos? Será que estes estão à altura de compreender seus ensinamentos e imitar suas vidas, seguindo-os passo a passo na senda evolutiva? O Mestre nos escolhe de acordo com nossa tônica vibratória, com o Raio a que pertencemos, aceitando-nos ou rejeitando-nos segundo nossa capacidade, analisada por meio de sua faculdade perceptiva.

Essa é uma das razões da perturbação de muitos espiritualistas, que peregrinam de centro em centro, de fraternidade em fraternidade, perlustrando as bancas de muitas “ordens” e não se fixando em nenhuma: pretendem eles escolher seu Mestre, de acordo com seu gosto personalístico, e só conseguem perturbar-se cada vez mais.

Como fazer, para saber se algum Mestre nos escolheu como discípulos? e para saber qual foi esse Mestre? O caminho é bastante fácil e seguro: dedique-se a criatura ao trabalho e ao serviço ao próximo durante todos os minutos de sua vida, e não se preocupe. Quando estiver “maduro”, chegará a mão do Mestre carinhosa e o acolherá em seu grupo: será então o escolhido. O mais interessante é que a criatura só terá consciência disso muito mais tarde, anos depois. E então verificará que todo o trabalho anteriormente executado, e que ele acreditava ter sido feito por sua própria conta, já fora inspiração de seu Mestre, que o preparava para recebê-lo como discípulo. Naturalidade sem pretensões, trabalho sincero sem esperar retribuições, serviço desinteressado e intenso, mesmo naqueles setores que a humanidade reputa humildes são requisitos que revelarão o adiantamento espiritual da criatura.

A esses “amigos escolhidos”, o Mestre envia ao mundo, para que produzam frutos, e frutos permanentes que não apodrecem. Frutos de teor elevado, de tal forma que o Pai possa dar-lhes tudo o que eles pedirem em nome de Cristo.

Tudo se encontra solidamente amarrado ao amor manifestado através do serviço e ao serviço realizado por amor.

E para fixação na memória do Espírito, e para que não houvesse distorções de seu novo mandamento, a ordem é repisada categoricamente: “Isso VOS ORDENO: que vos ameis uns aos outros”! Nada de perseguições entre os fiéis das diversas seitas cristãs, nada de brigas nem de emulações, nem ciúmes nem invejas, nem guerras-santas nem condenações verbais: AMOR!

Amai-vos uns aos outros, se quereis ser discípulos do Cristo!

Amai-vos uns aos outros, católicos e evangélicos!

Amai-vos uns aos outros, espíritas e evangélicos!

Amai-vos uns aos outros, católicos e espíritas!

Amai-vos uns aos outros, hindus e budistas!

Amai-vos uns aos outros, espíritas e umbandistas!

Amai-vos uns aos outros, teósofos e rosacruzes!

Amai-vos uns aos outros, é ORDEM de nosso Mestre!

Amai-vos uns aos outros!

ÓDIO DO MUNDO

João, 15:18-27

18. “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro que a vós, me odiou.
19. Se fôsseis do mundo, o mundo gostaria do (que lhe é) próprio; mas porque não sois do mundo, mas eu vos escolhi do mundo, o mundo vos odeia.
20. Lembrai-vos do ensino que eu vos falei: não é o servo maior que seu senhor; se me perseguiram, também a vós perseguirão; se executaram meu ensino, também o vosso executarão.
21. Mas todas essas coisas farão a vós por causa do meu nome, porque não sabem quem me enviou.
22. Se eu não viesse e não falasse a eles, não teriam erro; agora, porém, não têm desculpa quanto a seus erros.
23. Quem me odeia, também odeia meu Pai.
24. Se não tivesse feito as obras neles, que nenhum outro fez, não teriam erro; agora, porém, também viram e odiaram tanto a mim, quanto a meu Pai.
25. Mas para que se plenifique o ensino escrito na lei deles: odiaram-me sem motivo.
26. Todas as vezes que vier o Advogado, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito verdadeiro que saiu do Pai, ele testificará a respeito de mim,
27. e vós testificareis, porque desde o principio estais comigo”.

Neste trecho o Cristo avisa a Seus discípulos daquela época e aos porvindouros de todos os tempos, que todos eles receberão o impacto do ódio do “mundo”. O termo “kósmos” é aqui empregado no sentido antitético, em oposição a “Reino de Deus”, como diria Ubaldi: *Anti-Sistema* oposto a *Sistema*, ou seja, Mundo oposto a *Reino dos céus*. O mundo é o reino do antagonista (satanás) ou adversário (diabo), que é a personagem transitória (intelecto) que se opõe ao Espírito eterno (Cristo). Mundo é tudo aquilo que gira *fora*, que é externo, ao passo que reino dos céus é *dentro*, o Eu profundo. Esse sentido é dado com frequência a esse termo por João (cfr. 7:7; 8:23; 12:31, 14:17, 30; 16:8, 11; 17:6, 9, 11, 16, 25; 1.^a João, 2:15, 16 e 3:1, 13).

Muitos comentadores interpretam essas palavras como realizadas pelas perseguições dos imperadores romanos contra os cristãos. Esquecem, entretanto, que a igreja que assumiu abusivamente o título de “cristã” em Roma, conquistado a fio de espada, já se havia bandeado para o pólo do “mundo”, e perseguiu com muito mais violência os lídimos cristãos, por eles classificados de “arianos”; e no espaço de poucos dias, no ano de 380 (após o edicto de Milão de 3 de agosto de 379 e o edicto de Tessalônica, publicado por Teodósio em 27 de fevereiro de 380) só na cidade de Roma massacraram cerca de 30.000 verdadeiros seguidores de Cristo - ou seja, um número muito mais elevado do que os *assassinados pelos imperadores durante três séculos*.

Quando a igreja de Roma, aliando-se aos imperadores romanos Constante e sobretudo Graciano, em 378, abandonou o Espírito do Cristo e aliou-se ao mundo, com esse gesto triste passou a perseguir e matar friamente - sobretudo com a fogueira e a espada - todos aqueles que possuíam o verdadeiro Espírito crístico: os místicos, os profetas (médiuns, que eles chamavam “feiticeiros”), os enviados e mensageiros celestes que encarnavam, para tentar abrir os olhos dos homens ambiciosos de posses e posições mundanas, que haviam usurpado o mando na sociedade cristã.

Os primeiros assassinados como “feiticeiros”, cujo registro ficou na história (Cfr. Amiano Marcelino) foram Hilarius e Patricius, no ano 370; a última foi Anna Goeldi supliciada em Glaris (Suíça) em 17 de junho de 1782. Foram 1412 anos de assassinatos de médiuns! Catorze séculos!

Todas essas matanças e perseguições, de que a história registra horrorizada a maldade manifestada na época da Inquisição e da conquista sobretudo do México e do Peru, atestam a nítida e inegável posição que a igreja, que se dizia “do Cristo”, assumira contra o próprio Cristo; haviam esquecido que o Novo Mandamento era o amor mútuo, e não a matança fratricida de criaturas, que amavam com o coração o mesmo Cristo que vivia profanado nos lábios hipócritas e mentazes das autoridades eclesiásticas, durante o longo espaço de 1.400 anos. Somente agora, com o papa João XXIII, é que se começou a perceber o absurdo de suas atitudes e, oficialmente, se adotou o “ecumenismo”, embora esparsamente ainda continuem, por obra de elementos avulsos, as mesmas incompreensões e ataques.

* * *

O texto original apresenta o verbo *miséô*, que significa precisamente “odiar”, e não apenas “aborrecer”. O ódio é o pólo oposto do amor pregado pelo Cristo, e esse ódio resolvia-se pela impiedosa destruição das formas físicas, a fim de tirar de seu caminho de conquista das vantagens materiais, todos aqueles que falavam nas prerrogativas do Espírito e na ilusão da matéria, constituindo uma acusação viva e irrespondível à cobiça dos homens que se haviam apoderado do mando.

Essa perseguição e esse ódio, que Cristo assinalou ser “sem motivo” (cfr. Salmos 25:19 e 69:5), cumpriu-se *in totum*: os perseguidos jamais concorreram com os dominadores violentos, jamais ambicionaram seus bens: limitavam-se a amar o Cristo e a servi-Lo, gritando ao povo que os bens materiais são transitórios e perecíveis. Mas os poderosos, apoiados na espada do poder Leigo ou, mais tarde, tomando em suas próprias mãos a espada sangrenta do poder mundano, não na deixavam enferrujar-se na bainha: usaram-na vigorosamente, servindo-se da maior falsidade hipócrita para decepar as cabeças que pensavam certo, fazendo parar os corações que Cristo tinha constituído como moradia Sua e do Pai.

Basílio (século IV) deixou escrito: “As doutrinas dos Pais são desprezadas, as especulações dos inovadores criam raízes na igreja ... a sabedoria do mundo toma lugar de honra, derrubando a glória da cruz. Os pastores foram expulsos e em seu lugar subentraram afrontosos lobos que maltratam o rebanho. As casas de oração já não encontram quem nelas se reuna e os desertos estão cheios de gente enlutada” (Epístola 90).

J. G. Davies (“As Origens do Cristianismo”, pág. 252), apesar de absolutamente parcial em favor do catolicismo, comenta: “A crescente secularização da igreja, devida à incursão dos que eram movidos por interesses e dos pagãos semi-convertidos, levou muitos a protestar. Os cristãos (ele escreve os padres”!) do deserto, na verdade fugiam não tanto do mundo, quanto do mundo na igreja”. E mais adiante, verificando a aversão das autoridades eclesiásticas a todos os que buscavam o verdadeiro Espírito do Cristo, escreve: “Assim, no período entre Nicéia e Constantinopla, enquanto o movimento (monástico) criava raízes sólidas, só gradualmente pôde ganhar para sua causa os principais dirigentes da igreja, que o podiam defender de seus detratores. Um pagão convertido, cerca de 360, perguntou: Explicai-me, agora, o que é a congregação ou seita dos monges, e por que é ela objeto de aversão, mesmo entre os nossos” (*in* Consul. Zacch. et Apoll., III, 3).

Observe-se que, no vers. 24 não se fala em “sinais” (*sêmeion*), mas em “obras” (*érge*), realizadas *neles*, ou seja, nos homens do mundo, e que eram próprias para abrir-lhes os olhos à realidade. Mas em todos os tempos e climas, as obras espirituais que beneficiam as criaturas servem, em grande parte, para dar-lhes forças de continuar realizando suas conquistas mundanas e terrenas.

O fato de “testificar” de “dar testemunho” (*martyrein*) é várias vezes repetido por João como fundamental para alertar as consciências dos homens (cfr. João, 1:7, 8, 15, 32, 34; 3:11, 33; 5:31, 32, 36ss; 8:13ss; 10:25; 15:26ss; 18:37; 19:35 e 21:24).

Novamente fala o Cristo no “Advogado” (paráclêtos), que repete ser o Espírito verdadeiro, e que procede do Pai, ou seja, “sai de dentro” (*ekporeúetai*) do Pai, onde tem origem.

Para finalizar, anotemos que o Cristo fala-nos “que estão com Ele desde o começo”. Não cremos que essa afirmativa se refira apenas aos que O acompanharam, durante alguns anos, em Sua peregrinação física na Palestina, sentido que é adotado em outros passos do Novo Testamento: é a convicção muito humana de que mais vale a convivência de corpos, do que a união profunda do Espírito; no entanto, esta é muito mais importante que o contato de corpos (cfr. Atos, 1:21, 22; 10:40, 42; 1.ª João, 1:1, 2; 2:7, 24; 3:11 e 2.ª João, 5 e 6). Prova viva em contrário encontramos em Paulo de Tarso que muito mais fez na divulgação do espírito crístico, que os “apóstolos” que tiveram convivência física com o Mestre Jesus.

Avisos preciosos que todos nós, sobretudo aqueles que, viciados por longos séculos de vivência no seio da igreja “oficial” romana, ainda sentem no subconsciente instintivo a tentação das posições de destaque, das posses materiais, (que garantem o amanhã!), dos títulos hierárquicos, dos templos de pedra grandes, ricos e solenes, da escala sacerdotal cheia de privilégios e exceções em flagrante diferenciação da massa ignara: “Amarram fardos pesados e insuportáveis e impõem sobre os ombros dos homens, mas eles não querem movê-los com o dedo deles” (Mat. 23:4; vol. 7). Trata-se da adaptação que nós, homens imperfeitos, fizemos da doutrina de Cristo, moldando-a segundo a fôrma mundana da qual provínhamos. Agora cabe a nós mesmos, arduamente e com grande fadiga, tornar a trazê-la a seu ponto exato de sacrifício.

O “mundo” não pode admitir em seu seio, não pode aceitar, o espírito crístico de renúncia e de perdão. Encontrando-se no pólo oposto, condena e persegue seus maiores adversários. Pertence e vive bem no pólo do ódio, em franca e confessada oposição ao pólo do amor.

Por isso é indispensável que o pólo do amor atraia a si, mais pelo exemplo que pelas palavras, todos os elementos das forças constitutivas desse pólo negativo e, atraindo-os, os transforme em forças positivas. Seguindo o Cristo, passam as criaturas para o Sistema e de imediato levantam-se contra elas, odiando-as, as forças cegas e violentas do Anti-Sistema.

Devem todos ter conhecimento e consciência desse fato, para não se deixarem desanimar nos tremendos embates que têm sobre eles, como avalanches titânicas para derrubá-los: apesar do barulho exterior e das basófias que arrotam pedantemente, jamais conseguem destruir as “forças do Cordeiro” que, em sua mansidão e amor se sobrepõem rígida e inexpugnavelmente: “as portas inferiores não prevalecerão” contra os escolhidos. (Mat. 16:18).

O mundo gosta dos que a ele pertencem, vivendo segundo suas leis e costumes, na busca infrene de bens, de prazeres, de fama, de posições e vantagens, de títulos e honrarias externas, embora pisando os concorrentes. Mas aqueles que o Cristo escolheu do mundo, segregando-os espiritualmente desse ambiente maquiavélico de competições; aqueles que renunciaram de coração a todo o acervo que constitui o ponto alto da primazia no mundo, e vivem apagados e apagando-se, recebendo golpes e dores como incentivo para galgar novos degraus na subida, alegrando-se nas tribulações, sorrindo impávidos ante as tempestades, amando quando afrontados, dando a capa quando lhes roubam a túnica, inatingíveis aos golpes da malícia e da maldade, - esses tomam-se insuportáveis ao mundo, que os considera covardes por não reagirem, já que o involuído não sabe que há mais necessidade de coragem para perdoar como os anjos, do que para vingar-se como os animais.

A humanidade, contudo, assaltando o poder e conseguindo posses materiais, terrenos, palácios, templos suntuosos, grandes extensões de latifúndios, esqueceu a advertência de que o “servo não é maior que seu senhor”, e não refletem que o Senhor “não possuía uma pedra onde repousar a cabeça” (Mat. 8:20, Luc. 9:58): tornaram-se, perante o mundo, maiores que o humilde carpinteiro pobre. E aqueles que O imitaram, foram perseguidos, tal como o havia sido o Mestre.

Se não tivesse Ele vindo à Terra, não teria havido erro. Mas o sublime Pastor aqui veio, deu o exemplo vivo, serviu de modelo: portanto não há desculpa para esse erro clamoroso.

E, falando o Cristo, é claro que quem odeia o Filho, odeia o Pai que O enviou. Odeia, no sentido de permanecer no pólo negativo, opondo-se pela vivência ao pólo positivo. Apesar de todas as obras de

grandiosidade e benemerência, desprezam tudo o que é do Espírito, só cuidando da parte material terrena.

Na realidade “não há motivo” para esse ódio: por que o mau odeia o bom? Porque a vivência do bem é uma condenação patente do mal e a consciência íntima mais profunda grita dentro deles que estão errados. Por mais que procurem abafar a voz silenciosa da consciência que provém do Eu profundo, não conseguem eliminá-la.

Mais uma vez aparece o esclarecimento indispensável de que “todas as vezes que vier o Advogado que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito verdadeiro, ele testemunhará a respeito do mim”.

Vale a pena pararmos para tecer alguns comentários sobre isso.

O homem lentamente evolui, saindo do estágio animal puramente psíquico para o estágio hominal pneumático. Aí chegando, vive milênios para firmar em si mesmo a consciência intelectual de suas novas faculdades, que vão surgindo e aperfeiçoando-se. Ao atingir um grau de desenvolvimento capaz de perceber a fixação de seu Eu profundo, que constitui o somatório das aquisições e experiências conquistadas durante os milênios de evolução, o homem sente a necessidade de fazer que sua consciência - que só vibrava até então na personagem transitória - se aprimore e eleve sua frequência vibratória, até que possa sintonizar na faixa superior do Espírito.

Ao sentir essa necessidade – o que ocorre como impulso que vem de dentro - quer por si mesmo, quer alertado por leituras e conhecimentos que vai adquirindo, inicia o processo longo e árduo de buscar unir-se a esse Eu profundo que permanece em outro plano. Esforça-se, tenta, prepara-se, coloca todas as condições requeridas para isso, e começa a perceber, de princípio como lampejos, mais tarde como permanente conscientização, a existência real dessa Individualidade superior, cujos primórdios de contato já fora levado a sentir de modo automático, embora inconscientemente, durante milênios, nos momentos de clímax do orgasmo sexual e do sono profundo sem sonhos.

Atingido esse estágio, vai recebendo gradualmente a resposta a seus anseios: o próprio Eu profundo, o Espírito verdadeiro, vem contatar com a personagem intelectual, atraindo-a a si.

A Centelha crística - o Cristo interno - que funciona como impulsor constante desde que se individualizou, saindo do Pai, como partícula indivisa, age positivamente e envia, condicionando-o e impelindo-o a isso, esse Eu profundo, essa Individualidade superior, esse Espírito verdadeiro, a vir até a personagem a fim de testificar a respeito do próprio Cristo. E então ocorre que essa Individualidade - à qual o Cristo fala diretamente, interpelando-a de “vós” – passará a testificar a respeito da real essência e da veracidade de todo o processo.

E o Mestre termina: “porque desde o princípio estais comigo”.

Incongruente seria interpretar-se a frase no sentido limitado das personagens em contato com a personagem: ficaria o ensino cósmico reduzido a um episódio transitório de três anos, dentro de um período que conta muitos milhões de anos. O sentido é bem mais amplo.

Sendo individuação do Cristo cósmico, a Individualidade está com o Cristo desde o princípio de sua individuação, mesmo que ignore totalmente essa realidade.

Eis então a gnose total e plena da posição que precisamos assumir, para defender-nos do ódio destruidor do mundo. Procuremos resumir esquematicamente essa “obra” (érgon) que Cristo “realizou em nós” (vers. 24), a ver se damos forma didática.

* * *

Dentro do infinito adimensional e do eterno atemporal do Cristo Cósmico, que é resultante necessário e sem princípio (Filho unigênito) do Som (Pai), que é a vibração energética produzida pela degradação das vibrações da Luz Incriada (Espírito-Santo), processa-se uma individuação: uma Centelha que é lançada para atuar (passa de potência a ato) sem destacar-se do Todo. Portanto, também não tem princípio, a não ser “externo”, já que existia em potência desde toda a eternidade.

Essa Centelha decresce suas vibrações até o estado de “núcleo”, que passa a girar por efeito das vibrações energéticas do Som (Pai), mantendo em si a vida própria, que é a do Espírito (Luz), a mesma que mantém a Energia (Som) e vivifica o Cristo Cósmico (Filho unigênito), permanecendo tudo ligado como um só Todo, apenas desomogeneizado.

Esse núcleo vai agregando a si elétrons e prótons, mésons e nêutrons, e outros elementos desconhecidos a nós, até constituir um átomo, que também degrada suas vibrações até materializar-se no reino mineral (o estado mais baixo e menor da matéria que até agora podemos conhecer, o que não impede que possa haver outros ainda inferiores).

Começa daí a linha evolutiva para o Sistema, após essa “queda” no Anti-Sistema. Sempre sustentado pelo Som, vivificado pelo Espírito, e mergulhado no Cristo, desenvolve-se o átomo primitivo, atravessando eons incomensuráveis como mineral, depois como vegetal, adquirindo envoltórios sempre mais desenvolvidos: duplo etérico e a seguir corpo astral, onde aprimora o psiquismo mais animal.

Prosseguindo na linha ascensional, o psiquismo se vai elevando aos poucos no reino hominal, até atingir o estado de pneuma, no qual aprimora o intelecto, enriquecendo-se com a cultura diferenciada que avoluma seu potencial.

Já nessa altura, o Eu profundo começa a situar-se com independência, preparando-se para receber conscientemente o influxo crístico, e expandindo, cada vez mais, sua gama vibratória, de tal forma que sua faixa mais alta sintoniza com a frequência crística, e a mais baixa com a personagem encarnada.

Não deve causar estranheza que o Eu profundo venha a existir já bem mais tarde, só quando adquire potencialidade suficiente para isso, em virtude do acúmulo de experiência conquistada durante a evolução de seus veículos: grande maioria dos seres, apesar de sua forma externa humana, ainda não atingiram o estágio de Homem, e se isso não foi conseguido, “ainda não tem Espírito” (João 7:39 e Judas, 19; cfr. vol. 4), ou seja, ainda não possuem Eu profundo conscientizado. Este surge aos poucos, consolidando-se pela impulsão interna do Cristo, e só então toma consciência de seu papel de criar personagens transitórias que O ajudem mais rapidamente na evolução sem princípio e sem fim. Até esse ponto, tudo se passa unicamente sob a impulsão direta do Cristo Interno (Mente Cósmica) constituindo para todos os seres e inclusive para aquele que não formou seu Eu profundo, embora sendo “homem”, um evoluir automático, do qual não toma conhecimento.

Ao tomar consciência dessa realidade espiritual, o homem encarnado começa a interessar-se pelos assuntos espirituais internos a si mesmos - não se trata, porém, do interesse pelos assuntos religiosos externos, coisa natural ao homem desde que o psiquismo iniciou sua transformação em pneuma, na primeira infância do reino hominal - e começa também a buscar a elevação de seu nível consciencial, para poder transferi-lo da personagem para a Individualidade.

É nesse ponto que o Eu profundo forceja por entrar em contato com aquele que O busca; constitui-se, então, em “Advogado” ou seja, “o que é chamado para junto da personagem”.

Então, “todas as vezes que o Advogado (o Eu Profundo) vier, ele será enviado (ou “impelido”) pelo Cristo Interno; e essa impulsão é dada da parte do Pai (ou Som energético) de onde ele saiu. E esse Eu profundo atestará a realidade da essência do Cristo, demonstrando-o claramente à personagem, de tal forma, que esta também poderá dar seu testemunho à humanidade. E esse testemunho da individualidade é sólido, convincente e irrespondível, porque a individualidade está com o Cristo interno desde o desabrochar de sua existência (EX+SISTERE, isto é, exteriorizar-se), desde sua individuação.

Se a personagem o ignora, nada importa: o Cristo tem disso consciência, e já a passou para o Eu profundo, e este encontra-se capacitado para garantir essa verdade à personagem, dando testemunho da realidade do fato. Figuremos um bebê recém-nascido: embora produzido pelo pai, plasmado e alimentado pela mãe, ele ignora esse fato.

À proporção que vai crescendo e desenvolvendo seu cérebro, vai tomando consciência do que se passa. Ao atingir certo grau de amadurecimento, recebe o testemunho dos pais acerca de sua filiação; testemunho válido, porque proveniente do conhecimento pessoal das ocorrências.

Assim, na infância de seu Eu, a personagem nada percebe. Mas ao atingir certo grau de maturidade espiritual, o Eu profundo, o Espírito verdadeiro, testifica a origem divina do ser, porque SABE donde veio e para onde vai, coisa ainda desconhecida à personagem (cfr. João, 3:8).

Recebido esse testemunho, e certa de sua veracidade, a própria personagem passará também a testificar tudo o que sabe a respeito do Eu e do Cristo. E desde o primeiro instante que isso ocorrer, começará a sofrer os impactos violentos da perseguição do “mundo”, que desconhece totalmente tudo isso, e crê que a única realidade, é o corpo físico, com as sensações e emoções que pensa serem dele. Daí dizer que, com a morte, tudo acaba!

O TRABALHO DO ESPÍRITO

João, 16:1-15

1. “Isso vos revelei, para que não sejais enganados.
2. Tomar-vos-ão excomungados, mas vem a hora em que todo o que vos mata, julgará oferecer culto a Deus.
3. E farão isso a vós, porque não conheceram o Pai nem a mim.
4. Mas eu vos disse essas coisas para que, todas as vezes que vier a hora deles, vos lembreis delas, pois eu vo-lo disse. Não vos revelei desde o princípio, porque estava convosco.
5. Agora, porém, vou para quem me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Aonde vais?
6. Mas porque vos disse isso, a tristeza encheu vosso coração.
7. Mas eu vos digo a verdade: convém a vós que eu vá, porque se não for, o Advogado não virá a vós; se porém, eu for, o enviarei a vós.
8. E, tendo ele vindo, provará ao mundo a respeito do erro, a respeito do ajustamento, a respeito do discernimento:
9. a respeito do erro, porque não me foram fiéis;
10. a respeito do ajustamento, porque vou para o Pai e já não me vedes;
11. a respeito do discernimento, porque o dominador deste mundo foi reconhecido.
12. Ainda muitas coisas tendo que vos dizer, mas não podeis compreender agora.
13. Mas todas as vezes que vier aquele, o Espírito verdadeiro, ele vos conduzirá a toda verdade, pois não falará por si mesmo, mas falará tudo o que ouvir e vos anunciará o (que está) por vir.
14. Ele transubstanciará o Eu, porque tomará do que é meu e vos anunciará.
15. Tudo quanto tem o Pai é do Eu; por isso eu disse que recebe do que é meu e vos anunciará”.

Os ensinamentos (*lógoi*) ditados pelo Cristo nesse último encontro, antes do grande passo iniciático que ia dar, traz revelações precisas e sérias a respeito da Vida Maior, com recomendações para o comportamento da Individualidade e dos cuidados que deve ter com a personagem. Diz o Mestre que o fez para evitar que fossem enganados pelo modo de agir do mundo, na sucessão dos séculos.

O único ponto a lamentar é que, embora claramente avisados, justamente os que se diziam discípulos do Cristo ou cristãos, passaram a agir eles à maneira do mundo. E a advertência de que os cristãos “seriam excomungados” foi posta em prática pelos que assumiram as rédeas do poder eclesiástico, que começaram, eles, a excomungar os verdadeiros discípulos do Mestre.

E a advertência de que “todo o que vos mata julgará oferecer culto a Deus” cumpriu-se à risca. Seu início está nos Atos dos Apóstolos, quando o Sinédrio, em Jerusalém, começa a perseguição religiosa (Ato 6:8 até 8:2; 9:1-2; 22:3ss e 26:9ss), e continuou depois com os romanos (cfr. Tácito, *Annales*, 15, 44) e ainda prosseguiu durante mais de mil anos por obra da igreja de Roma (cfr. a História da Inquisição). E já no *Middrash*, ao comentar Núm. 25:3, está escrito: “quem derrama o sangue de um ímpio,

deve considerar-se como se tivesse oferecido um sacrifício” (cfr. Strack e Billerbeck, o.c., tomo 2, pág. 565).

O aviso é dado para que em todas as ocasiões em que se levantarem as perseguições, nos recordemos dessa advertência, que também já fora dada no “Sermão do Monte” (Mat. 5:10-12): “Felizes os que forem perseguidos por causa da perfeição, porque deles é o reino dos céus. Felizes sois quando vos injuriarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa: alegrai-vos e exultai, porque é grande vosso prêmio nos céus, pois assim perseguiram os profetas que existiram antes de vós” (Cfr. vol. 29, pág. 117).

Depois, para esclarecer melhor a lição, motiva a curiosidade deles: “nenhum de vós me pergunta aonde vou”? Ora, essa pergunta já fora anteriormente feita por duas vezes (por Pedro, em João, 13:36, e por Felipe, em João, 14:5). Aqui é uma insistência didática, para alertá-los quanto ao prosseguimento do ensino.

A partida corporalmente visível do Mestre entristece-os, pois não conseguem fazer substituir em seus corações o Cristo vivo, em lugar da matéria humana de Jesus. Mas é do interesse deles a partida.

Por que não poderia vir o Espírito verdadeiro, enquanto Jesus ali estivesse? Tomás de Aquino (S. Th. IIIa, q. 57, a. 1, ad 3um) diz que se trata de uma condição de fé.

Mas lembremos de um pormenor: Cristo ali estava presente, na humanidade de Jesus. Como O buscariam eles em si mesmos, se O tinham ali pertinho a conversar com eles? Daí as grandes realizações místicas, uma vez treinadas aos pés de um Mestre, deverem prosseguir com o discípulo afastado dele, a fim de experimentar sua força íntima.

O verbo *elegein* apresenta dois sentidos primordiais, sendo o primeiro mais amplamente empregado: “provar uma verdade”; deste decorre o segundo, como consequência inevitável: “provocar uma convicção na mente do interlocutor” (o que não deixa de ser provar uma verdade que convença”).

Aqui entramos em três pontos que precisam ser discutidos. As provas dadas referem-se a três assuntos que serão lançados ao longo dos séculos diante do “mundo”, a fim de provar-lhe o erro tremendo em que labora.

As provas dirão respeito:

1. ao erro (*perì hamartías*), porque os próprios homens que se dizem cristãos não Lhe foram fiéis;
2. ao ajustamento (*perì dikaiosynês*) porque, indo para o Pai, já não será visto o Cristo através de Jesus, sendo indispensável o encontro com o Cristo interno de cada um, *ajustando-se* a criatura à Sua sintonia vibratória;
3. ao discernimento (*perì kríseôs*) porque o dominador (*ho archôn*) deste mundo foi discriminado, ou seja, reconhecido (*kékretai de kríô*), e apesar disso, os cristãos ainda o seguem totalmente enganados, sem discernir o caminho certo do errado. E então o Cristo, apesar de sacrificado, é o vitorioso (cfr. João, 3:15 e 12:31-32) e esmagará o dominador deste mundo (cfr. João, 12:31; 14:30; 16:11; 1.ª João, 2:13,14; 4:9 e 5:19).

Em relação aos verdadeiros discípulos, o Cristo lhes revelara tudo o que podiam suportar e compreender naquela ocasião (cfr. João, 15:15) mas “ainda tinha muitas coisas que dizer” (*éti pollà échô humín légeín*) que eles não entenderiam.

Essas coisas, eles as obteriam do Espírito verdadeiro, do Eu profundo, quando atingissem pessoalmente esse estágio evolutivo, pois o Eu, o Espírito, os guiaria a toda a Verdade” (*eis tēn alētheían pāsan*).

Essa é a construção que aparece nos códices A, B, K, Delta, Pi, Psi, e se encontra em Tertuliano, Basílio, Epifânio, Crisóstomo, Teodoro, Teodoreto, Eusébio, Cirilo de Jerusalém, Novaciano e Hilário, e mais testemunhos que trazem o acusativo, embora o verbo *hodêgêô* reja o dativo; e isso é o que explica a frase corrigida em *áleph*, D, I, W e theta, que trazem *en tēi alētheíai pásei*.

A afirmativa de 16:13 (confirmando 14:26) é a promessa de que toda a Verdade lhes será revelada pelo Eu profundo ou Espírito verdadeiro, que lembrará tudo o que já foi dito e ampliará essas verdades com conhecimentos mais profundos.

Aí temos, pois, a certeza de que a revelação não terminaria jamais, contrariando, portanto, frontalmente, o decreto do Concílio Vaticano I (cfr. E. D. n.º 1.836) e o Decreto *Lamentabili* (cfr. E. D. n.º 2.021) que ensinaram, contra a afirmativa do Mestre, que “a revelação parou com a morte do último apóstolo”. Ao contrário, diz o Cristo que “verdades novas” aparecerão, que não destruirão Seu ensino, antes, o confirmarão plenamente, pois tudo vem da mesma fonte, o Pai, quer o que nos foi dito pelo Cristo pela boca de Jesus (João, 7:17; 8:26-40; 12:49 e 14:10), quer o que nos dirá o Espírito verdadeiro (João, 15:26).

Continuamos com a sublime lição, que cada vez mais aprofunda o assunto, explicando pormenores, penetrando profundidades místicas, elevando-se a altitudes divinas: só vão vê que não no queira.

O próprio Cristo, por meio de Jesus, e o próprio Eu de cada um de nós, pela voz silenciosa que em nosso âmago ressoa vibrante em ondas inaudíveis, avisa abertamente que todas as revelações que está fazendo têm a finalidade de evitar que sejamos enganados pelas vozes das sereias que nos convocam a unificar-nos com as coisas externas: uma igreja, uma imagem, uma bíblia, um médium, um Mestre. Muitos engodos levantam-se ao longo de nossa caminhada, desviando-nos de nosso objetivo único: “uma só coisa é necessária” (Luc. 10:42), a interiorização que Maria de Betânia estava fazendo, buscando encontrar o Cristo dentro de si, enquanto permanecia sentada aos pés de Jesus.

Mas vem o aviso oportuníssimo: “sereis excomungados”. Todo aquele que não quiser aderir “externamente” a uma igreja “externa”, será excomungado por não conformar-se com as ordens emanadas das “autoridades”, seguindo a maioria do rebanho. E mais que isso: será torturado e assassinado, buscando-se número de adeptos (quantidade) ao invés de elementos de alto valor intrínseco (qualidade). Realmente, estes fariam sombra às autoridades com lindas vestes talaes de seda e púrpura, cobrindo o vazio interior, quais “sepulcros caiados” (Mat. 23:27). E eles temem sempre perder as posições tão árdua e maquiavelicamente conseguidas.

Então, matem-se os verdadeiros cristãos “para maior glória de Deus”, esse Deus que é propriedade deles, e que eles manobram a seu bel-prazer, decretando quem deve ir ou não para o “céu”.

Tudo isto é feito, entretanto, porque eles desconhecem (não tem a gnose) do Pai nem do Filho, que falava através de Jesus e que poderia falar através deles, se Os conhecessem e se não estivessem tão absorvidos pelo barulho externo dos elogios mútuos, dos tambores da vaidade, das trombetas do orgulho e dos timbales do conhecimento.

O Cristo, para eles, ESTÁ MORTO. Tanto que só O representam, e só O mostram exânime e morto, pregado numa cruz, imóvel e calado, para que eles, “Seus representantes”, possam manter-se nas cátedras, ditando normas, gozando a vida e recebendo as homenagens do povo e sobretudo dos governos. Têm medo de deixar e propagar, entre o povo, o CRISTO VIVO, porque temem que, estando vivo, o Cristo fale diretamente às almas e eles percam o prestígio e sua “receita” diminua.

Mas eis que fomos avisados. E cada vez que olhamos esse comportamento esdrúxulo, devemos lembrar-nos das palavras de advertência do Cristo em pessoa. Se ouvíssemos apenas nossa voz interna a esse respeito, poderíamos ter dúvidas se acaso não proviria ela do inimigo. Proferidas, porém, pelo Mestre dos mestres, temos a certeza de que vem do Pai.

* * *

Novamente recorda o Cristo que, com o sacrifício de Jesus na cruz, ao dar o quinto passo iniciático, Ele - o Cristo Cósmico, que Se revelava como Cristo Interno de Jesus - Se recolheria junto ao Pai; e instiga a atenção deles com a indagação: “E nenhum de vós me pergunta: aonde vais”? Depois assinala a tristeza que está morando no coração deles, pois não confiavam ainda no Cristo interno de

cada um, e que Se manifestaria neles, o Espírito Verdadeiro, o Eu profundo. De fato, só teriam consciência plena dessa presença sublime, quando se retirasse da cena o intermediário visível e externo.

Portanto, é necessário e a eles convém que assim ocorra, pois se assim não acontecesse, nenhum deles conseguiria elevação pessoal, já que todos se encostariam em Jesus e Dele esperariam tudo.

Era preciso que Jesus saísse da presença física deles, como a ave que, ao ver os filhotes aptos a voar, se afasta do ninho, a fim de que, agulhoados pela fome, eles levantem vôo sozinhos na busca de alimento. Saindo Jesus, cada um deles sentiria o agulhão da fome espiritual, e então poderiam perceber em si mesmos a presença do Verdadeiro Espírito, o Advogado, que aprenderiam a chamar em seu socorro.

E quando tivessem alcançado esse ápice, em sua evolução humana, muita coisa seria compreendida, muita coisa que então não podia ainda ser dita, por falta de capacidade perceptora da parte deles e de experiência pessoal vivida.

Três coisas principais cita o Cristo, que acontecerão àqueles que tiverem obtido essa unificação crítica: três coisas que realmente experimentaram todos os místicos, mesmo cristãos, mas que, ou se abstiveram de dizê-lo, ou tiveram a imprudência de revelá-lo. No primeiro caso, descobrimos que eles compreenderam essas três “provas” por meio de seu comportamento; no segundo, receberam o castigo do que falaram: foram sacrificados como hereges ou como apóstatas, pois jamais as autoridades eclesiásticas admitiram que alguém lhes dissesse que estavam laborando em erro.

Analisemos as provas que serão dadas:

1.^a - PROVARÁ AO MUNDO A RESPEITO DO ERRO, PORQUE NÃO FORAM FIÉIS AO CRISTO. Essa revelação estardalecedora, que começaria a cumprir-se três séculos depois da ausência física de Jesus, é um dos pontos importantes e de maior eficiência se for compreendido, pois mostra ao cristão o caminho pelo qual pode libertar-se da escravidão a outros homens: “tereis a gnose da verdade, e a verdade vos libertará” (João, 8:32), deixando que o verdadeiro cristão experimente a “gloriosa liberdade dos Filhos de Deus” (Rom. 8:21), pois “Onde está o Espírito divino, aí está a liberdade” (2.^a Cor. 3:17). Qualquer jugo, de qualquer organização humana, eclesiástica, religiosa ou de qualquer natureza, cerceia a liberdade do cristão. Cada um tem que caminhar por si, livre, independente, absoluto, dentro da relatividade de seu plano evolutivo.

Ao encontrarmos, pois, o Cristo Cósmico, através de nosso Eu profundo ou Espírito verdadeiro, descobrimos o erro em que laboramos durante séculos ou milênios, em que vivemos mergulhados nas trevas da escravidão: vemos, em luz meridiana, que os que mais alto falam do Cristo, apregoando-se “cristãos” e “representantes do Cristo”, não Lhe foram nem são fiéis, pois palmilham uma estrada falsa, que leva para longe da meta, pois carrega todos para fora de si mesmos, em atos externos, cultuando imagens, beijando os pés de “Santidades”, extasiando-se diante de pompas coloridas e altissonantes, e esquecendo o local em que podemos encontrar facilmente o Cristo: no estábulo de nosso coração, cercado pelos animais de nossas paixões, ainda vivas e animalizadas.

Erro fatal, mas que tem a incomensurável virtude de fazer que os espíritos ainda não maduros, se vão acostumando aos atos de piedade, até que, pela experiência (pathê) viva em si mesmos, sintam no âmago de ser, qual o caminho certo da fidelidade total ao Cristo interno.

2.^a - PROVARE AO MUNDO A RESPEITO DO AJUSTAMENTO, POIS VOU PARA O PAI E JÁ NÃO ME VEDES. No vol. 29, pág. 122, demonstramos que o sentido de dikaiosyne não é apenas justiça, mas, nas lições iniciáticas de Jesus, é sobretudo AJUSTAMENTO. Modernamente, está generalizada a compreensão desta nossa afirmativa: uma sintonização bem JUSTA de nosso rádio receptor é aquela que se AJUSTA perfeitamente à frequência da onda da estação emissora, produzindo uma recepção em alta fidelidade. Assim, o ajustamento ao Cristo interno, pois a Ele devemos ajustar-nos como a mão na luva, como uma dentadura ao palato, como um parafuso à porca, como o êmbolo à seringa.

Esse ajustamento nosso ao Cristo interno é essencial, indispensável, insubstituível: porque, afastando-se Jesus fisicamente e indo para o Pai o Cristo Nele manifestado, só com esse ajustamento perfeito podemos manter-nos na faixa vibratória certa, que nos revela a Verdade.

Embota durante milênios a humanidade, mesmo a dita “cristã”, não tenha entendido isso, a verdade está clara e taxativa nas palavras do Mestre: bastaria atentar para o sentido místico dos termos empregados, ao invés de prender-se à letra gramatical usual no povo profano. Mas isso só é dado com a experiência vivida, como já o foi por tantos cristãos que, todavia, não tiveram a preocupação de explicá-lo, satisfazendo-se em viver o ensino para si mesmos. E com isso atingiram eles o ápice, mas o mundo profano continuou ignorando o sentido exato das palavras evangélicas.

3.^a - PROVARE AO MUNDO A RESPEITO DO DISCERNIMENTO, PORQUE O DOMINADOR DÊSTE MUNDO FOI RECONHECIDO (ou discriminado). *Ora, uma vez reconhecido o ditador do mundo, e discriminado o caminho certo do errado, não há desculpa para o lamentável engano que ainda predomina entre os cristãos. Sabem que o reino do antagonista é o mundo com suas vaidades e exterioridades; sabem que o corpo físico, ou melhor, a personagem intelectual é o adversário mais ferrenho e rebelde do Espírito e, não obstante, deixam-se ludibriar pelos engodos do “Espírito mentiroso”, e não seguem o “Espírito verdadeiro” que está no imo de cada um de nós. Mais: que é nosso verdadeiro EU.*

Quando, pois, unificados com o Eu profundo, tivermos a certeza plena da Realidade do Todo, teremos a prova irrecusável de que só poderemos evoluir quando renunciarmos, até o âmago, às influências e encantos do “dominador deste mundo”, que por nós já terá sido perfeitamente reconhecido: negaremos, então, a personagem transitória, tomaremos nossa cruz, e por ela elevaremos nossa consciência “atuar até a Individualidade eterna, aniquilando nosso eu pequeno e deixando que nosso verdadeiro Eu assuma o controle de tudo, sob a orientação do Cristo Interno. E então, mas só então, poderemos dizer que não é nosso eu pequeno que vive, mas é o Cristo que vive em nós (Cfr. Gál. 2:20).

Quanta coisa poderia ter sido ainda ensinada a nós pelo Cristo de Deus através de Jesus! Mas como pretendê-lo, se o atraso da humanidade era tão grande, que tudo foi interpretado mal pela maioria? Daí ter que esperar o Espírito que as criaturas progredissem por meio do conhecimento científico, para então a elas novamente revelar-se em conceitos mais profundos e sólidos, como ocorreu, por exemplo, através da revelação que nos veio por meio de Pietro Ubaldi, na “Grande Síntese”. Que teriam compreendido os discípulos de então, dessas verdades elevadas, baseadas numa ciência que só agora está sendo conquistada, vinte séculos depois deles?

Muitas coisas, sim, teria o Cristo que dizer através de Jesus. Mas não desanimemos: Ele no-las dirá por meio do Espírito verdadeiro, que é nosso Eu profundo, que “nos levará a toda a Verdade”.

E isso, porque nosso Eu profundo “jamais falará por si mesmo - característica vaidosa do eu pequeno intelectualizado e cheio de empáfia - mas repetirá o que ouvir, revelando-nos o que virá”.

O Cristo operará, em todos aqueles que a Ele se unificarem, uma transformação radical, uma troca de substância (transsubstanciação) e o Eu profundo será unificado ao Cristo interno, e o Eu será transsubstanciado na Divindade, e nos dirá o que tiver obtido diretamente do Cristo Cósmico e do Pai ou Verbo (o Som que dá a tônica para a existência dos universos no Todo e em suas partes infinitesimais.

“Tudo o que o Pai tem, pertence também ao Eu”. Essa revelação é uma das mais profundas e elevadas que nos foi até agora dada a conhecer. Mas pode compreender-se bem.

Sendo o Pai Aquele SOM que nos deu origem e ainda constitui a vibração que sustenta nossa vida, e sendo nós também uma vibração em processo de elevação lenta mas irresistível de subida de frequência, nós somos o Pai, porque somos Sua essência individuada e exteriorizada em nossa existência. E nada temos, que não seja o Pai em nós; e nada possui o Pai em Si, que não transmita a nós. E tudo isso, através do Cristo Cósmico, o Filho Unigênito, que constitui nossa essência profunda, já que o Cristo é, precisamente, o resultado vivo da vibração da Vida.

Então, tudo o que o Eu profundo trazer à nossa mente, é recebido da tônica do Pai, através da vibração cristônica.

Que podemos ambicionar mais, na vida, do que atingir esse ápice divino?

ALEGRIA MÁXIMA

João, 16:16-23a

16. “Um pouco e já não me contemplareis, e de novo um pouco e me percebereis”.
17. Perguntaram, então (alguns) de seus discípulos uns aos outros: “Que é isso que nos diz: um pouco e já não me contemplareis e de novo um pouco e me percebereis? E: “porque vou para o Pai”?”
18. Diziam, pois: Que é isso “um pouco”? Não sabemos o que diz.
19. Percebeu Jesus que queriam interrogá-lo e disse-lhes: “Indagais sobre isso entre vós, porque eu disse: um pouco e não me contemplareis e de novo um pouco e me percebereis.
20. Em verdade, em verdade vos digo, que chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará; vós vos entristecereis, mas vossa tristeza se tornará alegria.
21. A mulher, todas as vezes que pare, tem tristeza, porque vem a hora dela; mas todas as vezes que nasce a criança, já não se lembra da aflição, por causa da alegria, porque nasceu um homem para o mundo.
22. E vós, então, agora, na verdade, tendes tristeza; mas de novo vos verei e vosso coração se alegrará, e ninguém arrebatá de vós essa alegria”.
- 23a Naquele dia nada me perguntareis”.

Uma frase, lançada em meio à lição, perturba os discípulos; o Mestre dissera que iria para o Pai. Era o Cristo que falava, e eles estavam entendendo que era o Jesus humano. Agora diz que “brevemente não me contemplareis e de novo mais um pouco e me percebereis”. Essa contradição os deixa atônitos.

* * *

Antes de prosseguir, porém, analisemos os verbos *theôrêô* que, conforme vimos (vol. 3) é mais usado na acepção intelectual, de “ver mentalmente”; e *horáô*, que exprime sobretudo a visão física (vol. 1; vol. 3), mas também indica percepção (vol. 4), conforme lemos em Sófocles (Édipo em Colona, 138) onde Édipo, cego, diz: “vejo pela voz quem fala” (*phônêi gàr hórô tò phatizómenon*).

O emprego de *horáô* (74 vezes nos Evangelhos) é muito mais frequente que *theôrêô* (35 vezes, menos da metade) e os significados dos dois não obedecem a uma distinção definida. Mesmo dentro do Evangelho de João, observamos que o sentido dos dois é praticamente igual, tanto um como outro referindo-se ora à visão com os olhos físicos, ora à percepção ou à intuição; e lembremo-nos de que a palavra “intuição” vem do verbo latino *intuéri*, que significa “ver” (1).

(1) Quanto à frequência no Evangelho de João, temos: **theôrêô** (20 vezes) em 2:23: 4, 19; 6:19, 40, 62; 7:3; 8:51; 9:8; 10:12; 12:19, 45; 14:17.19; 16:10, 16, 17, 19; 17:24; 20:6, 12, 14. E **horáô** (31 vezes) em: 1:18, 34, 39, 50, 51; 3:11, 32, 36; 4:45; 5:37, 6:2, 36, 46 (2x); 8:38, 57; 9:37, 1:40; 14:7, 9 (2x); 15:24, 16:16, 17, 19, 22; 19:35, 37 e 20:18, 25, 29.

Estavam, pois, os discípulos sem entender a expressão “um pouco” (*mikrón*) que assinalaria o fato de eles novamente “O verem”, com a assertiva da ida para o Pai, que parecia definitiva.

O Mestre percebe a dúvida e a explica com magnífico exemplo: o parto da mulher. Após sofrer durante meses o peso em seu ventre, chegam as dores que a fazem aguardar com apreensão “sua hora”. Mas também isso passa. E logo que a criança surge à luz, a alegria de mulher supera todas as angústias anteriores. Assim sucederá com eles.

Os comentadores, que em geral só percebem a materialidade, através da letra, interpretam o episódio como referindo-se ao fato da “ressurreição”: um pouco de tempo, e serei sacrificado na cruz; mais um pouco de tempo e me vereis ressuscitado e voltará vossa alegria, pois comprovareis que não morri.

A lição é muito mais profunda do que possa parecer à primeira leitura. Não nos esqueçamos de que o Cristo ali estava a falar através de Jesus. Não interessava, pois, o fato de o corpo físico de Jesus aparecer de novo a eles ou não. Era algo mais profundo, mais maravilhoso, mais espiritual. Nem se compreenderia que se perdesse tempo com fatos banais e transitórios, que ocorreriam naquelas horas, quando a humanidade teria que aproveitar e absorver, pelo aprendizado, durante milênios, aqueles ensinamentos. Na hora do embarque de um filho para países distantes, um pai amoroso não se preocupará em dar avisos a respeito de como entrar no avião, nem de como sentar-se, mas aproveitará todos os minutos para elucidá-lo a respeito de sua vida nesses países desconhecidos, onde permanecerá durante anos. Por que suporíamos Jesus menos inteligente e menos prudente que nós? E por que atribuiríamos ao Cristo, naquela oportunidade maravilhosa, a mesquinha preocupação de dar avisos para as emoções dos discípulos, ao invés de aproveitar o ensejo para aprofundar Suas lições sublimas?

A tônica geral das últimas lições é constituída pelo ensino da manifestação que teriam do Cristo interno. O assunto explanado era Seu regresso, por meio do Advogado (Espírito verdadeiro ou Eu profundo), que os conduziria pessoalmente a toda a verdade, que os esclareceria a respeito dos erros, do ajustamento individual indispensável e do discernimento da verdadeira Senda; e que por fim chegaria mesmo a transubstanciar o Eu, pois receberia tudo diretamente do Cristo e lhes comunicaria.

Chegando aí, explica por que dissera que convinha a eles que Ele voltasse ao Pai, pois se não fosse, eles não teriam possibilidade de receber o Espírito verdadeiro.

Agora diz-lhes que não transcorrerá muito tempo entre uma coisa e outra. Eis, portanto, que se trata do mesmo assunto: breve será minha ausência visível através de Jesus, pois breve vos verei de novo e vós me percebereis DENTRO DE VÓS MESMOS; nós nos encontraremos e nos reuniremos para todo o eon.

A materialidade humana e o materialismo típico das personagens dominava ainda os discípulos, como até hoje preside aos comentadores, que querem entender tudo dentro do limitado âmbito do corpo físico, de suas emoções, de seu intelectualismo horizontal e rasteiro. Daí a confusão e a dúvida que deles se apoderou.

O primeiro esclarecimento é dado por uma frase iniciada pela fórmula solene, a fim de ser memorizada: “Em verdade, em verdade vos digo”. Depois é feita a comparação entre a Individualidade espiritual que busca o Cristo, e o “mundo” que se farta de prazeres: “vós chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará”.

Não interpretemos isso como em geral se faz: o mundo se alegrará PORQUE nós sofremos. Não, o caminho natural é que o buscador do Cristo sofra, enquanto os gozadores do mundo se alegram, sem nem se preocuparem com os outros, que eles desprezam e ridiculizam. Essa é a posição normal de toda a humanidade em todas as épocas e em todos os climas. Em contraste com a alegria externa e esfuziante do carnaval da vida física, constitui uma sombra a mendicância do Espírito, acompanhada pelo choro ansioso do buscador do Cristo. Já fora isso dito: “Felizes os que mendigam o Espírito, porque deles é o reino dos céus. Felizes os que choram, porque serão consolados” (Mat. 5:3,4). E aqui é repetida a lição: “vós vos entristecereis, durante a busca, mas vossa tristeza se tornará alegria”.

E o exemplo dado da mulher que tem um filho, dentro de nossa interpretação é muito mais real e profundo do que a interpretação vulgar até hoje apresentada.

De fato, a busca do Cristo interno pode comparar-se às ocorrências normais da vida de toda criatura, mormente das mulheres, pois todo o transcorrer da vida no planeta, é um exercício de aprendizado para os planos superiores. Nada é inútil, tudo é necessário. A Vida, preparou para todas as criaturas,

na existência física terrena, uma lição que deve ser vivida e praticada diariamente, e que servirá de ensino prático para todos os que têm olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração de entender. Abramos os olhos, e o LIVRO DA VIDA nos preparará para a evolução total. Analisemos.

Inicialmente, quando “criança” (espírito novo), não há preocupações com a vida “íntima”, buscando-se apenas folguedos, brincadeiras, jogos, distrações, esportes, e preparo intelectual ou seja, a criança (o espírito recém-humanizado) só se ocupa com as sensações, as emoções e o intelecto, cultivando-os, o que também é indispensável a seu crescimento.

Ao começar o amadurecimento do Espírito, vêm chegando as angústias e ânsias, incompreensíveis de início, até que se descobre que se está dando o nascimento do AMOR, a vida íntima que desabrocha. Sente a moça a necessidade de encontrar uma complementação íntima para a vida do coração, e começa a buscar alguém que a ela se una, a sua “metade” que lhe falta e que a completará. É o Espírito que aspira a encontrar seu Eu profundo, representado no Homem que deverá chegar, para nela colocar a semente do Cristo interno. Esse simbolismo belíssimo foi dado no nascimento de Jesus, numa lição imperecedora. Maria encontra e é fecundada por um homem, cujo nome é dado; mas como ele representava o Espírito verdadeiro, o Eu profundo, o Espírito Santo, aboliu-se a união humana e apenas se fala na descida desse Espírito (Eu profundo) que envolveu Maria em Sua sombra. Por isso o evangelista deixa de lado José e só fala no Eu profundo que se une a Maria e produz o nascimento do Cristo.

Depois vem a fase do namoro e do noivado (assinalada no Evangelho em relação a Maria), quando o Espírito julga ter descoberto sua contraparte que o completará, reintegrando-se a unidade bipartida.

Ao atingir o matrimônio, dá-se o primeiro contato, a primeira união com o Eu profundo: a mulher, realmente penetrada, em profundidade, pelo Eu superior, sente a máxima felicidade: unificou sua personagem com sua Individualidade. Mas não se satisfaz: quer ir além. E essa comparação da união com o Eu pelo matrimônio, está nos textos de todos os místicos, de qualquer corrente, e até na Bíblia, que classifica de “adultério” o afastamento do eu pequeno ao buscar consolações exteriores ao Eu profundo.

Após haver conseguido vários “encontros” e bastantes “contatos”, representados sempre pela união sexual, em que temos “dois corpos formando um só corpo”, começa a surgir no imo do coração da mulher o desejo ardente de produzir o ‘fruto’ desses encontros: o FILHO, trazido a ela pela Individualidade, pelo Espírito verdadeiro: é o Cristo, que se vai plasmando lentamente em suas entranhas.

Durante todos os meses de gravidez, quando o buscador já sente em si a presença do Cristo, mas ainda não O encontrou, em Sua plenitude, a mulher sente dores, torturas, temores de toda espécie, mas passa a pensar exclusivamente no Cristo: no filho que vai nascer.

É o período de sofrimento que sempre antecede o nascimento do Cristo em nós, denominado pelos místicos como a “noite escura” (cfr. vol. 3). Ao aproximar-se a “hora” mística, aumentam as apreensões e as dores de parto chegam “como um ladrão à noite”, de que fala o próprio Cristo (Mat. 24:8 e Marc. 13:8; vol. 7) e que Paulo glosou (1.ª Tess. 5:1-3).

No entanto, terminado o trabalho de parto, ao surgir a criança, a mulher experimenta esquecimento total das dores e aflições, pois tem diante de seus olhos o novo homem que produziu. Então se torna completamente MULHER, amadurecida, tal como o Espírito que fez nascer em si o Cristo, se torna ADEPTO. Assim também o buscador do Cristo esquece todas as angústias e ânsias, ao contemplar o Cristo que nele nasceu e que vem “morar”, juntamente com o Pai, em seu âmago.

E se, naquele momento os discípulos estavam tristes, que tivessem a certeza de tratar-se de um estado passageiro, pois o Cristo voltaria a eles, de novo os veria, e eles O perceberiam, e então a alegria mais radiante encheria seus corações, alegria que ninguém, jamais e em nenhuma hipótese, teria capacidade de arrebatá-los.

A ORAÇÃO

João, 16:23b-33

23. ... “Em verdade, em verdade vos digo, se algo pedis a meu Pai em meu nome, ele vos dará.
24. Até agora não pedistes nada em meu nome: pedi e tomei, para que vossa alegria seja completa.
25. Essas coisas vos falei em parábolas: virá a hora em que já não vos falarei em parábolas, mas abertamente vos anunciarei a respeito do Pai;
26. naquele dia, pedireis em meu nome e não vos digo que eu rogarei ao Pai por vós,
27. pois o próprio Pai gosta de vós, porque vós me amastes e crestes que eu saí de Deus.
28. Sai do Pai e vim ao mundo, de novo deixo o mundo e volto ao Pai”.
29. Disseram seus discípulos: Eis que agora falas claramente e não falas mais em parábolas:
30. agora vemos que sabes todas as coisas e não tens necessidade de que alguém te pergunte; nisso acreditamos que saístes de Deus.
31. Respondeu-lhes Jesus: “Agora credes?”
32. Eis que chega a hora, e já chegou, para serdes dispersados, cada um para seu próprio (lado), e me deixareis só; mas não estou só, porque o Pai está comigo.
33. Eu vos falei estas coisas, para que tenhais paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende bom ânimo: eu venci o mundo”!

A afirmativa, precedida da fórmula solene *âmen*, *âmen* (em verdade, em verdade), constitui uma reafirmação da promessa já feita: uma vez mais se reforça a garantia de serem atendidas as orações, e agora também é repetido: “se pedis ... em meu nome” (como em João 14:13, 14, 26; 15:16; 16:23 e 24:26).

Assevera, em seguida, que até aquele momento, nada fora por eles pedido “em seu nome”. E insiste: “Pedi e *tomai*, para que vossa alegria seja completa”. Interessante observar que não repete “recebereis”, mas adiante logo “tomai”.

Outro ponto salientado é que não mais falará o Cristo em parábolas, mas abertamente e, nessa ocasião, o Pai atenderá diretamente a cada um, em vista do amor Dele para com Suas criaturas.

A frase “saí do Pai” é dada em duas formas, segundo os códices: *ek tou patrós* (em B, C, L, 33 etc.) e *parà tou patrós* (em aleph, A, delta, theta, etc.).

Embora semelhantes, as duas formas diferem substancialmente, equivalendo à distinção de sentido existente entre as preposições latinas *ex* e *ab*. A primeira denota uma saída de dentro para fora, do centro para a periferia, do âmago para a superfície; a segunda um afastamento *a látere*. A discussão interessa à teologia. Se não for bem interpretada em profundidade, essa frase, assim como está construída, pode dar como resultado a confirmação de uma dualidade de essências (tanto de existências como de substâncias), pois pode entender-se que o mundo está *fora* do Pai topograficamente.

Com a notícia de que “saíra do Pai e viera ao mundo, e agora saía do mundo e voltava ao Pai”, os discípulos se alegram, abrindo-se-lhes o rosto em largo sorriso de satisfação incontida. Julgaram que finalmente haviam entendido o processo realizado por Jesus: estava com o Pai de onde saíra para encarnar na Terra: agora desencarnava na Terra para regressar para junto do Pai.

Mais uma vez, com isso, fala o Evangelho tranquilamente no fato da *reencarnação*, sem explicá-la, porque era teoria francamente aceita sem a menor dúvida por todos. Diz-se que o Espírito de Jesus saiu do Pai e reencarnou no mundo, como ocorre com todas as criaturas sem exceção, a cada dia e a cada minuto. Nada de estranhar, para quem esteja a par do processo natural reencarnatório. Só não o vê, quem não quer, ou não pode, por falta de capacidade intelectual ou por deformação intelectual plasmada desde os primeiros anos de vida atual.

Para os discípulos, plenamente conscientes do fenômeno reencarnatório, a frase constituiu uma revelação de meridiana clareza: não há mais necessidade daquelas parábolas que tanto torturavam suas inteligências pouco afeitas à filosofia. A declaração taxativa constitui para eles prova categórica de que seu Mestre “sabia tudo”, revelando-nos que, apesar do diuturno contato com eles, a didática metafórica utilizada no ensino de Jesus deixava, se não em todos, pelo menos na maioria, certa dúvida a respeito da competência do professor ...

Mas agora eles têm a prova de que seu Mestre sabe: E fala tão claro, que não há mister fazer perguntas! Em vista disso, surge neles a convicção de que realmente saiu de Deus!

O Mestre não pode evitar de fazer ironia: “só agora acreditais”? Deve ter sentido pequeno choque íntimo: de que tinham valido aqueles longos dias de pregação, de curas, de demonstração de poderes extraordinários, de sacrifícios, de bondade? ... Só agora acreditais?!

Mas já é bem tarde, por que está soando a hora em que todos serão dispersados, cada um para seu lado, e Ele será abandonado por todos, e na solidão da águia que nas alturas se libra, enfrentará sozinho o grande passo da dor! ... Só? Não: o Pai estará sempre com Ele, habitando em Seu coração divino que se humanizou por amor às Suas criaturas.

Apesar de tudo, Seu amor não se perturba: “Falei-vos isso para terdes paz em mim.”

Porque o mundo lançará sobre todos os discípulos o sofrimento que tortura e pisa. Mas que não desanimem, porque “Eu venci o mundo”. Unidos a Ele, também os discípulos vencerão todo o arroxo das incompreensões e das perseguições.

Vamos continuando a receber ensinamentos cada vez mais profundos e elevados a um tempo. E como a prece é uma necessidade vital para a criatura humana, para que o periférico não perca contato com o central e o superficial não deixe de ligar-se ao âmago, e a criatura não se desligue do Criador, e o filho não se isole do Pai, e a Centelha não se destaque do Foco de Luz - assim nesta hora solene de despedida de Sua posição sensível volta o Cristo a repetir o ensino, do qual, logo a seguir (cap. 17) dará o exemplo vivo, na prece pela unificação de todas as criaturas com a Divindade.

Reitera a promessa, que é uma garantia absoluta. Mas já agora, podemos analisar aqui, em profundidade metafísica, Suas palavras. Recordemos, antes, que NOME é “a manifestação externa da essência profunda”. Isto é, o nome “mesa” exprime a essência profunda desse objeto, seja qual for seu tamanho, sua altura, sua forma, ou a matéria de que seja feita: “mesa” é a manifestação externa da essência desse objeto. E assim ocorre com qualquer outro exemplo: cinzeiro, cão, bananeira, quadrado, laranja, menina, ametista, rosa, Pitágoras, etc.

Ora, pedir em meu nome exprime, nestas circunstâncias, um sentido muito mais amplo do que se possa supor à primeira vista. Não basta dizer com palavras: “Pai, eu te peço em nome de Jesus” Cristo Teu Filho”! Não! Aqui não se ensina nem se exige qualquer fórmula mágica e ritualística, para que o resultado seja garantidamente conseguido. Nada disso. Essa fórmula é empregada em milhares de preces tradicionais durante milênios, sem que a resposta tenha obrigatoriamente chegado. E o Cristo, bem o sabemos, não pode mentir. De que se trata então?

Se o NOME é a manifestação da essência profunda, a expressão “em meu nome” significa logicamente EM MINHA ESSÊNCIA.

Explicamos: se realmente tivermos conseguido aquilo que o Cristo ensinou pela boca de Jesus, ou seja, se tivermos unificado nosso espírito (personagem) com nosso Espírito (individualidade ou nosso

Eu profundo), e se tivermos unificado esse nosso Eu profundo com o Cristo ou Mônada divina residente em nosso coração, nós verdadeiramente estaremos NA ESSÊNCIA do Cristo, teremos mergulhado (batismo) e penetrado (matrimônio) no Nome sacrossanto de Cristo, diante do Qual se dobra todo joelho dos que estão nos céus, na Terra e debaixo da terra” (Filip. 2:10).

Então se nessa situação, “se em minha essência (ou “em meu nome”) pedis algo a meu Pai, Ele vos dará”.

Com essa condição de cristificados, por sermos UM com a essência crística, bastará querer para que se realize o desejo; se tivermos fé (isto é, fidelidade harmônica ou sintonia vibratória), embora não estejamos nos mais elevados graus do adepto; mas ainda que esse contato seja um ponto minúsculo “como um grão de mostarda”, já teremos poderes insuspeitáveis para o homem comum (profano). O que se não dará, portanto, se já nossa posição estiver assegurada pela unificação com a essência crística, com Seu Nome! Essa é a meta.

E o Cristo, quase numa repreensão, admoesta Seus discípulos: “Até agora nada pedistes em meu nome!” Com Jesus ali presente, Nele confiavam, não experimentando a necessidade angustiosa de gritar por socorro: Jesus supria-lhes as deficiências espirituais, psíquicas e físicas. Mas o aviso serve para o amanhã deles e para o nosso hoje.

É de notar-se a segunda parte da proposição, onde mais não se repete pedi e “recebereis”; categoricamente o Cristo afirma: Pedi e TOMAI. A ação (érgon) é tão automática, que bastará mentalizar o desejado e estender a mão para segurá-lo. Então, nessa hora, “nossa alegria será completa”, pois estaremos unificados com o Cristo e, logicamente com o Logos (Som criador), e nossa vontade será a Vontade do Criador. Portanto, também criaremos tudo o que desejarmos, no momento exato em que o desejamos.

Prudentemente, isso não é concedido a quem não tenha conseguido essa unificação: poderia pedir e obter coisas prejudiciais à sua evolução espiritual. Daí as dificuldades encontradas nessa estrada pelas criaturas: só ao atingir esse altiplano evolutivo, quando já adquiriram capacidade de discernimento perfeito, é que terão esse dom divino, pois nesse estágio saberão sempre o que pedir corretamente.

E isso que explica o grande poder (exousía) e a grande força (dynamis) de Jesus, ao realizar as curas maravilhosas, cujo relato lemos nos Evangelhos. Ao atingir esse ponto não correremos risco de dirigir nosso desejo para coisas externas e pedras de tropeço para nós e para os outros pois, tendo a visão nítida da essência das coisas, que vemos através dos olhos do Pai, sabemos o que será melhor para adiantar a evolução espiritual de cada um.

Que essas palavras possuam esse “sentido oculto”, não há dúvidas: o Cristo no-lo avisa aqui mesmo: “até agora vos falei em parábolas”. Inclusive as palavras que acabamos de analisar constituem parábolas, comparações, cujo significado só mais tarde nos seria revelado: “virá a hora em que já não vos falarei em parábolas, mas abertamente vos anunciarei a respeito do Pai”. É o que ocorre hoje, e por isso podemos claramente revelar o sentido profundo de Suas palavras.

Quando chegar essa oportunidade, e tivermos conseguido ser UM com o Cristo e com o Pai, então “pediremos em nome do Cristo” ou seja, pediremos vivendo na essência do Cristo. E Ele acrescenta, esclarecendo mais: “não vos digo que eu, o Cristo, rogarei ao Pai por vós, pois o próprio Pai vos ama, tendo em vista que me amastes e que crestes que saí de Deus”. Claro. O amor, amor de união profunda, de unificação de dois Espíritos num só Espírito, matrimônio místico inconcebível ao ser humano profano, faz-nos sentir que o Cristo é uma individuação da Divindade.

Aqui temos que interpretar o texto original com todo o cuidado. O grego geralmente aceita e as traduções vulgares trazem “saí de Deus”. Ocorre, porém, que falta o artigo diante do termo theós nos melhores testemunhos (no papiro 5, em aleph original, em A, theta, 33 em Crisóstomo, etc.) o que dá um sentido todo especial. Não se trata de um Deus (ho theós), ou seja, “O DEUS dos judeus ou cristãos”, mas da DIVINDADE, o Pensamento Inteligente a Absoluto (cfr. H. Rohden, “Que vos parece do Cristo”?, ed Sabedoria, Rio, 1970).

Logo a seguir, o Mestre explica com toda a clareza o pensamento: num simples versículo, englobou todo o complexo involução-evolução do ser (que Pietro Ubaldi explicou em “Deus e Universo” e em “A Grande Síntese”). Realmente, já o vimos em volumes anteriores (cfr. sobretudo vol. 3), que o Espírito Santo (Luz Incriada, Divindade Absoluta, Potência), ao entrar em Ato se manifesta sob o 2.º aspecto de Som Criador (Logos, Verbo, Pai) e o resultado é o Cristo (ou Filho), que aqui afirma taxativamente que “saiu do Pai” (ek tou patrós), da substância e essência do Pai, chegando até a matéria; e agora, tendo de há muito completado o ciclo vibratoriamente descendente, e estando no estágio elevadíssimo da aquisição de mais um degrau no ciclo ascendente, “volta ao Pai”.

Eis um resumo esquemático:

descida: LUZ (Divindade) - SOM (Pai, Verbo) - MATÉRIA (Filho)

subida: MATÉRIA (átomo) - ENERGIA (psiquismo) - ESPÍRITO (divinização)

A teologia denomina isso com uma palavra especial: “O Filho procede do Pai.” Mas a palavra usada pelo Cristo é “sair de dentro de” (ek poreûô), e não um simples “proceder”. Para melhor compreensão, podemos utilizar um exemplo grosseiro e imperfeito: é como o vapor que sai da água, conservando, porém, a mesma substância (dôxa), a mesma natureza (ousía), a mesma vida (zôê), a mesma força (dynamis), a mesma potência (exousía), a mesma ação (érgon), a mesma plenitude (plêrôma), embora sob um aspecto diferente, e com diferente atividade (orgê).

Como vemos, temos aqui as mais sublimes lições em termos simples e concisos, registrados no Evangelho de João. No entanto, não esqueçamos que se trata de mero resumo esquemático do ensino dado, para que fosse passível de ser lido também por profanos. Em sua incapacidade de penetrar o âmago do ensino, ficariam na periferia, admirando a beleza e entendendo dele e dele extraindo apenas o sentido literal (pedra com que construiriam templos magníficos), ou no máximo o sentido alegórico (água, com que “fariam” cristãos, pelo batismo), mas sem conseguir penetrar no simbolismo místico profundo (vinho, pois o utilizado na “missa é pura matéria). Só quem bebeu o vinho da sabedoria poderá assimilar em si o significado real dessas palavras.

A lição deve ter descido a esses pormenores, embora não registrados, porque perigosos, já que não se deve dar pérolas aos porcos (seres animalizados) nem coisas santas aos cães” (profanos) conforme lemos em Mateus (7:6).

Disso constitui prova irrefutável a alegria que manifestam os discípulos, regozijados pela visão clara da Verdade: “Agora falas abertamente, e não em parábolas; agora vemos que sabes todas as coisas, sem que precisemos perguntar; agora vemos que saíste da Divindade” (aqui novamente sem artigo).

A expressão alegre é bem recebida pelo Cristo, mas não pode deixar de manifestar Sua estranheza, porque “só agora” chegaram a essa conclusão, depois de tantas vezes haver explicado a mesma coisa: “só agora credes? Agora que está chegando a hora, ou melhor, que já chegou a hora em que se-reis dispersados cada um para seu lado deixando-me só”? Aqui descobrimos, em evidência, a interferência da humanidade de Jesus, da personagem que, embora unificada com o Cristo, não perdeu suas características de ser humano. Com Sua sensibilidade apuradíssima, sabe que todos fugirão temerosos diante do grande passo iniciático sangrento que está para dar, com a avalanche de violência que sobre Ele se derramará por obra dos homens. Isso atemorizará os discípulos que fugirão, com medo de serem envolvidos pelo turbilhão de força que, pela Vontade divina, se elevará do Anti-Sistema, para “provar” ou experimentar (páthein) qual o grau evolutivo da força íntima de Jesus, a ver se era capaz de submeter-se sem medo à morte violenta “de Osíris”, tal como ocorrera, milênios antes, com aquele outro Avatar.

Logo a seguir, levanta Seu ânimo forte, quase arrependendo-se do que dissera: “Mas não estou só: porque o Pai está comigo”! Seu átimo de fraquejamento humano é logo corrigido pela voz do Cristo, que Lhe recorda que, sendo Ele e o Pai UM, jamais poderá o homem que vive Neles, em quem Eles vivem, considerar-se só; poderá ser abandonado pelas “Centelhas” encarnadas, mas que importa, se Ele está no Foco irradiador das Centelhas? Que importa se as faíscas que partem da fogueira se afastem do tronco que arde, se este continua no coração da pira?

Já dissera tudo o que lhe fora possível dizer.

Profere então o fecho da lição: “Disse-vos essas coisas para que tenhais paz em mim”. E é apenas isso que vale: a PAZ, mas a PAZ do Cristo, tema que será retomado ao final do encontro, depois que houver proferido a oração pela unificação da criatura com o Criador. Com essa PAZ no coração, podiam ter confiança tranquila e ânimo forte, pois Ele mesmo já vencera o mundo.

Todo o transcurso percorrido no Anti-Sistema, toda a peregrinação pela área do pólo negativo, foram superados pelo Cristo interno na pessoa humana de Jesus, como o está sendo em cada um de nós: “e é com o fim de vos preparar para isso, que venho fazendo convosco - desde os movimentos primitivos da matéria até o Espírito - tão longa viagem” (P. Ubaldi, A Grande Síntese, cap. 80, pág. 312).

Depois de toda essa escalada, em inúmeras encarnações e reencarnações nos reinos mineral, vegetal, animal e hominal, segue agora para encarnar no reino celestial ou reino de Deus. Haverá prova maior, mais positiva, mais clara, mais evidente do fato incontestável da reencarnação de todos os seres? Que ensino mais convincente que este? o circuito realizado pela Centelha divina individuada, através de todas as formas que gradativamente a Mônada vai plasmando e forçando, de dentro para fora, a evoluir, até atingir o ápice do processo, ao passar do hominal ao angélico, do reino humano ao reino de Deus. Sem a encarnação e a reencarnação, jamais seria isso possível.

Cumprida toda essa escalada, após “ter vencido o mundo”, ou seja, o Anti-Sistema, “deixa o mundo e volta ao Pai”. Vitória total, absoluta, irrefutável, que poderá ser obtida e DEVERÁ ser obtida por todas as criaturas humanas, por todos os seres, mais rápida ou mais vagarosamente, de acordo com o Amor que vibre dentro de cada ser e da compreensão de cada um a respeito da realidade e da Verdade.

O Cristo nos guia à Verdade e à Vida, pois Ele constitui, dentro de nós, o único caminho que leva ao Pai e ao Espírito.

E agora acompanhemos, de joelhos se possível, a grande Prece que o Cristo dirige ao Espírito, à Luz Incruiada, ao Absoluto, em Seu aspecto de Pai, de Som criador, de Logos divino.

UNIFICAÇÃO COM DEUS

João, 17:1-26

1. Jesus falou essas coisas e, levantando seus olhos para o céu, disse: “Pai, chegou a hora: transubstancia teu filho, para que o filho te transubstancie.
2. Do mesmo modo que lhe deste poder sobre toda carne, para que dê vida imanente a todos os que lhe deste.
3. A vida imanente, porém é esta: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e quem enviaste. Jesus Cristo.
4. Eu te transubstanciei sobre a Terra, completando a ação que me deste para fazer.
5. E agora transubstancia-me tu. Pai, em ti mesmo, com a substância que (eu) tinha em ti antes de o mundo ser.
6. Manifestei tua essência aos homens que me deste do mundo. Eram teus e mos deste e realizaram teu Logos.
7. Agora conheceram que todas as coisas que me deste estão em ti.
8. Pois as palavras que me deste, dei a eles, e eles receberam e souberam verdadeiramente que saí de ti, e creram que tu me enviaste.
9. Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus.
10. E tudo o que é meu é teu, e o que é teu é meu; e neles sou transubstanciado.
11. Eu já não estou no mundo, mas eles estão no mundo; eu vou para ti. Pai Santo, guarda-os em tua essência que me deste, para que sejam um assim como nós.
12. Quando eu estava com eles, eu os guardava em tua essência que me deste e eu os protegi, e nenhum deles se aboliu senão o filho da abolição, para que a Escritura se cumprisse.
13. Agora, porém, vou para ti e falo estas coisas no mundo, para que tenham a minha alegria, que se plenificará neles.
14. Eu dei a eles teu Logos, e o mundo os odiou porque não são do mundo, como eu não sou do mundo.
15. Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do mal.
16. Do mundo não são, com eu não sou do mundo.
17. Santifica-os na verdade: o teu Logos é a Verdade.
18. Como me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.
19. E sobre eles me santifico a mim mesmo, para que sejam também eles santificados verdadeiramente.
20. Não somente por eles rogo, mas também pelos que, por meio do Logos deles, forem fiéis a mim.
21. Para que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste.
22. A substância que me deste, eu dei a eles, para que sejam um como nós (somos) um.

23. Eu neles e tu em mim, para que sejam completados em um, a fim de que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim.
24. Pai, os que me deste, quero que onde eu estou, estejam também eles comigo, para que vejam a substância que me deste, porque me amaste antes da materialização do mundo.
25. Pai Justo, também o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes conheceram que tu me enviaste.
26. E eu lhes dei a conhecer tua essência, e darei a conhecer, para que o amor que me amaste esteja neles, e eu (esteja) neles”.

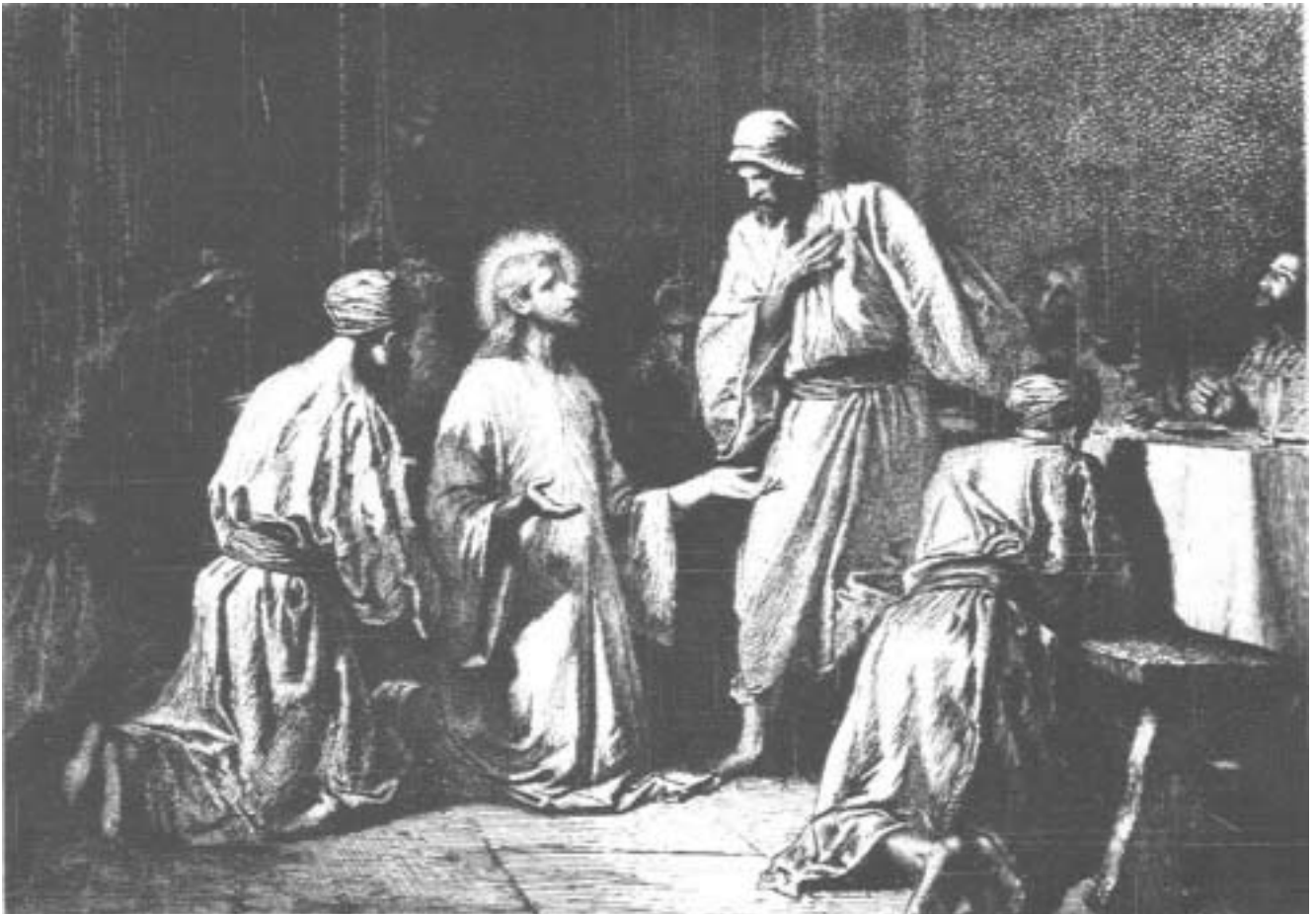


Figura “ORAÇÃO NA CEIA” – Desenha de Bida, gravura de Leopold Flameng

Eis-nos chegados a um dos pontos mais sublimes do Evangelho, numa elevação mística ainda não igualada, e cuja sintonia nos alça aos páramos das altitudes indizíveis em que o intelecto tonteia e a mente se infinitiza, mergulhando nas imponderáveis vibrações da Divindade em nós e ofuscando-nos com a Luz Incriada que nos impregna o Espírito.

O capítulo 17 é conhecido, desde o século XVI, como “Oração Sacerdotal”, título dado pelo luterano Chytraeus (Kochhaffe, 1600), embora Lagrange tenha proposto “Oração pela Unidade”. Nela verificamos a expressão das mais íntimas aspirações do Cristo em relação às individualidades humanas. Diz Cirilo de Alexandria (Patrol. Gr. vol. 74, col. 505-508), que transparece neste trecho a figura nítida do Sumo Sacerdote que intercede pelos espíritos sacerdotais que vieram ao mundo.

Façamos uma análise rápida, deixando os comentários para a segunda parte.

A expressão “toda carne” (*pās sárx* em grego e KOL BAZAR em hebraico) expressa tudo o que possui corpo físico denso (cfr. Gên. 7:21).

O nome “Jesus Cristo” ainda não era usado no tempo de Jesus, tendo aparecido pela primeira vez nas epístolas de Paulo, devendo notar-se, entretanto, que o Evangelho de João lhes é posterior em data. Alguns comentadores (como Huby, 'Le Discours après la Cène', Paris, 1932, pág. 130) julgam, com razão, que se trata de um acréscimo tardio, e que no original devia estar apenas “o Cristo”. Na época o Mestre encarnado era denominado *Kyrios Iêsous*, “Senhor Jesus”, ou “O Cristo”, atributo que se acrescentava a Seu nome como predicativo (cfr. “Todo o que crer que Jesus é o Cristo”, 1.^a João, 5:1 e 2:22).

Traduzimos *apólymi* por “abolir”, e não “perder”. A idéia de “perdição” está hoje, por efeito de uma tradição milenar, dirigida às personagens, muito ligada à idéia de “inferno”. E aqui não se trata disso absolutamente. Adotamos o verbo ABOLIR porque é derivado direto de APOLLYMI, através do latim ABOLIRE (cfr. AP+OLLYMI com AB+OLIRE, conforme testemunho de Liddell & Scott, Greek English Lexicon, 1966, pág. 207; Boisacq, Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque, 1950, pág. 698 e 696; Juret, Dictionnaire Etymologique Grec et Latin, 1942, pág. 195).

A expressão “filho de” já foi bem estudada (vol. 1).

O aceno ao cumprimento da Escritura só é encontrado nos salmos 41 e 109, no Antigo Testamento.

Traduzimos *toú poneroú*, por “do Mal” (neutro), como em Mat. 6:13, e como encontramos em outros passos do próprio João (3:19; 7:7; 1.^a João, 2:14; 3:12 e 5:19). Essa interpretação é aceita por Agostinho, João Crisóstomo, Tomás de Aquino, Zahn, Knabenbauer, Lagrange, Lebreton, Huby e outros. Há quem prefira o masculino (“do mau” ou maligno) como Loisy, Bauer, Tillemann, Durand, Bernard.

De acordo com o que explicamos em nossos comentários do trecho, a seguir, resolvemos traduzir diretamente “nome” por “essência”, a fim de facilitar desde logo o sentido real da frase.

Procuremos penetrar mais profundamente o significado verdadeiro e místico dessa prece, na qual sentimos patente a alma de Jesus, o ser humano chegado à perfeição concebível na escala da humanidade terrena neste ciclo: é Ele, JESUS, quem ora ao Pai, nos últimos momentos antes de caminhar para o terrível sacrifício que tanto O elevaria na escalada evolutiva. Aqui temos, pois, palavras do Jesus Homem.

Lendo com atenção o texto, verificamos que possui três partes:

- 1.º - Jesus ora por Si mesmo (vers. 1 a 5)*
- 2.º - Jesus ora por Seus discípulos (vers. 6 a 19)*
- 3.º - Jesus ora pela humanidade toda (vers. 20 a 24).*

A isso é acrescentada uma conclusão (vers. 25-26) que resume a prece. Caminhemos devagar.

1.ª PARTE (vers. 1 a .5)

Sentindo em Si o Cristo e o Pai, mas experimentando também a atuação de Sua consciência “atual” centrada na personagem, dirige Jesus Sua mente para as altas vibrações sonoras do Logos, o que nos é revelado com a expressão “levantando os olhos ao céu” (cfr. João, 11:41). Com esse gesto, demonstra ter entrado em contato sintônico com o Logos e a Ele se dirige, invocando-o, com o Nome de Pai, e a Ele confessando que sabe ter chegado Sua hora de experimentação dolorosa, para total aniquilação de Seu Eu humano, a fim de plenificar Sua absorção na substância do Pai: abandonaria apenas a expressão visível para as criaturas, Sua forma física, mas Se transformaria em Som.

Esse o primeiro pedido: que o Logos transubstancie em Si o Filho, a fim de que este absorva o Logos: que o Filho possa transformar-se em som, para que o Som possa substituir a substância do Filho.

E esse pedido é plenamente justificado por Jesus: é indispensável que essa transubstanciação se efetue Nele, do mesmo modo que Ele recebeu do Pai o poder sobre todas as criaturas, para dar-lhes também a elas todas a Vida Imanente, a vida crística divina.

Aí encontramos, pois, uma gradação: Jesus, o Espírito antiquíssimo (vê-lo-emos) e de evolução plena, recebeu do Pai um grupo de seres, a fim de que se incumbisse de providenciar a evolução deles. A todos esses que Lhe foram dados, Ele devia dar a Vida Imanente, fazendo despertar neles a Centelha Crística adormecida, de forma a que pudesse nascer o Cristo em cada um. Assim como tinha essa missão, do mesmo modo Ele precisa, para realizá-la, estar totalmente transubstanciado no Pai. E aqui, mais uma vez, compreendida a profundidade desse ensino, verificamos a leviandade de traduzir do-xázô por “glorificar”: que importa a glória a um Espírito superior?

Logo a seguir, mais para conhecimento dos discípulos ali presentes que como parte da prece, Jesus abre um parêntese e explica: “a vida imanente consiste nisso: que Te conheçam (que tenham a gnose plena) a Ti, que és o único Deus verdadeiro, e que conheçam Jesus, o Cristo que enviaste à Terra”.

Mais uma vez aparece a declaração taxativa de Jesus, que afirma que não é Deus. Os intérpretes torcem o sentido, afirmando ter Jesus dito que só YHWH é Deus, e não os ídolos. Mas não é isso que se deduz do contexto, onde não haveria razão para falar de outras crenças. Ao contrário: é feita aqui, com toda a clareza possível, a distinção absoluta entre o Pai e o Filho: só terá a vida imanente quem tiver a gnose de que só há um único Deus verdadeiro para a humanidade: é o Pai; mas que o Filho, Jesus Cristo, que foi enviado pelo Pai, não é Deus nesse sentido estrito e filosófico (embora em sentido metafísico todos sejam Deus, já que a Divindade está imanente em todos e em tudo). Na Terra, o único que verdadeiramente manifesta a plenitude da Divindade em Si - e que portanto merece o título real de Deus - é o Pai, o plenamente transubstanciado pelo SOM, que o Antigo Testamento denomina Melquisedec, expressão absoluta do Logos Planetário.

Essa missão de Jesus, de conceder vida imanente, está condicionada à fidelidade sintônica de cada um (cfr. João, 3:15, 16, 36; 5:24, 30; 6:33ss; 7:28 e 20:31), embora aqui não venha citada essa necessidade de “fé” ou seja, de fidelidade.

A seguir, declara o que realizou: “Eu Te transubstanciei sobre a Terra”, trazendo fisicamente à alma e ao corpo do planeta e a todos os seus habitantes, a vibração do Som Divino; e “completando a ação” (tò érgon teleiôsas) “que me deste para fazer”.

Nesta expressão teleiôsas to érgon entrevemos não apenas a complementação ou aperfeiçoamento da ação, nem tampouco a finalização do trabalho que Lhe fora dado, já que chegara ao fim de Sua tarefa como encarnado entre os homens; mas descobrimos, no sentido espiritual, qual a realidade da encarnação de Jesus, que foi “tornar perfeita, para chegar aos homens, a energia de Deus”. Poderíamos ler: “Eu Te transubstanciei sobre a Terra, fazendo ter ação perfeita a energia que me deste para espalhar em todos.” Como tenha sido isso obtido, lemos em Paulo: “Jesus Cristo, sendo rico, tornou-se pobre por amor de vós, para que, por Sua própria pobreza fôsseis enriquecidos” (2.^a Cor. 8:9); e ainda: “Cristo Jesus, que subsistia em forma de Deus, não julgou dever apegar-Se a isso, mas esvaziou-Se tomando a forma de escravo, tornando-Se semelhante aos homens” (Filip. 2:6-7). Tudo isso foi realizado de acordo e para obedecer à Vontade divina (cfr. João, 4:34; 5:36; 8:29; 9:4 e Luc. 2:49).

Tendo realizado Sua tarefa nada fácil, vem o pedido final para Si mesmo: Agora, transubstancia-me Tu, Pai, em Ti mesmo (parà seautôi), com a substância que (eu) tinha (têi dóxei hêi eichon) em ti (parà soi) antes de o mundo ser (prò toú tòn kósmon éinai).

Em unificação perfeita com o Pai, vivia Jesus, o Espírito humano - de outro planeta do Sistema de Sirius - de onde foi convocado para cuidar carinhosamente da humanidade que um dia habitaria o planeta Terra (cfr. vol. 1).

Conhecendo isso, entendemos plenamente o sentido desse versículo: trata-se do veemente desejo de voltar àquele estado batífico, ao lado de Seu Pai, em Sua mesma substância, tal como ocorria antes que o planeta Terra existisse, Desejo esse que ainda não pôde ser realizado, já que Jesus permanecerá

conosco até o fim do eon (cfr. Mat, 28:20), não obstante o sacrifício que isso constitui para Ele (cfr. Mat. 17:16; Marc. 9:18; Luc, 9:41; vol. 4).

2.^a PARTE (vers. 5-19)

Inicia declarando que conseguiu “manifestar-Te a Essência (o nome) aos homens que me deste (tirando-os) do mundo”. Essa manifestação foi a revelação da substância do Pai (já vimos o que significa filosoficamente o termo “nome”). Essa substância ou essência foi revelada àqueles que, tendo sido retirados do mundo (extraídos do Anti-Sistema) ingressaram sintonicamente no Sistema, ao serem admitidos na Escola Iniciática Assembléia do Caminho.

Todos esses, que foram dados pelo Pai a Jesus, conseguiram “realizar o Logos” em si mesmos, no Espírito, embora em suas personagens não houvessem conseguido ainda certos graus “iniciáticos” superiores, e por isso ainda fraquejavam na parte emocional e intelectual. A expressão “realizar o Logos”, acreditamos, poderia ser traduzida em linguagem científica moderna, em “sintortizar o Som” em si mesmos, captando perfeitamente a onda emitida, em alta fidelidade.

Esses é que teriam que agir, doravante, em lugar de Jesus. Era justo, por isso, orar por eles, por quatro motivos:

- 1) tinham sido tirados do Anti-Sistema (ek toú kósmou) espiritualmente, mas nele permaneciam com suas personagens;*
- 2) pertenciam ao Pai (soi êsan);*
- 3) foram dados ao Filho (k'amoí autoús édokas); e*
- 4) não reagiram ao chamamento, mas obedeceram prontamente em boa-vontade, dispondo-se aos sacrifícios requeridos pela missão árdua que lhes era cometida, tendo realizado o Logos planetário em seus corações.*

Portanto, já SABEM, já tem a gnose, de que tudo o que foi dado ao Filho, “está no Pai” (parà soú eisin). E isso porque receberam (élabon) as palavras (tà rhêmata) que, recebida” do Pai, Jesus lhes revelou (cfr. João, 8:40; 12:49; 15:15 e 17:14), e por isso tiveram conhecimento pleno de que Jesus, o Cristo, era Aquele que saíra do Pai (parà soú exêlthon) e que pelo Pai fora enviado (sú me apésteilas).

Em Sua prece Jesus explica, então, porque roga por eles e não pelo mundo, embora tenha vindo para salvar o mundo (cfr. João 3:16) e embora ainda esteja preocupado com o mundo (adiante, vers. 21). São três as razões citadas:

- 1.^a - porque pertenciam ao Pai, posto que tudo o que é do Cristo é do Pai, e tudo o que é do Pai é do Cristo, já que ambos constituem uma unidade perfeita;*
- 2.^a - porque Ele se transubstanciou neles; portanto, já agora eles constituem um prolongamento de Si mesmo;*
- 3.^a - porque Jesus já não ficará mais no turbilhão negativo do Anti-Sistema, mas eles aí permanecerão em trabalho árduo. Jesus vai deixá-los em Sua forma visível (cfr. João, 13:33-36 e 16:16) retirando-Se para a Casa do Pai (Shamballa).*

Aparece a invocação “Pai Santo” (Páter hágie). O adjetivo “hágios” exprime uma idéia dupla: a separação do que é profano (sentido negativo) e a consagração a Deus (sentido positivo). A expressão “Pai Santo” é proferida, porque Jesus ora pela santificação de Seus discípulos, a fim de que não sejam envolvidos pelo negativismo nem pela rebeldia do mundo, mas conservem a fidelidade sintonica com Ele e com o Pai, e sejam protegidos contra a contaminação mundana, e sejam consagrados ao Bem na Verdade.

Pede, então, Jesus, que eles sejam guardados na essência do Pai. No original está “em Teu nome”. Mas sendo o nome, como vimos, a manifestação externa da essência íntima, o “nome do Pai” é a “essência do Pai” manifestada externamente.

E a súplica prossegue: “guarda-os na Tua essência, essa essência que me deste, para que eles sejam UM, em natureza (como já são, pois têm em si a Centelha divina que é da mesma natureza que a Fonte Emissora da Centelha) e em essência (aprendendo a sintonizar com o Som do Logos), assim como nós já somos UM. Não há distinção, pois, entre a unidade de natureza e essência que há do Pai com o Filho, e a unidade de natureza e essência que deve haver do homem com o Filho e o Pai.

Há quem não aceite que essa unidade seja tão profunda. Dizem que a unidade entre Pai e Filho é, realmente, de “natureza e essência”, ao passo que a unidade dos homens com o Pai é apenas de “adoção pela graça”. O texto e o contexto afirmam a primeira interpretação, pois a comparação é total: “Que eles sejam UM, “ASSIM COMO” (do mesmo modo e na mesma profundidade) nós somos UM”. Não são feitas distinções nem diferenças entre uma unidade e a outra: uma é igual à outra, tudo é uma só unidade, de essência e de natureza: “em Deus vivemos, nos movemos e existimos e somos gerados por Ele” (At. 17:28). A asserção de sermos “geradas” (não criados externamente, mas gerados, tal como a mulher gera o filho), prova que a natureza é a mesma; então todas as coisas existentes são “homoúsias” da Divindade.

Além de todos os outros que aparecem esparsos, este trecho vem provar à saciedade que a doutrina crística está plenamente dentro do MONISMO mais absoluto, e Paulo confirma que compreendeu bem tudo isso, quando diz: “esforçando-vos por guardar diligentemente a unidade do Espírito no vínculo da paz: há um só corpo e um só Espírito (como também fostes chamados em uma só esperança de vosso chamamento); um só Senhor, uma só fidelidade, um só mergulho, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, e por todos, e EM (dentro de) todos” (Ef. 4:3-6).

O pedido para que o Pai os guarde (têrêson) é justificado, já que Jesus - que faz a prece - vai afastar-Se visivelmente. No entanto, dá testemunho de que os guardava (etêroun) enquanto estava fisicamente presente em corpo. E guardou-se de tal forma que os protegeu (ephylaxa) de modo completo, tanto que nenhum dos que Lhe foram confiados teve que afastar-se. E aqui entra um trecho que merece meditado.

Um só “se aboliu” (apôleto), isto é, se aniquilou, pela renúncia voluntária, riscando seu nome do Colégio Iniciático terreno: era ele o “filho da abolição”, ou seja, o “abolido” ou o “aniquilado” voluntário, aquele que renunciou totalmente, durante milênios, a seu personalismo vaidoso.

Mais uma vez verificamos que o sacrifício de Judas, o Iscariotes, foi voluntário, para que se cumprisse a Escritura”. Tendo sua posição garantida como sacerdote na Escola Iniciática Assembléia do Caminho, e podendo assegurar-se, com isso, uma posição de relevo entre os seguidores da doutrina nos séculos seguintes, atraindo a si bons pensamentos e amor da parte das criaturas, ele aceitou “abolir-se”, aniquilar-se ou esvaziar-se (cfr. Filip. 2:7), atraindo o desprezo e o ódio da humanidade, para que seu Mestre fosse amado e engrandecido, brilhando em Luz diáfana, em contraste com a sombra que sobre Jesus se projetaria partindo desse ato heróico de Seu discípulo, interpretado como “traidor infame”. Além de Jesus, nesse drama, foi Judas o único que aceitou aniquilar seu eu personalístico, a fim de que o Mestre fosse exaltado. Agora chegou a hora de fazer justiça e revelar a verdade que ficou tanto tempo oculta na letra, para que a humanidade, no terceiro milênio, compreenda a realidade espiritual do ocorrido.

A Escritura a que Se refere Jesus é o Salmo (41:9) que fora por Ele citado (cfr. vol. 7) e que diz; “Até meu amigo íntimo, em quem confiava, que comia meu pão, levantou contra mim seu calcanhar”; e outro salmo (109:4-19) que prevê, em espírito, o que Judas sofreria durante milênios, como efeito de sua aniquilação ou abolição voluntária:

- 4.^a - “Em troca de seu amor tornam-se meus adversários, mas eu me dedico à oração*
- 5.^a - Retribuíram-me o mal pelo bem, e o ódio pelo amor que lhes tenho.*
- 6.^a - Coloca sobre ele um homem perverso, e esteja à sua direita um adversário.*
- 7.^a - Quando ele for julgado, saia condenado, e em pecado se lhe torne sua súplica.*
- 8.^a - Sejam poucos os seus dias, e tome outro seu ofício.*

- 9.^a - *Fiquem órfãos seus filhos, e viúva sua mulher.*
- 10.^a - *Andem errantes seus filhos e mendiguem, e esmolem longe de suas residências arruinadas.*
- 11.^a - *Que um credor arme laço a tudo quanto tem, esbulhem-no estranhos do fruto de seu trabalho.*
- 12.^a - *Não haja quem lhe estenda benignidade, nem haja quem se compadeça de seus órfãos.*
- 13.^a - *Seja extirpada sua posteridade, na próxima geração se apague seu nome.*
- 14.^a - *Seja recordada por YHWH a iniquidade de seus pais e não seja apagado o pecado de sua mãe.*
- 15.^a - *Estejam eles sempre diante de YHWH, para que ele faça desaparecer da terra a memória deles,*
- 16.^a - *porque não se lembrou de usar de benignidade, mas perseguiu o aflito e o necessitado e o desencorajado, para lhes tirar a vida.*
- 17.^a - *Amou a maldição, e ela veio ter com ele; não teve prazer na bênção, e ela afastou-se dele.*
- 18.^a - *Vestiu-se também de maldição como dum vestido, dentro dele, ela penetrou como água, e nos seus ossos como azeite.*
- 19.^a - *Seja-lhe ela como a veste com que se cobre, e como o cinto com que sempre anda cingido”.*

... Como vemos, a situação que Judas viria a ter, estava descrita com pormenores, e ele bem conhecia o que viria sobre ele. E, apesar de tudo, para que a Lei se cumprisse, e para que seu Mestre amado pudesse arrostar o supremo sacrifício sangrento e infamante que “O tornaria Sumo Sacerdote da ordem de Melquisedec” (Heb 5:7-10), Judas aboliu sua personagem terrena e aceitou a terrível incumbência de funcionar como “sacerdote que oferecia a vítima do holocausto no altar do sacrifício”.

Tudo isso é falado, porque Jesus vai retirar-Se em Seu corpo físico; mas antes quer, com Suas palavras, proporcionar conforto espiritual e dar a Seus amados discípulos, “a minha alegria que se plenificará neles”.

E diz mais: “a eles dei o Teu Logos”, servindo de diapasão. Com Sua presença, elevou-lhes o Eu profundo de forma a perceberem as vibrações sonoras do Logos Planetário, qual música sublime das esferas a renovar-lhes a tônica, alteando-lhes a frequência até o grau máximo da harmonia e da beleza. Portanto, fê-los penetrar em Espírito no “Sistema”, atingindo o pólo positivo do amor. Todavia, o mundo os odiava. O Anti-Sistema, pólo negativo do ódio, não pode suportar a vibração do amor, tal como as trevas repelem a luz que as destrói.

Os discípulos, elevados ao “Sistema” já não mais pertencem ao Anti-Sistema, tal como o próprio Jesus: “não são do mundo, como eu não sou do mundo”. No entanto, não pede que sejam tiradas suas personagens do Anti-Sistema, pois aí terão que atuar: o raio de sol tem que mergulhar no pântano para secá-lo e destruir os miasmas. Mas pede e suplica que, embora mergulhadas suas personagens no pólo negativo do Anti-Sistema, sejam eles “guardados” e protegidos contra o mal, pois seus Espíritos, como o de Jesus, não mais pertencem ao mal, isto é, à matéria do mundo.

O mal (ausência do bem, trevas, matéria) é a tônica do Anti-Sistema, é o pólo oposto do Bem, a extremidade negativa da barra imantada e aí são consideradas grandes virtudes o que constitui erro no pólo positivo: ambição, orgulho, convencimento, domínio, materialismo; ao invés, constituem covardia e frouxidão no Anti-Sistema o que é tido como qualidade positiva no Sistema: desprendimento, humildade, autoconhecimento, obediência, espiritualismo. Desgraçadamente, ao aliar-se ao “poder temporar”, ao tornar-se “aliada do mundo”, no 4.º século, a “igreja” dita de Cristo mudou de pólo,

tornando-se anticristã. E embora pregando com os lábios as qualidades do Sistema, passou a praticar sub-repticiamente as “virtudes” do Anti-Sistema.

Pede; então, Jesus, ao “Pai Santo” que os “santifique na Verdade”. Já vimos o que significa “santificar”: separar do Anti-Sistema e mergulhar no Sistema ou, como dissemos acima, separar do profano e consagrar a Deus.

E aqui, mais uma das grandes afirmativas, que já vimos glosando há muito nesta obra, sobretudo quando afirmamos que a tradução correta da frase de Jesus é “Eu sou o caminho da Verdade e da Vida” (João, 14:6). Aqui encontramos o testemunho de que não andamos por atalhos falsos, pois Jesus declara: “O Teu Logos é a Verdade”! Perfeito: a Divindade, o Absoluto, é a Vida (LUZ); o Logos ou Pai é a Verdade (SOM); o Filho ou Cristo é o caminho que conduz à Verdade (Pai) e à Vida (Espírito).

E Paulo (1.^a Cor. 14:7-11) ensina a respeito da necessidade absoluta de “Verdade no som”, exemplificando assim, para quem compreenda, a lição contida nessa frase: “o Teu Logos é a Verdade”. E se não sintonizarmos com esse Som, que é a Verdade, sairemos do reto caminho; e se os que ensinam, não ensinarem a Verdade, como conseguirão ser seguidos pela estrada certa, na luta pela conquista da Verdade? “Se a trombeta der um som incerto, quem se preparará para a batalha”?

Os discípulos já venceram pela adesão total à fidelidade (1.^a João, 5:4) e já estão limpos (João, 13:10 e 15:3), ou seja, já superaram o aspecto negativo da santidade, já foram tirados do “mundo”, já se destacaram do Anti-Sistema. Agora terão que consagrar-se totalmente a Deus, renunciando ao mundo, tal como YHWH já ensinara a Moisés, quando determinou que os que ingressavam no “ofício sacerdotal” deviam vestir-se com túnica (auras) de qualidades elevadas e cores harmoniosas, ter a cabeça mergulhada numa tiara de bons pensamentos e serem ungidos (cristificados), consagrados pela prece e santificados (Êx. 28:41). Já antes de encarnar era Santo o Espírito de Jesus: “um Espírito santo virá sobre ti” (Luc. 1:35), tal como havia ocorrido com Jeremias: “antes que eu te formasse no ventre te conheci e antes que saíesses da madre te santifiquei (Jer. 1:5).

A santificação dos discípulos virá “na Verdade” (“en têi alêtheíai”), que é um dativo de instrumento; então, “por meio da Verdade”. O dominicano François-Marie Braun, professor na Faculdade de Friburgo (in Pirot, o.c., tomo 10 pág. 450) chegou a escrever uma frase preciosa, dizendo que a verdade seria “a atmosfera espiritual da alma”. Realmente. Apenas acrescentaríamos que essa atmosfera (ou aura) espiritual atingirá a santificação em seu aspecto positivo, quando atingir a sintonia vibratória perfeita com a tônica da Verdade do Logos (SOM).

Passa Jesus a outro ponto, revelando que da mesma maneira que Ele foi enviado ao mundo, também agora envia ao mundo os discípulos, quais ovelhas em meio a lobos (Mat. 10:16 e Luc. 10:3); mas logo a seguir vem a garantia da assistência protetora: “sobre eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados verdadeiramente”. Notamos que no vers. 17 está “santificar na Verdade” (en têi alêtheíai), ao passo que aqui falta o artigo (en alêtheíai), o que podemos interpretar como advérbio, talvez: para que sejam verdadeiramente ou realmente santificados. Trata-se da sintonia de Jesus que envolve os cristãos “verdadeiros”, a fim de facilitar-lhes a tarefa: uma vez atingida a sintonia com Jesus, será mais fácil, por meio Dele, atingir a sintonia crística e depois a do Logos, como fazia Teresa d’Ávila, que chegou ao Cristo e ao Pai, através da figura humana de Jesus.

3.^a PARTE (vers. 20 a 24)

Agora amplia-se a prece de Jesus em favor de todos os que - nos séculos e milênios posteriores, por meio do ensino dos emissários legado à humanidade, oralmente ou por escrito - conseguirem a fidelidade sintônica com Jesus.

A prece é para que **TODOS SEJAM UM**.

Não se trata, portanto, da pregação de uma doutrina, mas da criação de uma unidade monística. E lemos conceitos significativos no dominicano Braun, aos quais acrescentamos apenas duas palavras

entre parênteses: “A fidelidade (sintônica) aos mistérios (iniciáticos) da Boa-Nova, e o amor que o Pai e o Filho têm em comum, os introduz na sociedade das pessoas divinas” (in Pirot, t. 10 pág. 451). É a linguagem das Escolas gregas e egípcias: o iniciado passa a fazer parte da família do Deus.

Se houver perfeita e indestrutível união com a Divindade e com os irmãos, esse fato convencerá o mundo separatista e dividido do Anti-sistema, de que existe uma realidade crística superior a tudo. E Paulo pede isso a seus discípulos: “Rogo ... que andeis ... com toda humildade e mansidão, com longanimidade suportando-vos uns aos outros com amor, esforçando-vos diligentemente para guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef. 4:2-3). E repete os mesmos conceitos, estendendo-os mais, aos fiéis de Colossos: “Vós, portanto, como escolhidos de Deus, SANTOS E AMADOS, revesti-vos de coração compassivo, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente se alguém tiver queixa contra outro ... E acima de tudo isso, revesti-vos do “amor que é o vínculo da perfeição”. Reine em vossos corações a paz de Cristo, à qual também fostes chamados “em um só corpo”, e sede sempre gratos” (Col. 2:12-15).

De que isso ocorria realmente na primeira geração de iniciados cristãos, mesmo após o afastamento físico de Jesus, temos testemunhos: “Todos os que tinham fidelidade, estavam unidos e tinham tudo em comum, e vendiam suas propriedades e bens e os repartiam por todos, conforme a necessidade de cada um; e diariamente perseveravam unânimes no templo (judaico) e, partindo o pão em suas casas, comiam com alegria e singeleza de coração” (At. 2:43-47). E mais adiante: “Na comunidade dos que eram fiéis, havia um só coração e uma só alma, e nenhum deles dizia que alguma coisa que possuísse era sua própria, mas tudo entre eles era comum” (At. 4:32).

Como explicar essa união total entre os iniciados do primeiro século? Sem dúvida, resultava da transubstanciação do Cristo naqueles discípulos, comunicando-lhes a vida divina que recebera do Pai: “A todos os que O receberam (pela transubstanciação), aos que mantiveram fidelidade (sintônica) com Sua essência, Ele deu o direito de se tornarem Filhos de Deus (pertencentes à família divina) e esses novos seres não nasceram do sangue (etérico), nem da vontade da carne (das sensações), nem da vontade do homem (intelecto, raciocínio) mas sim de Deus (do Espírito)”, é o que lemos em João (1:12-13).

O Cristo, sem deixar de estar no Pai, vive em cada um dos Que se unem a Ele, em fidelidade absoluta; nesses casos, o Logos e o Cristo (o Pai e o Filho) vêm juntos habitar permanentemente nessas criaturas, e não mais são eles (personalisticamente) que vivem, mas é o Cristo que vive neles, em sua individualidade.

E mais uma vez alegremo-nos ao ler estas palavras do dominicano F. M. Braun (in Pirot, o.c. T. 10, pág. 451): “Essa união é a meta à qual quer fazer-nos chegar ... Não pode conceber-se outra mais perfeita. Já se viu a impressão que isso deve causar no mundo (vers. 21). Já que o Cristo é o princípio vivo e ativo, [essa união] manifestará externamente a potência de Sua força. A esse sinal as almas de boa-vontade reconhecerão que não se trata de um pregador qualquer, mas que Ele vinha da parte do Pai, que O encarregou dessa missão e que ama os homens aos quais O enviou a fim de salvá-los (João, 3:16). No cap. 13:35, o amor recíproco dos apóstolos era o sinal pelo qual se reconheceriam como discípulos de Jesus. Aqui deve a união servir para provar a origem divina de Jesus e o amor do Pai. É o grande sinal exterior do mistério evangélico.”

O texto de João, mesmo em sua letra fria, revela mistérios profundos. Vejamos.

Os versículos 21 e 22 trazem a revelação da aspiração de Jesus, o Cristo, e traduz em Suas palavras o pensamento do Cristo, que é a expressão da vontade do Pai: “para que TODOS sejam UM”, já que a humanidade toda constitui o corpo visível do Cristo neste planeta.

Paulo o afirma categoricamente, sem ambages: “Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo” (1.ª Cor. 6:15). E mais adiante: “Ora, vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, cada um de Seus membros” (1.ª Cor. 12:27). Diz ainda o mesmo Paulo que TODOS caminhamos para a unidade absoluta, “tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos (separados, iniciados, em oposição a não-separados ou profanos), para edificação do corpo de Cristo, até que cheguemos a Ele, Cristo, que é a cabeça” (Ef. 4:12, 15), pois somos “membros do corpo de Cristo” (Ef. 5:30).

Então é indispensável que o corpo esteja unido em seus membros e com a cabeça, formando um só ser, da mesma natureza e com a mesma essência: “para que TODOS sejam UM, tal como Tu, Pai, és em mim e eu em Ti: assim sejam eles UM em nós.”

Para isso, descendo à Terra e vestindo o corpo físico de Jesus, a fim de poder ter um elo também da mesma natureza que nós, Cristo nos deu a substância que recebeu do Pai, a fim de que toda a unidade se constituísse num só ser, sendo Cristo a cabeça, o Pai a alma e nós as cédulas conscientes desse corpo místico, mas REAL: mais real que nosso corpo físico, que é transitório e perecível. Exatamente isso: “Tu em mim, e eu neles, a fim de que sejam completados num TODO único, numa unidade total e completa. Quando isso ocorrer, todos verão a substância que me deste.”

Também está declarado o momento em que Cristo recebeu essa substância: “Antes da constituição do mundo.”

Os teólogos querem provar, com esta frase que Jesus é um dos três aspectos divinos, uma “pessoa da Trindade absoluta”. No entanto, não é isso, absolutamente, o que ressalta do contexto, nem da declaração de Jesus, de que “há uma única Divindade” e, distinto dela, há um Homem, que é Ele, o Filho, que é menor que o Pai (vamos vê-lo a seguir, no próximo capítulo).

Pelo que deduzimos do trecho, está dito que Jesus, o ser humano, a criatura - embora originária de outro planeta muito mais antigo que o nosso (provavelmente do Sistema de sírius) - já havia conquistado e se revestido da substância do Pai muito antes que o “mundo” (isto é, a Terra) “fosse lançada para baixo” (katabolês), isto é, fosse materializada em seus elementos físicos. O Espírito humano de Jesus já estava misticamente unificado com o Pai, quando Dele recebeu a missão de encarregar-Se do trabalho da instrução da humanidade deste globo terráqueo. Aqui encontraria Ele, chegadas ao estágio hominal aquelas células que O ajudaram a evoluir durante o período de Sua evolução (humana em Seu planeta de origem. Confirma-se, assim, com as próprias palavras de Jesus, a hipótese que formulamos no vol. 1).

E é por esse motivo, porque durante milênios vivemos todos formando uma unidade com ele, sendo o corpo Dele que era nossa Alma-Grupo, que tão vivo Lhe aparece o desejo de reconstituir essa unidade, já não mais num corpo físico, mas num corpo místico, em que as antigas células já tenham atingido a evolução suficiente para se unificarem com o Cristo Cósmico, tal como Jesus o fizera; e o corpo se reconstitua em sua unidade primordial e em sua integridade espiritual.

Aqui aparece uma expressão de autoridade incontestável: não é mais “rogo”, mas a afirmativa da vontade resoluta e firme: diz “QUERO” (thélô).

Quem poderá contrariar essa vontade? Ele quer sempre o mesmo que o Pai quer (cfr. João 4:34; 5:30 e 6:38-40). Então, também essa é a vontade do Pai.

Para nós, por conseguinte, existe a certeza metafísica de que Sua vontade será realizada, e TODOS, isto é, a humanidade TODA, alcançará essa união plena. Consequentemente, não haverá “perdidos”!

...

No original há uma variante: alguns códices trazem “o que me deste” (hó dédôkas moi, como em 6:37, 39 e em 10:29) e é melhor que a correção posterior para “os que me deste” (hoús dédôkas moi), pois exprime a totalidade coletiva de tudo, o quinhão total do Cristo, recebido do Pai e aceito pelo Cristo. Com essa expressão, vemos que tudo o que está na Terra, inclusive minerais, vegetais, animais, pertence ao Cristo, e não apenas os homens, que não constituem, assim, uma classe privilegiada à parte: TODOS e TUDO somos UM, irmãos reais. E o próprio Jesus já havia dito: “Poderoso é Deus para destas pedras suscitar filhos de Abraão” (Mat, 3:9 e Luc. 3:8).

Voltando à expressão “antes da constituição do mundo”, vemos que a palavra katabolê fora empregada em Mat. 13:35, em Efésios 1:4 e em Hebreus 11:11. Essa idéia de “lançada para baixo” lembra muito aquilo que Pietro Ubaldi, utilizando velha expressão bíblica, denomina “A Queda”.

Há um trecho de Hermes Trismegisto (Corpus Herméticum, 9:6), bem anterior à época de Jesus, que procura explicar o mecanismo desse “lançamento para baixo”, como sendo uma sementeira, exata-

mente no sentido que estamos dando: “Com efeito, a sensação e a inteligência do mundo constituem um só ato: fazer todas as coisas e desfazê-las em si, como órgão da vontade de Deus. Pois o mundo foi realmente feito como instrumento para que, guardando as sementes que recebeu de Deus (que foram lançadas para baixo) produza em si mesmo todas as coisas pela energia; e depois, diluindo-as, as torne a renovar, tal como um bom semeador de vida. E por seu próprio movimento fornece a todas as coisas um renascimento. O mundo não gera para a vida (não a dá), mas por seu movimento vivifica todos os seres: é, ao mesmo tempo, o lugar e o dispensador da vida”.

Aí temos um ensinamento que nos mostra o mundo (a Terra) a receber as sementes que vieram de outros planos e aqui “caíram” ou “foram lançadas para baixo” (katabolê). Mas compreendamos bem, que não é um “baixo” quanto a local ou geográfico, mas um baixo que exprime degradação de vibrações, que da energia passa à matéria. No planeta, realizando-se a vontade de Deus, tudo vai evoluindo pelas transformações constantes e pela Lei de causa e efeito, de vida e morte de desfazimento e renascimento. Mas a sensação e a inteligência são uma coisa só, pois expressa a Mente crística que dirige e governa tudo, CONCLUSÃO (Vers. 25-26).

Aqui novamente aparece um adjetivo ligado à inovação: PAI JUSTO. É salientada a qualidade que o peticionário deseja ver manifestada no assunto de que trata. Sendo justos os pedidos, mister que se faça sentir a Justiça para o atendimento.

A situação real, de fato, é demonstrada nesses dois versículos: “o mundo ainda não Te conheceu, mas eu Te conheci, e estes conheceram que Tu me enviaste”.

Neste passo, cremos que não se trata apenas de conhecimento intelectual, mas da gnose mística, pela união de seres. O verbo “conhecer”, entre as personagens físicas, nas Escrituras, exprime a união sexual dos corpos físicos. Na Individualidade, exprime o matrimônio espiritual, pelo qual um Espírito se unifica ao outro. No físico, serão “dois corpos num só corpo” por meio da penetração do pênis na vagina, ficando, porém, todo o resto dos corpos exteriorizados, embora abraçados, mas sem penetrar-se; no Espírito, entretanto, a penetração é total, de todo o corpo (de todas as vibrações energéticas que se fundem e confundem) e os dois Espíritos passam a constituir real e integralmente UM SÓ ESPÍRITO.

O mundo ainda não fez essa unificação, diz Jesus, mas eu a fiz e estes a fizeram comigo, pois sabem que Tu me enviaste. Com essa união comigo, eu os unifiquei com Tua essência, para que o amor, a vibração divina da união, que comunicaste a mim, esteja neles e portanto eu esteja totalmente dentro deles.

Se o Cristo está dentro de nós com esse amor total da união espiritual completa, “é justo” que minha prece pela unificação de tudo o que me deste seja realizada.

Numa palavra poderia resumir-se a prece de Jesus: “Que se reintegre hoje, na unidade, o meu corpo do passado, sendo eu ainda a Alma-Grupo de todos (psychê), e Tu, Pai, a Cabeça (Noús)”.

Feita a união total com um grupo, aos poucos se conseguirá a união com todo o restante, que ainda permanece de fora, mas que virá unificar-se aos poucos até reconstituir-se a unidade perdida pelo separatismo divisionista do Anti-Sistema. Quando isso for conseguido, teremos reconstituído o Sistema, em relação ao nosso mundo e todos seremos UM COM A DIVINDADE.

DESPEDIDA

João, 14:27-31

27. “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não como o mundo a dá, eu vos dou. Não se turbe vosso coração nem se atemorize.
28. Ouvistes o que eu vos disse: vou e volto a vós. Se me amásseis, vos alegraríeis, porque eu vou ao Pai, pois o Pai é maior que eu.
29. E agora vos disse, antes que aconteça, para que, todas as vezes que acontecer, acrediteis.
30. Já não falarei muitas coisas convosco, porque vem o príncipe do mundo, e em mim ele não tem nada,
31. mas para que saiba o mundo que amo o Pai e faço assim como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui”.

Aqui ficou registrada a despedida de Jesus a Seus discípulos, após o encontro daquela memorável noite. O encaixe deste trecho após o versículo 26 do capítulo 17 apresenta sequência perfeita.

Terminada a prece, as últimas palavras do Mestre constituem um augúrio, para que os discípulos tenham paz, e uma reafirmação de sua volta para junto dos discípulos. Estávamos numa quinta-feira, e logo no domingo seguinte eles novamente O veriam, depois da prova duríssima por que deveria passar, com derramamento do próprio sangue e torturas cruéis.

Feita a prece, de coração pacificado, Jesus volta-se para o pequeno grupo de iniciados e derrama sobre todos ondas de paz, da Sua paz, que é a interna, que vem da Individualidade, do Cristo, do Pai. E Ele salienta que não se trata da paz que o mundo dá: a Sua é diferente e permanece mesmo quando o discípulo se encontra envolvido pelo barulho físico, batido pelas vicissitudes morais ou atacado pelas trevas temporárias do espírito.

Era comum, nessa época, e prossegue até hoje em uso constante, em todas as saudações entre judeus, quando se encontram e ao despedir-se, o emprego da mesma expressão augurando paz (*shalôm*).

Mas quando as forças da oposição se derramassem sobre eles, que não temessem. Esse imperativo ordenando que “não temam” (*mê deiliátô*) já fora ouvido, quando YHWH o diz a Josué (Jos. 1:9 e 8:1) e quando este o repete aos israelitas (Jos. 10:38). E F. M. Braun comenta: “No exército do Cristo não há lugar para os medrosos”.

Ainda uma vez salienta que, quando há amor, resulta em alegria até mesmo o afastamento do ser amado, se se tratar de uma melhoria para ele. E não resta dúvida de que terá grande avanço o afastamento de Jesus, pois Ele irá ao Pai.

E aqui aparece a frase que constitui argumento irrespondível contra todos os que, enceguecidos pela vaidade, afirmam dogmaticamente que Jesus é o Deus Supremo e Absoluto, totalmente idêntico ao Pai e ao Espírito Santo. Como pode sê-lo, se Jesus declara categoricamente que “o Pai é maior que Ele”? Muitos sofismas foram criados para torcer o sentido real dessa afirmativa, mas nenhum deles chega a convencer. Já falamos sobre esse assunto no vol. 6.

Dizemos “enceguecidos pela vaidade”, pois é ela que leva os homens a pretender que o “seu” Deus seja maior que “os outros” Deuses. Essa vaidade atinge tanto homens como espíritos desencarnados, mesmo na posição de espíritos-guias. YHWH diz a Moisés, explicando Sua posição com clareza, jamais pretendendo SER o Deus absoluto: “Eu sou YHWH e apareci a Abraão, a Isaac e a Jacob *COMO*

Deus todo-poderoso, mas eles não conheceram esse meu nome” (Êx. 6:2); e, confirmando o que dissemos no vol. 1 e no vol. 5, temos as palavras de YHWH a Moisés, delegando-lhe poderes sobre o Faraó: “Vê que te coloquei COMO DEUS diante de Faraó, e teu irmão Aarão será o teu profeta” (Êx. 7:1). Quanto à vaidade dos homens, para só citar um exemplo antigo, vemos Elias a provar que YHWH é maior que Baal (1.º Reis, 18:24). Mas não nos delonguemos. Essa, pois, a razão por que os cristãos romanos não ficaram satisfeitos em ter como Chefe e Patrono um simples profeta e Manifestante divino, mas procuraram elevá-lo à categoria de Deus máximo e Absoluto: eles próprios refletiriam em si mesmos essa supremacia sobre os demais povos e suas religiões.

No entanto, Jesus é taxativo: “o Pai é maior que eu”, e por isso, “Se me amardes, ficareis alegres pelo fato de eu ir para junto do Pai”.

Logo a seguir vem outra ordem: “Levantai-vos, vamo-nos daqui”, o que prova que só então se levantaram os discípulos dos reclinatórios, não havendo necessidade, pois, de tecer suposições a respeito dos capítulos 16 e 17.

Aqui encontramos o epílogo da grande lição do cenáculo. Outras vezes ainda falou eom eles, tanto Jesus, quanto o Cristo, mas em fugazes momentos, até Sua imolação da cruz. E das lições dadas após esse drama iniciático, nada ficou escrito no plano físico (pelo menos, até hoje, nenhum manuscrito foi encontrado pelos homens).

Revigorado em Seu Espírito pelo contato que teve com o Pai, em Sua prece por Si, pelos discípulos e pelo próprio mundo que ainda não tinha capacidade para entendê-Lo, o Mestre volta-Se para Seu grupo de escolhidos e profere mais algumas palavras a modo de conforto e despedida. Acreditamos que não apenas Jesus, mas também os discípulos, se encontravam então em profundo estado de misticismo, Ele a preparar-Se para o grande passo, e o colegiado na expectativa tensa de não saber ao certo o que viria no minuto seguinte. Apesar de todos os esclarecimentos, não entendiam plenamente, em seus intelectos personalísticos, o que se estava passando. Disso teremos prova no próximo capítulo.

Daí as palavras de Jesus, derramando sobre eles a Sua paz do Cristo, e salientando que não era a paz do mundo; era a paz interior, não o silêncio da inatividade externa; era a paz dinâmica, não a estática; era a paz cheia de energia, não a da fraqueza timorata; era a paz do amor que embevece, não a do despeito que cala; a paz que nada teme, porque no meio da tempestade conturbadora dos elementos, sabe que o navio está ancorado no porto seguro, ao abrigo das ventanias ululantes, e das vagas violentas.

E insiste: “Não se turbe vosso coração nem se atemorize”.

Exatamente no Eu profundo, no coração, é que deve residir essa paz inalterável, que nada teme, que se mantém firme e confiante, fiel à sintonia crística, a união divina: “se Deus é por nós, quem será contra nós”? (Rom. 8:31). Mesmo que a personagem terrena, em sua fraqueza, trema e se angustie, o coração deve permanecer intimorato e valente, confiante e calmo, imperturbado e tranquilo, mergulhado na Divindade que o sustenta e lhe dá vida.

Sim, eu irei, “mas volto a vós”. E por que não sentir até alegria, com a partida do Mestre, se o afastamento temporário consistirá numa promoção? Esse afastamento será a maior aproximação com o Pai, depois desse passo decisivo em Sua carreira evolutiva, e depois dele, não poderá ser tocado por criatura humana alguma, nem mesmo pelo amor imenso da mulher amada (cfr, João, 20:17), por mais puro e elevado que seja. Promovido, terá que, primeiro, apresentar-se diante do trono do Ancião dos Dias, para receber a confirmação plena (Apoc. 5:12-13): “Digno é o cordeiro que foi imolado, de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e a benção”.

O amor e o carinho pelos discípulos fez que o Mestre lhes avisasse com antecedência tudo o que iria ocorrer, para que, mais tarde, verificando os fatos, pudessem ter certeza de que Ele era realmente o enviado do Pai.

Depois anuncia a chegada do “Príncipe do mundo”, da força unificada e didaticamente personificada do Anti-sistema, a agir por meio de criaturas que sintonizam com seu atraso evolutivo, “inocentes-úteis” a serviço do erro, embora muitas vezes supondo estar a servir à Verdade. Nenhum poder contra Jesus tem essa força e muito menos contra o Cristo, que a sustenta e vivifica. Daí a ação destruidora das forças negativas ser permitida e alimentada pelas Forças positivas, pois é por meio dessa destruição do inferior, que se pode construir o superior, é por meio da dor que se edifica a felicidade, é pela fricção do sofrimento que se acende a luz.

Então, a imolação de Jesus no altar do holocausto como vítima, Lhe proporcionará um avanço na subida espiritual; mas é preciso que o próprio mundo do Anti-Sistema veja, para crer: necessário o sacrifício de um Avatar para que seja o Anti-Sistema sacudido em seus alicerces e, refletindo, observe qual o caminho verdadeiro e certo para a ascensão espiritual.

SALVAÇÃO

Nesse sentido, o sacrifício de Jesus na Cruz - embora tendo sido olhado e considerado dum ponto de vista diferente do real - constituiu verdadeiramente uma “salvação” para muitos espíritos que, por meio dele, e impressionados com ele, conseguiram destacar-se do Anti-Sistema e passar a viver no ambiente sintônico do Sistema. Milhões foram os espíritos que, no decorrer destes últimos dois mil anos, se “saltaram”. Justifica-se, pois o título de SALVADOR (sôtêr) atribuído a Jesus desde os primórdios, apesar de essa palavra não ter o sentido que a teologia lhe empresta.

De fato, o pensamento teológico é que a imolação de Jesus teve o efeito de apagar ou “redimir os pecados”, por própria força intrínseca, em vista da grandeza de Seu Espírito divino, ou melhor, em vista de ser o próprio Deus que “morreu” (!).

Em decorrência disso, teve que fatalmente ser abandonado e combatido o fato da reencarnação, conhecido e comprovado desde a antiguidade, pois se um espírito foi “redimido” e está “salvo”, não poderia mais voltar à condição antiga de sua capacidade de errar ou “pecar”.

Então, uma interpretação unilateral de um fato, obriga esse intérprete a negar outro fato real. A dedução empírica e cerebrina, que constrói uma teoria improvada (e negada pela prática), tenta destruir um acontecimento comprovado pela maioria.

Esqueceram-se, todavia, de importante pormenor: se o sacrifício de Jesus foi de efeito tão forte e irresistível que “redimiu os pecados da humanidade”, como explicar que os homens continuaram - salvo raríssimas exceções - a cometer seus “pecados”, obtendo absolvição e voltando de novo aos pecados? Ao observar a história da humanidade, verificamos uma mudança fundamental na direção de sua caminhada, mas não descobrimos, absolutamente, uma diminuição dos desvios da rota, nem de erros, nem de crimes, coisa que seria de esperar de tão grande e infinito impacto.

A razão disso é que Jesus de fato SALVOU, como disseram os primeiros discípulos, mas não com a remissão dos pecados (tradução tradicional mas imprópria e até falsa) e sim com o DESATAR DOS ERROS (aphesis tôn hamartíôn, vol. 6), que exprime precisamente o que estamos dizendo: desatou os laços que prendiam os homens aos erros do Anti-Sistema, isto é, à ilusão da personagem.

Nesse sentido, realmente SALVOU (sôzein) a humanidade, pois com sua força vibratória incomensurável, porque crística, interrompeu a caminhada do Espírito que descia cada vez mais para a personagem, e fê-la dar uma volta de 180°, mudando o rumo errado em que caminhava, para levá-la a prosseguir seus passos na direção do Espírito, para o Sistema, para a Individualidade.

Observemos e estudemos com atenção, e verificaremos que milhões de pessoas, depois de Jesus, aprenderam a renunciar “ao mundo, às suas pompas e às suas obras” - ou seja, desdenharam as honras, as glórias, a fama e a grandeza da personagem, para buscar dentro de si a felicidade espiritual, o encontro com o Cristo interno, servindo-se, em muitos casos, do magnífico e insuperável símbolo da recepção da hóstia consagrada, com a qual “entrava” no coração o Cristo, ainda vindo “de fora”. Mas, com o tempo, Ele passou a “morar” dentro do coração permanentemente.

Então, Jesus SALVOU a humanidade, por mostrar-lhe a direção certa de sua caminhada e “desatá-la dos erros” da personagem (da ilusão do mundo transitório), e não por te-la “redimido do pecado”, coisa que em absoluto foi atingida até hoje.

Com essa interpretação lógica e acorde com o texto, verificamos que tudo se coloca em seus lugares e passa a ser indispensável o fato da reencarnação.

Pois não basta reconhecer o caminho certo e voltar-se na direção correta: é necessário palmilhar essa estrada, pois em Sua vida o próprio Jesus a percorreu, dando-nos o exemplo vivo. E essa jornada é muito longa, não sendo conseguida em uma só vida, de modo algum: é estrada cheia de percalços, embora a meta seja nítida, clara e inconfundível no fim da viagem.

Naquela ocasião, não havia mais tempo de muitas explicações, porque se aproximava a hora da ação, e o Anti-Sistema cumpriria a tarefa que lhe competia.

E embora nada tivesse com Jesus, que descera voluntariamente ao Anti-Sistema, mas a ele não pertencia mais, no entanto ainda agia com eficiência sobre a humanidade toda, e portanto devia atingir Jesus em Sua humanidade. E isso para que todos nós pudéssemos ver, saber e compreender, que o Espírito ama o Pai e faz como Ele manda, mas a personagem precisa receber os impactos dolorosos que nos impulsionam na subida evolutiva.

A hora, a partir daí, é de AÇÃO: “Levantai-vos, vamo-nos daqui”, enfrentemos as forças adversárias que se erguem, e cumpramos as determinações superiores com inquebrantável coragem, a fim de superarmos e vencermos os impactos do mundo.

SAÍDA DO CENÁCULO

Mat. 26:30

Marc. 14:26

30. Cantando um hino, saíram para o Monte das Oliveiras.

26. E cantando um hino, saíram para o Monte das Oliveiras.

Luc. 22:39

João, 18:1a

39. E saindo, dirigiu-se, segundo o costume, para o Monte das Oliveiras, e seguiram-no também os discípulos.

18. Tendo falado essas coisas, Jesus saiu com seus discípulos para a outra margem da torrente do Cedron ...

Pequeno versículo, mas que traz a confirmação do hábito israelita de finalizar a ceia pascal com a recitação do hino (*hymnêzantes*) de ação de graças (*eucharistía*), que consistia na segunda parte do *Hillel*, que era cantado depois da quarta e última taça de vinho. A segunda parte do *Hillel* era composta dos salmos 113 a 110. Lucas e João não citam esse pormenor.

“Saíram” vem provar que realmente está certa a hipótese que formulamos à página 19, transpondo os versículos 14:27-31 para o final do capítulo 17.

Para o “monte das Oliveiras”. Vimos (vol. 7) que o cenáculo ficava perto da porta de Siloé. Então, o caminho seguido pode ter sido:

- a) subir em linha reta e descer diretamente para o Cedron e o Getsemani, atravessando o cabeço do Ophel,
- b) ou descer a encosta do Tiropéu em escadaria (recentes escavações puseram essa escada à vista), sair pela porta de Siloé, e dobrar à esquerda, atravessando o pequeno vale do Cedron, hoje denominado *Sitti Maryam*. Aí estava um dos *uádis* do Cedron, classificado de “torrente” (*cheimárros*) porque só tinha água no inverno, na época as grandes chuvas, permanecendo seco no resto do ano.

A distância não ultrapassava a medida permitida para os sábados. Deviam ser, concordam os comentaristas, cerca das 22 horas.

Por Lucas (cfr. 21:37) sabemos que era hábito de Jesus orar à noite naquele local, ali pernoitando quando não desejava ir até Betânia.

Essa torrente do Cedron é citada (2.º Sam. 15:23) no episódio da fuga de David, perseguido por Arquitofel.

Depois da prece, dirige-se Jesus com Seus discípulos para orar no monte das Oliveiras.

Como já vimos de outras vezes, para orar Jesus sempre “sobe a um monte”, isto é, eleva suas vibrações; pois só subindo a frequência vibratória, conseguirá sintonizar com a altíssima faixa que venha a atingir a Casa do Pai.

Além disso, temos que considerar o simbolismo não apenas do “monte”, como também do nome desse monte: “das oliveiras”. Desde Noé, a oliveira simboliza a PAZ.

Tendo elevado Suas vibrações, automaticamente penetra na esfera da Paz interna, que nada poderá alterar, pois se torna inatingível às vibrações barônticas do “mundo”.

Aí temos, pois, uma lição que a todos nós servirá: nos grandes momentos que precedem ou acompanham os passos decisivos de nossa vida, mesmo quando as forças negativas do Anti-Sistema nos atacam, precisamos subir a sintonia e penetrar na paz, a fim de não sermos atingidos em nosso Eu profundo pelos distúrbios provenientes do mundo externo.

Nessa atmosfera de paz dinâmica interna profunda, pode cair sobre nós qualquer avalanche, que nosso Eu não se perturba, embora a personagem transitória possa angustiar-se externamente. Mas a individualidade não se altera, e acaba conseguindo dominar e controlar a personagem.

OS FACÕES

Luc. 22:35-38

- 35. E disse-lhes: “Quando vos envie sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, não vos faltou algo”? Eles disseram: “Nada”.**
- 36. Então lhes disse: “Mas agora, o que tem bolsa, segure-a; igualmente o alforje; e o que não tem, venda sua capa e compre um facão,**
- 37. pois digo-vos que deve realizar-se em mim o (que está) escrito: Foi contado entre os sem-lei, porque tem fim o que me diz respeito”.**
- 38. Eles disseram-lhe: Senhor, eis aqui dois facões. Disse-lhes ele: “São bastante”.**

Trecho privativo de Lucas, que relembra as recomendações feitas mais aos discípulos (10:4) que aos emissários (9:1). No momento, essas recomendações deixam de ter valor, pois Jesus “será contado entre os sem-lei”, conforme as palavras citadas de Isaías (53:12).

Como discípulos de um condenado político, não podiam contar com boa recepção nem hospitalidade, devendo bastar-se a si mesmos, pois de ora em diante viverão entre adversários, serão desprezados e até odiados e caçados à morte, por causa de Jesus.

Os discípulos não entenderam a alegoria do facão. A respeito dessa incompreensão, Cirilo de Alexandria (in Lagrange, o.c. pág. 558) sugere que Jesus deve ter tido “um sorriso indulgente e melancólico” (*mononouchi diagelai tèn phônen*).

Bonifácio VIII, na bula *Unam Sanctam*, interpreta os dois facões como símbolos do poder temporal e do espiritual: precisava de uma defesa para sua ambição terrena.

Frase embaraçosa é a que traduzimos “tem fim o que me diz respeito (*tò peri emoú télos échei*). Estudá-la-emos adiante.

Entretanto, indefensável é a tradução das edições vulgares, que trazem “espada”, em lugar de “facão”. O grego *máchaira* exprime de fato “facão”, o facão do açougueiro, do pescador, do mateiro, do jardineiro, ou então a “cimitarra” curva, em oposição à espada reta que era dita *xíphos*. Não podem compreender-se essas “espadas” nas mãos dos discípulos, simples pescadores, que se reuniam para comer a páscoa. Se ainda fossem oficiais do exército! Alguns autores servem-se dessa má tradução para buscar provar que Jesus era apenas simples subversivo contra o poder romano, e estava, na realidade, agredando o povo em torno de si para deslanchar uma revolução armada. E daí sua condenação política e ter sido entregue aos romanos. No entanto, por toda a Sua vida e Seus ensinamentos, não é possível crer-se que Jesus tivesse sequer pensado em revolução armada. Daí ser impossível crer que Seus discípulos tivessem “espadas” consigo ... Seria o mesmo absurdo que acreditar que o Mahatma Gandhi possuísse uma metralhadora automática, ou mesmo simples espingarda para combater os ingleses ...

Que tivessem facões, era compreensível: eram pescadores, e levavam consigo seus pertences, Embora nem todos o fizessem.

No trajeto rápido entre o cenáculo e o monte das Oliveiras, aparece o diálogo que, embora curto, constitui lição proveitosa.

Trata-se porém de magnífico simbolismo, baseando-se numa lição anterior, do qual foi deduzido o presente ensino. Lamentavelmente ainda não foi entendido até aqui pelos comentadores ortodoxos, ou melhor, jamais encontramos nenhum comentário que tenha atingido o cerne da lição.

O fato nada lhes faltou, e eles o testificam, quando foram enviados desprovidos de elementos materiais para satisfazer a suas necessidades vitais e sem acessórios para seu conforto físico.

A lição: nos momentos de dificuldades, quando assomados pelas forças negativas, não pode o discípulo permanecer desprevenido e inerte, a fim de não ser surpreendido e aniquilado pelos adversários, Indispensável, pois, que se muna dos meios espirituais, representados pelas obras de SERVIÇO, que equivalem ao dinheiro no plano físico (bolsa); que carregue suas baterias e acumuladores com a prece que alimenta a alma (alforge); e que dispense a proteção da defesa passiva (capa) para assumir a iniciativa da ação pela palavra (facão), como Paulo definiu: “Tomai o capacete da salvação e o facão do espírito, que é a palavra de Deus” (Ef. 6:17). E na epístola aos hebreus (4:12) lemos ainda: “A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante que qualquer faca de dois gumes, e penetra até a divisão entre a alma e o espírito”.

Então, ao invés de deixar-se levar pelas circunstâncias, aguardando benefícios dos outros, os discípulos deverão, em meio às dificuldades do caminho que crescerão muito, tomar a iniciativa e providenciar para si mesmos os meios de que carecem para realizar suas tarefas. E esses meios serão todos espirituais: prece que alimenta o espírito (alforge), obras de serviço que produzem merecimento e evolução (bolsa) e palavra candente e cortante que atinja as almas de todos aqueles a quem se dirigem (facão). Nada de ficar envolvidos no comodismo da espera (na capa), aguardando que as forças do Alto façam tudo: Deus se manifesta aos homens por intermédio dos próprios homens. E os discípulos são os homens designados para essa ação divina de atuação eficiente.

“Tem fim o que me diz respeito” exprime o término de sua missão entre os homens, na qualidade de Jesus humano encarnado. Tudo o que se refere à humanidade de Sua vida na Palestina, chega ao fim. Mais algumas horas de permanência entre os homens e tudo acabará com a “morte de Osíris” na cruz, depois da qual deverá desaparecer para todos os profanos, como se realmente tivesse desencarnado, só podendo aparecer diante dos iniciados que compreenderiam o alcance de Seus atos (cfr. vol. 5). Portanto, quanto a Ele pessoalmente, finalizará dentro de horas Sua tarefa. Daí em diante, competirá a eles a ação. E para essa ação, é indispensável a iniciativa, não a expectativa.

Na realidade, houve ainda incompreensão dos discípulos quanto ao simbolismo dos facões. Basta observar a alusão aos que estavam na cintura dos dois mais “cuidadosos”, segundo a interpretação que o mundo empresta à defesa do corpo, mais importante para ele que o Espírito.

ORAÇÃO NO JARDIM

Mat. 26:36-46

Marc. 14:32-42

36. Então foi Jesus com eles para um sítio chamado Getsêmani, e disse aos discípulos: “Sentai-vos aqui, enquanto vou ali orar”.
37. E tomando Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a inquietar-se.
38. Então lhes disse: “Triste está minha alma até a morte: ficai aqui e ficai acordados comigo”.
39. E adiantando-se um pouco, caiu sobre seu rosto orando e disse: “Meu Pai, se é possível, afasta de mim esta taça: porém não como quero, mas como tu (queres)”.
40. E volta aos discípulos e encontra-os dormindo; e disse a Pedro: “Assim não tivestes força de ficar acordados comigo uma hora?”
41. Ficai acordados e orai, para que não entreis na provação; pois o espírito (tem) boa-vontade, mas a carne (é) fraca”.
42. De novo, pela segunda (vez) retirando-se, orou, dizendo: “Meu Pai, se isto não pode passar sem que o beba, faça-se tua vontade”.
43. E vindo de novo, encontrou-os dormindo, pois os olhos deles estavam pesados.
44. E tendo-os deixado novamente, afastando-se, orou pela terceira (vez) dizendo de novo as mesmas palavras.
45. Então veio aos discípulos e disse-lhes: “Dormis agora e repousais? Eis que chegou a hora, e o filho do homem é entregue nas mãos dos profanos.
46. Levantai-vos, vamos! Eis que chegou o que me entrega”.
32. E foram a um sítio chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: “Sentai-vos aqui enquanto oro”.
33. E toma a Pedro, Tiago e João com ele, e começou a atemorizar-se e a inquietar-se,
34. e disse-lhes: “Triste está minha alma até a morte; ficai aqui e despertai”.
35. E adiantando-se um pouco, caiu sobre a terra e orou para que, se fora possível, fosse afastada dele aquela hora,
36. e disse: “Abba, ó Pai, tudo te é possível: afasta de mim esta taça; todavia, não o que quero, mas o que tu (queres)”.
37. E volta e encontra-os dormindo, e disse a Pedro: “Simão, dormes? Não tiveste força de ficar acordado uma hora?”
38. Despertai e orai para que não entreis na provação, pois o espírito (tem) boa-vontade, mas a carne é fraca”.
39. E afastando-se de novo, orou dizendo as mesmas palavras.
40. E vindo novamente, encontrou-os dormindo, pois seus olhos estavam pesados e não sabiam o que responder-lhe.
41. E foi pela terceira (vez) e disse-lhes: “Dormis agora e repousais? Basta: chegou a hora, eis que é entregue o filho do homem nas mãos dos profanos.
42. Levantai-vos, vamos! Eis que chegou o que me entrega”.

Luc. 22:40-46

- 40. Chegado, porém, ao lugar, disse-lhes: “Orai para não entrardes na provação”.**
- 41. E foi afastado deles cerca de um arremesso de pedra, e pôs-se de joelhos e orou**
- 42. dizendo: “Pai, se queres, afasta de mim esta taça; faça-se porém não minha vontade, mas a tua”.**
- 43. Apareceu-lhe um mensageiro do céu, confortando-o.**
- 44. E começando a agonia, orou mais fervorosamente, e tornou-se o suor dele como coágulos de sangue, caindo no chão.**
- 45. E levantando-se da oração, veio aos discípulos e achou-os adormecidos pela tristeza,**
- 46. e disse-lhes: “Por que dormis? Levantai-vos, orai, para que não entreis na provação”.**

João,18:1b

- 1. ... onde havia um jardim, no qual entraram ele e seus discípulos.**

Aqui temos o primeiro ato do drama, ao levantar-se o sipário: o candidato, a sós, enfrenta intelectualmente as provas que são mostradas à personagem, pois só a individualidade tivera delas conhecimento total antes da reencarnação. A personagem conhecia o que a esperava, mas não em seus pormenores.

O termo *kôrion* é diversamente traduzido: como “lugar” (Loisy Lagrange), como “domínio” (Crampon, Durand, Jouon) como “propriedade” (Buzy, Denis) como “sítio” (Piot); mas João, que conhecia bem o local, em vez do genérico *kôrion*, especifica que se trata de um *kêpos*, isto é, um “jardim”.

Ficava a cerca de cem metros ao norte, devendo tratar-se de uma propriedade particular, pertencente a um amigo do Mestre, pelo que tinha Ele ali livre acesso. Mateus e Marcos citam o nome, Getsemani (hebr. *gath shemanim*) que significa “lagar de azeite”. Jerônimo (Patrol. Lat. vol. 26 col. 197), julgando que o original era *gê'shemani*, traduz como “vale fertilíssima” (*vallis pinguisima*).

O local devia ser solitário e ficava em frente à porta dourada do templo, situando-se para lá (*perán*) do Cedron, ou seja, na margem oriental, no ponto do vale em que a torrente, virando para sudoeste, cava um precipício nos flancos do Ophel.

Piot (vol. 9 pág. 576) escreve: “Descobertas arqueológicas recentes, em confronto com antigos peregrinos, permitiram reencontrar com toda a certeza o lugar exato da agonia e o da traição de Judas (cfr. Vincent et Abel, “Jérusalem Nouvelle”, pág. 301-327; 1006-1013, Orfali. “Gethsemani”). É necessário distinguir nitidamente com os mais antigos autores (Eusébio de Cesaréia, o Peregrino de Bordeaux, S. Cirilo de Jerusalém e, mais tarde, o diácono Pedro, 1037, o higúmeno Daniel. Ernoul, 1228) o lugar em que Jesus orou e o em que foi preso. A gruta, erradamente chamada da agonia, deve chamar-se agora “gruta da traição”; ficava separada do jardim de Getsemani pelo caminho em escada, intacto ainda no século IX, que permitia, por 537 degraus talhados na rocha, ir do fundo do Cedron ao cimo do monte das Oliveiras. A gruta da traição, de forma oval bastante irregular, tem no conjunto 17 m de comprimento, 9 m de largura e 3,50 m de altura. A abóbada rochosa é sustentada por seis colunas, das quais três são de alvenaria. O próprio rochedo foi encontrado por ocasião das escavações empreendidas para encontrar os alicerces da basílica erigida entre 380 e 390. Esse rochedo, que se pretendeu encaixar na basílica primitiva por causa de seu caráter eminentemente sagrado, já que foi consagrado pela oração do Mestre divino e regado com seu adorável sangue, impusera a esta (basílica) uma orientação sensivelmente diferente da que foi adotada nas últimas restaurações. Nesse rochedo, pois, - onde desde o final do século IV os sacerdotes oferecem o cálice do Senhor, aí mesmo onde seu sangue, misturado ao suor, caiu gota a gota (Luc. 22:43-44). Graças a esse mole rochoso, situado a cem metros ao sul da gruta da traição e a 15 m acima da torrente de Cedron, numa distância de mais ou menos 8 m e numa largura de 3,80 m - é que se encontra o lugar exato da oração de Jesus, e pôde conservar-se nos

três primeiros séculos sem nenhum monumento comemorativo, apesar do desbastamento da madeira do monte das Oliveiras, em 70, e dos reviramentos de toda espécie, que tornaram essa colina, a acreditar-se no historiador Josefo, totalmente irreconhecível. Se a lembrança do lugar da agonia tivesse ficado ligada a esta ou àquela oliveira, teríamos tido um ponto de referência absolutamente precário. Mas o bloco que fazia parte integral da montanha, podia transmitir através dos séculos essa recordação sagrada, não obstante as mais selvagens devastações. A restauração da basílica da agonia, cuja primeira pedra foi colocada a 17-10-1919 pelo cardeal Giustini, foi acabada em 1926.

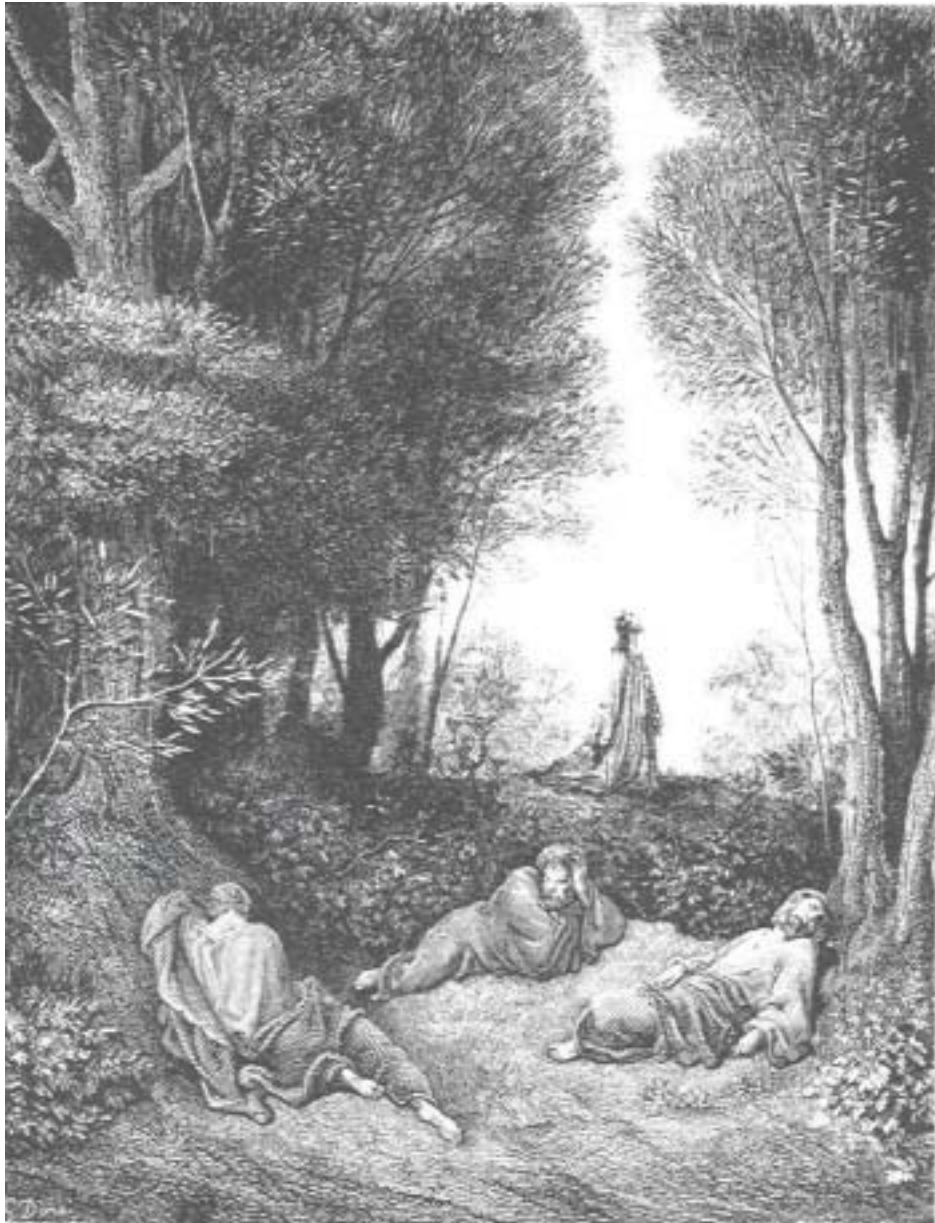


Figura “NO JARDIM DAS OLIVEIRAS” – Desenho de Doré, gravura de Pannemaker

O fato desenrola-se com naturalidade. Jesus manda-os sentar-se (*kathísate*) em grupo, a fim de isolar-se na prece, e leva consigo os mesmo três discípulos que o acompanhavam nos momentos solenes: Pedro, Tiago e João.

A frase do vers. 45 em Mateus é apresentada interrogativamente em grego. Muito melhor que imperativos afirmativos, que teriam sentido irônico, não concebível em circunstâncias de tamanha apreensão.

A indagação, ao contrário, é séria: “estais dormindo agora, quando o Filho do Homem vai ser entregue”? E logo a seguir apressa-os: “Levantai-vos, vamos, pois chegou o que me vai entregar.”

Os versículos 43 e 44 de Lucas faltam no papiro 75, em *aleph* (1.^a cópia), em A, T, W, 1071 e nos pais: Marcion, Clemente, Orígenes (segundo Hilário), Atanásio, Ambrósio (segundo Epifânio e Jerônimo), Cirilo e João Damasceno.

São assinalados com asterisco nos códices *delta* (3.^a cópia), *pi* (3.^a cópia) e outros menos importantes.

Mas aparecem nos códices *aleph* (1.^a mão), D, K, L, X, *delta* (1.^a mão), *theta* (1.^a mão), *pi*, *psi* (1.^a mão), família 1 e nos pais: Justino, Irineu, Hipólito, Dionísio, Ario (segundo Epifânio), Eusébio, Hilário, Cesário Nazianzeno, Gregório Nazianzeno, Dídimo, Pseudo-Dionísio, Epifânio, Critóstomo, Agostinho, Teodoreto, Leôncio, Cosmos e Fecundo.

Compreende-se a omissão, em vista das críticas que provocava, pois constituía uma prova da fraqueza humana natural, na pessoa de Jesus, além de também atestar sua não-divindade: não seria concebível um Deus Absoluto temeroso ante o sacrifício físico.

Outra anotação a fazer é que a palavra grega *thrómbōi* (donde provém nossa “trombose”) não exprime absolutamente “gotas”, como aparece nas traduções vulgares, e sim “coágulos, grumos”. O suor não era constituído de sangue, que gotejava, mas era uma substância que a pele de Jesus exsudava através dos poros e que, COMO se fossem pequenos coágulos de sangue, caíam por terra. O advérbio *hōsei* não é, como afirmam os hermeneutas, “indicativo”, mas simples “comparativo”: era COMO SE FOSSEM coágulos de sangue. “pareciam ser” coágulos de sangue, mas não eram.

No entanto, Irineu (Haer. 3.22.2, Patrol. Graeca vol. 7, vol. 957) e Agostinho (In Ps. 140.4, Patrol. Lat. vol. 37. vol. 1817) afirmam que se tratava de verdadeiro sangue.

Seja sangue, ou apenas coágulos, como diremos, trata-se de irrespondível prova contra os docetas, que afirmavam que Jesus não tinha corpo nem sangue físicos, mas era apenas um “fantasma”, que fingia estar encarnado, mas não estava. Na epístola aos hebreus (5:7) está claro: “nos dias de *sua carne*”, confirmando João (1:4) que diz que “o verbo se fez carne”, e que afirma em sua Epístola (1.^a, 4:2) que se conhecerá o espírito que vem de Deus, quando disser que Jesus veio em carne. E na 2.^a epístola, v. 7, insiste: “muitos sedutores tem aparecido no mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne: esse é sedutor e anticristo.”

Esse estudo foi feito em amplitude por Azpeitia-Gutierrez, “Estudio Apologetico y Médico”, Zaragoza, 1944; por L. Picchini, “La Sudorazione di Cristo”, Roma, 1953; e Riquelme Salazar. “Examen Médico de la Vida y Pasión de Jesucristo”, Madrid, 1953.

Anotemos ainda a palavra *agônía*, empregada por Lucas no original, mas não na interpretemos como a nossa “agonia” em português, ou seja, o estado típico daqueles que entram em coma. Em grego, esse termo exprime “luta”. Aqui, portanto, o “entrar em agonia” significa iniciar a luta da personagem fraca contra a própria fraqueza. Sustentado pela individualidade, o homem, nos grandes momentos trágicos, entra em luta titânica e sem tréguas contra a covardia da personagem, que quer evitar a todo custo o sofrimento moral ou físico. Nessa agonia, isto é, nessa luta, que produz ansiedade e angústia, é que se decide qual o mais forte, qual das duas sairá vencedora: se a individualidade, haverá avanço evolutivo; se a personagem, a derrota está à vista.

Não é sem razão que Mateus e Marcos dão o nome de Getsemani ao jardim a que Jesus se recolheu para orar. Todos os indícios da interpretação foram deixados sabiamente consignados por escrito, para que a humanidade pudesse, quando disso fosse capaz, descobrir a realidade e compreender o significado profundo dos atos do Mestre inconfundível.

Observamos que Jesus não estava no “jardim fechado”, ou seja, na Galiléia, e sim na Judéia. Mas vai para um “jardim”. E o nome desse jardim significa “lagar de azeite”, ou seja, o instrumento que esmaga as azeitonas, para delas cavar o azeite, tal como o corpo de Jesus seria esmagado pela dor, para que se produzisse o azeite, o líquido com que se sagravam os sumos-sacerdotes e os reis.

E esse sofrimento, segundo testifica a epístola aos hebreus (5:7-10) O elevou ao grau de sumo-sacerdote da Ordem de Melquisedec, tornando-o o CRISTO, isto é, “UNGIDO”, exatamente com o azeite sagrado da unção sacerdotal. Não poderia haver indicação mais clara da ação espiritual que se estava realizando no globo terráqueo.

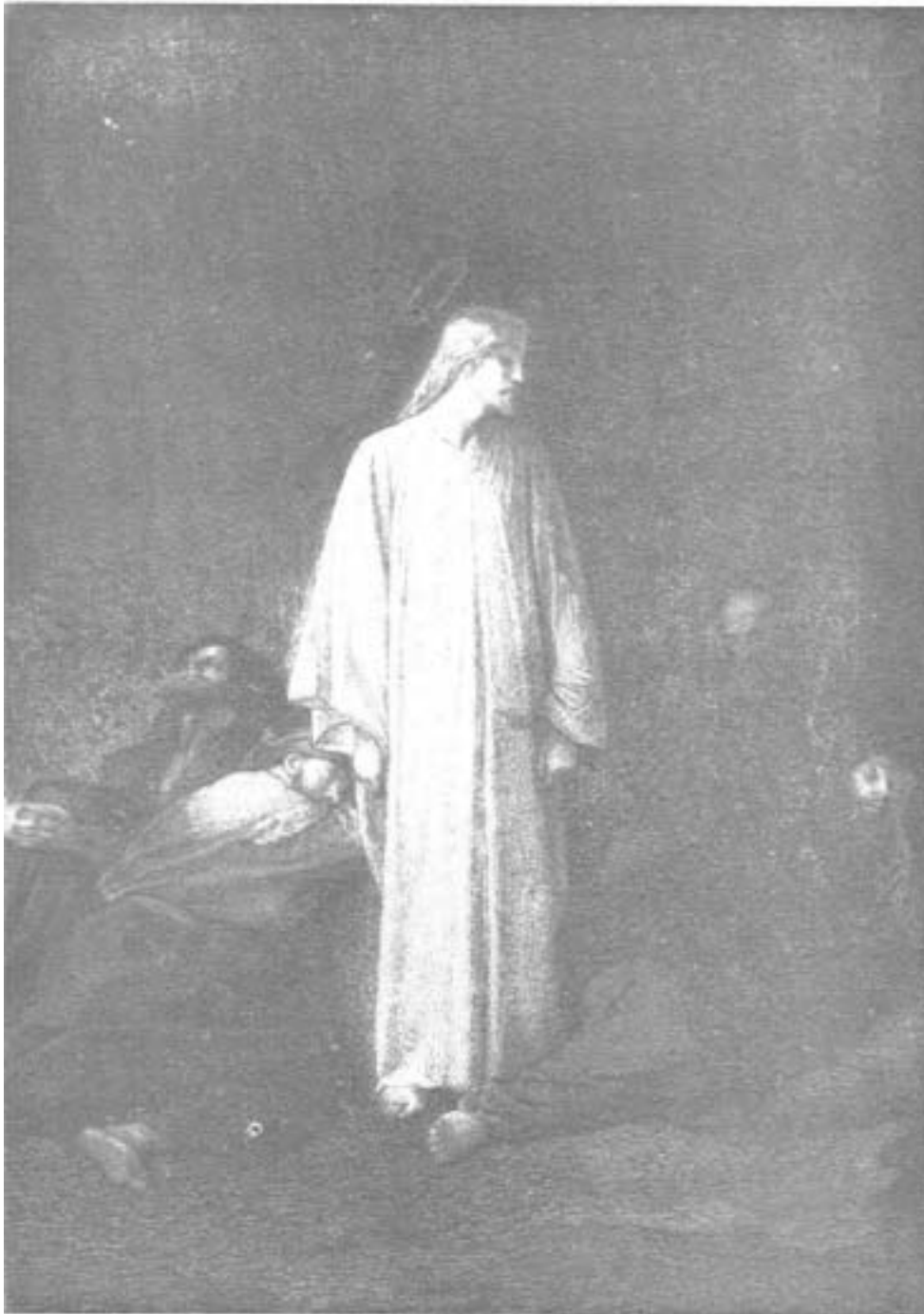


Figura “SONO DOS DISCÍPULOS”, Desenho de Bida, gravura de Léopold Fleming

Da mesma forma que na Transfiguração havia sido dado um passo iniciático, aqui se iniciava o processo para o passo seguinte. Então havia mister de “duas ou três testemunhas” (cfr. Deut. 19:15; Mat. 18:16 e 2.ª Cor. 13:1). Foram escolhidas as mesmas testemunhas que haviam presenciado sua transfiguração gloriosa, Pedro, Tiago e João, a fim de que agora vissem sua luta (agonia). Eles que haviam testemunhado a manifestação da Individualidade no Tabor, precisavam ver, e comparar com

aquela, a manifestação de Sua personagem transitória, diante do programa de provas por que deveria passar heroicamente.

Para preveni-los do a que assistiriam, avisa-os desde o início que “Sua alma” (psychê) - portanto Sua personagem que não deve absolutamente confundir-se com a individualidade (pneuma) - “está triste até a morte”. O que exprime o alcance indizível da ânsia por que foi tomada. Pode-lhes, pois, que fiquem “despertos”, a fim de ajudar Seu eu menor a firmar Sua personagem conturbada pelos grandes sofrimentos que terá que suportar sem um gemido.

No entanto, os olhos dos discípulos estavam “pesados”, e os evangelistas esclarecem “por causa da tristeza”. Hoje a expressão empregada seria outra: fisicamente achavam-se exaustos pela perda de fluidos magnéticos.

O mesmo ocorrera por ocasião da Transfiguração, quando diz Lucas: “Pedro e seus companheiros estavam oprimidos de sono, mas conservavam-se despertos” (Luc. 9:32: vol. 4.º, pág. 111).

Aqui, a grande perda de substância ectoplasmática, unida à tristeza apreensiva da hora, à tensão opressiva e à expectativa dolorosa, não deixaram que resistissem fisicamente.

Jesus recomenda-lhes que permaneçam despertos (gregoreíte) para que “não entrem na provação”, ou seja, para que não sejam apanhados desprevenidos pelas provas a que seriam submetidos. Nesses momentos, é indispensável haver dinamismo ativo, e não estaticismo passivo e muito menos relaxamento no sono, pois se o Espírito (pneuma, individualidade) tem boa-vontade (prós thymos), a carne (sarx, o corpo da personagem) é frágil e pode sucumbir.

Jesus afasta-se dele. Lucas diz textualmente “é arrancado deles (apespáthê ap'autôn): trata-se do Espírito que força o corpo a isolar-se, para que sozinho suporte o impacto, embora a criatura goste sempre de sofrer acompanhada. Já à distância, o corpo rui por terra, na posição do desânimo e da súplica: ajoelha-se (theis tà gónata) e curva o rosto até o chão (épiptein epi tês gês, em Marcos: ou épesen epi prósôpon autoú, em Mateus), e começa a orar.

Mateus cita-lhe as palavras das três vezes que orou, pois nas três exprimiu o mesmo pensamento: “Se é possível, afasta de mim esta taça”: é a ânsia da personagem que teme arrostar a dor física. Mas logo a seguir acrescenta: “Mas não como quero eu, e sim como queres tu: faça-se a Tua vontade, não a minha”.

Aqui verificamos nitidamente a dualidade de vontades, entre a personagem e a individualidade, entre o Filho e o Pai, entre Jesus e Deus (Melquisedec). Como pode explicar-se isto, de quem dissera: “Eu e o Pai somos um”? e “faço apenas a vontade do Pai”?

As duas frases, e outras semelhantes, nós o vimos a seu tempo, foram proferidas pelo CRISTO, através de Jesus, com o qual estava identificada Sua individualidade. Não pela personagem terrena de Jesus, não por Seus veículos físicos. Seu Espírito (pneuma) já identificara, mas não Sua personagem (psychê) de fato, “a carne e o sangue não podem possuir o reino dos céus” (1.ª Cor. 15:50). Tudo é claro e luminoso, e não há contradições nos Evangelhos.

Apesar de tudo isso, fortemente influenciada e dominada pelo Espírito a personagem se conforma e aceita que a vontade do Pai, que era também a de Seu Eu profundo, seja realizada, e que prevaleça sobre a vontade fraca e temerosa. Então essa prece, proferida três vezes pelo homem Jesus, demonstra o esforço que Sua personagem física fazia para sintonizar e concordar com a vontade do Espírito e, por conseguinte, com a vontade do Pai. Ao falar com os discípulos, cujo físico se achava enfraquecido pela perda de energia, Ele também esclarece esse mesmo ponto: “O Espírito tem boa-vontade, mas a carne é fraca.

Isso se passava com Ele nesses momentos e Ele o verificava em experiência pessoal ali mesmo vivida e sentida.

* * *

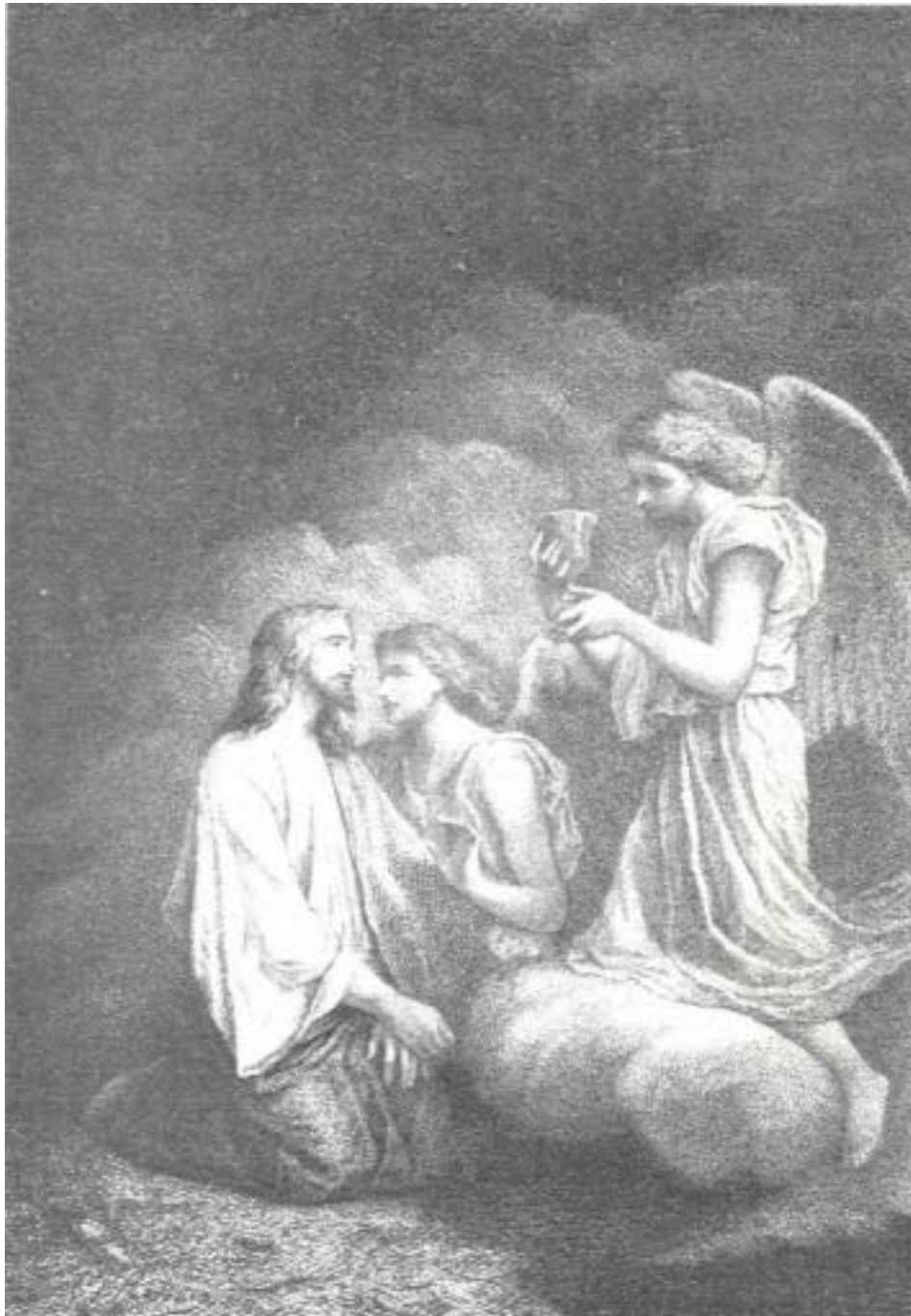


Figura “CONFORTO ESPIRITUAL” – Desenho de Bida, gravura de Éd. Hédouin

Lucas, na qualidade de médico, e portanto mais conhecedor dos fenômenos que se passavam no corpo físico e no astral, e mais afastado do drama, tendo-se informado de tudo com pormenores, anota dois fatos de que os outros não falam.

O primeiro e a aparição de um espírito desencarnado, que se materializa para “confortá-lo”. Lucas di-lo ággelos (mensageiro). Como explicar essa materialização?

Já havíamos assinalado que Pedro, Tiago e João foram os chamados para acompanhar a Transfiguração e, dissemos-lo a seu tempo (cfr. vol. 4), deviam ser médiuns de efeitos físicos, escolhidos exatamente para proporcionarem ectoplasma. O que ocorreu lá, ocorre agora aqui e ocorrerá na “ascensão”. O ectoplasma abundantemente fornecido possibilitou a materialização do espírito.

Mas não foi só: houve também o segundo fenômeno assinalado por Lucas.

Aqui entra o tão citado e estudado “suor de sangue” a que a medicina chama hematidrose: vimos que thrómboi não exprime “gotas”, e sim “coágulos” ou “grumos”, quer de sangue, de leite, gordura, etc.

Muitos esforçam-se em provar que, nas grandes angústias, é possível que as capilares do derma possam, por exsmose, exteriorizar gotículas de sangue. Mas não nos convence essa explicação, em primeiro lugar porque a luta e a angústia de Jesus não devem ter sido tão apavorantes que causassem esse efeito violento e raro; em segundo lugar, porque, onde há explicação mais simples e plausível, não deve buscar-se outra mais complicada e difícil.

Compreendemos que esses coágulos formados por Seu suor, ou seja, pelo que parecia ser “suor”, eram pequenas cristalizações de ectoplasma.

Sabemos, sem qualquer dúvida, que ectoplasma é proveniente do sangue, e melhor que nós devia sabê-lo Lucas. Sabemos ainda que o ectoplasma se exterioriza, na mediunidade de efeitos físicos, por todos os orifícios do corpo: boca, narinas, ouvidos, anus, vagina, meato urinário e ainda pelo umbigo e pelos poros de todo o corpo, sendo tanto mais abundante, quanto maiores forem os orifícios, como é lógico.

Que o ectoplasma dos discípulos foi abundante, comprova-o o sono irresistível (e anotemos de passagem que realizaram uma sessão de materialização após bebido vinho). Mas também do corpo de Jesus deve ter-se exteriorizado, como o demonstra o fato de ter sido interpretado como “suor”. Mas não se afastou do corpo, antes, envolveu-o, sendo que, porém alguns coágulos caíram ao chão.

Outro argumento que nos induz a crer que se trata de ectoplasma, é que todos sabemos que se apresenta, na escuridão, com fraca luminescência fosfórea, coisa que não ocorre com o suor aquoso, nem mesmo com a hematidrose. E para ter sido anotado, nessa noite escura, observando-se que “caía por terra”, era preciso que houvesse algo a iluminá-lo: sua própria fosforescência.

Mas por que e para que se teria produzido tal fenômeno?

Não cremos que tenha sido pelo pavor, mas sim pelo merecimento da personagem de Jesus, sempre pronta a obedecer e que, nesse mesmo instante, soubera aceitar com resignação a prova dolorosa. Esse merecimento fez que o espírito materializado o confortasse e ajudasse de duas maneiras eficientes:

1.ª) recobrando a superfície do corpo de Jesus com aqueles pequenos cristais de ectoplasma, localizados provavelmente sob a pele, a fim de embotar os terminais nervosos, com o objetivo de diminuir a violência das dores e contusões, preparando rápida recuperação dos tecidos epiteliais;

2.ª) cauterizando por antecipação os capilares da epiderma e do derma, a fim de que o sangue não esvaísse com demasiada abundância, mas logo coagulasse.

Com efeito, pelas narrativas não se fala em sangue abundante: houve algum sangue com a intromissão dos cravos nos pés e nos pulsos, e correu “um pouco de sangue com água” na chaga do lado; mas pelo que verificamos no “Sudário de Turim”, o sangue não teve a abundância que seria de esperar, não tendo tido caráter hemorrágico, o que teria causado esvaimento total, dificultando-lhe a recuperação de Seu corpo.

Verificamos, pois, que em todo o trecho continuam as lições através dos fatos, dando-nos oportunidade de aprender novas propriedades do ectoplasma, até agora por nós insuspeitadas. O inciso de Lucas “orou mais fervorosamente e tornou-se o suor dele como coágulos de sangue, caindo ao chão” é que nos revelou não se tratar de hematidrose, ou suor de sangue provocado pela angústia, e sim um fenômeno benéfico, como resultado imediato da prece.

O fato de Lucas falar em thrómboi, “coágulos”, alertou-nos para a circunstância específica da cristalização do ectoplasma, coisa que ainda não lemos nas obras técnicas do Espiritismo moderno. Essa cristalização talvez provoque efeitos medicinais ainda desconhecidos, que supusemos ser o embotamento dos terminais nervosos e mais rápida coagulação do sangue, para evitar o esvaimento hemor-

rágico. Pareceu-nos lógica essa explicação, restando agora apenas ser comprovada nos laboratórios dos pesquisadores que se dedicam ao estudo nas sessões de efeitos físicos.

* * *

Assim fortalecido e fisicamente preparado, regressa definitivamente aos discípulos, e pergunta-lhes por que ainda estão a dormir, se já está chegando o discípulo que vai entregá-lo nas mãos dos profanos para o sacrifício: Ele já estava pronto para iniciar a prova.

Mas que eles orassem, porque também a provação deles estava para chegar: que permanecessem despertos (acordados) e em oração, a fim de não sucumbirem.

Cabe a nós todos o mesmo aviso, em qualquer situação, mas sobretudo quando assoberbados por ataques que visam a experimentar nossas forças.

Não percamos de vista, outrossim, a energia do Espírito a dominar a personagem, e a necessidade absoluta de aceitação por parte de nosso eu pequeno de TUDO QUANTO VENHA SOBRE NÓS: tudo é necessário e “tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus” (Rom. 8:28). Quantas vezes aquilo que nos revolta, seria um passo à frente em nossa evolução, e perdemos a oportunidade! Estejamos despertos, atentos, bem acordados, e permaneçamos em oração, para aproveitar todas as ocasiões de subir.

PRISÃO MOVIMENTADA

Mat. 26:47-56

47. E ainda falando ele, eis chegou Judas, um dos doze, e com ele grande grupo, com facções e paus (vindo) dos principais sacerdotes e anciãos do povo.
48. O que o entregaria dera a eles um sinal, dizendo: Quem eu beijar, é ele, prendei-o.
49. E logo aproximando-se de Jesus, disse: Salve, Mestre! e o beijou.
50. E Jesus lhe disse: “Amigo, vieste para isso”? Então, aproximando-se (eles), puseram as mãos sobre Jesus e o prenderam.
51. E eis um dos (que estavam) com Jesus estendeu a mão e tirou o seu facão e feriu o servo do sumo-sacerdote e decepou-lhe a orelha.
52. Então disse-lhe Jesus: “Repõe teu facão no lugar dele, pois todos os que pegam o facão, morrerão pelo facão”;
53. ou pensas que não posso chamar meu Pai, que me porá à disposição agora mais de doze legiões de mensageiros?
54. Como, pois, se cumprirão as Escrituras que (dizem) dever acontecer assim”?
55. Naquela hora, disse Jesus ao grupo: “Como sobre um salteador saístes com facções e paus para prender-me? Cada dia eu me sentava no templo ensinando, e não me agarrastes.
56. Mas tudo isso aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas”. Deixando-o, então, todos os discípulos fugiram.

Luc. 22:47-53

47. Falando ele ainda, eis um grupo, e um dos doze, o chamado Judas, vinha à frente, e chegou a Jesus para beijá-lo.

Marc. 14:43-52

43. E logo, ainda falando ele, achegou-se Judas, um dos doze, e com ele um grupo com facções e paus (vindo) dos sacerdotes principais, dos escribas e dos anciãos.
44. Deu-lhes, o que o entregaria, uma senha, dizendo: Quem eu beijar, é ele, prendei-o e levai-o com cuidado.
45. E logo chegando, disse-lhe: Rabbi! e o beijou.
46. E puseram-lhe as mãos e o prenderam.
47. Um dos presentes, tirando o facão golpeou o servo do sumo-sacerdote e decepou-lhe a orelha.
48. E respondendo, Jesus disse-lhes: “Como sobre um salteador, saístes com facções e paus para prender-me?”
49. Cada dia eu estava convosco ensinando no templo e não me agarrastes; mas para que se cumpram as Escrituras”.
50. E deixando-o, todos fugiram.
51. E certo jovem segue-o, envolvido num lençol sobre o (corpo) nu, e o agarraram.
52. Mas ele, tendo largado o lençol, fugiu nu.

João, 18:2-12

2. Judas, que o entregaria, também conhecia o lugar, porque muitas vezes ali Jesus se reunira com seus discípulos.
3. Então, tendo Judas recebido dos principais sacerdotes a escolta e dos fariseus os servos, chegou ali com fochos, archotes e paus.
4. Sabendo, pois, Jesus tudo o que lhe aconteceria, aproximando-se disse-lhes: “Quem procurais”?
5. Responderam-lhe: Jesus, o nazoreu. Disse-

48. E Jesus lhe disse: “Judas, com um beijo entregas o Filho do homem?”
49. Vendo, porém, os (que estavam) em redor dele o (que ia) ocorrer, disseram: Senhor, ferimos com o facão?
50. E um deles feriu o servo do sumo-sacerdote e decepou-lhe a orelha direita.
51. Respondendo, porém, Jesus disse: “Deixa até isso”, e, tendo tocado a orelha, curou-o.
52. E disse Jesus aos que vieram a ele, principais sacerdotes e oficiais do templo e anciãos: “Como sobre um salteador saístes com facões e paus?”
53. Cada dia, estando eu convosco no templo, não pusestes a mão sobre mim; mas esta é a vossa hora e o poder das trevas”.
6. Quando, porém, lhes disse: ‘Sou eu’, afastaram-se para trás e caíram no chão.
7. De novo, então, Jesus perguntou: “Quem procurais”? Eles disseram: Jesus, o nazareu.
8. Respondeu Jesus: “Disse-vos que sou eu: se então me procurais, deixai estes irem”.
9. Para que se cumprisse a palavra que dissera: “Os que me deste, não perdi nenhum deles”.
10. Então, tendo Simão Pedro um facão, tirou-o e feriu o servo do sumo-sacerdote e decepou-lhe a orelha direita; Malco era o nome do servo.
11. Disse então Jesus a Pedro: “Põe o facão na bainha; a taça que me deu o Pai, não a beberei”?
12. Então a escolta e o tribuno e os servos dos judeus prenderam Jesus e o algemaram.

O episódio narrado pelos quatro evangelistas retrata a movimentação da ocorrência, salientando cada um os pormenores que mais feriram sua atenção, gravando-se na memória deles mesmos ou dos informantes, no caso de Lucas. Daí a desordem aparente das quatro narrativas. Bem sabido que as testemunhas mesmo oculares sempre contam os fatos com divergências.

Lendo, todavia, cuidadosa e atentamente, podemos chegar a reconstruir a sequência da ação, com a seguinte ordem provável dos acontecimentos daquela noite:

1. Chegada do grupo, com Judas alguns passos à frente;
2. beijo e saudação;
3. resposta de Jesus;
4. pergunta dos discípulos se devem reagir;
5. reação intempestiva de Pedro;
6. resposta a Pedro;
7. cura da orelha;
8. Jesus aproxima-se do grupo e pergunta a quem procuram;
9. ao responder, sofrem impacto;
10. nova pergunta de Jesus;
11. recomendação de não tocar nos discípulos;
12. censura ao grupo de vir à noite e às escondidas;
13. fuga dos discípulos;
14. prisão de Jesus;

15. fuga do jovem que ali ficara.

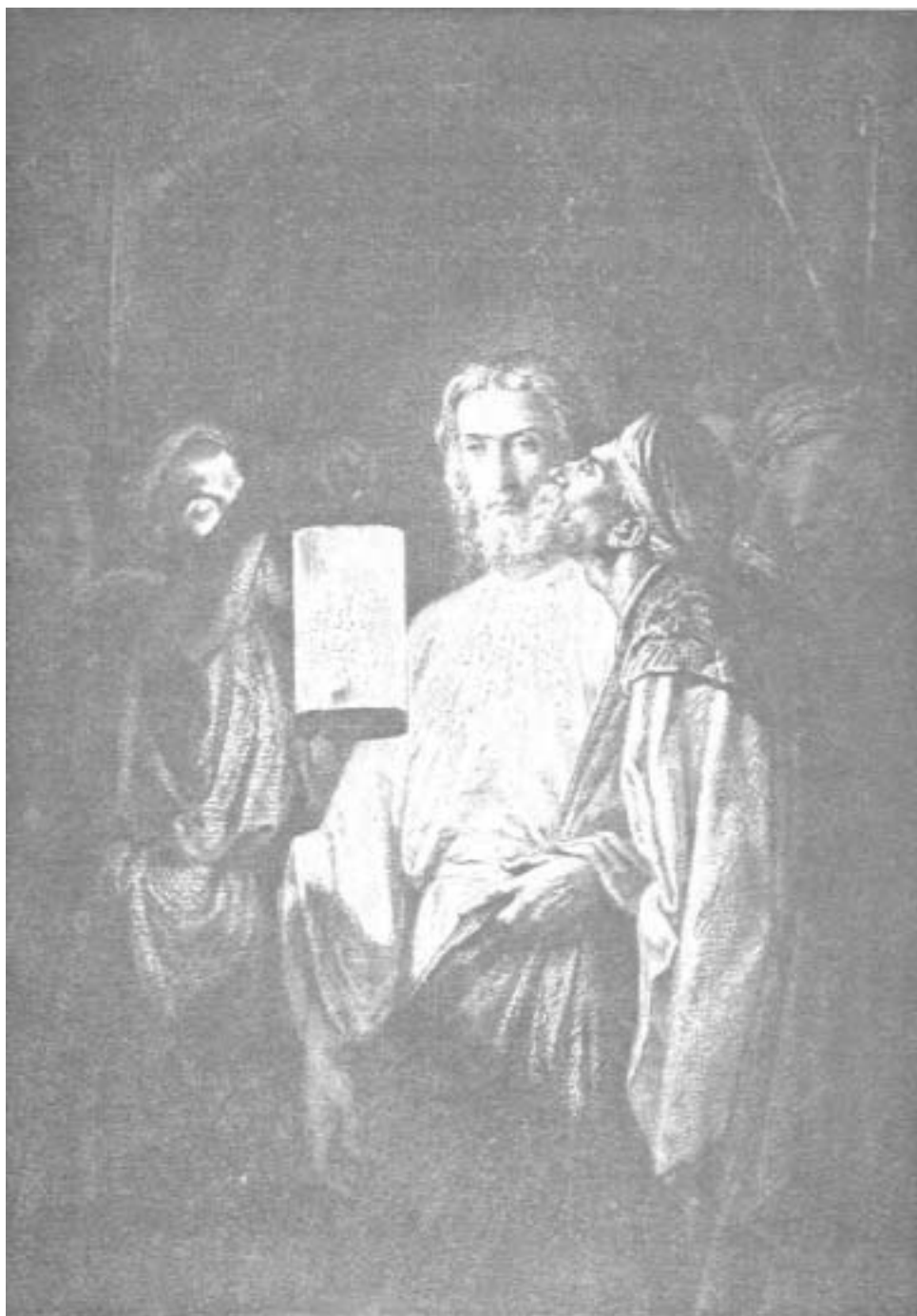


Figura “O BEIJO DE JUDAS” – Desenho de Bida, gravura de U. C.

Enquanto ainda falava Jesus, avisando da chegada do grupo, irrompe este, trazido por Judas, “para que se cumprissem as Escrituras”. Não eram soldados romanos, embora João fale em “tribuno” (*chiliárchos*), tanto que traziam facões (*máchaira*) e paus (*xylos*) e não espadas (*xiphós*) nem lanças (*lógchê*), como João emprega tecnicamente em 19:34.

Pode explicar-se que tivessem vindo com fachos (*phanôn*) e archotes (*lampádôn*), apesar de ser noite de lua cheia (14 de *nisan*), pois no jardim havia a gruta onde Jesus costumava permanecer, e essa permanência em total escuridão. Justamente por ser escuro e não poderem reconhecer fisionomias, é que Judas necessitava indicar claramente qual daqueles homens era Jesus.

O grupo fora enviado pelo pessoal do templo e não pelas autoridades romanas, e recebera a senha de reconhecimento: o beijo respeitoso na face, como o faziam todos os discípulos ao saudarem seu mestre, com a fórmula judaica shalom Rabbi, “salve Mestre”, que o grego traduz pela expressão usual entre os helenos: chaíre! Mas Judas não deixa de recomendar aos capangas que não se excedam, e “o levem com todo o cuidado”, pois aquele homem merece toda a consideração.

Jesus lhe recorda que “ele veio para isso”, e continua sendo o “amigo” (*hetaíre*, *eph'hó párei*). O texto é seguramente assertivo, e não interrogativo, como é dado nas traduções vulgares (“amigo, a que vies-te?”). Nas inscrições das taças de vinho dessa época, lemos frequentemente: *euphraínoô*, *eph'hó párei* ou seja, “alegra-te, para isso vieste” (ou “estais aqui”); e encontramos, até mesmo, a frase completa de Jesus: *hetaíre*, *eph'hó párei* (cfr. Max Zerwick, *Graecitas Bíblica*, Roma, 1960, n.º 221ss – antigo 167ss –; e também Zorell, “*Verbum Domini*”, ano 9 (1920) pág. 112-116; e mais E.C.E. Owen, “*Journal of Theologic Studies*”, ano 29 (1927-28), pág. 384-386).

A frase registrada por Lucas (“Judas, com um beijo entregas o Filho do homem?”), depois de tudo o que ocorrera, assume sentido irônico, inconcebível naqueles instantes de suprema tensão. Mas os códices são unânimes em citá-la, o que não levanta suspeitas contra o fato de encontrar-se ela no original lucano.

Outra frase em que Lucas difere dos outros, é a pergunta atribuída aos discípulos: “Senhor, ferimos com o facão”? E sem esperar resposta, para não perder tempo, Pedro, impulsivo como sempre, puxa o facão da bainha e acomete contra um servo do Sumo-Sacerdote. Também essa pergunta, na confusão do momento, não parece retratar o ocorrido. Mas, tal como a primeira, esta segunda frase dá impressão de acréscimos posteriores, por conta de quem narrou a Lucas o ocorrido.

Após o gesto impensado de Pedro, que poderia ter provocado um tumulto perigoso, pela inferioridade numérica dos discípulos, o Mestre olha para ele e acalma-o: “deixa até isso”, ou seja: “não interfiras, porque até isso está certo e previsto”. E jogo após o aviso, para que se precavenha contra possíveis carmas negativos: “põe o facão na bainha dele, pois quem usa o facão, morre pelo facão”. Era a confirmação, na prática, do ensino teórico anteriormente dado: “não resistais ao homem mau” (Mat. 5:39, vol. 2).

Jesus não quer saber de violência: toma a orelha do servo, que João diz chamar-se “Malco” e a cura, segundo Lucas apenas. Temos a impressão de que o informante de Lucas contou que Pedro decepara a orelha do servo e Lucas pergunta: “Qual”? para ser esclarecido de que foi a “direita”. E depois indaga: “Mas ele ficou assim ferido”? e o informante: “Não, Jesus o curou. Então o evangelista teve o cuidado de consignar a cura, que os outros calaram. Sua profissão médica o induziu a esse cuidado. A orelha talvez não tenha sido totalmente arrancada: pode ter ficado presa pela pele, quando Pedro desceu o facão de cima para baixo, e o servo desviou a cabeça para o lado esquerdo, de forma que só foi atingida a orelha direita.

Segundo João (episódio omitido nos sinópticos) Jesus se aproxima da malta e pergunta “A quem procuram”. A resposta é rápida: “Jesus, o nazoreu”. No original não está ‘nazareno’, forma que só aparece em Marcos (1:24, 10:47; 14:67 e 16:6) e Lucas (4:34 e 24:19). A forma “nazoreu” está em Mateus (2:23 e 26:71), em Lucas (18:37); em João (18:5 e 7 e em 19:19) e nos Atos (2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9), podendo ler-se o que escrevemos no vol. 1.

Afirma João que, quando Jesus dá a resposta “Sou eu”, o bando sentiu tal impacto, que deu um pulo para trás, atropelando-se, pelo que alguns caíram no chão. Dada a confusão, Jesus espera que se recomponham e repete a pergunta, obtendo a mesma resposta e retrucando da mesma forma. Mas já agora não há mais confusão. Então o Mestre pode concluir seu pensamento: “se é a mim que procurais, deixai que estes vão embora”. Observamos que não os chama de “discípulos” para não atrair sobre eles o perigo de serem presos também.

E João anota que isso foi feito para realizar-se o que Jesus havia dito: “não perdi nem um dos que me deste” (João, 17:12). Depois disso é que João coloca o arremesso de Pedro contra o servo do sumo-sacerdote, mas tudo indica que o fato se deu antes: não se compreenderia que, depois de liberados para irem embora. Pedro tivesse avançado contra o grupo, pois isso teria anulado a recomendação de Jesus.

O que temos a seguir é a censura que o Mestre faz, demonstrando Sua estranheza de não terem tido a coragem de prendê-Lo quando estava a ensinar publicamente no templo, e viessem a fazê-lo como a um salteador, na escuridão da noite. Agostinho (Patrol. Lat. vol. 33, col. 981/982) comenta: *Quid est nisi potestas diaboli et angelorum ejus, qui cum fuissent angeli lucis, facti sunt tenebrae*, isto é. “por que, senão porque o poder do diabo e de seus anjos, que tinham sido anjo, de luz. se tornaram anjos das trevas”?

Depois disso, quando se aproximaram de Jesus e o algemaram (*édêsan*), todos os discípulos fugiram: pareceu-lhes perdida a batalha. Mas, por não pertencer ao grupo, um jovem (*neanískos*), que pelo adjetivo grego devia estar entre 14 e 16 anos, ali ficara a olhar. Estava nu, apenas enrolado num lençol de linho (*síndona epì gymnoú*), o que dá a entender que era de família abastada, pois os pobres dormiam com a mesma roupa com que andavam durante o dia, jogando-se em cima do enxergão; só os mais providos de meios, que possuíam lençóis, é que tiravam a roupa e dormiam nus, cobrindo-se com lençol. Mas isso ainda revela que esse mocinho devia morar próximo ao local, talvez na casa do jardim de Getsemani, e por isso despertara com o movimento e o barulho; enrolando-se, então, no lençol, viera ver o que se passava.

Quando, porém, um dos homens o agarrou, soutou-lhe na mão o lençol e fugiu nu para casa. Certo é que não se tratava de nenhum dos discípulos. Quem teria sido? João Crisóstomo, Gregório Magno e Beda disseram que devia ser João o Evangelista: Epifânio propõe que era Tiago, irmão de Jesus: outros dizem ter sido Lázaro, mas a este não cabia o qualificativo de *neanískos*.

A opinião mais corrente e lógica era de que se tratava do próprio Marcos, ou João-Marcos, o único que relata o fato por ter-se passado com ele mesmo, e não haver saído jamais de sua memória o susto que passou. Ora, Marcos parece ter sido sobrinho de Pedro (filho da irmã de Pedro que se chamava Maria, At. 12:12) e que bem podia morar fora de Jerusalém, como deduzimos de Atos 12:10, onde se diz que, ao sair da prisão. Pedro “atravessou o portão de ferro que dá para a cidade, que se abriu sozinho” e foi ter à casa de Maria. Ainda lemos sobre Marcos em Atos (15:37-39) que é dito *consobrinus Bárnabae*, isto é, sobrinho ou primo de Barnabé (Col. 4:10). A hipótese, em vista da idade de Marcos, parece bem viável.

O grupo fora enviado, vimo-lo, pelas autoridades religiosas do Sinédrio (sacerdotes, anciãos do povo e escribas). Nem se compreenderia que assim não fosse: o grande “mistério” iniciático de conquista do grau de hierofante só podia ser confiado a um Colégio Sacerdotal regular e legalmente constituído; sendo Jesus israelita, evidente que os homens que detinham o poder do sumo-sacerdócio é que teriam que desempenhar o rito do holocausto, embora humanamente nada soubessem do que estavam a fazer. Os romanos, no caso, só entraram como auxiliares da execução para o emprego da força física, já que a tortura para a “morte de Osiris” não poderia ter sido a lapidação (segundo a lei mosaica); o simbolismo exigia que fosse a crucificação, e esta só a autoridade civil romana possuía competência legal para aplicá-la.

Judas, ao cumprir sua dolorosa e árdua tarefa, indica a senha que dará à malta que vai prender seu Mestre que, qual cordeiro, se destina ao holocausto. E escolhe o sinal usual de respeito entre discípulos e mestres: o beijo na face.

Ao chegar próximo de Jesus embora firme em sua resolução de colaborar no drama sagrado, está constrangido e de coração amargurado, ao proferir as palavras de praxe: “Salve, Mestre”! Seu olhar e sua vibração deviam ser de profunda tristeza e apreensão, que se manifestaram no tom em que proferiu as palavras. E de tal forma devia estar abatido, que Jesus sentiu piedade e fez questão de confortá-lo com a resposta tranquilizadora registrada por Mateus, que assistiu pessoalmente à cena: “Amigo, vieste para isso”! Lembrava-lhe, assim, a resolução de seu Espírito, anterior à reencarnação, fazendo-lhe ver que tomara corpo físico na Terra exatamente com essa finalidade: como sacerdote da Escola Iniciática Assembléia do Caminho, entregar a vítima às mãos do Colégio Sacerdotal do Sinédrio, para que se consumasse o holocausto e fosse galgado mais um degrau na escala evolutiva de Jesus.

Mas apesar de ser nobre e elevada essa que podemos chamar verdadeiramente de “missão”, apresentava para a personagem dificuldades que, para qualquer espírito fraco e titubeante, e para qualquer involuído, ainda escravo das emoções, seriam insuperáveis. Por exemplo, Pedro jamais teria condições, naquela existência, de desempenhar aquele papel. Sua emotividade não fora dominada, sua impulsividade era dirigida pela emoção, e por isso era ele explosivo e irrefletido em suas reações. Por seu ato, Judas demonstra Ter tido o Espírito (Individualidade) mais evoluído que Pedro, embora sua personagem ainda ressentisse deficiências que mais tarde o prejudicariam.

Mas no cumprimento de um dever para o qual se comprometera, o Espírito dominou a personagem humana encarnada e a fez agir, embora em estado de quase-transe, para que não houvesse possibilidade de interferência na ação indispensável. Todos experimentamos, na vida, essas situações, em que o Espírito assume o domínio completo: quando mais tarde olhamos para trás e analisamos nosso comportamento, admiramo-nos e perguntamos a nós mesmos: como tive coragem de agir assim nessa circunstância? Parece até que não fui eu que fiz isso! É que o intelecto não atingiu a noção do Eu verdadeiro, e julga ser seu eu apenas a personagem. Essas ações parecem-nos que são feitas quase em estado de “sonho”, e só temos plena consciência delas a posteriori.

A frase de Jesus a Judas foi realmente tranquilizante “vieste para isso”. E o vocativo amigo, com a palavra hetaíre – que exprime a amizade de companheirismo e camaradagem absolutas – revela-nos que o ato de Judas não foi de forma alguma considerado por Jesus como uma “traição”, e sim como um testemunho de amizade, pois O estava ajudando a cumprir Sua missão dolorosa: era muito melhor que tudo ocorresse como estava previsto, do que ser deixado à discrição popular, arriscando-se o drama a não atingir sua finalidade predeterminada. Só os verdadeiros “amigos” são capazes de atos que, mesmo beneficiando, serão julgados por todos os que a eles assistem, mesquinhos e maléficos: ao amigo não importa a opinião das massas, mas sim o resultado bom que o amigo vai experimentar. E por isso são os “verdadeiros amigos” que avisam e repreendem de cara, ao invés de falar pelas costas. E só os “verdadeiros amigos” são capazes de prejudicar-se até o âmago, para proporcionar ao amigo uma posição superior e vantajosa.

Será que Judas, em sua personagem, conseguiu recordar-se naquele momento, da resolução tomada antes de encarnar? Talvez sim, talvez não. Mas a angústia daquelas horas difíceis deve Ter-lhe obnubilado o intelecto, não deixando-o refletir nem meditar. No entanto, como veremos, cumprida a tarefa para a qual tivera que receber a importância estipulada a fim de não levantar suspeitas, vai restituí-la ao templo. E afasta-se totalmente do grupo, para ver se consegue acalmar-se. Só mais tarde aparecerá, para ver o resultado glorioso do Mestre, ao vencer a morte. Mas, quando O vê lanceado no peito, julga que tudo falhou e se desespera.

A prova da impulsividade explosiva governada pela emoção, em Pedro, manifesta-se quando puxa o facão da bainha e o desce violentamente sobre a cabeça do primeiro que ali aparece. Este desvia a cabeça para a esquerda, sendo atingido apenas na orelha direita.

Jesus compreende o impulso de Pedro, mas “sabendo tudo o que ia ocorrer”, repreende-o: “põe teu facão na bainha: quem com ferro fere, com ferro será ferido. Lembra-te da Lei do Carma! Então, não deverei beber a taça que o Pai me destinou? Não atrapalhes a ação divina. Se isso não devesse acontecer assim, julgas que não poderia invocar meu Pai, e Ele me enviaria doze legiões de mensageiros desencarnados? (A legião era de 6.000 homens: seriam, então 72.000 espíritos).

Dizem alguns que essa alusão atingiu todos os discípulos: viriam doze legiões para suprir a vacilação dos doze discípulos ...

Mas João, o simbolista espiritual, atribui ao servo do sumo-sacerdote um nome: malco. Ora, esse nome significa REI. Não diremos que era “falso” o nome, nem “inventado” por João, pois houve outras personagens que o usaram no Antigo Testamento: Malachias, Melcha (fem.), Melchia ou Melchias, Mechon, Melech, além do conhecido composto Melquisedec.

Entretanto, perguntamo-nos por que teria sido citado esse nome tão tipicamente simbólico? Que razões haveria para citar assim um nome que, na realidade, nenhum interesse possuía. Com efeito, Pe-

dro avança para destruir o “rei” ou “príncipe deste mundo” (tôn archôn toú kósmou toútou) de que Jesus falava: o rei das trevas, o símbolo personificado da força do Anti-Sistema.

Essa maneira de agir mantém-se ainda hoje entre muitos que “se dizem” espiritualistas, embora na realidade ajam com as armas e à maneira do Anti-Sistema: igualam-se, na ação, aos que querem vencer que não devem agir assim; gritam com a criança que grita, para ensinar-lhe a não gritar; batem na criança que bate, para dizer-lhe que não deve bater; matam “legalmente” o assassino que matou, para convencê-lo, a ele e ao povo, de que não pode nem deve matar! Qual o pior assassino? O que mata num desvario passional incontrolado e impensado, ou o que fria e deliberadamente manda matar o doente que se desvairou? Sofismas e desculpas não inocentam ninguém.

O ensino de Jesus é claro: não toque nos corpos, para não assumir carmas negativos. Não use violência, que atrairá violências dobradas. Não reaja intempestivamente: deixe crescer o joio junto com o trigo, pois na hora da colheita serão separados (Mat. 13:30). Não enfrente o “rei do mundo”, pois ele cairá por si mesmo. se tivessem que ser esmagadas as forças do Anti-Sistema, julgas que meu Pai não teria o poder para enviar à Terra legiões de mensageiros que tudo arrasariam? Se não o faz, é que esse não é o modo certo de vencer. Não adianta “espancar” as trevas: basta que a luz se acenda silenciosamente. Quem terá a capacidade de julgar os atos do Pai? “Quem és tu, ó homem, que replicas a Deus?” (Rom. 9:20).

Não esqueçamos que o número DOZE é o símbolo, no plano superior, dos messias ou “enviados”, que por isso cabe aqui ad ungüem, no contexto: mas se o Pai, que tudo governa, acha que os homens têm que evoluir por si mesmos, à custa do esforço e dos atritos purificadores da dor, esse é que constitui o caminho melhor, e não o envio “em massa” de mensageiros celestes. Pelo menos, assim era naquela época, o que não exclui que, em circunstâncias diferentes, diferente seja o modo de agir.

No entanto, o gesto de Pedro está plenamente coerente com seu temperamento exaltado do primeiro “raio”, o do Poder, que constrói e destrói. Ele sabia o que devia ocorrer com Jesus, tanto que não reagiu contra Judas quando - tendo perfeito conhecimento do que estava para acontecer - nem se mexe ao vê-lo sair do cenáculo para “entregar” o Mestre. Mas não contava com o modo de agir dos profanos e, ao ver chegando aquele grupo armado de paus e tochas, assusta-se e não suporta o impacto, supondo que aquela malta ia massacrar o querido Rabbi ali mesmo. Daí não se ter contido. O holocausto previsto, sim; mas desse jeito, também não!

Lucas é o único a assinalar a cura de Malco, como vimos.

Depois desse gesto e das palavras dirigidas a Pedro, Jesus encaminha-se para o grupo que se mantinha a alguns passos de distância, a fim de recomendar-lhes que “não toquem” em Seus discípulos. Mas quer esclarecer bem qual a ordem que tinham recebido. Pergunta-lhes, pois, “quem” é que procuram: só Ele, ou o grupo? A resposta é clara: só “Jesus, o nazareu”. Jesus inicia a frase, assumindo a responsabilidade total e única: “Sou eu”!

João registrou a cena. Impressionara-o a cena do susto daqueles homens rudes, pulando para trás e atropelando-se, alguns até caindo ao chão. Psicologicamente pode explicar-se pela idéia que tiveram, de que ia dar-se, da parte de Jesus que caminhava para eles, uma resistência inopinada. Então recuaram, para tomar posição de defesa. Como estavam muito aglomerados, os da frente tropeçaram nos que estavam atrás. Psiquicamente pode supor-se que a força vibratória do SOM emitido, os tenha atingido qual lambada inesperada e aguda, perturbando-os e assustando-os.

Em vista da confusão, Jesus aguarda que se recomponham e repete a pergunta: exige bem claro o objetivo da busca, a fim de impor a condição: “se é a mim que buscais, deixai que estes se vão”. E João esclarece: “para que se cumprisse a palavra de Jesus, que dissera: “não perdi NEM UM dos que me deste”, pois a TODOS veio Jesus tirar do Anti-Sistema; nem mesmo Judas se “perdeu”, mas apenas se sacrificou para servir de instrumento que possibilitasse a ação das trevas.

Exigida a condição, dirige-se ao grupo com a autoridade que lhe dá sua posição de Espírito Superior, perguntando-lhes por que não O prenderam quando estava, durante dias seguidos, sentado no templo

a ensinar, rodeado de Seus discípulos. Protesta, pois, com justiça, que tinham vindo armados, como para prender um salteador afeito a resistir violentamente com as armas.

O protesto caiu no vazio, mas ficou consignado, demonstrando que o homem Jesus, em Sua personagem, não era fraco, medroso nem covarde, e enfrentava as situações de cabeça erguida. Não era aquela figura dócil e quase efeminada que alguns nos apresentam. Manso, sim, de coração, mas não de atitudes, todas másculas e vigorosas; sujeitando-se às humilhações “para que se cumprissem as Escrituras” no que haviam dito a Seu respeito. Manso com os pobres, os doentes, os pecadores humildes, mas altivo e até arrogante diante dos poderosos e das autoridades constituídas, falando-lhes sobreanceiramente de cara. Magnífico exemplo!

Lucas acrescenta uma frase: “esta é a vossa hora e o poder das trevas”. Para que tudo pudesse ocorrer segundo a predeterminação das Forças de Luz, era mister que as trevas interviessem, para realizar atos inexecutáveis por Aquelas. Mas nem por isso deixaram de estar sujeitas a Elas, obedecendo-Lhes, embora a contragosto. Era a declaração manifesta de que voluntariamente deixava que o Anti-Sistema agisse em Sua personagem, a fim de obter resultados positivos na área do Sistema.

Foi quando todas resolveram “fugir”, embrenhando-se por entre as oliveiras do jardim. Todos o abandonaram, inclusive Pedro e João, e mesmo seus irmãos Judas Tadeu e Tiago.

Compreenderam que chegara a hora tão anunciada por Jesus, e que a presença deles perturbaria o bom andamento do drama. São acusados de “ingratidão” e de “poltroneria”. Todavia, da mesma forma que os grandes vôos místicos só podem ser realizados a sós, assim também as grandes experiências (páthos) são indispensavelmente vividas em solidão absoluta: “vem a hora em que cada um seguirá para seu lado, e serei deixado sozinho” (João, 16:31).

A interpretação humana pende sempre a julgar mal qualquer atitude dos outros, sem querer aprofundar o olhar para descobrir a essência última dos atos. Tão fácil se torna acusar e atribuir o mal a tudo o que se vê, que ninguém quer dar-se ao trabalho de pensar antes de falar. E tão fácil é projetar nos outros os próprios sentimentos íntimos e inconfessáveis, que a maledicência e a calúnia se tornam pão cotidiano. E lamentavelmente essa é uma atitude mais comum entre espiritualistas que entre materialistas, e a razão é que os primeiros estão intimamente convictos de que são os seres “mais evoluídos, perfeitos e infalíveis” do planeta: a opinião deles é A CERTA. Então, divulgam-na ao máximo, procurando rebaixar todos os “concorrentes”, para que só eles fiquem “de cima”, no pedestal da perfeição e com a auréola de “santos” e de “sábios”.

Diz João que, depois de tudo, a escolta prendeu Jesus e o “algemou”. O “tribuno”, de que fala nessa frase, dá a entender que era o grupo chefiado por uma autoridade do exército romano. Mas jamais o orgulho de um romano, sobretudo oficial, teria permitido que um “tribuno” chefiasse um grupo de servos. Seria como se hoje imaginássemos um capitão do exército oficialmente à frente de um grupo heterogêneo de homens armados de paus e facões. Por que então teria João usado esse termo técnico? Parece-nos que no sentido popular: o “capitão” do grupo, como ainda dizemos o “capitão” do time de futebol: o chefe, o cabeça, o que dirigia.

Estava, pois, a vítima entregue às mãos dos profanos, para ser levada às autoridades do Colégio Sacerdotal, a fim de cumprir-se o drama que a elevaria um passo acima na escalada evolutiva.

Veremos como agiu e por que sofrimentos passou para galgar o grau iniciático de Sumo Sacerdote da Ordem Sacerdotal de Melquisedec, a que pertencia.

VISITA A ANÁS

João ,18:13, 24, 14

- 13. E (o) conduziram primeiro a Anás, pois era sogro de Caifás, que era sumo-sacerdote naquele ano.**
- 24. Então Anás o enviou algemado a Caifás, o sumo-sacerdote.**
- 14. Era Caifás que aconselhara aos judeus que convinha um homem morrer pelo povo.**

Expliquemos, inicialmente, porque introduzimos o versículo 24 entre o 13 e o 14.

Em primeiro lugar porque o exige a ordem dos acontecimentos, e depois por causa da crítica interna do próprio texto e dos códices.

Com efeito, os sinópticos nada dizem a respeito dessa “visita” feita a Anás, só relatada por João, que acompanhou Jesus passo a passo.

Mas não pode explicar-se que os vers. 15 a 23 de João se refiram a acontecimentos ocorridos na presença de Anás, já que, tendo dito e repetido que era Caifás o Sumo-Sacerdote daquele ano (vers. 13 e 24), não poderia chamar Anás de Sumo-Sacerdote, como está nos versículos 15, 16 e 22. Houve, sim, uma confusão em Lucas (vol. 1) quando fala no “mergulho” de Jesus. Mas Lucas não era judeu nem vivia na Palestina, e pode ter feito confusão.

Mas, além de tudo isso, essa é a ordem encontrada no manuscrito da versão siríaca palestinese, no uncial 225 e aceita por Cirilo de Alexandria, além dos comentadores modernos Fillion, Calmès, Camerlynck, Lagrange, Durand, Lebreton, Jouon, Pirot (que diz: “quando uma pequena correção resulta numa restituição tão coerente, não podemos dizê-la arbitrária”, vol. 10, pág. 456), e por Max Zerwick, S.I. “Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci”, in loco (onde escreve: *hic fortasse intermittendus est versiculus 24*).

As versões vulgares trazem o vers. 24 em seu lugar, seguindo a ordem dada pelos palpiros 60 e 66, pelos códices *aleph*, A, B, C, D, K, W, X, *delta*, *theta*, *pi*, *psi* pelos unciais 054 e outros: fam. 1, fam. 13 e 28, 33, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1216, 1230, 1241, 1242, 1344, 1365, 1546, 1646. 2148, 2174, pelo Lecionário Bizantino pelas itálicas a, aur, b, c, f ff2, q, r, pela Vulgata, pelas versões siríacas *peschitto* e *harcleense*, pelas coptas saídica, boaírica, achmimiana, pela gótica, armênia e geórgia.

Ora, já vimos que o arquétipo devia ter cinco versículos em cada folha, e verificamos que, entre o vers. 14 e 23 há, exatamente, 10 versículos. Temos então, que, ao chegar ao vers. 13, ele saltou o vers. seguinte no pé da página e virou a folha, continuando a copiar. Ao chegar ao vers. 23, no pé da segunda página, notou o salto: voltou atrás e copiou o 24. Realmente, depois do vers. 13, temos uma pág. com 5 versículos (14 a 18) e outra página também com 5 versículos (19 a 23).

Como comprovação desses enganos, podemos descobrir testemunhos. A versão siríaca dá a seguinte ordem: 13-24-14-15; depois 19 a 23 (5 versículos de uma página), depois 16-17-18 e 25-26-27. A versão siríaca palestinese traz a seguinte ordem: 13-24-14 a 23 (10 versículos) e depois repete o 24 (!) e continua do 25 em diante; a mesma ordem encontramos no mss. 1195. O mss. 225 apresenta a seguinte ordem: 13a-24-13b a 23 (10 versículos) repete o 24 (!) e continua do 25 em diante.

Está, pois, evidente, que houve desorganização na cópia do arquétipo, que permaneceu causando confusão em alguns manuscritos e versões. Embora as cópias dos códices, feitas desse mesmo arquétipo, tivessem procurado segui-lo fielmente, colocando o vers. 24 fora do lugar, onde o copista o pusera por engano.

Anás (cujo nome significa “misericordioso”) era uma das figuras mais influentes social e religiosamente em Jerusalém, e fora feito sumo-sacerdote por Quirínio no ano 6 ou 7 A.D.; mas foi deposto no ano 15 por Valério Grato (Fl. Jos., *Ant. Jud.* 18, 2, 2), embora tivesse conseguido com sua influência que cinco de seus filhos (Eleazar, Jônatas, Teófilo, Matias e Anás) e mais seu genro José Caifás (Fl. Jos. *Ant. Jud.* 18, 9, 1) fossem elevados ao sumo-pontificado. Daí te-lo classificado Flávio Josefo como um dos homens mais felizes de sua época.

O fato de terem levado Jesus à sua presença, antes de apresentá-lo a Caifás, demonstra o prestígio de que gozava: quiseram mostrar a “consideração” por sua idade e sua influência.

Anás, tendo olhado para Jesus, enviou-o imediatamente, tal como estava (“algemado”) para Caifás. João anota que fora Caifás que dissera aquela frase, de ser necessário que um morresse pelo povo (João, 11:50). Manteve o sumo-sacerdócio do ano 18 ao 36 (Fl. Jos. *Ant. Jud.* 2, 2, 2 e 2, 2, 43).

João fala no “pátio” que era o terceiro elemento das casas helênicas da época. À entrada, na via pública, (*ho pylôn*), seguia-se o vestibulo (*tó proaúlion*), após o qual vinha o pátio (*hê aulê*), geralmente circundado por um pórtico de colunatas, em redor do qual se abriam as salas do pavimento térreo.

Na passagem do *pylôn*, que João chama “porta” (*thyra*), é que Pedro ficara retido por não ser conhecido.

NA CASA DE CAIFÁS

Mat 26:57-58

Marc 14:53-54

57. Os que prenderam Jesus, levaram-(no) a Caifás, o Sumo-Sacerdote, onde os escribas e os anciãos estavam reunidos.
58. Mas Pedro o seguia de longe até o pátio do Sumo Sacerdote, e, entrando aí, sentou-se com os servos para ver o fim.
53. E levaram Jesus ao sumo-sacerdote e se reuniram todos os principais sacerdotes e os anciãos e os escribas.
54. E Pedro seguiu-o de longe, até dentro do pátio do sumo-sacerdote, e estava sentado junto com os servos, aquecendo-se junto ao fogo.

Luc. 22:54

João, 18:15-16

54. Tendo-o prendido, (o) levaram e introduziram na casa do Sumo-Sacerdote; mas Pedro seguia-o de longe.
15. Mas seguiam Jesus Simão Pedro e outro discípulo. E esse discípulo era conhecido do sumo-sacerdote e entrou junto com Jesus no pátio do sumo-sacerdote.
16. E Pedro ficou de fora, à porta. Saiu, então, o outro discípulo, o conhecido do sumo-sacerdote, e falou com a porteira e fez Pedro entrar.

Segundo o testemunho de Mateus e Marcos, estavam reunidos na casa de Caifás os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas: portanto o pessoal que constituía o Sinédrio. Marcos anota que estavam “todos”, mas deve ter havido generalização indébita, pois Nicodemos e José de Arimatéia (cfr. Luc. 23:51) não deviam estar presentes.

Como e por que lá estavam essas autoridades? Tendo fornecido os servos para a captura de Jesus, talvez ali tivessem ficado a conversar, enquanto aguardavam o resultado da “batida”.

Mas o julgamento oficial do Sinédrio não se realizou em seguida, durante a noite, o que era proibido, sob pena de nulidade, quer pelo Talmud (*Sanhedrin*, 4, 5ss) quer pelo Direito Romano. Lucas diz claramente (22:66) que o interrogatório foi feito “Logo que se tornou dia” (*hôs egéneto hêmêra*). E esclarece que não foi na casa de Caifás, e sim no Sinédrio (id. ib), na sala do *Gagith*, que os gregos denominavam “Conselho” (*boulê ou bouleutêrion*), que ficava a oeste do templo.

Por que tamanha pressa? Em vista da festa da Páscoa, que começava às 18 horas daquela mesma sexta-feira, impondo o repouso sabático juntamente com o repouso pascal. Se houvesse delongas, havia, além disso, o temor de algum levantamento popular favorável ao prisioneiro. Por isso, precipitaram-se os acontecimentos.

Pedro seguia Jesus “de longe”, enquanto “outro discípulo, que era conhecido do sumo-sacerdote”, também seguia o grupo. Discute-se quem seria esse “outro discípulo”. A maioria propende em aceitar que era João, embora Durand (“Évangile selon S. Jean”, pág. 468) não o aceite, sob a alegação de que um simples pescador do lago de Tiberíades, na Galiléia, dificilmente teria “conhecimento pessoal”

com o Sumo-Sacerdote. E lança a hipótese de ter sido aquele jovem que fugiu nu (Marcos), que se vestira e acompanhava tudo: este morava em Jerusalém e devia pertencer a família abastada, como vimos.

Não vemos razão para isso. Primeiro porque esse jovem não é apresentado como “discípulo”, como “um dos doze”, que são os que recebem a classificação de discípulos. Em segundo lugar porque o Sumo-Sacerdote não era obrigatoriamente “amigo” do discípulo: apenas “o conhecia”. E pode a expressão ter sido usada lato sensu: o “outro discípulo” era conhecido dos servos do Sumo-Sacerdote, que eram os que atendiam à porta.

Como era conhecido? Não era ele sócio da companhia de pesca de seu pai (cfr. Mat. 4:21 e Marc. 1:20; vol. 2)? Não poderia João ser o elemento de ligação que negociava peixe na casa de Caifás? Qual a dificuldade insuperável para que, sendo conhecido na casa do Sumo-Sacerdote, os servos lhe abrissem a porta e lhe aceitassem o pedido de deixar que Pedro também entrasse no pátio?

Por ser conhecido dos que atendiam à porta, entrou. Ao ver que Pedro ficara de fora, volta e consegue que entre, em elegante gesto de cortesia. Assim poderiam os dois acompanhar de perto o processo de Jesus, confortando-o com suas presenças amigas e dedicadas.

Lógico que, num processo de Iniciação, sobretudo em grau tão elevado, ninguém abaixo de um Sumo-Sacerdote legalmente constituído possa funcionar. O posto alcançado atribui poderes, mesmo místicos, por menos evoluída que seja a criatura.

Num processo comum de prisão, o acusado não teria necessidade de comparecer perante Caifás: Barabás não foi lá levado. Nem mesmo perante o Sinédrio, pois a transferência da autoridade religiosa para a civil era feita por funcionários subalternos. Mas no caso de Jesus não se tratava de criminoso comum: era indispensável que fosse ouvida a palavra da mais alta autoridade religiosa.

Como não era lícito nem legal o julgamento depois do sol posto, aguardaram o novo surgir do sol para efetuá-lo. Mas durante esse período, que deve ter sido longo e cansativo, a vítima do holocausto cruento permaneceu sob a custódia da autoridade máxima da religião.

Isolado em quietude externa, longe de todos, pode permanecer mergulhado em Si mesmo, haurindo de Sua união espiritual com o Pai as forças energéticas necessárias à provação duríssima que deveria atravessar dentro de algumas horas: o grande acontecimento começara, e antes do tumultuar do avanço violento do Anti-Sistema, era mister uma parada, distante das personagens encarnadas, para concentrar-Se no Foco de Luz Incruiada, e para sintonizar com o Som Inaudível que lhe transmitiriam energia a fim de superar a prova iniciática.

1.^a NEGAÇÃO DE PEDRO

Mat. 26:69-70

69. Mas Pedro estava sentado fora, no pátio; e aproximou-se dali uma criada, dizendo: Também tu estavas com Jesus o galileu.
70. Ele, porém, negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.

Luc. 22:55-56

55. Tendo, pois, acendido fogo no centro do pátio, sentaram-se ao redor, e Pedro estava sentado entre eles.
56. Vendo-o certa criada sentado junto ao fogo e observando, disse-lhe: Este também estava junto com ele. Mas ele negou, dizendo: Não o conheço, mulher.

Marc. 14:66-68

66. E estando Pedro em baixo, no pátio, chegou uma das criadas do Sumo-Sacerdote.
67. E vendo Pedro a aquecer-se, encarando, disse-lhe: Também tu estavas com o nazareno Jesus.
68. Mas ele negou, dizendo: Nem sei nem entendo o que dizes. E foi para fora, para o alpendre.

João, 18:17-18

17. Disse então a Pedro a criada, a porteira: Não és também tu dos discípulos deste homem? Ele disse: Não sou.
18. Ora, estavam os servos e guardas fazendo um braseiro, porque fazia frio, e se aqueciam; também Pedro estava entre eles, em pé, aquecendo-se.

Já vimos que o palácio de Caifás, cujo portão abria para a rua, tinha um vestíbulo, ou alpendre, antes do pátio. No primeiro pavimento, acima do térreo, funcionavam as salas de audiência e de recepção.

Segundo a observação de João, testemunha ocular desse pormenor, provocado por ele quando solicitou da porteira que permitisse a entrada de Pedro, a primeira negativa se deu logo à porta.

Não apenas por curiosidade natural feminina, como por obrigação funcional de impedir o ingresso de elementos perigosos, ela faz a pergunta óbvia:

- És um dos discípulos dele?

A que Pedro, com o consentimento provável de João, teve que responder pela negativa, senão teria barrada a entrada e teria anulado o pedido de João em seu favor.

Mas não ficou satisfeita com a resposta, dada talvez com certa hesitação. Quando o pessoal acabou de entrar, a porteira trancou a portinhola e foi até o pátio. Os servos e guardas estavam sentado em redor de pequena fogueira (braseiro) improvisada, por causa do frio que fazia. Mas Pedro permanecia embaraçado e inquieto entre eles, sentado, segundo os sinópticos, em pé, segundo João: ou seja, ora se sentava, ora ficava de pé impaciente. E a porteira, aproveitando os reflexos de luz do braseiro, o observa e encara fixamente, reafirmando:

- Você também estava com o nazareno Jesus.

Notemos de passagem, que o atributo “nazareno” está na boca de pessoa inculta, que não distinguia tecnicamente esse termo, do atributo “nazoreu”.



Figura “1.ª NEGAÇÃO DE PEDRO” – Desenho de Gustavo Doré, gravura de Pannemaker

Pedro descontrolou-se mais ainda, e preferiu sair para o alpendre, depois de tartamudear tímido:

- Não entendo o que estás dizendo.

Queria assim escapar aos olhos argutos da porteira, pois não resistiria mais tempo ao interrogatório, e fazia questão fechada de manter-se na, proximidade, do Mestre, para o que desse e viesse.

Ficou registrada a primeira negação de Pedro, em condições normais humanas. Não se tratava, em realidade, de renegar o Mestre, mas apenas de não ser cortado de Sua presença. A porteira não tinha, reconhecidamente, capacidade de julgá-lo nem autoridade para impedi-lo de ficar ao lado de Jesus.

Quando fosse interrogado pela autoridade legitimamente constituída, saberia dar seu testemunho público, mesmo à custa da vida. Mas por que entregar a cabeça ao cutelo logo no início, quando nada estava definitivamente resolvido?

Não foi covardia. Não foi “negação” ainda. Foi uma das mentiras convencionais, comuníssimas ainda hoje e que sempre existiram em todas as sociedades humanas. Como poderíamos, sem magoar profundamente um amigo, mandar dizer-lhe que estávamos em casa mas não poderíamos recebê-los? Constitui até delicadeza a desculpa de que “Não estamos em casa”. Quando empenhados numa tarefa com tempo marcado, para daí a vinte minutos, como interrompê-la para receber uma visita que vem apenas “conversar” para “passar o tempo”? E como, sem ferir-lhe a sensibilidade, dizer que “não podemos recebê-lo”? Mais caridoso fazer-lhe sentir que não estamos.

Esse foi o tipo de “negação” de Pedro, nesta primeira tentativa da porteira, de não deixá-lo entrar, e depois de pô-lo na rua.

Antes de lamentar hipocritamente a “defecção” de Pedro, preferimos agradecer-lhe o exemplo corajoso que nos dá, e que nos conforta, por ter agido como qualquer um de nós agiria nas mesmas circunstâncias.

PRIMEIRO INTERROGATÓRIO

João, 18:19-23

- 19. Então o Sumo-Sacerdote interrogou Jesus a respeito de seus discípulos e a respeito de seu ensino**
- 20. Respondeu-lhe Jesus: “Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada falei às escondidas.**
- 21. Por que me interrogas? Pergunta aos ouvintes o que lhes falei, pois estes sabem o que eu disse”.**
- 22. Dizendo ele isso, um dos guardas presentes deu uma bofetada em Jesus, dizendo: Assim respondes ao Sumo-Sacerdote?**
- 23. Respondeu-lhe Jesus: 'Se falei mal, testifica sobre o mal!? mas se bem, por que me bates?’”**

João registra o primeiro interrogatório extra-oficial de Caifás, na qualidade de sumo-sacerdote. E suas perguntas limitam-se a dois pontos essenciais:

1.º - *Quanto aos discípulos*, a fim de calcular o grau de periculosidade da revolução que se temia estivesse Jesus preparando contra os romanos. Esse item serviria para denunciá-lo a Pilatos, o Governador que representava o poderio de Roma e que, pouco antes, mandara crucificar milhares de sediciosos que se rebelaram contra o Império.

2.º - *Quanto à doutrina*, a fim de julgá-Lo quanto à lei mosaica, pois ensinamentos contrários à lei provocavam, também, condenação à pena máxima.

O Sumo-Sacerdote tinha o direito de fazer, por sua posição, a segunda pergunta. Mas não a primeira. Sua autoridade era religiosa, não política. Daí ter o Mestre calado quanto à primeira, respondendo apenas à segunda.

E assim mesmo não responde diretamente: faz ver que, se respondesse ele, não seria acreditado. Portanto, que interroguem aqueles que o ouviram, pois Ele falara abertamente nas sinagogas e no templo, para que todos ouvissem. Nada falara às escondidas. Os ouvintes poderiam testificar e seriam acreditados.

O Sumo-Sacerdote deve ter-se sentido frustrado com a resposta inesperada e um guarda, grosseiro e ignorante, não entendendo nada, aplica-lhe, para captar-se a simpatia do chefe, uma bofetada, reclamando contra a resposta, que fora perfeitamente legítima e dentro da lei.

Jesus mantém-se calmo e pergunta-lhe delicadamente onde está o erro de Sua resposta. E se não há erro, por que ser espancado?

A resposta calma e ponderada de Jesus, enfrentando um homem rude e encolerizado - acentua Pirot - bem equivale a “dar a outra face”, como fora ensinado (Mat. 5:39).

Eis-nos no primeiro encontro entre a vítima do holocausto e o Sumo-Sacerdote que vai oferecê-la no altar do sacrifício.

As indagações do Hierofante oficial da religião mosaica são feitas pro forma, já que sobejamente eram conhecidos Seus discípulos - gente humilde e não belicosa nem armada - e Sua doutrina de perdão das ofensas e de benefícios prestados a todos.

Mas essa “prévia”, em que se encontravam as duas autoridades máximas - a da religião oficial ortodoxa e a da Escola Iniciática fundamentalmente esotérica - revela de imediato a superioridade moral da segunda, que não se acovarda diante da primeira, enfrentando-a serenamente e ensinando-lhe qual a maneira correta de agir: sindicância entre os ouvintes e não perguntas ao réu.

Continuará sempre essa dualidade de autoridades morais. No reino das personagens, ocupa a primazia o Chefe da RELIGIÃO esotérica, visível, pública; no reino das individualidades, o hierofante é o Chefe do ESPIRITUALISMO esotérico, fechado, místico. Um governa, o outro orienta. Um age para fora, externamente, o outro vive para dentro, internamente. Um é considerado autoridade pelos homens, o outro só constitui autoridade para os Espíritos. E no campo do Anti-Sistema, no pólo negativo, só o primeiro tem valor e acatamento: o outro ou é desconhecido, ou, se vem a conhecer-se, é perseguido. Nas eras antigas, era sumariamente assassinado; nos dias de hoje, procuram destruí-lo com maledicências e calúnias.

O Sumo-Sacerdote da RELIGIÃO (de qualquer das religiões) é aliado político da autoridade profana, senta-se a seu lado, recebe-lhe as homenagens e as restrições, exige de um lado e cede de outro, para não perder suas regalias, e possui um exército com uniformes especiais que o distingue das demais comuns. O Sumo-Sacerdote do reino de Deus só tem aliança com Seus Mestres Espirituais, vivendo oculto do grande público, desconhecido das autoridades profanas, regendo almas e dirigindo-as na Senda. Ai dele se lhe percebem a autoridade e o grau de elevação! Torna-se insuportável Sua luz para os que habitam nas trevas do Anti-Sistema, e todos os meios lhes parecem válidos para derrubá-lo, pois Suas obras luminosas lhes ferem os olhos habituados à escuridão da materialidade.

Daí a necessidade de virem à Terra esses Sumos-Sacerdotes disfarçados, entre os homens vulgares, como homem vulgar, em que sobressaem fraquezas e defeitos, a fim de não ser descoberto. Mas, lamentavelmente, depois de algum tempo de atuação, acabam desconfiando. E, por via das dúvidas, todos os que colocam sua Luz mais visivelmente, são perseguidos sem piedade, procurando-se acirradamente e com precipitação, que Seus seguidores deles se afastem e que eles fiquem isolados e mal-vistos. A técnica se repete através dos séculos sem variar, desde os mais antigos profetas até hoje.

Mas há que ponderar a resposta do Mestre, onde declara a pura verdade: “falei abertamente ao mundo, ensinando nas sinagogas e no templo onde se reúnem os judeus: nada falei às escondidas”.

Todo o ensino de Jesus foi apresentado ao ar livre, nos locais de reunião oficialmente destinados a isso. E mesmo assim, conseguiu transmitir os segredos ocultos do conhecimento, que era velado em parábolas, em alegorias, em simbolismos. Depois, em casa, explicava aos discípulos da Assembléia do Caminho esses “mistérios”. Mas sobre essas “conversas íntimas” não tinha que dar satisfações: a pergunta visava à doutrina pregada em público, às idéias divulgadas entre o povo, não às palestras particulares entre amigos, aos quais “era dado conhecer os mistérios do Reino de Deus” (Marc. 4:11; Luc. 8:10).

A lição é preciosa, e outros exemplos semelhantes encontramos registrados na História, dados pelos Iniciados e Adeptos das Escolas de Tebas, de Elêusis, de Heliópolis, etc., recusando-se a responder a respeito dos segredos das Escolas que dirigiam ou frequentavam.

Grande sempre tem sido a curiosidade ansiosa dos profanos em conhecer e penetrar os mistérios desse ensino, mas jamais seus cultores os manifestaram, mesmo se isso lhes custasse a vida do corpo físico. Até hoje não se conhece um só exemplo de traição aos compromissos assumidos: aqueles que deles não eram dignos e que tentaram levantar uma ponta do véu eram de imediato julgados e afastados do Colegiado. E o que disseram, não constitui, na realidade, o SEGREDO oculto, mas apenas contrafações da Verdade.

E mesmo quando, por Seus poderes e por Seu conhecimento dos segredos da natureza, um Adepto é condenado a morrer, Ele se deixa assassinar, e não foge à morte, embora pudesse ser defendido por legiões “de anjos” e dela escapar mas essa maneira de agir constituiria uma revelação do que pode, e isso bastaria para ser uma tradição à Verdade que defende: Ele sempre deve aparecer como um homem comum, igual aos outros. Assim agiram todos durante milênios.

Quanto ao ensino público, esse foi realmente dado às claras. Portanto, qualquer das pessoas que tivesse ouvido a palavra de Jesus, poderia dizer o que foi ensinado.

Não é raro que alguém tenha que enfrentar situações semelhantes, em que autoridades, mesmo legalmente constituídas, pretendam forçar a revelação de segredos espirituais, religiosos e até místicos, usando de argúcia ou mesmo de violência: Jesus mostra-nos como agir. É só saber imitá-lo.

OUTRAS NEGAÇÕES

Mat. 26:71-75

Marc. 14:69-72

71. Saindo, pois, para o vestíbulo, outra viu-o e disse aos dali: este estava com Jesus o nazareu.
72. E de novo negou com juramento: “não conheço esse homem”.
73. Depois de pouco, chegando, os presentes disseram a Pedro: Realmente também tu és um deles, pois até teu sotaque o faz manifesto
74. Então começou a amaldiçoar e jurar: “Não conheço esse homem”. E imediatamente o galo cantou.
75. E lembrou-se Pedro da palavra de Jesus, que disse: 'Que antes de o galo cantar, três vezes me negarás'. E indo para fora, chorou amargamente.
69. E vendo-o a criada, veio de novo dizer aos presentes: este é um deles.
70. Mas ele de novo negou. E depois de pouco, outra vez os presentes disseram a Pedro: Realmente és um deles, pois também és galileu.
71. E ele começou a amaldiçoar e jurar: “Não conheço o homem de quem falais”.
72. E imediatamente pela segunda vez o galo cantou. E lembrou-se Pedro da palavra que lhe disse Jesus: “Antes de o galo cantar duas vezes, três me negarás”. E tendo caído em si, chorava.

Luc. 22:58-62

João 18:25-27

58. E depois de pouco, vendo-o outro, disse: Também tu és um deles. Mas Pedro disse: Homem, não sou.
59. E tendo passado cerca de uma hora, outro asseverava, dizendo: Em verdade também este estava com ele, pois também é galileu.
60. Mas Pedro disse: Homem, não sei o que dizes. E imediatamente, ainda falando ele, o galo cantou.
61. E voltando-se o Senhor olhou para Pedro e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe disse: “Antes de o galo cantar hoje, três vezes me negarás”.
62. E indo para fora, chorou amargamente.
25. Estava, pois, Simão Pedro em pé, aquecendo-se. Então lhe disseram: Não és também tu dos discípulos dele? Ele negou e disse: Não sou.
26. Disse um dos servos do Sumo-Sacerdote, parente daquele de quem Pedro cortara a orelha: Não te vi eu no jardim com ele?
27. De novo então Pedro negou: e imediatamente o galo cantou.

Alguns comentadores, ao reunir os textos evangélicos, acharam que Pedro não fizera apenas três negações; chegaram alguns a contar até sete. Cajetan (*Comment. in Joannem*, 18:77) escreveu: *unde colligitur quinquies ad minus Petrum negasse, ter ad vocem mulieris, et bis ad minus ad vocem virorum*,

isto é, “donde se conclui ter Pedro negado pelo menos cinco vezes, três à objeção da mulher e duas, no mínimo, às dos homens” ...



Figura “3.^a NEGAÇÃO E JESUS QUE PASSA”

Desenho de Bida, gravura de Édouard Hédouin

Não há razão para isso, se considerarmos que as ações se passaram no tumulto das conversas do grupo. Portanto, temos três atos, cada um isolado do outro, mas considerado uma negação em bloco, embora tivesse havido, no bate-boca, várias objeções e respostas em cada ato. Assim interpretou Agostinho (Patrol. Lat., vol. :36, col. 1170/71).

Passou-se o primeiro ato com a porteira, com três intervenções: uma à entrada, outra logo a seguir quando ela foi observá-lo no pátio à luz da fogueira; a terceira quando, depois da retirada estratégica de Pedro para o vestibulo, ela ou outra afirma ao grupo: “este era um deles”. As três vezes que Pedro disfarça e nega, constituem UMA NEGAÇÃO, a *primeira*.

O segundo ato foi mais simples, e só aparece em Lucas: é a acusação de um homem, que não causou muito tumulto: era palavra contra palavra, mas sem provas.

O terceiro ato ocorreu cerca de uma hora depois, como bem assinala Lucas, e desta vez o tumulto foi grande. Em primeiro lugar, a afirmação deduzida pelos presentes diante do sotaque de Pedro, que não aguentou ficar calado; e sua pronúncia do aramaico (idioma então usado entre as classes iletradas, que não assimilaram o grego como as classes média e alta), o traiu: “Sem dúvida és um deles, pois teu sotaque o revela”. E, ao negar, outro acrescenta: “Mas eu te vi no grupo”. E João, que conhecia os servos do Sumo-Sacerdote (não a própria pessoa dele, como anotamos páginas atrás), o identifica como parente de Malco.

E logo a seguir o galo canta pois já estamos na terceira vigília, denominada justamente *alektotophônias*, isto é, “o cantar do galo”, entre meia-noite e três da manhã (cfr. vol. 7).

Estabelecido o *cursus actionum*, vejamos outros pormenores.

O sotaque galileu era facilmente identificado pelos judeus, que zombavam e criavam anedotas a esse respeito. Strack e Billerbeck (o. c., t., 1, págs. 157) narra est: “um galileu perguntou a um judeu: - Quem tem um AMR? Os judeus presentes riram e perguntaram: - Oh! tolo, que queres tu? um asno (*hamôr*) para montar, vinho (*hamar*) para beber, lâ (*hhamar*) para vestir, ou um cordeiro (*immar*) para comer”?

O verbo “amaldiçoar” é dado com um verbo que raramente aparece nos documentos escritos, pois deve ter sido uma corruptela da língua falada: *katathematízein*, em lugar de *katanathematízein*.

Jerônimo (*Patrol. Lat.*, vol. 26 col. 201) escreveu em defesa de Pedro: illi fugiunt, iste, quamquam procul, séquitur tamen Salvatorem, ou seja, “eles fogem, mas este, embora de longe, contudo segue o Salvador”. Isso apesar de afirmar mais adiante (col. 203) que foi grave o erro de Pedro, não devendo ser procurada atenuante para o caso.

O “canto do galo” ocorre, pela primeira vez, entre meia-noite e duas da madrugada. E pela segunda vez aos primeiros indícios antes que a luz do sol comece a iluminar a região, entre quatro e cinco horas da madrugada. Pedro reforça a negação, porque quer permanecer ao lado do Mestre o mais que puder, e tinha interesse em despistar de si a atenção, em vista de haver ferido Malco.

A essa hora, Jesus devia estar saindo da sala de audiência no primeiro pavimento e descendo para o pátio, ainda algemado, para ser preparado e levado ao Sinédrio, a fim de ser interrogado e julgado, logo que o sol surgisse. Entre todo o grupo, distingue com Seu olhar percuciente o querido discípulo Pedro que, ao ver-Lhe o olhar triste e bom, e ao ouvir os insistentes cantos do galo, se lembra da previsão do Rabbi amado e se perturba de tal forma, que sai rápido do palácio de Caifás e prorrompe num choro convulsivo, em certo local onde, no 5.º ou 6.º século foi construída uma igreja que recebeu a denominação de “São Pedro *in galli cantu*”.

E ele que dissera que O seguiria até a morte!

Lição dura, mas proveitosa, contra a PRESUNÇÃO que todos temos, de que somos melhores que os outros e de que temos capacidade absoluta de resistir a qualquer prova. Para todos nós é muito fácil depreciar as façanhas alheias, menosprezar a coragem demonstrada pelos outros, ou acusar de covardia uma desculpa que permita a penetração em local proibido, contanto que se acompanhe um amigo na hora do perigo.

Pedro NEGOU conhecer seu Mestre, mas não o RENEGOU: proferiu sons com a boca, mas o coração Lhe permanecia fiel, tanto que ali se meteu, no local do maior perigo, para não abandoná-Lo. Suas negações verbais eram meramente escanteios para conservar-se ao lado de Jesus.

Seu choro vem sendo interpretado há dois mil anos como arrependimento profundo de tê-Lo negado. Não poderia ter sido antes o choque de ver que não havia sido libertado, mas ao invés era levado a julgamento, sem que ele pudesse acompanhá-Lo? Não poderia ter sido o desespero da impotência de arrancá-Lo das mãos dos captores? Não poderia ter sido pela decepção da certeza de que a força e os poderes de seu Mestre tudo venceriam com facilidade, e que ali falhavam?

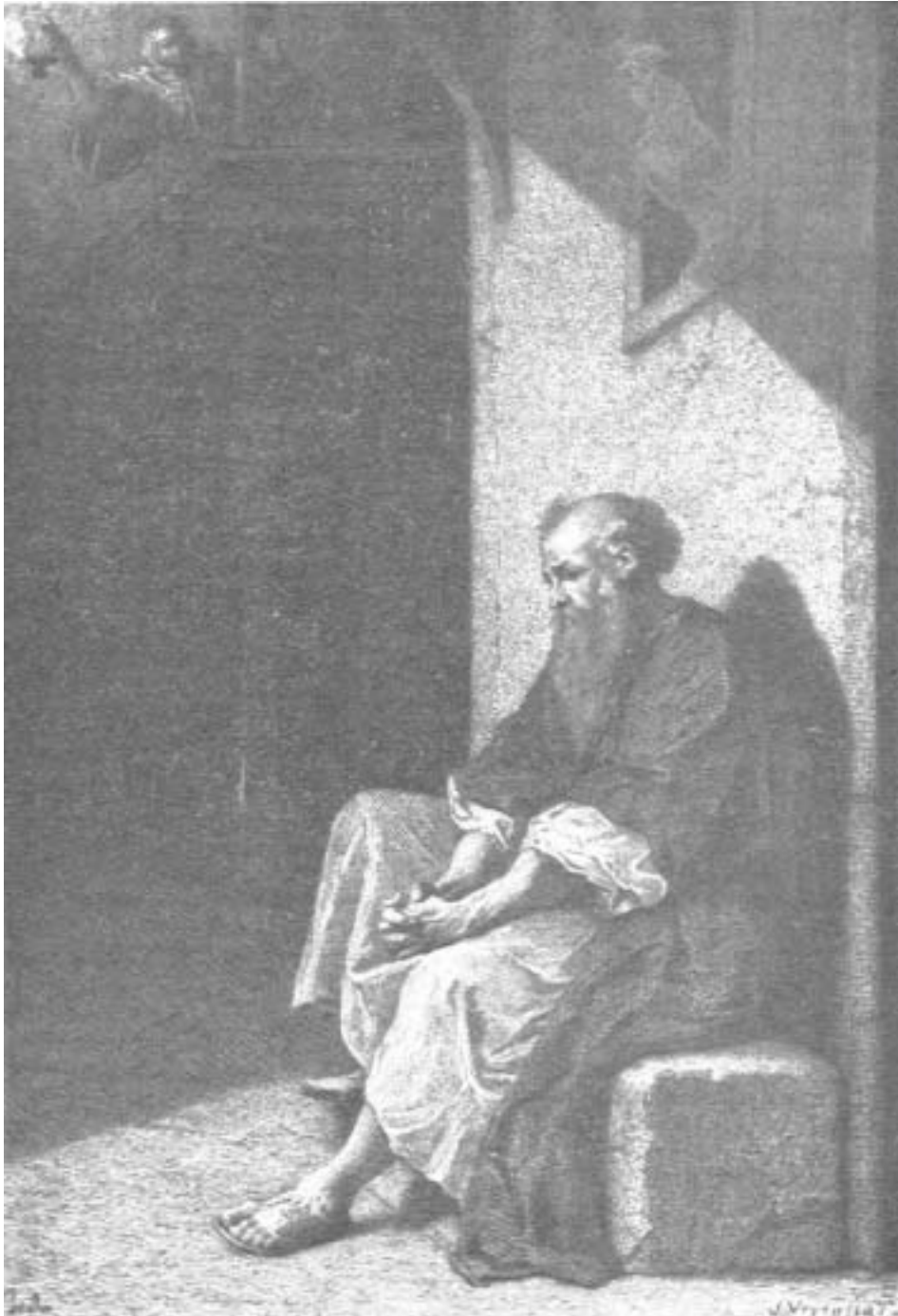


Figura “TRISTEZA DE PEDRO” – Desenho de Bida, gravura de J. Veyrassat

Os três sinópticos falam do choro, assinalando que irrompeu depois de ter ouvido Pedro o canto do galo. Lucas acrescenta o pormenor do olhar de Jesus. E Marcos emprega a expressão epibalôn, participio aoristo segundo, composto de epí (“sobre”) e bállô (“lanço”). Interpretamos como o “lançamento sobre si mesmo” ou seja a conscientização das circunstâncias, que tiveram o condão de des-

pertá-lo para o fato que se passava, reavivando-lhe a memória da previsão do Mestre, de que ele o negaria.

A sucessão rápida e imprevisível dos acontecimentos dolorosos naquela noite cheia de ocorrências choca profundamente a emotividade de Pedro, cujo corpo astral já se achava saturado de fluidos barônticos de tristeza, desapontamento, mágoa, ansiedade, angústia, medo, desorientação, dúvida e também arrependimento; e quando riscou o ar a física de som e de luz (o canto do galo e o olhar de Jesus), se produziu intensa a centelha eletrolítica que fez arrebentar o dique que represava a emoção, e abriu em catarata suas lágrimas incontroláveis, que borbotaram abundantes, aliviando a pressão interna e purificando o corpo astral. Lágrimas, válvula de escape, de que a natureza dotou o homem, para que pudesse suportar os grandes impactos emotivos.

A negação de Pedro, naquela circunstância, constituiu uma estratégia inteligente não a covardia dos que renegam para vender-se ao partido contrário: negou para afirmar e confirmar sua adesão ao Mestre.

Pedro NECOU conhecer seu Mestre, mas não o RENEGOU, proferiu sons com a boca, mas o coração Lhe permanecia fiel, tanto que ali se meteu, no local do maior perigo, para não abandoná-Lo. Suas negações verbais eram meramente escanteios para conservar-se ao lado de Jesus.

Seu choro vem sendo interpretado há dois mil anos como arrependimento profundo de tê-Lo negado. Não poderia ter sido antes o choque de ver que não havia sido libertado, mas ao invés era levado a julgamento, sem que ele pudesse acompanhá-Lo? Não poderia ter sido o desespero da impotência de arrancá-Lo das mãos dos captores? Não poderia ter sido pela decepção da certeza de que a força e os poderes de seu Mestre tudo venceriam com facilidade, e que ali falhavam?

Os três sinópticos falam do choro, assinalando que irrompeu depois de ter ouvido Pedro o canto do galo. Lucas acrescenta o pormenor do olhar de Jesus. E Marcos emprega a expressão epibalôn, partícipio aoristo segundo, composto de epí (“sobre”) e ballô (“lanço”). Interpretamos como o “lançamento sobre si mesmo” ou seja a conscientização das circunstâncias, que tiveram o condão de despertá-lo para o fato que se passava, reavivando-lhe a memória da previsão do Mestre, de que ele o negaria.

A sucessão rápida e imprevisível dos acontecimentos dolorosos naquela noite cheia de ocorrências choca profundamente a emotividade de Pedro, cujo corpo astral já se achava saturado de fluidos barônticos de tristeza, desapontamento, mágoa, ansiedade, angústia, medo, desorientação, dúvida e também arrependimento; e quando riscou o ar a faísca de som e de luz (o canto do galo e o olhar de Jesus), se produziu intensa a centelha eletrolítica que fez arrebentar o dique que represava a emoção, e abriu em catarata suas lágrimas incontroláveis, que borbotaram abundantes, aliviando a pressão interna e purificando o corpo astral. Lágrimas, válvula de escape, de que a natureza dotou o homem, para que pudesse suportar os grandes impactos emotivos.

A negação de Pedro, naquela circunstância, constituiu uma estratégia inteligente, não a covardia dos que renegam para vender-se ao partido contrário: negou para afirmar e confirmar sua adesão ao Mestre.

INTERROGATÓRIO OFICIAL

Mat. 26:59-68

Mar. 14:55-65

59. Mas os principais sacerdotes e o sinédrio todo procuravam um falso testemunho contra Jesus a fim de condená-lo à morte,
60. e não acharam (embora) muitas testemunhas falsas se tenham apresentado. Finalmente apareceram duas,
61. dizendo: Ele disse: posso destruir o Santuário de Deus e em três dias reedificá-lo.
62. E levantando-se o Sumo-Sacerdote disse-lhe: Nada respondes? Que testificam eles contra ti?
63. Mas Jesus calava. E O Sumo-Sacerdote disse-lhe: Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus.
64. Disse-lhe Jesus: “Tu o disseste; além disso digo-vos: desde agora vereis o filho do homem sentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens do céu’.
65. Então o Sumo-Sacerdote rasgou seu manto dizendo: Blasfemou! Que ainda temos necessidade de testemunhas? Vedes que agora ouvistes a blasfêmia!
66. Que vos parece? Respondendo, eles disseram: É réu de morte.
67. Então cuspiram-lhe no rosto e deram socos e esbofetearam,
68. dizendo: Profetiza-nos, ó Cristo, quem te bateu?
55. Mas os principais sacerdotes e todo o sinédrio procuravam um testemunho contra Jesus para condená-lo à morte e não acharam,
56. pois muitos testemunhavam falsamente contra ele, mas seus testemunhos não eram concordantes.
57. E levantando-se davam falso testemunho contra ele, dizendo:
58. Nós lhe ouvimos dizer: eu destruirei este santuário manufaturado, e em três dias edificarei outro não manufaturado.
59. E nem assim era concordante o testemunho deles.
60. E levantando-se o Sumo-Sacerdote no meio, interrogou Jesus dizendo: Não respondes nada? Que testificam estes contra ti?
61. Mas ele calava e não respondeu nada De novo o Sumo-Sacerdote interrogou-o e disse-lhe: Tu és o Cristo o Filho do Bendito?
62. E Jesus disse: “Eu sou, e vereis o filho do homem sentado à direita do Poder e vindo com as nuvens do céu”.
63. E o Sumo-Sacerdote, rasgando sua túnica, disse: Que temos ainda necessidade de testemunhas?
64. Ouvistes a blasfêmia. Que vos parece? E todos os julgaram ser réu de morte.
65. E Começaram alguns a cuspir nele e, cobrindo-lhe o rosto, a esbofeteá-lo, dizendo-lhe: Profetiza! E os guardas retiraram-no a pauladas.
67. dizendo: Se tu és o Cristo, dize-nos. Respondeu-lhes: “Se vos disser, não acreditareis,
68. e se vos interrogar, não me respondereis.
69. Desde agora estará o filho do homem senta-

Luc. 22:63-71

63. E os homens que o guardavam zombavam dele, batendo
64. e, pondo-lhe urna venda, perguntavam dizendo: Profetiza: quem é que te bateu?
65. E blasfemando diziam muitas (coisas) con-

tra ele.

do à direita do poder de Deus”.

66. E quando se fez dia, reuniu-se o Conselho dos Anciãos do Povo, dos principais sacerdotes e dos escribas e o retiraram para o sínédrio deles

70. Disseram todos: Então tu és o Filho de Deus? E ele retrucou-lhes: “Vós dizeis que eu sou”.

71. Então disseram: Ainda temos necessidade de testemunhas? Pois nós mesmos ouvimos de sua boca.

Mateus afirma que era procurada uma “testemunha falsa”, mas a expressão de Marcos é mais fiel à realidade: era procurada uma testemunha contra Jesus, mas que, para eles, fosse *verdadeira*. Daí a dificuldade de encontrá-la. Muitos apareciam com as mais variadas afirmativas, embora fosse impossível colocá-las de acordo.

E o Deuteronômio (17:6) exigia textualmente: “Com a palavra de duas ou três testemunhas se fará matar quem deve morrer; não será morto com a palavra de uma só testemunha”.

Finalmente surgiram duas, cujas acusações coincidiram basicamente, embora lhes diferísse a forma, conforme deduzimos dos textos de Mateus e Marcos. Dizia um: “posso destruir”, revelando a capacidade de fazê-lo; o outro diz: “destruirei”, afirmativa clara de intenção subversiva dolosa. O primeiro falava de reconstrução material: “posso destruir e reedificar”; o segundo distinguia o “Santuário manufaturado” (feito por mãos de homens) e a reconstrução de outro espiritualmente edificado. Portanto, a concordância não era absoluta: apenas coincidiam na idéia fundamental. A frase proferida por Jesus (João, 2:19) dizia: “se o destruídes” ..., e o evangelista assevera que se referia ao “santuário de seu corpo físico”.

Instigado a pronunciar-se a respeito da acusação, Jesus permaneceu calado, o que causou admiração a Caifás, habituado a súbitos e raivosos gritos de protesto do réu, interessado em defender-se a qualquer preço.

Nada obtendo por esse caminho, coloca-se o Sumo-Sacerdote na posição de seu cargo e coage a vítima “pelo Deus vivo” a declarar se é, ou não, o “Cristo, o Filho de Deus”.

FILHO DE DEUS

Aqui dividem-se os exegetas, afirmando uns (Loisy “Les Evangiles Sinoptiques”, t.2, pág. 604; M. Maillet, “Jesus, Fils de Dieu”, pág. 52; Strack e Billerbeck, o.c., pág. 1.006, etc.), que a designação “Cristo” e “Filho de Deus” representam uma unidade, com o sentido único de “Messias”.

Outros (Buzy, “Evangile selon Saint Marc”, pág. 358; Durand, “Evangile selon Saint Matthieu”, pág., 444; Prat, “Jesus-Christ, sa vie, sa doctrine, son oeuvre”, t. 2, pág. 349, etc.) acham que a pergunta é dupla:

1.^a se é o Cristo (Messias);

2.^a se é o Filho de Deus no sentido metafísico e teológico, ou seja, se é a “segunda pessoa da santíssima Trindade”.

Estes últimos não observaram o anacronismo dessa interpretação, pois a teoria da Trindade só se foi plasmando lentamente, chegando ao ponto atual séculos mais tarde. Mas aqui só nos interessa estudar o sentido, na época, da expressão “Filho de Deus” e seu desenvolvimento nas primeiras décadas, a fim de provar que Caifás jamais pôde entender sua pergunta nesse segundo sentido.

O mosaísmo era estritamente monoteísta, não admitindo qualquer sombra de multiplicidade de “aspectos” na Divindade. Portanto é historicamente inadmissível que o Sumo-Sacerdote colocasse essa questão em termos teológicos, perguntando a um homem se era “Filho de Deus” *sensu stricto*.

O judaísmo aceitava essa expressão alegoricamente, isto é, era possível a qualquer um ser “Filho de Deus” por ADOÇÃO, inclusive quando a aplicavam ao Messias esperado, pois se baseavam no Salmo (2:7) que cantava: “Tu és meu filho, eu hoje te serei”. E qualquer judeu, sem nenhum perigo de blasfêmia, podia declarar-se “Filho de Deus” em sentido amplo, como empregou Pedro (Mat. 16:16) para afirmar que Jesus era “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (cfr. vol. 4).

A partir daí temos, pois, três sentidos que se foram superpondo no decurso dos séculos:

- a) FILHO DE DEUS em sentido metafórico ou alegórico, segundo o pensamento judaico: filho POR ADOÇÃO;
- b) FILHO DE DEUS no sentido físico ou material (carnal), por influência do paganismo: um Deus fecundava uma mulher, produzindo um filho;
- c) FILHO DE DEUS no sentido metafísico ou teológico: consubstancial com a Divindade.

I - FILHO POR ADOÇÃO

Nos “Atos dos Apóstolos” encontramos Jesus apresentado como “um homem de quem Deus deu testemunho e através do qual fez prodígios e sinais” (At. 2:22). Em Atenas, Paulo diz que Jesus é “o homem pelo qual Deus decidiu discriminar a humanidade” (At. 17:31). Era, pois, o Filho de Deus no sentido metafórico: “Sirvo a Deus, pregando seu Filho” (Rom. 1:9); “Deus vos chamou à sociedade de seu filho Jesus, o Cristo” (1.ª Cor. 1:9): “o Cristo Jesus, Filho de Deus, que vos pregamos” (2.ª Cor. 1:19), etc.; tudo isso decorre do Salmo citado “Tu és meu filho, eu hoje te gerei”, composto em homenagem de um príncipe macabeu (João Hircan?) mas atribuído a Jesus desde os primórdios por Seus discípulos (cfr. At. 13:33 e Hebr. 1:5 e 5:5). Para os primeiros cristãos, esse Salmo foi a patente da realeza de Jesus como filho de David.

Mas essa filiação divina é encontrável em outros passos do Antigo Testamento, tendo sido sempre interpretada como filiação ADOTIVA, não sendo considerado blasfêmia dizer-se, nesse sentido, Filho de Deus, como não o era afirmar-se o “Messias”.

No Êxodo (4:22-23) lemos “Assim diz YHWH: Israel é meu filho primogênito ... deixa ir meu filho”. No Deuteronômio (14:1), falando a todo o povo, está: “Sois filhos de YHWH vosso Deus”. Isaías (63:16) escreveu: “Pois tu és nosso Pai ... agora, YHWH, és nosso Pai”. Em Jeremias (31:9) YHWH assevera: “Tornei-me Pai de Israel”. No livro da Sabedoria, de Salomão, o autor descreve vividamente, no capítulo 2, o comportamento das criaturas do Anti-Sistema, que infalivelmente investem contra as do Sistema (então como agora), dizendo entre outras coisas: “Cerquemos o justo porque é inútil para nós e contrário às nossas obras ... ele diz ter conhecimento de Deus e se diz Filho de Deus” (2:12-13). E, logo a seguir: “Ele julga-nos de pouca valia e se afasta de nosso modo de viver como de coisas imundas e prefere as sendas dos bons, glorificando-se de ter Deus como Pai. Vejamos, pois, se são verdadeiras suas palavras e verifiquemos qual será seu fim, e saberemos o resultado: se, com efeito, é verdadeiro Filho de Deus, Ele o receberá e o livrará das mãos dos adversários” (Sab. 2:16-18). Também no Eclesiástico (4:11) lemos as palavras do mestre ao discípulo: “E tu serás obediente como um Filho do Altíssimo” e mais à frente (36:14): “Apiada-se de Israel, que igualaste a teu filho primogênito”.

YHWH, pois, o Deus dos judeus, era Pai de todos os israelitas e, por extensão, de todos os homens, no pensamento de Paulo (cfr. Rom. 1:7; 1.ª Cor. 1:3; 2.ª Cor. 1:2; Ef. 1:2; Filp. 1:2; Col. 1:3; 2.ª Tes. 1:2; Gál. 1:3; 1.ª Tim. 1:2; Tito, 1:4, etc.)

Ainda em meados do 2.º século Justino escreve a Tryphon, o judeu (Dial. 48, 2; Patrol. Gr. vol. 6, col. 581; cfr. Lagrange, “Le Messianisme”, pág. 218): “Entre vós reconhecem que Jesus é o Cristo (Messias), mesmo afirmando que ele é homem nascido de homens (*ánthrôpon ex anthrôpon genômenon*).

II - FILHO CARNAL DE DEUS

Até o final do 1.º século, a maioria dos cristãos provinha do judaísmo, mas a partir daí inverte-se a situação, e o número dos de origem “pagã” supera de muito o dos do judaísmo.

Ora, na mitologia do paganismo era comum encontrarem-se deuses que possuíam sexualmente mulheres mortais (geralmente virgens), dando origem a filhos: os semi-deuses, os heróis, os grandes vultos. Fácil foi adaptar essa concepção divina a Maria, supostamente possuída por um deus, para dar nascimento a um semi-deus, fato que Lucas (proveniente do paganismo e não do judaísmo) aceitou com facilidade, sendo reproduzida a cena com o seguinte diálogo (Luc. 1:34-35): “Como será, pois não conheço homem? - Um Espírito Santo virá sobre ti e o Poder do Altíssimo te cobrirá, POR ISSO o menino que nascerá de ti será chamado Filho de Deus”.

Então Jesus passou a ser considerado fisicamente Filho de Deus, que nessa situação recebeu o nome de “Espírito-Santo”.

Como se teria processado a concepção, a penetração do sêmen no útero de Maria? Na cena do mergulho (“Batismo”) o Espírito Santo é apresentado numa forma semelhante a uma pomba, que afirma ser Jesus seu Filho. Teria sido essa forma apresentada também para a concepção de Jesus no ventre de Maria, à imitação da forma de cisne, assumida por Júpiter para fecundar Leda?

O mesmo Justino diz a Tryphon (1.ª Apol. 33, 4) que a concepção se deu sem que Maria perdesse a virgindade (*kyophorêsai parthênôn ouisan pepoiêkê*).

Mas o judeu Tryphon objeta: “Nas fábulas gregas diz-se que Danae, ainda virgem, deu à luz Perseu, porque Júpiter a possuía sob a forma de uma chuva de ouro. Devias envergonhar-te de narrar a mesma coisa. Seria melhor dizeres que teu Jesus era um homem como os outros e demonstrar, pelas Escrituras, se puderes, que ele é o Cristo, porque sua conduta conforme a lei e perfeita lhe mereceu essa dignidade” (Diál. 67,2).

A isso Justino responde (Apol. 54, 2) com argumento fraco e infantil: “Sabendo os demônios, pelos profetas, que o Cristo devia vir, apresentaram muitos pretensos filhos de Júpiter, pensando que conseguiriam fazer passar a história de Cristo como uma fábula semelhante à invenção dos poetas”.

Então, para os pagãos que chegavam ao cristianismo, era fácil aceitar que, como Júpiter o fazia, também o Deus dos judeus podia ter relações sexuais com Maria para gerar Jesus. (Notemos que a raiz de Júpiter - IAO pater - é a mesma de IAU-hé).

Logicamente a interpretação pagã de filho carnal de Deus era superior à idéia de simples filho adotivo, defendida pelos judeus.

III - FILHO CONSUBSTANCIAL DE DEUS

O terceiro passo, que eleva Jesus a filho consubstancial de Deus é iniciado ainda pelo próprio Justino, figura que teve larga repercussão no segundo século da era cristã. Nasceu ele na cidade de Flávia Neápolis, a antiga e famosa cidade de Siquém, no ano 100, e aos trinta anos ingressou no cristianismo. Em suas obras (o “Diálogo” e as duas “Apologias”, a 1.ª, ou grande e a 2.ª ou pequena) assistimos a toda a elaboração da doutrina teológica que predominaria mais tarde na igreja cristã romana.

Para Justino, depois de certo tempo, Jesus passa a ser Filho de Deus no sentido metafísico, ainda não eterno, como o Pai, pois foi gerado em determinado momento da eternidade, quando então recebe, legitimamente, o título de “Filho” (2.ª Apol. 6,3): “Seu Filho, o único que deve ser chamado Filho; (*ho mónos legómenos kyrios hyiós*), o Verbo que estava com Deus antes das criaturas (*ho lógos prò tôn poiematôn kai synón*), que foi gerado quando, no início, fez e elaborou todas as coisas por meio dele (*kai gennômenos hôte tèn archên di'autoú pánta éktise*).

Teófilo (“Ad Aulólicum”, 2, 22 e 2, 10) tenta explicar como e quando foi o Verbo gerado, e diz que a voz ouvida por Adão só pode ter sido o Verbo de Deus, que também é Filho, e “existe de toda eterni-

dade, envolvido (*endiathêton*) no seio de Deus. Quando Deus quis criar o mundo, gerou o Verbo proferindo-o (*tòn lógon êgennêse prophorikón*) e fazendo dele o primogênito de toda a criação”.

Mas tudo isso ocorria um século depois do interrogatório de Caifás, que jamais poderia compreender nem admitir o atributo de Filho de Deus, a não ser por adoção, como todo o povo israelita.

Concluindo, vemos que a pergunta do Sumo-Sacerdote NÃO PODE ser interpretada como filiação nem física nem metafísica do Inefável, mas apenas como filiação ADOTIVA, como aposto gramatical de MESSIAS.

* * *

Em Mateus a resposta é “Tu o disseste”; em Marcos é mais categórico: “Eu sou”. Até aí, nada poderia ter ocorrido, nenhuma acusação poderia ser levantada, e o réu não apresentava motivos de condenação à morte.

Lucas registra o diálogo de modo diferente, com a pergunta que supõe pedido de esclarecimento: se Jesus é, ou não é, o Messias. E este responde com lógica que: se ele disser que é o Messias, eles não acreditarão; e se fizer perguntas esclarecedoras, eles não responderão.

Mas, de uma forma ou de outra, a frase acrescentada, e coincidente nos três sinóticos é que provocou celeuma e atraiu a condenação à morte como *blasfêmia*:

- “Desde agora vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vindo com as nuvens do céu”.

Ao ouvir as ousadas assertivas daquele operário altivo, porque cômico de sua realidade, mas na condição humilhante de prisioneiro algemado, a irritação e o despeito foram incontáveis no Sumo-Sacerdote, pois a vítima se dizia, com firmeza tranquila e segurança absoluta, muito superior a ele, autoridade máxima da religião israelita.

E sua reação foi a tradicional: “rasgou suas túnicas”, hábito que vigorava entre os judeus em sinal de protesto, de luto, de dor (cfr. Núm. 14:6; 2.º Sam. 13:19; Esd. 9:3; Job, 1:20 e 2:12; Jer. 36:24 e At. 14:14).

As túnicas (em Mateus *tà imátia*, em Marcos *toús chitônas*, no plural porque era hábito vestirem duas ou três nos dias frios, uma por cima da outra), eram rasgadas pela costura (descosturadas violentamente) a partir da gola, por cerca de um palmo (30 cm).

Com a palavra do acusado, afirmando-se não apenas o Messias mas o “Senhor de David”, pois fora convidado por YHWH a sentar-se à sua direita; e atribuindo que a ele se referia a visão de Daniel, perdiam valor as testemunhas trazidas. A confissão “blasfematória” era evidente. E triunfante, o Sumo-Sacerdote aproveita a palavra do réu e consulta o Sinédrio: “Que vos parece”? A resposta veio, parece, unânime e pronta: “É réu de morte”!

Essa condenação não aparece em Lucas. Tendo-o apresentado, no início de seu Evangelho, segundo a concepção pagã, como filho *carnal* de Deus, podia chegar, neste ponto, à conclusão lógica. E depois da afirmativa de Jesus, de que “se sentaria à direita do Poder de Deus”, fazem a indagação ilativa: “Então és Filho de Deus”? Ao que Jesus responde, confirmando-o, embora indiretamente: “Vós dizeis que eu sou”!

A expressão “desde agora” (em Mateus *ap'árti*, em Marcos *apò tou nún*) é a afirmação da dignidade que seria conquistada com seu sacrifício; “vereis” (*ópsesste*) refere-se a uma visão espiritual; a alusão à sua vinda com as nuvens do céu não aparece em Lucas.

A citação de sentar-se à direita do Poder (isto é, de Deus), é baseada no Salmo (110:1) que reza: “Diz o Senhor ao meu Senhor, senta-se à minha direita, até que ponha teus inimigos como escabelo a teus pés”. Essa assertiva era demais forte, pois assim igualava-se a YHWH, assegurando que tinha lugar de honra ao lado dele; já na Festa dos Tabernáculos, em outubro, escapara de ser apedrejado por ter dado a entender a mesma coisa (João, 10:33).

A segunda parte decalca as palavras de Daniel (7:13) quando confessa: “Vi nas visões noturnas, e eis que vinha com as nuvens do céu um como Filho do Homem, que se chegou até o Ancião dos Dias”.

Essa mesma afirmativa já fora feita perante seus discípulos, quando o Mestre lhes falava das dores dos “últimos tempos” (cfr. Mat. 24:30 e Marc. 13:26; ver vol. 7).

Depois da condenação, o ódio do Anti-Sistema se derrama como metal liquefeito sobre ele, retirado do Sinédrio para aguardar sua ida ao palácio do Procurador Romano: só este tinha poder para ratificar e executar a sentença de morte.

Como fosse voz corrente de que se tratava de um profeta, os guardas (alguns comentadores dizem ter sido os próprios componentes do Sinédrio) cobrem-lhe os olhos com um pano e pedem que adivinhe quem bateu: confusão ainda hoje corrente entre profeta (médium) e adivinho. Nessas horas extravaza o violento e desumano instinto de sadismo dos seres ainda animalizados da humanidade, que batem, socam, cospem, maltratam, revelando a perversidade inata que ainda conservam.

Como sempre, descobrimos preciosa lição que, infelizmente, não é ainda bem compreendida por grande parte da humanidade, e de modo especial contra ela se rebelam os que se encontram a meio caminho da jornada evolutiva: os que já superaram quase toda a fase negativa do Anti-Sistema e dele começam a destacar-se, mas ainda não se firmaram no campo do Sistema, que só agora penetram em passos ainda inseguros e hesitantes.

Dessa forma, negam-se a aceitar, e positivamente não entendem, por que os bons são encarniadamente perseguidos neste planeta. A alegação baseia-se no escândalo de observar que os Espíritos Superiores não tomam a defesa dos bons, salvando-os das mãos dos maus. Gostariam que as virtudes celestiais fulminassem os perversos, tal como João e Tiago, os “Boanerges” (cfr. Marc. 3:17), queriam que Jesus fizesse descer fogo sobre a aldeia que se recusou recebê-lo! O próprio Jesus que PODIA solicitar doze legiões de defensores, preferiu submeter-se à Lei e ao que é natural no Anti-Sistema, conforme está descrito no já citado cap. 2 do Livro da Sabedoria, cuja leitura e meditação aconselhamos.

Os dois pólos, negativo e positivo, que constituem respectivamente o Anti-Sistema e o Sistema, encontram-se emborcados, como dois funis, um ligado ao outro pela boca mais larga. Tudo o que num é bom, no outro é mau, e vice-versa, em posição absolutamente invertida e contrária.

E como as criaturas encarnam na Terra rigorosamente segundo sua tônica vibratória, pela Lei Universal de sintonia, a maioria da humanidade se encontra na zona intermediária entre Sistema e Anti-Sistema. Os que, em seu íntimo, já renunciaram ao mal, mas ainda não atingiram degraus mais elevados do Sistema, encarnam nessa faixa em que predomina o divisionismo egoísta, e sofrem o atrito doloroso que arranca do ferro a ferrugem e o fogo consumidor que separa da ganga o ouro puro. E se alguém, dos degraus mais elevados, resolve sacrificar-se e imiscuir-se nas zonas mais baixas para qualquer trabalho regenerador, inevitavelmente terá que submeter-se à situação ambiental predominante, sofrendo os mesmos impactos, embora não no mereça.

Mas não poderia caminhar-se na Senda evolutiva pela trilha do AMOR, sem necessidade de mergulhar no negro abismo do sofrimento? Teoricamente, sim; mas cremos que somente nos planos mais elevados, onde reine o amor de modo absoluto, sem sombras sequer de egoísmo (nem pessoais, nem familiares, nem grupais), pois é o egoísmo que gera o sofrimento. Quem não se libertou totalmente do egoísmo, é automaticamente atraído para o ambiente egoísta, onde predominam ódio, concorrência desleal, violência, falsidade, engano, maldade, mentira, perseguições e destruição.

Descendo das altitudes sublimes, Jesus resolveu, voluntariamente, embrenhar-se no cipoal das paixões de uma humanidade ainda animalizada, a fim de indicar o caminho da libertação. Além dos ensinamentos teóricos, mister era-lhe dar o exemplo prático de como agir, e por isso resolveu viver e experimentar (páthein) em Si mesmo todas as dificuldades por que deveriam passar aqueles que O seguissem.

E como soara a hora de ascender mais um posto na escala evolutiva, e como para esse passo importante era indispensável sujeitar-se a fim de exame rigoroso, a fim de comprovar sua coragem e avaliar sua força, aproveitou-se desse ensejo para executar os dois planos de uma vez; e baixando suas vibra-

ções o mais que pôde, revestiu o escafandro de carne, para permanecer pregado ao solo do planeta. Ipso facto, caiu em cheio no ambiente do Anti-Sistema, preparado para receber todo o choque que isso lhe provocaria. Para avaliarmos bem melhor o que passou, imaginemos que um de nós humanos, no ponto atual em que se encontra a humanidade, encarnasse conscientemente numa vara de porcos e agisse de modo diferente deles; que não sofreria? Muito, sem dúvida; mas de certo menos, do que sofreu Jesus na humanidade!

Entre as feras humanas do Anti-Sistema Jesus prosseguiu tranquilamente sua trajetória, até chegar a hora aprazada, quando então se submeteu às provas previstas para sua ascensão. O “Alto-Comando” do Anti-Sistema foi todo mobilizado para essa ocasião. E o exemplo que essa vítima do amor imenso que nos dedica deu a todos nós, mantendo a dignidade, foi dos mais sublimes, calando quando a pergunta era feita fora das normas legais, e corajosamente respondendo quando o indagante possuía autoridade para fazê-lo.

Mas diante do sofrimento, não abriu a boca, como previra Isaías (53:7-9): “Ele foi oprimido, contudo humilhou-se a si mesmo e não abriu a boca. Como o cordeiro que é levado ao matadouro e como a ovelha que é muda diante dos que as tosquam, assim não abriu ele a boca. Pela opressão e pelo juízo foi ele arrebatado, e quanto à sua geração, quem considerou que ele foi cortado da terra dos vivos? Por causa da transgressão de meu povo foi ele ferido. Deram-lhe a sepultura com os ímpios e com o rico esteve em sua morte, embora não tenha cometido violência nem houvesse dolo em sua boca”.

No entanto, outra consideração que deduzimos dessa lição in artículo mortis (quase poderíamos dizer), é a coragem indômita de afirmar a Verdade acima de tudo. Não se utilizou da desculpa da modestia, para negar Sua qualidade real. E isso causa tremenda irritação entre os homens ainda envolvidos pela atmosfera do pólo negativo, não só porque não podem dizer o mesmo de si mesmos, com porque não podem admitir que haja seres, iguais externamente a eles, e no entanto espiritual e culturalmente superiores. A inveja e o egoísmo não admitem superioridade nos outros.

E quando não existe a arma da violência, em virtude de maior evolução dos meios sociais humanos, outras armas talvez piores são utilizadas: a maledicência e a calúnia, as campanhas de arrasamento moral dos seres de fato superiores, a fim de desmoralizá-los perante a opinião pública.

O exemplo de Jesus, o Mestre incomparável, é claro e insofismável: à pergunta se era Filho de Deus, ou seja, se pertencia ao Sistema, responde altaneiramente: “EU SOU”. A resposta deve ter soado, especialmente se foi - e deve ter sido - proferida em hebraico, como uma afirmativa insustentável, pois a expressão EU SOU, em hebraico, é exatamente YHWH, o nome impronunciável, a não ser pelo próprio Sumo-Sacerdote uma vez por ano.

Paremos um instante em profunda meditação. De olhos fechados para a neiramente: “EU SOU”. A resposta deve ter soado, especialmente se foi - e deve ter sido - proferida em hebraico, como uma afirmativa insustentável, pois matéria que nos circunda, revejamos a cena: aquele operário cansado, algemado, simples, cercado de adversários ferrenhos, está diante do Sumo-Sacerdote, paramentado a rigor, no trono de sua gloriosa posição suprema. E o réu, cabeça erguida, pronuncia o Nome Indizível diante de todos, afirmando-se ser aquele que todos acreditavam ser o “Deus dos judeus”, o Espírito-Guia da raça, o Supremo Ser para eles, e acrescenta, além disso, as frases do Salmo - de que fora convidado para sentar-se à direita do Altíssimo - do grande profeta Daniel, de que viria, com as nuvens do céu. Que espanto inenarrável deve ter percorrido aquela assembléia, como um arrepio de medo, diante da inqualificável ousadia daquela figura já abatida pela noite indormida, mas, segundo eles, ridiculamente altiva, a proferir uma legítima blasfêmia, imperdoável e merecedora da imediata condenação à morte: “é réu de morte”!

Essa atuação teve numerosos imitadores: por muito menos que isso, a igreja romana queimou muitos homens nas fogueiras da inquisição de triste memória. Nenhuma autoridade humana pode admitir que um ser, socialmente inferior, se diga espiritualmente superior, com autoridade mais elevada que a concedida pelos homens. Nenhum elemento do Anti-Sistema aceitará, jamais, que um homem igual a eles, confesse possuir categoria mais elevada, ainda que pelos exemplos de suas obras se possa dedu-

zir a realidade da afirmativa. Isso porque o Anti-Sistema não aprendeu a lição de Jesus: “Conheceis as árvores pelos seus frutos: nenhuma árvore má produzirá bons frutos, e nenhuma árvore boa produzirá maus frutos” (Mat. 12:33). Até hoje, o Anti-Sistema pretende julgar a árvore por ela mesma: se é alta ou baixa, frondosa ou raquítica, reta ou torta, lisa ou espinhosa, sem levar em consideração os frutos que produza. Essa maneira de julgar tem produzido numerosos hipócritas no seio da humanidade.

Estejamos todos preparados para dar testemunho certo daquilo que realmente somos, diante de quem quer que seja, empregando o mesmo método utilizado por Jesus diante do tribunal religioso dos judeus.

Quando acossados pela maledicência e pela calúnia, proferidas por aqueles que não possuem autoridade moral para fazê-lo, saibamos calar, pois o silêncio é a melhor resposta; sofram em silêncio, orando por aqueles que, mal informados, se deixam levar pelo ódio inato que os mina como chama oculta. Um dia, quando na mesma posição, experimentarão as mesmas acusações.

Quando interrogados por quem tenha o direito legal de fazê-lo, a respeito daquilo que realmente somos, respondamos corajosamente, de acordo com a consciência límpida que tivermos a nosso respeito, sem nos deixarmos levar pelo orgulho, mas também sem nos escondermos por trás da bandeira esfarrapada de uma falsa modéstia: quem sabe e tem consciência de saber, esse é sábio verdadeiro.

Mas, se a vida nos trazer a felicidade de não sermos colocados no fogo cruzado dos adversários do polo negativo, caminhemos tranquilos, sem esquecer-nos de agradecer ao Pai por essa felicidade sem nome, de não sermos atacados e despedaçados.

De qualquer forma, em qualquer circunstância, recordemos que o que de fato vale, é o fruto que produzimos em benefício da humanidade, são as lições escritas ou faladas, e sobretudo é a lição do exemplo de desprendimento e de bondade, de perdão e de amor para com todos. Poderão atingir nossa personagem terrena, mas nosso Eu verdadeiro jamais será atingido: foi maltratado, batido, cuspidor, ridiculizado o corpo físico de Jesus, mas Seu Eu profundo, o Cristo, não foi tocado, nem até Ele chegaram as ofensas animais da violência e do despeito de homens involuídos cheios de ódio.

Essa lição, que Jesus nos ensinou com Seu exemplo sublime, é sempre oportuna para todos os que vivemos no ambiente do pólo negativo, e que, por vezes, acossados pela vaidade de nosso pequeno eu mesquinho, gostaríamos de ripostar aos que nos acusam, devolvendo ofensa por ofensa, e procurando defender-nos das acusações gratuitas: Jesus calava e em Seu coração suplicava que o Pai lhes perdoasse, “pois não sabiam o que diziam”.

Obrigado, Mestre, pela lição do Teu exemplo!

ENVIO A PILATOS

Mat. 27:1-2

- 1. Tendo-se feito manhã, tomaram conselho todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo contra Jesus, para condená-lo à morte.**
- 2. E algemando-o (o) conduziram e entregaram ao procurador Pilatos.**

Marc. 15:1

- 1. E logo de manhã, reunindo o conselho, os principais sacerdotes com os anciãos do povo e os escribas e todo o Sinédrio, algemando Jesus o levaram e entregaram a Pilatos.**

Luc. 23:1

- 1. E levantando-se, todo o grupo deles conduziu Jesus a Pilatos.**

João, 28:28

- 28. Conduzem, então, Jesus de Caifás para o Pretório; era de madrugada; e eles não entraram no Pretório para que se não contaminassem, mas comessem a Páscoa.**

O sinédrio não contava com a prerrogativa de executar sentenças de morte. Daí precisar recorrer à autoridade romana, que podia ratificá-la ou recusá-la. Mister, pois, ser bem fundamentada a acusação: para mais impressionar, mantiveram o prisioneiro algemado.

Pilatos pertencia à família Pôncia, e foi o 5.^o Procurador romano na Judéia, funcionando desde o ano 23 d.C., e conservando-se nesse posto até o ano 36. Como Procurador, detinha poderes civis e militares, mas dependia do Legado na Síria.

No início de sua gestão, Pilatos usara o dinheiro do *qorban* para a construção do aqueduto de Ethan, e esse gesto provocou uma revolta dos judeus, reprimida com um massacre (Flávio Josefo, *Ant Jud.* 18, 3, 2 e *Bell. Jund.* 2, 9, 4). Nos momentos difíceis procurava temporizar, a fim de fugir à responsabilidade e ver se conseguia agradar simultaneamente às duas partes. Mas acima de tudo buscava agradar a Tibério. Nos Evangelhos é dado a Pilatos o título de *hêgemôn*, “chefe”, o mesmo atribuído ao Legado na Síria (Luc. 3:2) e ao próprio Imperador (Luc. 3:1). O título exato da função que desempenhava seria *epítropos*, palavra que não aparece nos Evangelhos.

Pilatos é citado com frequência por Philon e Flávio Josefo; todavia, a não ser aí, o nome desse Procurador não aparece registrado entre os escritores clássicos profanos, a não ser em Tácito (*Anales*, 15:44) onde lemos: *auctor nominis ejus* (chrestiani) *Chrestus*, *Tibério imperitante, per Procuratorem Pontium Pilatum supplicio erat adfectus*, ou seja: “o autor desse nome (cristão) Cristo (no original Cresto) fora submetido ao suplicio sob o Procurador Pôncio Pilatos, sendo imperador Tibério”. Esse trecho, posto em dúvida por vários autores, como uma interpolação de cristãos, foi provado ser genuíno por Kurt Linck, no “De Antiquissimis Veterum quae ad Jesum Nazarenum spectant testimontis”, (na pág. 61).

O Pretório era a residência do Pretor e, por exceção, dos Governadores romanos, desde que aí se instalasse o tribunal (*bêma*), que consistia num estrado sobre o qual se colocava a *sella curulis*. Três locais podem ter sido utilizados *ad hoc* naquela manhã de sexta-feira:

- a) o palácio de Herodes, conhecido como a Torre de David, na porta de Jaffa;
- b) o Tribunal civil (*melkcmeh*), no vale do Tiropeu;
- c) a Torre Antônio, ao norte da esplanada do Templo.

A presunção geral pende para o último deles, onde o Procurador permanecia quando se afastava de sua residência oficial em Cesaréia, ao passar em Jerusalém os dias dos festejos pascais.

Flávio Josefo (*Bell. Jud.* 5.5.8) diz que o local ficava enquadrado por quatro torres; sua área era de 1.800 m², sendo construído com grandes pedras, sendo-lhe, pois, bem aplicado o nome de *lithóstratos* (de *lithos*, “pedra” e *strônyimi*, “pavimentar”), como o denomina João (19:13), dizendo que em hebraico se chama *Gábbatha* (“lugar elevado, eminência”), de Gabá; segundo Strack e Billerbeck, (o.c. t.2, pág. 572) o termo é *Gabbahhta*, “fronte calva”.

Preferem o primeiro sentido Edersheim, Schurer, Sanday. Guthe, Zahn, Abel, Durand Lagrange (cfr. Abel. “Jerusalem Nouvelle”, pág. 565-567). Mas as descobertas de 1932-1933 vieram dar muita força ao segundo.

A concordância dos quatro Evangelistas é total, quando assinalam a sexta-feira, dia 14 de *nisan* como véspera da celebração da Páscoa, que começaria nesse dia às 18 horas, donde não quererem os judeus entrar no Pretório para se não contaminarem legalmente.

Segundo os cálculos astronômicos de J. K. Fotheringham (“Journal of Theologic Studies”, 1911, pág. 120-127) e de Karl Schoch (Bulletin, 1928, pág. 48-57) entre os anos 28 e 34, o 14 *nisan* foi sexta-feira no ano 30 (a 7 de Abril) e no ano 33 (a 3 de abril). Num desses dois anos ocorreu a crucificação (cfr. J. Levie, “La date de la Mort de Jésus”, in “Nouvelle Revue Théologique”, t. 40, 1933, pág. 141-147).

Pilatos tenta salvar Jesus da condenação, procurando negociar a clemência dos judeus em favor do réu, declarando-o “não culpado” e reenviando-o a Antipas, propondo, inclusive salvá-lo com a concessão da “graça pessoal”.

Mas o ódio dos sacerdotes nada aceita, ameaçando o procurador de denunciá-lo a Roma. Daí dizer Jesus que Pilatos era “menos culpado” do que o Sinédrio (João, 19:11). Em vista disso levantam-se muitos para desculpar Pilatos (cfr. Renan, “Vie de Jésus”; Jackson et Lake, “The Beginnings of Christianity”, pág. 13) embora os autores antigos o apresentem como duro contra os judeus (cfr. Fl. Josefo, *Bell. Jud.* 2,9,2, e Philon, “Leg. ad Caium”, 38).

Em vista da impossibilidade em que se encontrava o Colégio Sacerdotal, oficialmente constituído, de submeter o candidato às provas máximas, que exotericamente seria a morte física, a Lei providenciou sua entrega ao poder civil, aproveitando-lhe o desinteresse dos chefes pela condenação desse “réu”, para que a execução não fosse aplicada com sumo rigor, exigindo-se-lhe a verificação da “morte”.

Nos mínimos pormenores comprovamos que jamais é abandonada a criatura humana, pois a Lei, através de Seus executores, prima em cuidar de todas as minúcias, escolhendo a dedo as personagens rigorosa e cuidadosamente selecionadas, para que se evitem erros e desvios prejudiciais à meta almejada.

Por esse motivo é que Pilatos, por ser displicente, foi conduzido àquele posto, tendo ao lado exatamente aquela esposa, que pudesse interceder em benefício de Jesus, abrاندando ainda mais o ânimo do Procurador e tirando-lhe qualquer veleidade de perseguição.

Assim, encontrava-se Jesus nas mãos de um Colégio Sacerdotal cheio de ódio mortal, mas impotente na ação, e de um procurador romano que tinha poderes para agir, mas não desejava condenar à morte, tudo fazendo para libertá-los: era, pois, a figura ideal, que levaria o candidato à iniciação de seu grau até o ponto exato, e não aquém (libertando-o) nem além (exigindo a morte física real).

Não têm razão os que atribuem o sacrifício de Jesus a um “complat” de maldade, exclusivamente dependente da vontade humana: trata-se de uma necessidade vital, governada pela Vida e pelas Inteli-gências diretoras da Humanidade, que colocaram nos postos-chaves criaturas capazes de cumprir exatamente as determinações superiores.

Assim vai o candidato a caminhar passo a passo, até a consumação do sacrifício que lhe abrirá, de par em par, a porta de acesso ao posto supremo de Chefe do Sexto Raio, no Governo da Humanidade.

EPISÓDIO DE JUDAS

Mat. 27:3-10

3. Vendo, então, Judas que o entregou, que fora condenado, mudando de opinião restituiu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e anciãos,
4. dizendo: errei, entregando sangue inocente. Mas eles disseram: Que nos importa? Arruma-te.
5. E lançando as moedas no santuário, saiu e sufocou-se.
6. Mas os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito lançá-las no tesouro, porque é preço de sangue.
7. Tendo deliberado em conselho, compraram com elas o Campo do Oleiro, para sepultura dos peregrinos estrangeiros.
8. Por isso foi chamado até hoje aquele campo, Campo de Sangue.
9. Então cumpriu-se o dito de Jeremias o profeta, que disse: “E tomando as trinta moedas de prata, o preço do que apreçaram, avaliado pelos filhos de Israel,
10. deram-nas pelo Campo do Oleiro, segundo me ordenou o Senhor”.

Episódio privativo de Mateus, cujas palavras procuraremos estudar com o máximo cuidado e atenção.

Segundo os códices, Judas viu que Jesus fora condenado (*katekríthèi*) e então, mudando a mente (*etamelêthéis*), tornou a levar (*éstrepse*) o dinheiro (*tà argyria*) para o Sinédrio.

Significaria isso que Judas tinha esperanças de entregá-Lo e depois de vê-Lo escapar ileso das mãos dos adversários, como de outras vezes? Não teria sido essa uma esperança demais presunçosa e um risco grande demais, para ser deixado à sorte? E se essa foi a expectativa, não teria sido demais precipitada a reviravolta, já que até o último instante, mesmo condenado, o Mestre poderia escapar, se o quisesse? Meditando sobre o assunto, não conseguimos atinar com a atitude psicológica de Judas, registrada por Mateus. Ainda mais quando declara: “Errei, entregando sangue inocente”, numa demonstração de consciência plena do que fazia: não agira equivocado, sua ação fora premeditada. Como e por que tão repentina modificação no modo de encarar a questão?

Continua o evangelista a narrativa, revelando o cinismo das autoridades eclesiásticas de Israel: “que nos importa” (*ti pròs hêmâs*)? cuida tu (*sy ópêi*), ou “Vê tu”, ou mesmo “isso é contigo”. Irritado, Judas teria jogado as moedas no santuário (*eis tôn naón*), o que trouxe embaraço aos membros do sinédrio, que diziam não poder colocá-lo no tesouro (*eis tôn korbanân*) por ser preço de sangue (cfr. Deut. 23:18-19).

Jerônimo (*Patrol. Lat.* ,o]. 26, col. 204) salienta, muito bem, que tinham escrúpulo quanto à destinação a ser dada ao dinheiro, mas não quanto a condenar Jesus à morte.

Após anotar que Judas, “saindo, sufocou-se” (*apelthôn apêgxato*), narra que compraram “o campo do oleiro” para servir de cemitério para os forasteiros, pelo que “é chamado até hoje campo de sangue”.

Logo a seguir, Mateus assevera que “assim se cumpriu a palavra do profeta Jeremias”. Ora, em Jeremias nada existe de tudo isso. Quem fala das trinta moedas e do campo do oleiro é Zacarias (11:12-13) que, nesse passo se considera um pastor, com delegação de YHWH para apascentar o rebanho. Cansado da infidelidade das ovelhas, pede seu salário aos exploradores do rebanho:

12. E eu lhes disse: se o julgais bom, dai-me meu salário. Se não, deixai. E eles me contaram trinta peças de prata.
13. E YHWH me disse: joga-o ao oleiro, o magnífico preço pelo qual foste avaliado por eles. E tomei as trinta peças de prata e as lancei na casa do Senhor ao oleiro”.

Alguns perguntam se, em lugar de “oleiro” (*iozer*) não deveria ler-se “tesouro (*uzar*). De qualquer forma, as trinta peças, em Zacarias, são dadas a um oleiro, mas não compram seu campo.

Em Jeremias (33:6ss) há a narração da compra que o profeta faz a Anathoth, do campo de seu primo Hanameel. Também não é o campo de um oleiro. Onde se fala em “oleiro”, é quando Jeremias visita um, que refaz seu vaso, que havia saído imperfeito (Jer. 18:1-4).

Perguntamos: onde está a profecia?

Eusébio (De Dem. Evang. 10,4) diz que “os judeus haviam suprimido o texto citado por maldade contra os cristãos” ... Jerônimo (*Patrol. Lat. vol. 26, col. 205*) afirma que um judeu lhe mostrou um texto apócrifo de Jeremias, com essas palavras; mas por sua expressão parece que o velho tradutor da Bíblia não lhe deu crédito. Agostinho (*Patrol. Lat. vol. 34 col. 1175*) escreve: *quae dicta sunt per Jeremiam tam sunt Zachariae quam Jeremiae, et quae dicta sunt per Zacchariam, tam (sunt) Jeremiae quam Zachariae*, isto é, “o que é dito por Jeremias, é tanto de Zacarias quanto de Jeremias, e o que é dito por Zacarias tanto de Jeremias quanto de Zacarias”, querendo explicar que, sendo o livro inspirado por Deus, o nome do profeta pouca importância apresentava. Strack e Billerbeck (o.c. t.I, pág. 1029-1030) aduz a hipótese seguinte: vindo Jeremias à frente de todos, assumia a paternidade de todas as profecias. Essa hipótese cai diante do fato de que a presente é a única vez em que isso ocorre: em todos os outros passos, os profetas são corretamente citados com seus nomes.

Antes de concluirmos, vejamos, para confronto, o texto dos Atos (1:18-19), que pretende ser paralelo a este, da autoria de Lucas, quando transcreve o discurso de Pedro.

18. Esse (Judas) comprou então um campo (*houtos mén òun ektésato chôrion*) com o salário da injustiça (*ek místhou tês adikías*) e tendo caído para a frente (*kai prênês genómenos*) estalou no meio (*elákêsen mésos*) e derramou todas as suas vísceras (*kai exechythê pánta tà splágchna autoú*).
19. e se tornou conhecido (*kai gnôstòn egéneto*) a todos os habitantes de Jerusalém (*pāsi toís katoixousin Ierousalêm*) de tal forma que foi chamado (*òste klêthêmai*) aquele campo (*tò choríon ekeíno*) no dialeto deles (*têi dialetôi autôn*) Akéldama, isto é, campo de sangue (*akeldamach, tout'estin Choríon haímatos*).”

Vemos que as duas narrativas se contradizem frontalmente, pois nos Atos teria sido o próprio Judas a comprar um campo, e teria caído para a frente (*prênês - pronus*) - e não se diz como - e “estalou no meio, derramando todas as suas vísceras”. Na pena de um médico a expressão deveria ser técnica, mas esse fenômeno não ocorre na sufocação, nem mesmo por enforcamento, como o quer a tradição. A não ser, como alguns sugerem, que o corpo tivesse permanecido pendurado na corda vários dias, até apodrecer e romper-se, pela inchação, a pele do ventre deixando cair as vísceras apodrecidas na terra. Mas se isso tivesse ocorrido assim, Lucas não teria empregado o verbo *lakéo* (*elákêsen*), com o sentido preciso de “estalar”, isto é, de dar um estalo, como o bater de palmas.

Resumindo:

Mateus:

Atos:

- a) Judas devolve as 30 moedas
- b) os sacerdotes não aceitam
- c) Judas lança-as ao santuário
- d) os sacerdotes compram o campo de um oleiro
- a) Judas compra um campo que,

- e) por ter sido comprado com as 30 moedas, recebe, *por isso*, o nome de “Campo de sangue”
- f) Judas sai e “sufoca”
- b) cai para a frente e “estala”, derramando as vísceras nesse campo que, por isso, recebe o nome de “campo de sangue”.

De toda essa confusão, e sobretudo da citação errada do nome de um profeta - inadmissível num autor “inspirado”, deduzimos que ambos os trechos foram retocados por mãos inábeis, a fim de chamar sobre Judas o desprezo dos primeiros cristãos e das gerações posteriores.

Qual teria sido o texto original? Qual seria a mensagem real de ensinamento que a verdadeira tradição iniciática teria desejado deixar aos discípulos das eras porvindouras?

* * *

Evidentemente estamos diante de um dos trechos que apresentam maior dificuldade de interpretação e estudo: tentemos.

O argumento mais tentador é o de rejeitar de golpe a versão de Mateus, quanto ao destino dado às trinta moedas, tão claramente pastichado do “profeta”, embora confundindo a fonte, ou por isso mesmo, atribuindo a Jeremias uma alusão de Zacarias. A inabilidade do manuseador do texto é patente, embora quem no fez, o tivesse feito desde as primeiras edições da narrativa de Mateus. Vemos que ele se lembrou de um episódio escriturístico e quis criar uma situação que ligasse o drama de Jesus a uma profecia. Forjou, então, a cena de Judas perante o Sinédrio, e tão inabilmente o fez, que ficou inaceitável, apesar de citar nomes e de dizer que “até hoje” se chama “Campo de sangue”.

Mas a causa que deu origem a esse nome é totalmente diversa nos dois narradores: Lucas diz ter-se assim chamado porque nele morreu Judas, ao passo que Mateus afirma que recebeu esse nome por ter sido comprado pelo Sinédrio com as trinta moedas, “preço de sangue”.

Racionalmente, essa contradição anula a verossimilhança do fato não importando o que a esse respeito tenham escrito os autores antigos, por mais eminentes que tenham sido.

O manipulador que escreveu as palavras em Atos, com a agravante de havê-las colocado nos lábios de Pedro, lembrava-se apenas vagamente do que havia sido acrescentado em Mateus. Os comentadores que tentam explicar as discordâncias evidentes, sucumbem a puerilidades indefensíveis, ao dizer que Pedro *sabia* que Judas se enforcara, mas que pretendeu, com a imagem tétrica do arrebentar-se de seu corpo, impressionar mais a audiência.

Mas, perguntamos: foi Judas que comprou o campo e nele se enforcou ou foi o Sinédrio que comprou? Se foi o Sinédrio, será que Judas sabia qual tinha sido o campo comprado para ir lá e enforcar-se? Se não, em que lugar se enforcara ele? Se não foi no campo comprado, por que haveria Pedro de mentir num discurso oficial de chefe da “comunidade”, perante o colegiado que estava para escolher o substituto de Judas? Onde ficamos?

Já assinalamos que onde o texto se apresenta incompreensível, impõe-se uma análise fria e desapaixonada, isenta de qualquer idéia preconcebida, e apenas fundamentada nos termos escritos. Diante da análise, podemos chegar a uma destas conclusões:

- a) ou o texto não constava do original e foi acrescentado;
- b) ou havia um texto original, que foi manipulado.

Tudo nos leva à segunda hipótese. Havia um texto original, mas diferente daquele que hoje lemos. Como chegar a ele?

Examinemos o caso pela crítica interna.

Descobrimos no trecho uma das características mais típicas do estilo de Mateus: “para que se cumprissem as profecias”: era o desejo de comprovar, pelo que estava escrito nas Escrituras israelitas, que Jesus era realmente o Messias esperado pela nação Judaica. No entanto, a inadmissível troca de nomes do profeta (constante de todos os códices) vem provar-nos que o erro NÃO FOI do evangelista. O manuseador não conhecia bem as Escrituras, e cometeu o erro, deixando-nos a pista para que descobríssemos sua malandragem. Apesar de inteligente na ânsia de imitar o estilo de Mateus, foi atraído por sua memória.

Inteligente, também, o manipulador do texto de Lucas, que busca dar minúcias que sejam particulares de um médico. Mas o verbo “estalar” ao invés de “romper-se”, revela também uma pista. E as contradições entre os dois narradores dá o golpe de graça final para rejeição do texto tal como se apresenta hoje a nossa leitura. Racionalmente, é impossível encontrar qualquer acordo que seja plausível ou verossímil.

Diante da necessidade de tornar abominável a figura de Judas, perante o grande público, a fim de evitar imitadores, era mister denegri-lo ao máximo, colocando-o o mais possível na sombra, para que a figura de Jesus resplandecesse ao máximo. Com essas duas necessidades fatais, foi julgado lícito e talvez até meritório que se forjasse um pormenor falseado, em vista daquele terrível princípio imoral, de que os fins justificam os meios.

Em que ficamos, então? Será possível chegarmos a reconstituir o texto original e daí deduzir alguma lição?

O desespero de Judas ao ver sem esperança a situação de seu Mestre poderia ser justificável, se ele não pertencesse ao Colégio Iniciático e, portanto, não estivesse a par do que DEVERIA acontecer. Mas, cômico de antemão de como fatalmente DEVIAM OCORRER os fatos, não havia razão para tão cedo verificar-se um arrependimento teatral.

Admitimos que tenha havido um choque tremendo na personalidade humana de Judas (não na individualidade) ao ver Jesus demonstrar, sobre a cruz, todos os sintomas da morte real. Nesse ponto, sim, deve ter fraquejado. Mas não antes disso. Como discípulo de escol, escolhido como sacerdote para oferecer a vítima ao altar do holocausto, conhecendo - como devia conhecer a fundo - os ritos da iniciação, SABIA que, para galgar mais um passo, era essencial que sobreviesse a condenação, para que pudesse sujeitar-se ao sacrifício que O elevaria na escala iniciática.

Talvez não estivesse preparado, em sua condição de encarnado, com uma personalidade limitada, a alcançar o ponto extremo a que chegaria a “morte de Osíris”, pois muito menos verificara ter acontecido no caso de Lázaro: simples mergulho cataleptico no túmulo durante três dias e três noites (1), mas sem torturas cruentas e sem derramamento de sangue. Lázaro apenas entrara no esquife, tal como era habitualmente feito nas pirâmides do Egito, em memória ao fechamento do corpo de Osíris no sarcófago hermeticamente lacrado e lançado ao Nilo, e que seguiu boiando até Biblos.

- (1) A expressão evangélica *tetartaios* (latim *quatruiduanus*), traduzido como “quatro dias”, compreende exatamente três dias e três noites em nossa contagem atual. Para os judeus da época, o dia começava às 18 horas de um dia, e finalizava às 18 horas do dia seguinte. Então temos: a) a tarde de um dia até as 18 horas - 1 dia; das 18 às 18 do segundo dia; das 18 às 18 do terceiro dia; das 18 do terceiro até a tarde do dia seguinte - quarto dia.

Com Jesus o caso foi muito mais grave: não apenas as torturas dos açoites, como ainda o fato de ser cravado na cruz, o que produziu hemorragia e, finalmente, o golpe de lança que atingiu a pleura do lado direito, provocando perda de água (líquido seroso pleurático) misturada com sangue. Que o golpe não atingiu sequer o pulmão, prova-o o fato de que o líquido seroso escorreu para fora, se tivesse atingido o pulmão, com a colabase deste, o líquido teria sido derramado para dentro da cavidade torácica, como estudaremos melhor a seu tempo.

Diante desse quadro desanimador, é que acreditamos tenha sobrevivido a Judas a sensação de desespero. Mas ousamos adiantar a hipótese de que esse desespero tenha ocorrido não tanto pelo fato de

ter sido ele a fazer a entrega (parádosis) do Mestre, a qual constituíra honrosa tarefa sua, como pela tristeza desalentadora de verificar que Jesus, não conseguira dar esse passo conforme fora previsto e predito por Ele, pois sucumbira vencido pelos rudes golpes, sem superar a prova permanecendo em vida. Talvez tenha sido realmente essa a causa que provocou o desespero de Judas, levando-o ao suicídio: parecer-lhe que Jesus havia fracassado. Mas o fato se deu depois da crucificação e do lanceamento do lado da vítima pelo soldado romano.

* * *

Temos consciência de que a questão “Judas” tem sido tratada por nós de maneira tolamente nova e original, diferente de tudo o que foi dito e escrito durante os últimos dois mil anos. Mas não podemos resistir ao impulso de escrever aquilo que SENTIMOS em nosso âmagô mais profundo, pois não admitimos as hipóteses nem de trair aquilo que percebemos como verdadeiro, nem de sermos hipócritas somente para acompanhar o coro da maioria de vozes dos homens, encarnados ou desencarnados. Se estamos errados em nossas considerações a respeito desses fatos, que a sublime misericórdia de Jesus nos perdoe e releve nossa ignorância. Mas é-nos impossível calar o que nos parece ser a verdade dos fatos.

ACUSAÇÕES

Luc. 23:2

João, 18:29-32

2. **Começaram, pois, a acusá-lo, dizendo: En-
contramos este corrompendo nosso povo e
proibindo de pagar tributo a César, e di-
zendo ser ele um rei ungido.**
29. **Saiu então Pilatos para fora até eles e disse:
Que acusação trazeis contra este homem?**
30. **Responderam-lhe e disseram: Se não fosse
ele malfeitor, não to entregaríamos.**
31. **Disse-lhes então Pilatos: Tomai-o vós e jul-
gai-o segundo vossa lei. Disseram-lhe os ju-
deus: Não nos é lícito matar ninguém.**
32. **Para que se cumprisse o ensino que Jesus
disse, revelando de que espécie de morte
devia morrer.**

João acompanhou de perto os passos de Jesus, tendo assistido pessoalmente às cenas que descreve; em vista disso, sua narrativa contém mais pormenores, que lhe emprestam vivacidade, ganhando em preci-
são e colorido.

Em sua qualidade de governador, era impossível a Pilatos satisfazer-se em ratificar a sentença do Siné-
drio; imprescindível estudar a questão de competência e o grau de *culpabilidade* do acusado, a fim de
instruir o processo dentro do, preceitos legais da justiça romana.

Acedendo ao que solicitavam as autoridades eclesiásticas dos judeus, saiu do Pretório à sacada do pré-
dio, a fim de não coagi-los a entrar em ambiente que os fizesse adquirir impureza legal. Fora, indagou
qual a acusação que faziam. As autoridades israelitas tentam ver se conseguem uma simples ratificação
da sentença por eles proferida, indiretamente solicitando que o governador confie no julgamento do
Sinédrio: “se não fora malfeitor, não to entregaríamos”.

Ora, se a culpa se limitasse a um simples caso policial, cujos resultados não fossem graves, o próprio
Sinédrio tinha poderes para resolver. Mas se envolvesse pena grave, como sentença de morte, então a
competência seria sua. Diante da afirmativa audaciosa de que a sentença do Sinédrio havia sido profe-
rida. Pilatos resolve ironicamente o caso que eles mesmos executem a sentença. Por que deveria ele
assumir o encargo de condenar por inocente? Para que mais uma vez eles o denunciassem a Roma por
causa de execuções ilegais?

Surpresos com a “saída” inteligente do governador, os sacerdotes judeus abrem o jogo e se descobrem:
“não podemos matar ninguém”. Tratava-se, pois, de uma condenação à morte e precisavam da autori-
zação de Pilatos. Então o delito era grave e a competência era do governador. Restava resolver a
questão da culpabilidade, e esta exigia a audiência, sendo ouvido o réu, dando-se-lhe oportunidade
ampla de defesa, segundo as leis romanas.

Em Lucas encontramos que, diante de Pilatos, os judeus não falaram de blasfêmia, mas limitaram-se a
acusar Jesus como agitador de massas ou como hoje se diria, “subversivo”, que preparava uma revolu-
ção contra Roma, inclusive aconselhando o povo a não pagar impostos a César, o que constituía desla-
vada mentira (cfr. Mat. 17:24-27 e Luc. 20:20-26), mesmo porque tinha, entre seus discípulos, um co-
brador de impostos, que era Mateus, e rendera homenagem, elogiando-o, a um chefe de cobradores,
Zaqueu.

Dizem mais: que Jesus dizia ser um “rei ungido” (*basiléa chrístos*), que as traduções vulgares dão como “Cristo rei”. Ora, naquela época, a palavra *chrístós* expressava a *unção real*, e não o sentido que hoje lhe damos. No máximo poderia exprimir o caráter messiânico, de “ungido” para a missão espiritual soteriológica.



Figura “ACUSAÇÕES” – Desenho de Bida, gravura de Ed. Hédouin

Disso nos dão conta os próprios textos do Antigo Testamento, que, na língua hebraica trazem o vocábulo *moshâh* ou *mashâh*, “ungir” e *mashiâh*, “ungido”, transliterado para o português como messias, raiz que constituiu o nome *moshê*, (Moisés) que significa “o enviado”. Ora, a não ser o último que foi transliterado para o grego como nome próprio (quando seria mais um título), todos os outros passos foram traduzidos pelos LXX como *chrístós*, ou seja, “ungidos”.

E essa unção com azeite era aplicada não apenas aos reis, como também aos sacerdotes, como se diz de Aristóbulo (2.º Mac. 1:10) e mesmo de Ciro, que nem israelita era, mas persa (Is. 45:1). Mas os “ungidos” (*christós*) eram constantemente citados, nada tendo que ver com o sentido atualmente atribuído à palavra Cristo (cfr.: 1.º Sam. 2:10, 35; 12:3, 5; 16:6; 24:7 (2 x); 26:9, 11, 16, 23; 2.º Sam. 1:14, 16; 19:21; 22:51; 23:1; 1.º Crôn. 16:22; 2.º Crôn 6:42; Salmos, 2:2; 18:50; 20:6; 28:8; 84:9; 89:38, 51; 105:15; 132:10, 17; Ecli. 46:22; Lament. 4:20; Dan. 9:25, 26; e Hab. 3:13).

Então não podemos, honestamente, traduzir aqui *basiléa christós* por “Cristo rei”, mas apenas como “um rei ungido”, ou seja, divinamente consagrado.

João esclarece aos leitores, dentro das possibilidades de divulgação esotérica, que Jesus havia revelado a Seus discípulos qual a “espécie” de morte que deveria sofrer, para conquista de Seu novo grau iniciático.

Esse último versículo constitui verdadeira revelação para quem tenha olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração de entender. Dentro da lógica mais rígida, racional e espontânea, esse versículo está sobrando no contexto. Não houve nenhuma alusão a qualquer gênero específico ou qualidade especial de morte. O único aceno feito, foi a frase dos sacerdotes: “não nos é lícito matar ninguém”. Por que, depois disso, essa intromissão extemporânea: “para que (hiná) o ensino de Jesus (ho lógos tou Iêsoú) se cumprisse (plêrôthei), o qual disse revelando (hón eípen sêmainôn) de que espécie de morte (poiôi thánatôi) devia morrer (emellen apothnêskein)”.

Essa frase não se refere ao modo ou ao gênero de morte, isto é, se se trataria de morte natural ou violenta, se de doença, de fome, decapitado ou crucificado, pois nesse contexto não se fala em crucificação. Se prestarmos atenção aos termos, verificamos; que se fala da espécie ou qualidade (poiôi) de morte, ou literalmente “de qual morte”.

Considerando-se que a morte, no sentido corrente, é de uma só espécie, ou seja, é constituída pela separação realizada entre a alma (psychê) e o corpo (sôma), temos que procurar o sentido desse “ensino de Jesus”, que parece ter-se afastado exatamente do sentido normal e corriqueiro: o Mestre falou de outra “espécie” de morte.

Plutarco (Morales, 942 f) esclarece o pensamento da época quando escreve: “a primeira morte (thánatos) separa a alma (psychê) do corpo (sôma); a segunda morte (thánatos) separa a mente (noús) da alma (psychê)”. O mesmo autor fala da iniciação (teleutân) com essas mesmas palavras (cfr. Crasso, 25) e o mesmo é dito por Dionísio de Halicarnasso (Antiquitates Romanae, 4,76).

Ora, em todos os ritos iniciáticos de todas as Escolas, inclusive até hoje na Maçonaria, houve e há a compreensão de duas mortes. E René Guénon (“Aperçus sur l’Initiation”, Paris, 1953, pág. 178) escreve: “A morte iniciática excede as contingências inerentes aos estados particulares do ser e tem, por consequência, valor profundo e permanente do ponto de vista universal”. E prossegue em suas considerações, firmando o sentido da palavra “morte” como exprimindo “toda mudança de estado, que sempre constitui duplo processo: morte para o estado antecedente e nascimento no estado consequente”. portanto, a morte do iniciado expressa o abandono da vida profana para que se nasça à vida espiritual, que é justamente a espécie de morte que ocorre na iniciação ao terceiro grau da Maçonaria e na “ordenação sacerdotal” na igreja católica.

O candidato à iniciação deve passar pela escuridão total, antes de penetrar na verdadeira luz espiritual. E vimos que, durante a crucificação de Jesus, os evangelistas falam nas trevas que ocorreram (Mat. 27:45, Marc. 15:33 e Luc. 23:44) além do que narram seu encerramento no túmulo de pedra, durante o qual se deu - como sempre ocorria nas verdadeiras iniciações - a descida ao hades. Só depois disso o iniciado se erguia (ressurreição) como nova criatura, totalmente libertado dos laços materiais densos. Essa era a primeira morte e esse o segundo nascimento, embora se realizasse, mais tarde, a segunda morte e o terceiro nascimento, quando se abandonava esse segundo estado (plano psíquico) para renascer no terceiro estado (plano espiritual), que então constituía a libertação total

não apenas da matéria densa, mas até mesmo do psiquismo, com domínio absoluto sobre os corpos inferiores; e isso também ocorreu com Jesus, na conhecida cena da ascensão.

Tudo isso, consta das páginas do Novo Testamento, confirmando nossa interpretação.

A morte iniciática era, portanto, de uma espécie diferente da morte comum. Os egípcios a denominavam “morte de Osíris” e, para realizar esse rito da pseudo-morte construíram algumas das pirâmides (a de Khéops, por exemplo). E só essa construção bastaria para demonstrar-nos o alto valor espiritual que era atribuído a esse rito.

Já estudamos um caso desses em o Novo Testamento (vol. 6, que convém reler e reestudar), ocorrido com Lázaro.

Mas não parou aí o ensino dessa espécie de morte, pois nas cartas de Paulo (anteriores, no tempo, à redação dos Evangelhos) encontramos vários trechos. alusivos a esse rito. Bastar-nos-á, como comprovação, citar alguns.

Aos ROMANOS (6:2-11): “Nós, que já morremos ao erro (ilusão), como viveremos ainda nele? Porventura ignorais que todos os que fomos mergulhados em Cristo Jesus, fomos mergulhados em Sua morte? Fomos, pois sepultados com ele na morte pelo mergulho, para que, como Cristo se levantou dos mortos pela substância do Pai, assim também nós caminhemos em novidade de vida. Se a ele fomos unificados na semelhança de Sua morte, também o veremos, certamente, em Seu reerguimento, reconhecendo isso: que o homem velho foi crucificado com ele, para que seja destruído o corpo do erro (o corpo da ilusão), a fim de que não sirvamos mais ao erro (à ilusão da carne). Porque, o que morreu, está justificado do erro. Mas, se já morremos com Cristo, vemos que também vivemos com ele, sabendo que, já que Cristo se levantou dos mortos, ele já não morre mais, pois a morte não o domina mais. Pois morrer, Ele morreu uma só vez ao erro, mas viver, Ele vive para Deus (para o Espírito). Assim, vós também, compreendei estar mortos ao erro (à ilusão), mas vivos para Deus (para o Espírito), em Cristo Jesus”.

Aos CORINTIOS (1.^a, 15:45-47): “O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente, o último Adão em espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, e, sim, o animal, e depois o espiritual: o primeiro homem é da terra, é terreno; o segundo homem é do céu”.

E mais: “Por isso não fraquejamos: mas embora em nós se destrua o homem exterior, o homem interior se renova dia a dia” (2.^a, 4:16).

Aos EFÉSIOS (2:14-16): “Pois Ele (Jesus) é nossa Paz, Ele que dos dois fez um e destruiu o muro da separação, a oposição, pois aboliu em sua carne a lei dos mandamentos contidos nos preceitos, para que, dos dois Ele criasse em Si mesmo um homem novo, fazendo assim a paz, e reconciliasse ambos num só corpo, com Deus, por meio da cruz, tendo por ela matado a oposição”.

Aos COLOSSENSES: “Se morrestes com Cristo (2:20) e fostes reerguidos juntamente com Cristo, buscai as coisas de cima (3:1). Pois morrestes, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus. (3:3)”.

Podemos entrever, nas entrelinhas, o ensino de Jesus a que se refere João: o Mestre ensinou-lhes a “espécie de morte” a que se submeteria, a morte iniciática, em que separaria temporariamente a psychê do sôma, com a descida ao hades, e depois regressaria ao sôma já vencedor e como nova criatura.

1.º INTERROGATÓRIO

Mat. 27:11-14

Marc. 15:2-5

11. Ora, Jesus estava de pé diante do governador e, interrogando-o, o governador disse: És tu o rei dos judeus? Jesus, pois, disse: “Tu estás dizendo”.
12. Mas ao ser acusado pelos principais sacerdotes, nada respondeu.
13. Então disse-lhe Pilatos: Não ouves quantos testemunham contra ti?
14. E não lhe respondeu sequer uma palavra, de forma a admirar muito o governador.
2. E perguntou-lhe Pilatos: És tu o rei dos judeus? E respondendo, disse-lhe: “Tu estás dizendo”.
3. E o acusavam de muitas coisas os principais sacerdotes.
4. Então Pilatos interrogou-o de novo dizendo. Não respondes nada? Vê Quantos te acusam.
5. Mas Jesus não respondeu nada, de forma a admirar Pilatos.

Luc. 23:3-5

João,18:33-38a

3. E Pilatos interrogou-o, dizendo-lhe: És tu o rei dos judeus? E respondendo, disse-lhe: “Tu estás dizendo”.
4. Então Pilatos disse aos principais sacerdotes e à multidão: Nenhuma culpa encontro nesse homem.
5. Mas eles insistiam, dizendo que: Excita o povo, ensinando por toda a Judéia, e começando da Galiléia até aqui.
33. Entrou então de novo Pilatos no Pretório e chamou Jesus e disse-lhe: És tu o rei dos judeus?
34. Respondeu Jesus: “De ti mesmo dizes isso, ou outros to disseram a meu respeito?”
35. Replicou Pilatos: Por acaso eu sou judeu? O teu povo e os principais sacerdotes entregaram-te a mim; que fizeste?
36. Respondeu Jesus: “Meu reino não é deste mundo; se meu reino fosse deste mundo, meus ministros combateriam para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora, meu reino não é daqui”.
37. Disse-lhe então Pilatos: E então não és rei? Respondeu Jesus: “Tu estás dizendo que sou rei. Para isso nasci e para isso vim ao mundo, para que testemunhe a verdade; todo o que é da verdade, ouve minha voz”.
- 38a Disse-lhe Pilatos: Que é verdade?

O primeiro interrogatório, a que Pilatos submeteu Jesus, está relatado pelos quatro evangelistas, sendo João o mais pormenorizado. Começa esclarecendo que não ficou na entrada, mas “chamou Jesus para dentro do Pretório”, sentando-se na cadeira do tribunal, para interrogá-Lo com toda a formalidade.

A pergunta registrada nos sinópticos, à qual o Mestre se teria limitado a responder: “Tu estás dizendo”, vem com resposta mais completa, demonstrando a perspicácia de Jesus. Já não estava mais no terreno religioso, mas no político. E por isso, antes de responder, o réu pede esclarecimentos, a fim de pautar sua resposta de acordo com o sentido real da pergunta. Indaga, pois, se Pilatos quer saber se Ele é rei dos judeus por convicção própria - pois nesse caso estaria sendo dada à pergunta um sentido político - e então a resposta seria negativa. Ou se a pergunta fora sugerida “pelos outros” (pelo clero judeu) - porque então teria sentido religioso - e a resposta seria afirmativa.

Pilatos não achou graça nessa indagação do réu, e responde com ironia: “acaso sou judeu? foram os teus que te entregaram a mim”. Estava claro, portanto, que a acusação procedia dos judeus. Já que essa era a origem, a resposta será afirmativa, mas indireta: “meu reino não é deste mundo” (não se trata de uma soberania política que se contraponha a Roma) “senão teria havido combate para defendê-Lo”. Pilatos percebe a profundidade da resposta, e indaga: Se tens um reino que não é daqui, “então não és rei”, mesmo sendo teu reino fora deste mundo terreno?

Jesus, respeitoso e sereno, continua o diálogo com a autoridade civil que tinha direito de inquiri-Lo: “tu estás dizendo que sou rei; pois nasci e vim a este mundo para dar testemunho da Verdade. E os que pertencem à verdade, ouvem minha voz”.

Verdade?! E Pilatos pergunta: “Que é Verdade”? Mas, não deseja intrometer-se pelos meandros de uma discussão filosófica. Levanta-se da cadeira de Juiz e vai novamente à porta, para declarar: “Nesse homem não encontrei culpa nenhuma”!

Aos sacerdotes judeus, fanáticos como em geral todos os dessa classe, essa declaração não satisfaz. Não querem ceder. E o governador vai percebendo, confrontando a majestade calma do réu com a falta de compostura dos acusadores, que estava diante de um caso lamentavelmente comum até hoje, de “inveja” no setor religioso, e “o ciúme religioso é o mais feroz de todos” (Pirrot, o. c. vol. 9, pág. 590).

Os acusadores prosseguiram em seus gritos acusatórios, e Jesus calava. Pilatos fica cada vez mais admirado diante dessa atitude tranquila: “Nada respondes a eles? Olha como gritam quais energúmenos”! Jesus talvez se limitasse a olhar para Pilatos, sorrindo ligeiramente, quase imperceptivelmente, manifestando a pena que lhe causava aquela falta de argumentos e de compostura.

Aqui deparamos em Mateus com uma construção sintática clássica, rara nesse evangelista: *apokríno-mai pròs* “nada responde”.

Pilatos, mesmo fugindo ao esclarecimento filosófico que pedira, conserva seu ponto-de-vista: “nenhuma culpa” (literalmente: nenhuma causa, *aitíon*, de condenação) encontro nesse homem. Por que condená-lo à morte”?

Quantas lições preciosas aprendemos nesse exemplo que a figura de Jesus nos deixou e que os evangelistas souberam retratar com tanta fidelidade, apesar da, ou talvez mesmo em virtude da simplicidade da narrativa, isenta de quaisquer atavios literários.

Aprendemos a responder com respeito, mas sem perder a dignidade, diante das autoridades civis ou religiosas legitimamente constituídas. Mas a não responder quando quem pergunta não tem credenciais para fazê-lo, pois disso só adviriam discussões inúteis e estéreis, que a nada conduziriam.

Mesmo diante das autoridades, aprendemos que o homem não deve “rebaixar-se” timoratamente. O oposto da humanidade é o orgulho vazio, mas a altivez faz parte da dignidade do homem, não do orgulho. Devemos obediência e respeito à autoridade, mas não subserviência, servilismo, nem temor, se estamos com a razão.

O comportamento de Jesus foi exemplar, neste caso, como em todos os momentos de Sua vida. Diante da balbúrdia e dos falsos testemunhos, Sua tônica foi o silêncio impenetrável. Daí a admiração que essa atitude causou a Pilatos, pois verificou nesse réu o equilíbrio emocional perfeito e serenidade inalterável, de quem possuía a certeza de estar com a razão. Pilatos, homem dúbio e inconsistente em suas opiniões, além de fraco, deve ter ficado chocado ao assistir o descontrole irado dos acusadores,

em confronto com a calma majestosa do réu. E sentiu-se mais fortalecido para declarar que aquele Homem não tinha culpa.

Ainda o instigou, para ver se observava alguma alteração: “Nada respondes a essas acusações”? Mas Jesus permaneceu impertérrito em Sua mudez.

Não deve ter escapado à argúcia do governador o esclarecimento pedido por Jesus, ao ser interrogado se “era rei dos judeus”. Apesar da resposta irônica e algo crua, de que não era judeu - o que revelava certo desprezo pela “raça inferior” que estava a governar - atende ao esclarecimento solicitado: “os teus te entregaram a mim”. E quando Jesus, após a distinção feita, responde que “seu reino não era humano nem terreno, mas espiritual”, ou seja, um reino da Verdade, atina, provavelmente, com a intenção do réu. E insiste na idéia: então confessas indiretamente que és rei, mesmo que teu reino não se constitua de domínio político.

A declaração de que “veio a este mundo” - deixando claro e indiscutível que existia consciente antes do nascimento e reencarnara em missão específica - não deve ter causado estranheza a Pilatos, pois os romanos aceitavam a reencarnação como fato natural e indiscutível. Só causa admiração que textos, como esse, não sejam aproveitados pelos espíritas e outros espiritualistas como argumento irrespondível em favor da reencarnação ... Pois se o próprio Jesus declara que VEIO a este mundo, isso significa, sem sombra de dúvida, que Seu Espírito existia antes do nascimento e que, saindo do local em que Se encontrava, veio para este planeta e aqui nasceu.

Aprendemos, ainda, a responder às autoridades dizendo a verdade, declarando o que realmente se passa, mesmo que, por antecipação, saibamos que não seremos compreendidos. Jesus sabia que Pilatos não poderia atingir a altitude espiritual da resposta, mas nem por isso deixou de declarar a Verdade de modo total: trata-se da sinceridade que deve nortear nossas respostas, quando os que nos interrogam tem autoridade legítima para fazê-lo; trata-se de não mentir e não enganar, de ser sempre honestos, não apenas em relação a nós, como aqueles que merecem nossa consideração.

Evidentemente Jesus se expressou em grego, (pois Pilatos não falava aramaico) confirmando o conhecimento que tinha desse idioma, no qual devia expressar-se normalmente.

E quanto ao “reino”, claro que se refere ao plano espiritual, domínio exercido sobre os espíritos, pouco importando o que acontecia aos corpos físicos. O atendimento aos enfermos, para curá-los, era sempre esporádico, mas ensina-nos a não abandonar esse campo, quando se apresentar a ocasião, mesmo que ele não constitua nossa tarefa específica: trata-se de um meio para que, através dele, se atinja a finalidade maior, se não a única, que é o CONHECIMENTO DA VERDADE.

Não podemos deixar passar em silêncio uma consideração a respeito do título de “rei”, atribuído a Jesus, com sentido pejorativo pelos judeus, sem compreendê-lo, por Pilatos, e com todo o conhecimento de causa por Jesus. Sua declaração de que “Seu reino não é deste mundo”, constitui confirmação tácita de que É REI, embora o reino Dele não pertença à vibração pesada do plano material dos corpos físicos. Jesus o afirmou categoricamente. Resta-nos descobrir de onde era esse “reino”.

Muitos acreditam que dele era o “reino dos céus”, no sentido atribuído por certas seitas, que falam num “céu” cheio de anjinhos, de “santos”, que nada fazem além de tocar harpas e cantar loas à glória do Senhor. Para que vir estabelecer na Terra um reino que só seria conseguido depois da morte do corpo físico? Para que nos preparássemos para ele? Não seria muito mais lógico e conveniente deduzir que Ele veio para estabelecer NA TERRA um reino que não era DA TERRA, mas deveria desenvolver-se aqui mesmo neste planeta?

Por tudo o que sabemos a respeito das Escolas Iniciáticas, esse era exatamente o sentido atribuído a essa frase: Jesus era o REI de um reino ESPIRITUAL, mas que está estabelecido NA TERRA, existindo entre as criaturas terrenas encarnadas. E sabemos de fonte certa (vol. 5) que o título de REX (“rei”) era atribuído ao Hierofante das Escolas, quando atingiam o sexto grau iniciático. O último passo, que Ele estava para dar, fá-lo-ia atingir o grau máximo, a DEIFICAÇÃO, pela indestrutível unificação com a Divindade.

De fato, pois, Rei era Ele, em Sua Escola Iniciática Assembléia do Caminho, pois estava subindo os últimos degraus da sétima escala iniciática, só percorrida pelos adeptos que já houvessem galgado os sete degraus das seis escalas anteriores. Atingido esse ponto culminante, seria considerado “O Ungido” (Christo), personificando a Divindade que ungira e permeara Sua criatura.

Havia, pois, toda razão em aceitar o título tacitamente, embora não Lhe conviesse dizê-lo abertamente ao mundo e a quem não poderia compreender o sentido. Mas, diante da autoridade legitimamente constituída, não poderia mentir: aceitou a afirmativa como tendo sido feita de fora: “és tu que estás, dizendo isso”.

ENVIO A HERODES

Luc. 23:6-12

6. Ouvindo (isto), porém, Pilatos perguntou se o homem era galileu.
7. E quando soube que era da jurisdição de Herodes, enviou-o a Herodes, que estava nesses dias em Jerusalém.
8. E vendo Jesus. Herodes alegrou-se muito, porque havia muito tempo queria vê-lo, pelo que ouvira a seu respeito, e esperava ver algum sinal feito por ele.
9. Interrogou-o, pois, em numerosas questões; mas ele nada respondeu.
10. Ali estavam os principais sacerdotes e os escribas acusando-o intensamente.
11. Desprezando-o, pois, Herodes com seus soldados, e zombando, cobrindo-o com um manto alvo, o reenviou a Pilatos.
12. Tornaram-se amigos entre si Herodes e Pilatos naquele dia, pois antes eram inimigos um do outro.

Texto privativo de Lucas que, ao que parece, tinha maiores informações a respeito de Herodes, conforme verificamos em outros passos (cfr. Luc. 9:7-9 e 13:31). Supõem alguns comentadores que suas informações tenham sido colhidas por intermédio de Joana, a esposa de Cusa, que era intendente de Herodes, pois apenas Lucas a cita em seu Evangelho como uma das acompanhantes de Jesus (cfr. Luc. 8:3 e 24:10).

A menção à Galiléia, que lemos no capítulo anterior, ofereceu ensejo a Pilatos de tentar desembaraçar-se daquele caso espinhoso que lhe incomodava a consciência, já que via tratar-se de um homem que era vítima da inveja, e não de um criminoso.

Sabendo, pois, que era galileu, envia-o a Herodes, tetrarca da Galiléia, e que se achava em Jerusalém para a festa da páscoa.

Jesus é então levado ao palácio de Herodes Antipas, que se mostra satisfeito ao ver o ato de deferência do governador romano e, sobretudo, por poder ter contato com Jesus. Lucas afirma tratar-se de curiosidade: ver um sinal, algo de diferente do comum. Não escondeu sua alegria e fez numerosas perguntas (*en lógois ikanoís*). Herodes não era considerado como merecedor de consideração, e Jesus já o chamara de “raposa” (Luc. 13:32).

Vimos que Jesus respondeu com altivez, mas com respeito, ao Sumo Sacerdote (autoridade religiosa legítima) e a Pilatos (autoridade civil legítima). Mas não deu a menor importância aos que, sem autoridade, queriam impor-se e aparecer: diante destes, permaneceu silencioso. Esse silêncio exasperou-os, pois não apenas foram frustrados quanto ao desejo de mostrar-se a Ele superiores e de ao de, por curiosidade vã, assistir a fenômenos fora da craveira normal.

Deram vazão, portanto, a seus sentimentos de despeito, procurando ridiculizá-lo, revestindo-o de uma sobrecapa branco-brilhante (*esthêta lamprán*) que Flávio Josefo (*Bell. Jud.* 2.1.1) diz ser a vestimenta de gala, na investidura dos príncipes, usando a expressão *esthêta leukên*. E assim vestido, o restituiu a Pilatos, sem nada ter conseguido.

A inimizade de que fala Lucas, entre Pilatos e Herodes, nascera por ocasião do massacre que o governador ordenara ser feita aos galileus que provocaram tumulto em Jerusalém (cfr. Luc. 13:1).

Vimos que Lucas tem sempre mais informações, e aqui descobrimos o pormenor do envio do réu a Herodes.

Na vida dos espiritualistas, sobretudo dos que se elevam alguns pontos acima da mediocridade generalizada, encontramos frequentemente cenas semelhantes. Isso aparece principalmente na vida dos médiuns.

Quando alguém “descobre” um medianeiro que o impressione, e pelo qual sinta admiração, não vê a hora de mandá-lo a um amigo, para que este também “veja” o formidável que é sua descoberta; mais. comum ainda é ver-se o “descobridor” colocar o médium “debaixo do braço” e correr com ele todos os lugares a que tenha acesso, para que seu pupilo faça ou diga maravilhas, a fim de afastar a vaidade de seu novo dono. E infelizmente existem muitos médiuns que se prestam de boamente a esse papel de saltimbancos da espiritualidade, pretendendo manejar seus guias como marionetas, a fim de que ele e seu “protetor” não “fiquem mal”. Organizam-se verdadeiras funções teatralizadas, para as quais se convidam com insistência os curiosos, não importa se crentes ou descrentes, se propensos a acreditar ou apenas cépticos para zombar. E o pobre médium, em geral sem experiência, sobretudo no início de sua carreira, a tudo se presta humilde e serviçal.

Mas, depois de certo tempo sente o vazio dessas sessões e então apresentam-se dois caminhos diante dele:

- a) ou sucumbe à vaidade dos aplausos fáceis e dos endeusamentos que afagam, e continua a exhibir-se, perdendo aos poucos seus dons ou atraindo para seus trabalhos espíritos levianos;*
- b) ou verifica que essas exibições são improdutivas (quando não contraproducentes) e vai recusando delicadamente até afastar-se de todo.*

No primeiro caso, torna-se joguete influenciável nas mãos incautas dos interesseiros, até que se vê abandonado, quando cessa a curiosidade da novidade.

No segundo caso, os elementos que gostariam de continuar a explorá-lo, se afastam, dizendo que “ele se tornou vaidoso e cheio de si”, quando não afirmam categoricamente que “está obsidiado”, e por isso não mais os atende; no entanto, embora sob zombarias e doestos, o médium soube escolher o caminho certo, e portanto progredirá.

Esse foi o exemplo de Jesus: diante da curiosidade de Herodes, quando podia deslumbrá-lo com poucos gestos e nenhum trabalho, prefere ver-se humilhado pelos sarcasmos, mas não cede. A dignidade do silêncio é Sua resposta a tudo, mesmo que, com essa maneira de agir, irrite as autoridades e confirme as acusações: “Ele se diz o enviado, mas nenhum poder tem: são invenções do povo ignorante e crédulo”.

Lição preciosa, bem aplicável a nossos dias: não devemos ceder à tentação de utilizar os poderes psíquicos nem os espirituais com a finalidade de agradar a quem quer que seja, nem tampouco para defender-nos de acusações, quando desafiados a fazê-lo, por mais que nosso silêncio e nossa recusa acarretem acusações e descrenças: “Felizes os que creram sem ver” (João, 20:29). São estes os que interessam, porque realmente estão no caminho.

2.º INTERROGATÓRIO

Luc. 23:13-16

13. Convocando, então Pilatos os principais sacerdotes e as autoridades e o povo,
14. disse-lhes: Conduzistes-me este homem como desviando o povo, e eis que examinando-o diante de vós, eu nenhuma culpa encontrei neste homem, das que o acusais.
15. Nem mesmo Herodes, pois o reenviou a nós. E eis que nada digno de morte foi feito por ele.
16. Castigando-o, então, o soltarei.

Também este segundo interrogatório é privativo de Lucas.

Com a devolução que Herodes lhe fez do acusado, sem que o tenha condenado, mais se firma a convicção de Pilatos de que Jesus é inocente. Torna a chamar, pois, os acusadores e reitera sua primitiva sentença favorável ao réu. Nenhuma das acusações adquiriu foros de veracidade, nem diante dele nem diante de Herodes, que o devolveu sem fazer carga acusatória.

A solução dada por Pilatos revela sua preocupação de agradar às autoridades Judaicas, propondo que irá mandá-lo “castigar” (*paideúsas*, termo derivado de *pais*, *paidós*, “menino”): trata-se da flagelação, que talvez Pilatos ache merecida, pelo menos por causa da imprudência no agir, contrariando as autoridades de seu povo e ocupando-lhe o tempo. E termina dizendo que, depois de castigá-lo, mandará soltá-lo, pois não há crime nele.

Aqui observamos que a autoridade civil reconhece a inocência do réu, mas apesar disso resolve atribuir-lhe uma pena, embora menor que a solicitada. A injustiça é flagrante, clama aos céus. Não obstante a vítima não reclama: aceita-a como clara manifestação de uma ordem de coisas superior e, sem protexto, acata a decisão da autoridade.

O exemplo estimula-nos a calar e aceitar, mesmo nos casos menores, quando somos envolvidos. Não temos capacidade para julgar o que precisamos sofrer, o que merecemos ou não merecemos. Se uma autoridade decide, mesmo de modo que nos pareça injusto, que devemos suportar um castigo, aceitamo-lo submissos e silenciosos, para não nos opormos à vontade superior.

Nesse caso, a conformação humilde é a única posição que podemos e devemos ter. Pode ser que intimamente sintamos a dor da injustiça. Mas em nenhuma hipótese podemos sentir revolta, nem mesmo no fundo do coração.

Não se trata, pois, apenas de calar o protesto, mas precisamente de não sentir sequer laivos de rebelião. A aceitação tem que ser total, absoluta, íntima, compreensiva, com aquela frase sincera: “Faça-se a tua, não a minha vontade (Luc. 22:42).”

3.º INTERROGATÓRIO

Mat. 27:15-23

Mar. 15:6-14

15. Ora, em cada festa costumava o governador soltar o preso que o povo queria.
16. Tinham então prisioneiro um famoso chamado (JESUS) Barabas.
17. Congregados eles, pois, disse-lhes Pilatos: Quem quereis que vos solte? (JESUS) Barabas ou Jesus, o denominado Cristo?
18. Pois sabia que por inveja o haviam entregado.
19. Estando ele sentado no tribunal, enviou-lhe sua mulher dizendo: Nada (haja) entre ti e esse justo, pois muitas coisas experimentei hoje em sonho por causa à dele.
20. Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram ao povo que pedisse Barabas e perdesse Jesus.
21. Respondendo, pois, o governador disse-lhes: Qual dos dois quereis que vos solte? Eles disseram: Barabas.
22. Disse-lhe Pilatos: Que farei então de Jesus, chamado o ungido? Disseram todos: Crucifica!
23. Ele então falou: Mas que mal fez? Mas eles gritaram mais alto: Crucificai!
6. Em cada festa soltava-lhes um preso que pedissem.
7. Havia o chamado Barabas, algemado com os sediciosos, os quais no motim cometeram um homicídio.
8. E, levantando-se, o povo começou a pedir, como lhes fazia.
9. Pilatos respondeu-lhes dizendo: Quereis que vos solte o rei dos Judeus?
10. Porque sabia que por inveja o haviam entregado os principais sacerdotes.
11. Contudo os principais sacerdotes agitaram o povo para que lhes soltasse antes Barabas.
12. Mas Pilatos respondendo de novo, disse-lhes: Que farei então do que chamais rei dos judeus?
13. Eles de novo clamaram: Crucifica-o!
14. Então Pilatos disse-lhes: Mas que mal fez ele? Eles gritaram mais: Crucifica-o!

Luc. 23:18-23

João 18:38b-40

18. Mas gritaram todos juntos: Tira esse, e solta-nos Barabas.
19. O qual, por causa de uma sedição que houvera na cidade, e homicídio, fora lançado ao cárcere.
20. De novo Pilatos, querendo soltar Jesus, grilou-lhes,
21. mas eles gritavam mais: crucifica-o, crucifica-o!
22. Pela terceira vez disse-lhes: Que mal, pois, fez este? Nenhuma causa de morte encontro nele; castigando-o, portanto, o soltarei.
23. Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado, e prevaleciam os gritos deles.
38. b E dizendo isso, saiu de novo para os judeus e disse-lhes: Eu não encontro nenhuma culpa nele.
39. Há um costume vosso, que eu vos solte um, na páscoa. Quereis, então, que vos solte o rei dos judeus?
40. Gritaram, então, de novo, dizendo: Não este, mas Barabas. Barabas era salteador.

Vers. 17 (Lucas)

Antes de começarmos o comentário geral, anotemos que, em alguns códices de Lucas, de menor importância, aparece um versículo 17: “Era costume libertar para eles um preso em cada festa”. Nos papiros e nos melhores códices falta, tornando clara uma interpolação, trazida de palavras semelhantes dos outros evangelistas. Como comprovação, a crítica interna nos fornece a conjunção *δέ* no versículo 18, que o liga ao 16. Caso houvesse um vers. 17 entre eles, o versículo 18 deveria ter *γάρ* ou *οὖν*.

* * *

BAR ABBAS

O nome significa simplesmente “filho do pai”, sendo de muito frequente emprego àquela época.

Mas a questão maior é que alguns códices (*theta*, 1, 118, 209, 241, 299) e as versões siríacas (palestinese e sinaítica) e armênia, e o escritor sacro Anastácio, registram como nome do criminoso “JESUS BARABBAS”.

Há uma hipótese, levantada por Orígenes latino, que afirma: *in multis exemplaribus non continetur quod Barabbas etiam Jesus dicebatur, et forte recte, ut ne nomen Jesus conveniat alicui iniquorum; et puto quod in haeresibus tale aliquid super additum est, ut habeant aliqua convenientia dicere fabulis suis de similitudine Jesu et Barabbae*, ou seja: “em muitos exemplares não se contém que Barabas também seja chamado Jesus e, talvez, com razão, para que o nome de Jesus não se aplique a um celedado; e julgo que entre os hereges esse nome foi acrescentado, para que tenham, por alguma conveniência, o que, dizer em suas fábulas, acerca da semelhança de Jesus e Barabas”.

Alguns comentadores anotam que falta um paralelismo perfeito, o que comprovaria a hipótese do acréscimo “criminoso”. Argumentam que, se figurasse no original, deveria aparecer a palavra *legómenos*: “Jesus chamado Barabas e Jesus chamado o ungido”; não simplesmente seguidos os dois nomes: “Jesus Barabas e Jesus chamado o ungido”.

Não obstante, muito mais fácil, óbvio e compreensível é que se tenha omitido, na maioria das cópias, o nome “Jesus”, exatamente pelo respeito que se devota a esse nome santo. Donde a argumentação de Orígenes constituir a revelação do contrário do que afirma: é mais lógico que os cristãos tenham suprimido o nome “Jesus” em relação a Barabas, do que terem tido os hereges acesso aos códices para acrescentá-lo.

LIBERTAÇÃO DE PRESO

Temos notícia do hábito de fazer graça a um preso, em certas ocasiões segundo a vontade do povo. Isso constituía um “costume”, que não constava de leis. Comprovação desse hábito encontramos em Tito Lívio (5, 13) que diz que na festa das Lectisternia, *vinctis quoque dempta in eos dies vincula*, isto é, “as cadeias também eram rompidas aos encarcerados naqueles dias”. Encontramos ainda, o papiro 61 (cfr. Girólamo Vitelli, “Papiro Greco-Egízi”) do primeiro século A.D., que registra as palavras de Gaius Septimius Vegetus, prefeito do Egito, dirigidas a um tal Phibion: “mereceste ser flagelado, mas perdôo-te, em atenção ao povo”. Daí a possibilidade de ocorrer o mesmo por ocasião da páscoa, em Jerusalém, embora nada tenha dito Flávio Josefo a esse respeito talvez por lhe não interessar o registro de algo que favorecesse aos romanos.

No caso de Jesus, isso teria constituído uma *abolitio*, ou suspensão de processo, pois a autoridade reconheceu oficialmente não ter encontrado nenhuma culpa no réu, e não uma *indulgentia* (“perdão”), usada quando havia culpa, como ocorreu com Barabas. João o classifica apenas de “salteador”, enquanto, Lucas esclarece que estava na cadeia por ter feito uma sedição na cidade e ter cometido um homicídio.

O SONHO

Mateus registra que a esposa de Pilatos, que figura com o nome de Cláudia Prócula como “santa” no hagiolégio grego, mandou um emissário ao esposo enquanto este se encontrava sentado na cadeira de juiz, solicitando-lhe que “não se envolvesse com aquele justo” ou, literalmente, que “nada houvesse entre os dois” (*mêdên soî kai tôi dikaiôi ekeinôi*). E a razão foi dada: “muitas coisas experimentei em sonho por causa dele” (*pollà gàr épathon kat'ónar di'autón*).

As traduções comuns interpretam *páthein*, aqui como alhures, por “sofrer”. Mas já vimos (vol. 4 e vol. 5) que *páthein* exprime realmente “experimentar”. Conta a tradição que Cláudia era admiradora de Jesus, do qual conhecia os ensinamentos, embora, por sua posição, não pudesse segui-Lo abertamente.

Ora, que *páthein* não pode significar “sofrer”, bastará um raciocínio normal para entendê-lo. Como admitir que Jesus ou qualquer espírito que O acompanhasse, tivesse o sadismo de fazer a pobre criatura sofrer em sonhos, como que ameaçando-a caso o marido condenasse Jesus? Isso teria sido a negação completa de toda a lógica, e nenhum espiritualista esclarecido conseguirá entender comportamento tão estranho. Que ela tivesse tido “experiências” reveladoras da missão de Jesus, é plenamente aceitável.

Mas, há um ponto a observar. Que teria ela solicitado? Que Pilatos não condenasse Jesus? Não, absolutamente. Foi pedido que não se envolvesse pessoalmente no caso, deixando que as determinações divinas se desenrolassem como deviam. Fora previsto e predito que Jesus *tinha que ser sacrificado*, e esse passo iniciático não podia ser evitado. Imaginemos que Pilatos, convicto de Sua inocência, batesse o pé e O libertasse! Estaria tudo arruinado. Então, qual teria sido o sentido real do pedido de Cláudia? A nosso ver, pediu ela que Pilatos não se envolvesse e, com sua autoridade, salvasse Jesus da morte, pois esta constituía uma *necessidade* e o cumprimento do que estava escrito nas profecias a Seu respeito.

E só havia um meio de ser isso conseguido: era que Pilatos, embora convicto da absoluta inocência de Jesus, não se baseasse em sua autoridade de governador para salvá-Lo da morte, pois todo o drama profetizado e indispensável ruiria por terra. Então, que “não se envolvesse com ele”, e deixasse que se cumprissem as Escrituras. Que não O condenasse, que reconhecesse de público Sua inocência e inculpabilidade absolutas, mas não evitasse Seu destino, que parecia infamante aos olhos do público, mas que seria gloriosa vitória sobre a morte.

Como bom romano, Pilatos devia acreditar em sonhos premonitórios, mesmo que no momento não se lembrasse do conhecidíssimo sonho de Calpúrnia, esposa de Júlio César, que nos idos de março suplicara que ele não saísse de casa, pois sonhara que o vira coberto de sangue. E como conhecia o valor de um aviso onírico, logo após ter recebido o aviso da esposa, declara que não vê culpa no acusado, e após algumas tentativas mais, para tranquilizar sua consciência, lava as mãos, simbolicamente demonstrando sua não-interveniência naquela condenação, mas O entrega aos judeus. E o próprio Jesus diz a Pilatos que ele comete um erro *bem menor* que o dos judeus que O entregaram, justificando-o e quase absolvendo-o de culpa em Sua morte.

Só a interpretação que damos, apesar de totalmente nova e original, diferente de todas as que foram dadas nestes últimos dois mil anos, consegue explicar o modo de agir de Pilatos, que com uma palavra poderia ter libertado Jesus das mãos dos judeus sem que nada pudesse realmente temer por isso. E não o fez exatamente - é o que transparece da narrativa - por causa do aviso que recebeu da esposa. Talvez, em sonho, esta tivesse visto o grande benefício para Jesus e para toda a humanidade, se as coisas corressem segundo os planos preestabelecidos pelos Espíritos Superiores, com a aprovação do Pai.

O Concílio Vaticano II colocou o problema em seus devidos termos, quando escreveu (“*Declaratio de Ecclesiae Habitudine ad Religiones Non-Christianas*”, 28-10-1965, n.º 4): *Etsi auctoritates Iudaeorum cum asseclis mortem Christi urserunt (cfr. Jo. 19.8) tamen ea quae in passione Ejus perpetrata sunt nec omnibus indistincte judaeis tunc viventibus, nec judaeis hodiernis imputari possunt. Licet autem Ecclesia sit novus populus Dei, judaei tamen neque a Deo reprobati neque ut maledicti exhibeantur quasi hoc ex Sacris Litteris sequatur. ... Ceterum Christus, uti semper tenuit et tenet Ecclesia, propter peccata omnium hominum voluntarie passionem Suam et mortem, immensa caritate obiit, ut OMNES salutem consequantur*, isto é: “Embora as autoridades dos judeus com seus sequazes tivessem

reclamado a morte de Cristo, não obstante o que se fez em Sua paixão não pode ser imputado indistintamente nem a todos os judeus que viviam então, nem aos judeus de hoje. Ainda que a igreja seja o novo povo de Deus, não se assinalem os judeus como reprovados nem malditos por Deus, como se isso se deduzisse das Escrituras. ... De resto, Cristo, como sempre sustentou e sustenta a igreja, enfrentou *voluntariamente*, por amor imenso. Sua paixão e morte, por causa dos pecados de TODOS os “homens”.

FLAGELAÇÃO

Segundo lemos em Flávia Josefo (*Bell. Jud.* 2, 14, 9 e 5, 11, 1) todos os condenados à crucificação eram flagelados diante do tribunal, *prô touí bêmatos*. E tanto esse castigo, quanto a crucificação só podiam ser infligidos a escravos ou pessoas não-romanas, segundo as leis Porcia (195 AC) e Sempronia (123 AC), jamais a cidadãos romanos (cfr. At. 22:25).

O flagelo (*flagellum*) era um chicote com tiras (*flagrum*) munidas de pontas de osso (*scorpiones*) ou com pequenas bolas de chumbo (*plumbata*) que deixavam sobre a pele do paciente sulcos sangrentos e dolorosos.

OCORRÊNCIAS

Depois de esclarecidos esses pontos, podemos estudar como ocorreram os fatos neste terceiro interrogatório.

Pilatos estava convicto da inocência do réu e tudo fazia para salvá-Lo, pois SABIA que O estavam entregando por ciúme (ou inveja, ou despeito). E teve uma idéia que lhe deve ter parecido genial: lembrava-se das aclamações que o povo fizera a Jesus, ainda no domingo precedente, e julgou que o povo se achava constrangido diante da pressão do clero; e supôs que, diante do Governador, se manifestaria livremente.

Deve, pois, ter tido íntima alegria ao pensar na derrota fragorosa daquele clero antipático e hipócrita, quando o povo procurasse libertar da prepotência clerical, aquela vítima injustiçada e perseguida justamente por causa dos benefícios que prestava ao povo.

Aproveitando-se do costume implantado, põe esse benfeitor dos pobres em confronto com um salteador e assassino vulgar, e pergunta qual dos dois devem libertar. Para ele era certo que o povo preferiria Jesus. Mas ignorava que ali não estava o povo bom de Jerusalém, mas a malta reunida e dominada pelo clero, seus empregados e servos.

E os sacerdotes ali presentes, fanatizados como todos os dessa classe, cheios de ódio e despeito, começaram a gritar quais energúmenos, pedindo a libertação de Barrabás.

A essa altura já recebera o aviso de Cláudia, sua esposa, e começava a perceber as coisas, embora talvez não atinasse bem com sua razão de ser. Os sacerdotes “berravam” (*ékrazon*, Mat, e *ekraúgesen*, João), e Pilatos teve que também gritar para ser ouvido: “E que farei com Jesus, o ungido”? E ouviu horrorizado o grito e viu os gestos descompostos daquelas “autoridades” e do povo que as imitava, fazendo eco: “Crucifica-O! Crucifica-O!”

Pilatos resolveu mandar executar a primeira parte do rito sacrificial, mandando flagelar o prisioneiro.

Os tempos mudaram! De que nos podemos queixar, hoje, quanto ao combate que nos move o clero de qualquer religião, diante do que foi feito a nosso Mestre? Hoje o combate é até suave e inócuo, pois quase não nos atinge fisicamente, a não ser em ambientes muito atrasados em civilização e cultura. Vivemos num mar de rosas, e a liberdade que desfrutamos é imensa. Se em alguns países ainda são encarcerados os pregadores da verdadeira doutrina do Cristo, isso constitui exceção vergonhosa no século atual, e tende a desaparecer aos poucos, à proporção que essas nações se civilizam.

No entanto, o exemplo que nos deixou Jesus é consolador: “Não é o discípulo mais que o Mestre, nem o servo mais que seu Senhor; se perseguiram vosso Senhor e Mestre, muito mais o farão a vós (Mat. 10:24, Luc. 6:40) e ainda: “Felizes sois quando vos injuriarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa” (Mat. 5:11). Quem neste planeta vive cercado de aplausos da maioria, não é nem pode ser discípulo do Cristo: Este será o eterno incompreendido, o louco, o perseguido. Vivendo de modo diferente da massa, mas mergulhado nela, sofre-lhe os impactos de rejeição, como todo elemento estranho que penetra no corpo humano. As células o expulsam e matam (fazem-no necrosar-se), negando-lhe alimentos, até que o vejam eliminado como intruso indesejável. Na humanidade de hoje, aquele que vive o Cristo é igualmente expurgado, pois a tônica de sua sintonia difere de modo absoluto da nota emitida pela grande maioria.

Segundo os evangelistas, Pilatos compreende que a raiva contra Jesus é produto de ciúme ou, talvez melhor, do despeito. Na realidade, esse é o sentimento predominante que, não apenas a massa, mas sobretudo os “profissionais da religião” nutrem, contra os seguidores fiéis do Cristo. Estes revelam, no exemplo de sua vida, um teor de espiritualização que jamais aqueles atingem, preocupados que estão com o predomínio social e político, com o progresso financeiro, com o bem-estar pessoal, com o número e a subserviência de seus seguidores. Então, qualquer pessoa que revele atitude crística se torna, pelo próprio comportamento, viva condenação daquilo que eles pregam, mas não praticam.

Embora afirmem o contrário, preferem a convivência com criminosos que lhes não façam sombra: Barrabás é ótimo, Jesus atrapalha. Porque Barrabás os faz parecer aos olhos da massa, quando esta estabelece confrontos, seres superiores e perfeitos. Sejam soltos os Barrabás, mas morram aqueles que se querem identificar com Jesus! Só assim a vida lhes será tranquila e sem atropelos, subindo eles, cada vez mais, no conceito popular.

Nesse ímpeto, não titubeiam em tomar as atitudes mais inoportunas, pois tudo “é para a maior glória de Deus”! E se o próprio Jesus se arriscasse a regressar hoje à Terra, naquela Sua mesma posição de operário carpinteiro, dizendo o que disse, pregando o que pregou, fazendo o que fez, as igrejas que “se dizem” cristãs O perseguiriam outra vez implacavelmente como impostor e blasfemo, pois “se fez Filho de Deus”! Ora quem!? Um operário sem títulos acadêmicos, que não pertence ao clero organizado e oficial! Que petulância, que presunção! CRUCIFICA-O!

E são os fatos que o provam, Gandhi, O maior cristão do século XX, embora não tivesse pertencido a qualquer igreja cristã, vivia os ensinamentos do Cristo. Mas não foi recebido em Roma, em 1931, pelo papa Pio XI, somente porque não quis vestir uma casaca de gala: alegou que não a tinha e recusou-se a alugá-la por ter voto de pobreza, não podendo despendê-lo com vaidades. O “representante” de Jesus na Terra não o recebeu, e não teria recebido o próprio Jesus, se ali chegasse com Sua humilde indumentária de carpinteiro: Jesus teria que vestir uma casaca para ser recebido por Seu representante! Cristãos! Mas não seguidores e menos ainda discípulos do Cristo. No entanto, desde que se apresentem em casaca, são recebidos com sorrisos os grandes criminosos, esses que são tão grandes que escapam a qualquer condenação terrena; os assassinos que não sujam suas mãos com o sangue de uma vítima, mas ordenam massacres de milhões de cristãos nas guerras de ambição e ganância; os fabricantes de armas mortíferas; os financiadores de conflitos sangrentos; enfim, todos os “Barrabás” modernos, salteadores e assassinos, porque esses não fazem sombra. Gandhi, com sua grandeza espiritual, seu voto REAL de pobreza e sua humildade, teria sido uma bofetada com luva de pelica na face do representante de Jesus, a nadar em ouro e púrpura, quando o Mestre “não tinha uma pedra onde repousar a cabeça.. (Mat. 8:20, Luc. 9:58).

Não aprendemos as lições do Mestre, apesar de ouvi-las há dois mil anos: buscamos riquezas, mentimos para escapar ao sofrimento e depois, cinicamente, nos dizemos cristãos!

REI ESCARNECIDO

Mat. 27:27-30

Marc. 15:16-19

João 19:1-3

- | | | |
|---|--|---|
| <p>27. Então os soldados do governador, conduzindo Jesus ao Pretório, reuniram em torno dele toda a corte</p> | <p>16. Os soldados conduziram-no para dentro do átrio, que é o Pretório, e reuniram toda a corte.</p> | <p>1. Então Pilatos tomou Jesus e (mandou) flagelar.</p> |
| <p>28. e, despiando-o, envolveram-no com uma capa escarlate,</p> | <p>17. E o vestem de púrpura e, tecendo(-a), lhe põem uma coroa de acácia.</p> | <p>2. E os soldados, entrelaçando uma coroa de acácia, puseram (-na) na cabeça dele e revestiram(-no) com um manto de púrpura,</p> |
| <p>29. e entrelaçando uma coroa de acácia, puseram(-na) na cabeça dele e um caniço na (mão) direita e, ajoelhando-se diante dele zombavam, dizendo: Salve, rei dos judeus!</p> | <p>18. E começaram a saudá-lo: Salve, rei dos judeus!</p> | <p>3. e chegavam-se a ele e diziam: Salve, o rei dos judeus! e davam-lhe bofetadas.</p> |
| <p>30. E cuspiando nele, apanharam;" o caniço e batiam na cabeça dele.</p> | <p>19. E batiam na cabeça dele com um caniço e cuspiam nele e, dobrando os joelhos, o adoravam.</p> | |

Ordenada a flagelação, foi o réu conduzido a um pátio interior, ficando entregue à soldadesca rude e grosseira. Tratava-se de soldados romanos, que alimentavam desprezo pelos judeus, para eles “raça inferior de bárbaros”; e quando podiam por as mãos numa vítima, davam vazão a seus baixos instintos de sadismo. Com Jesus, deviam estar sendo flagelados os dois ladrões que com Ele foram crucificados, pois, como vimos, era um prelúdio inevitável. Os evangelistas não falam no assunto porque a flagelação era em local reservado, não sendo assistida pelo público.

Não vemos esclarecido se a lei mosaica foi obedecida: esta ordenava que a flagelação tivesse o máximo de quarenta chicotadas nas costas nuas do condenado. Por segurança, o Talmud ordenava que só fossem dadas trinta e nove, por segurança de alguma falha na contagem. Mas a lei romana não estabelecia limite de golpes. De qualquer forma, jamais batiam de modo a enfraquecer demais o réu, a fim de que pudesse ainda reservar energias para a crucificação.

Após a flagelação, logo que cansados, passaram às zombarias. Ele se dissera “rei dos judeus”. Pois como tal o tratariam. Apanharam uma de suas capas vermelhas e puseram-Lha sobre os ombros; outro teve a idéia de apanhar um caniço para colocá-lo na mão direita, à guisa de cetro; um terceiro correu para fora colheu um ramo de acácia, entrelaçando-o à maneira de coroa, aplicando-a à cabeça: estava Jesus ridiculamente paramentado como um rei de circo.

Desfilaram, então, diante Dele, genufletindo e saudando-O como costumavam ouvir que se fazia “o imperador: *“Ave, Caesar Auguste”*!”, e eles diziam: “Salve, o rei dos judeus”! Depois, alguém teve a idéia de tomar-lhe o caniço das mãos e com ele bater-lhe na cabeça, fazendo que os acúleos penetrassem no couro cabeludo e na fronte. Outros ainda, com mais baixos instintos, cuspiam-Lhe no rosto. Cena deprimente, reveladora do sadismo de gente bruta.

A coroa é dita, no original, de *ákanta*, que é o nome comum da *Mimosa Nilótica*. Sobre essa planta, escreveu Teofrasto (*História Plantarum*): “O *ákanto* (ou acácia do Egito) tem esse nome porque é todo coberto de espinhos (*akantôdês*) exceto no tronco; as próprias folhas são espinhosas”. A madeira é leve e durável, tanto que se presta para a confecção de móveis. Em hebraico é denominada *sittáh* (plural *sittim*), em latim, *setim*. Foi com a acácia que Moisés recebeu ordem de construir o Tabernáculo (Êx. 25:10 e 37:1); os varais (Êx. 25:13); a mesa da proposição (Êx. 25:23) e seus varais (Êx. 25:28); as diversas peças do Tabernáculo (Êx. 26:15) e suas travessas (Êx. 26:26) o altar dos holocaustos (Êx. 27:1) e seus varais (Êx. 27:6).

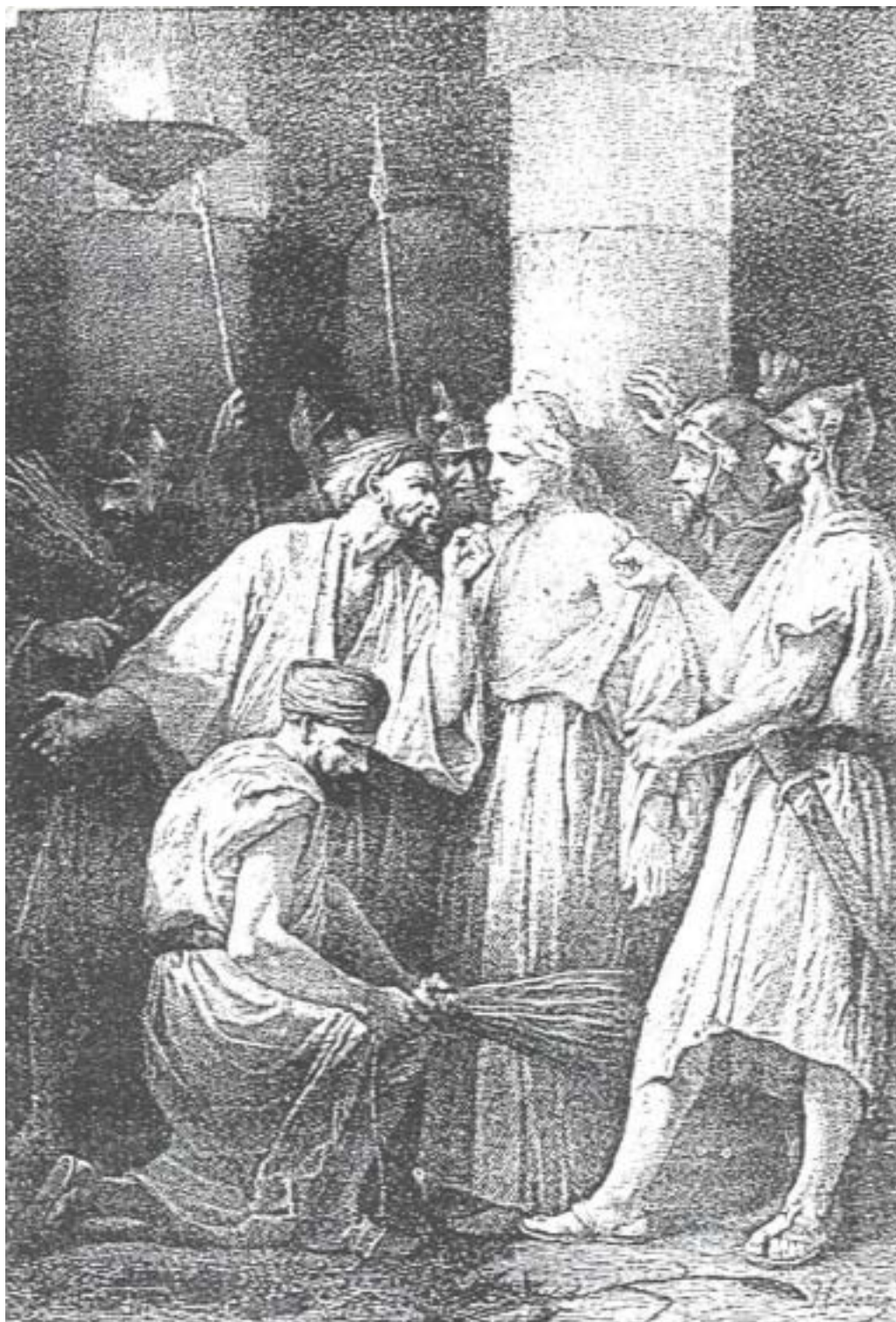


Figura “AMEAÇAS” – Desenho de Bida, gravura de Hédouin

A tradução comum “coroa de espinhos” é expressão vaga. De fato, *ákanta* em grego significa também “espinho”, mas é o nome de uma árvore. Dizer “coroa de espinhos” dá a impressão de que a coroa tivesse sido construída apenas com espinhos, quando na realidade, foi tecida com os ramos de uma árvore espinhosa. E essa árvore, abundantíssima na região, era precisamente a acácia, que, por ser muito espinhosa (*akantôdês*) era denominada popularmente de *ákanta*.

Mesmo nos momentos mais cruciais e dolorosos da Vida dos Mestres, sempre existe o simbolismo com suas lições proveitosas para toda a humanidade.

Vimos que Jesus não negara, antes até, indiretamente confirmara que era “rei”, embora seu “reino não fosse deste mundo”; tampouco, por conseguinte, seria um reino particular, com autoridade apenas sobre determinada nação, mesmo que se tratasse do “povo escolhido”.

Todavia, não tendo negado o adjunto “dos ‘judeus’”, até mesmo escrito sobre o madeiro da cruz, deixou-nos o Mestre a porta aberta para interpretar que, naquela romagem terrena. Ele estabelecera que “de fato e de direito” sua autoridade se baseava nas Escolas Iniciáticas de Judaísmo (cfr. “a salvação vem dos judeus”, João 4:22). A universalização viria posteriormente, depois que os “empregados da vinha” tivessem expulsado os enviados do Rei e tivessem assassinado seu filho (cfr. Mat. 21:33-43), quando então, a vinda seria entregue a outros agricultores.

Então, “de fato e de direito”, rei era Ele, porque atingira esse grau e, dentro de horas, subiria a Seu trono em forma de cruz, de cima da qual poderia estender Seu olhar percuciente por sobre toda a humanidade. E como as autoridades e os “grandes”, cheios de empáfia, O não queriam aceitar, os humildes O reconheceriam e os desequilibrados, por causa da própria ignorância, embora com sarcasmo, Lhe atribuíram o título. E assim, de vez que Sua autoridade incontestada não foi reconhecida, com seriedade pelos doutos, eis que a ralé social o fez a título de zombaria.

E simbolicamente, como “varão das dores que experimentara as fraquezas” (Is. 53:3), Ele se constituiu Rei dos sofrendores e dos mendigos, isto é, de todos os que, tendo ingressado na Senda, renunciaram a seu eu vaidoso, tomaram sua cruz e O seguiram, nada possuindo, embora cercados de tudo, esquecidos de si mesmos para sacrificialmente ajudarem aos outros.

O manto escarlata ou púrpura, característica dos soldados, ou seja, dos homens que empreendem a guerra sem tréguas a seu eu personalístico, e o símbolo do plano atrasado da humanidade terrestre, que envolveu o puríssimo Espírito de Jesus com sua carne “opositora” (satânica).

Em Sua mão, o caniço (cfr. Mat. 12:20 não quebrara o caniço rachado”, também em Isaías 42:3), símbolo da autoridade. E na cabeça a coroa de acácia, símbolo da soberania.

Já vimos, no primeiro comentário, a parte científica relativa à acácia, ou “mimosa nilótica”. Restanos ver o simbolismo que essa planta representa desde a remota antiguidade, e que ainda hoje conserva vivíssimo na Ordem Maçônica.

São quatro os principais significados atribuídos à acácia:

1.º - incorruptibilidade, em vista de sua madeira não ser atacada por nenhuma espécie de insetos e, além disso, de não apodrecer com a umidade, nem mesmo quando diuturnamente mergulhada na água. Alguns autores dizem que, por isso, foram encerrados os membros de Osíris num caixão de acácia, lançado, depois, nas águas do Nilo.

2.º - imortalidade, deduzida de sua durabilidade excepcional, muito além de outras madeiras comuns. Segundo Tiele (*Histoire des Antiques Religions*, Paris, 1882), em certas procissões, quatro sacerdotes egípcios levavam uma arca, donde saía um ramo de acácia, com a inscrição: “Osiris ressuscitou”. Com efeito, também no episódio de Hiram, como no de Osíris, como no de Jesus, a acácia exprime que a morte não é a destruição total, mas simplesmente uma renovação e uma metamorfose. Daí seu terceiro significado:

3.º - iniciação, pois a imortalidade é o apanágio dos adeptos e iniciados. Assim, no Antigo Testamento, eram feitos de acácia a Arca da Aliança, o Altar dos Holocaustos, a Mesa dos Pães da Proposição,

etc. Talvez baseado nisso, F. Chapuis (“L'Acacia”, in “bulletin des Ateliers Supérieurs”, 1398, após citar o “Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramique”, Paris, 1787), citado por Jules Boucher (“La Symbolique Maçonnique”, Dervy, Paris, 1953, pág. 271) tenha afirmado que também a cruz de Jesus era de acácia. Mas a razão e o bom senso repelem essa hipótese: nenhuma cruz especial foi confeccionada para receber Jesus que, como réu comum, foi pendurado nas cruzes já existentes. Ora, a madeira, utilizada era o pinho. De acácia, porém, era com certeza - pelo testemunho dos evangelistas - a coroa. Quando os iniciados se levantavam (“ressurgiam”) do “caixão” ou “barco” de Osíris, feito de acácia, proferiam a conhecida frase: “Estive no túmulo, triunfei da morte, ingressei na vida permanente”, que era a vida espiritual do “homem novo” (cfr. vol. 6).

4.º - inocência, por três motivos:

- a) porque, em virtude dos espinhos, representa aqueles que se não deixam tocar por mãos impuras, repelindo os ataques dos inimigos mal intencionados;*
- b) porque, sendo da família “mimosa” (como a nossa “sensitiva”), fecha as folhas ao ser tocada;*
- c) e finalmente porque seu nome específico, em grego (“akakía”) exprime a ausência de maldade ou malícia (“a+kakía”), apresentando, essa palavra, em grego, o duplo sentido de “inocência” (cfr. Demostenes, 59,81; Aristóteles, Rhetorica, 1389 b 9; Job (LXX), 2:3) e de acácia (cfr. Dioscórides, “De Materia Medica”, 1, 101 e Aretaeus, CD, 2 (Chroniôn Nousôn Therapeutikón)).*

ESFORÇO PARA SALVAR

João 19:4-15

4. E saiu de novo Pilatos ao pórtico e lhes disse: Eis que vo-lo trago, para que saibais que nenhuma culpa acho nele.
5. Saiu então Jesus ao pórtico, trazendo a coroa de acácia e o manto de púrpura. E disse-lhes: Eis o homem!
6. Então, quando o viram, os principais sacerdotes e os oficiais gritaram: Crucifica! Crucifica! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vs e crucificai-o, porque eu não acho culpa nele.
7. Responderam-lhes os judeus: Nós temos uma lei, e segundo a lei deve morrer, porque se fez a si mesmo Filho de Deus.
8. Quando então ouviu essa palavra, Pilatos temeu.
9. E entrou no Pretório de novo e disse a Jesus: Onde s tu? Mas Jesus nenhuma resposta lhe deu.
10. Disse-lhe então Pilatos: Não me falas? Não sabes que tenho poder para te soltar e poder para te crucificar?
11. Respondeu-lhe Jesus: “Não terias nenhum poder sobre mim, se não te fosse dado pelo Alto; por isso, quem me entregou a ti tem maior erro”.
12. Depois disso. Pilatos procurava liberá-lo; mas os judeus gritavam, dizendo: Se o libertas, não s amigo de César: todo aquele que se faz rei, contradiz a César!
13. Então Pilatos, ouvindo essas palavras, conduziu para fora Jesus e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Litóstrotos, em hebraico Gbbatha.
14. Era a Parasceve da páscoa, era a hora quase sexta. E disse aos judeus: Eis vosso rei!
15. Estes então gritaram: Tira, tira, crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Crucificarei vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei senão César.

Pilatos continua afirmando convictamente que não encontra culpa no réu a ele apresentado. Essas afirmativas são veementes e reiteradas (cinco vezes em João, 18:32 e 38 e 19:4, 6 e 12; quatro vezes em Lucas, 23:4, 14, 20 e 22; Mateus são cita duas, 27:23 e 24 e Marcos, uma, 15:14); ao todo, lemos, nos quatro Evangelhos, DOZE declarações de inocência, proferidas pela autoridade civil em favor do acusado.

Neste capítulo, privativo de João, encontramos o episódio conhecido com o título de “Eis o Homem” (*Ecce Homo*) tão frequentemente reproduzido pelos artistas plásticos. Pilatos quer libert-Lo, mas o clero insiste em que seja crucificado. O governador romano resolve colocá-Lo nas mãos do clero. consentindo que eles mesmo O crucifiquem, não obstante não ser a crucificação a pena de morte da lei judaica.

Teria sido, como dizem alguns, covardia de Pilatos, para evitar ser acusado perante o Imperador? De nosso lado vemos, antes, tremendo conflito interno: Pilatos O v inocente, e SABE que o réu nada fez. No entanto, recebe aviso da esposa, que *não se envolva* e deixe que as coisas sigam seu caminho pre-determinado: era ceder diante das exigências descabidas de gente invejosa e despeitada. Que fazer?

Com a solércia própria das autoridades clericais de todas as religiões organizadas de todos os tempos, os sacerdotes lançam mais um argumento teológico: “Tem que morrer, porque *se fez Filho de Deus*: esta é nossa lei”. Realmente encontramos essa afirmativa de Jesus nos sinópticos (cfr. Mat. 26:63-66; Marc. 14:61-64; Luc. 22:67-71) e em João (5:18 e 10:33-36). A lei referida pelos sacerdotes está em Lev. 24:16, mas não fala específica, e sim genericamente: “Aquele que blasfemar o nome de YHWH certamente será morto: toda a congregação o apedrejará (não se fala em crucificação!). Será morto tanto o estrangeiro como o nativo (de Israel) quando blasfemar o nome”. Ora, dizer-se “Filho de YHWH” era considerado blasfêmia.

Pilatos comove-se e se amedronta com esse argumento, pois, como bom romano, conhecia a teologia de sua religião (aquilo que os cristãos chamam depreciativamente “mitologia”) e sabia que os Grandes Espíritos (a que eles denominavam “deuses”) podiam unir-se sexualmente às mulheres “humanas”, tendo filhos terrenos - teoria que alguns evangelistas aproveitaram, afirmando (Mat. 1:20 e Luc. 1:32) exatamente isso, que Maria engravidou de um deus (o Espírito Santo), de forma a ser interpretado assim segundo a letra.

Pilatos assustou-se, porque sentiu que podia estar diante de um desses espécimes sobre-humanos. Entra, pois, novamente no Pretório, e solicita que o réu esclareça “DONDE É”, se de pais terrenos ou se foi gerado por um deus. Mas Jesus silencia, porque não pretende revelar a um profano os arcanos iniciáticos.

O governador aborrece-se com esse silêncio e, plenamente dentro de sua tônica vibratória terráquea, lança a ameaça que, para as personagens, é decisivo: “Tendo poder (*exousía*) para soltar-te e para crucificar-te”. O princípio do Direito Romano estabelecia precisamente isso: *Nemo qui condemnare potest, absolvere non potest* (Ulpiano, Digesto, 1,17,37), isto é, “quem pode condenar, pode absolver”.

Aproveitando a frase, Jesus muda de assunto e dá uma lição extensível a todas as autoridades, ensinando-nos a respeitar todo e qualquer poder legitimamente constituído pois, qualquer que seja ele, *é sempre* concedido pelo Alto, e seus atos, por mais que humanamente pareçam injustos, recebem a inspiração e a chancela de Quem o concedeu ou lhe permitiu o manuseio das rédeas governamentais.

Daí a conclusão óbvia: o clero judaico - pelo menos suas principais figuras que O entregaram para ser supliciado – “tem maior erro” que Pilatos, pois deliberadamente iniciou o processo de condenação. Esta, embora predita pelos profetas, poderia ter sido resolvida de modo menos cruel, sem que se perdessem seus efeitos espirituais. Mas a cegueira e o sadismo fanático do clero, como em geral ocorre – e que se repetiu à saciedade e com requintes ainda mais sádicos durante a “santa” inquisição - não permitiram nenhum abrandamento, quanto mais o perdão reiteradamente sugerido e quase exigido pela autoridade civil romana.

A hesitação diante daquela luta de consciência faz pender a balança para o lado do perdão. As palavras do réu, judiciosas e serenas, apesar de estar ali preso, e a justificação que trouxeram a Pilatos, reconhecendo-o menos culpado em Sua condenação que o clero fanático, evidenciaram Seu equilíbrio perfeito. E o governador resolve fazer os últimos esforços e enfrenta os sacerdotes judeus dispostos a forçar que prevaleçam seu ponto de vista.

Mas a argúcia clerical é tremenda e quase invencível, porque se trata de uma classe que não tem escrúpulos, já que aceita a liceidade da máxima; “os fins justificam os meios”; o “fim” era livrar-se de Jesus; qualquer “meio”, por mais mentiroso e falso, podia ser empregado. E eles o utilizam, ameaçando o governador (que sabia bem com quem estava lidando!): “Se o libertas, não és amigo de César”.

O título de “Amigo de César” era quase oficial, como podemos deduzir de diversas fontes: nas inscrições de Thyatira (C.I.G. 3499, 4); em Flávio Josefo (*Ant. Jud.* 14, 8, 1), em Epicteto (3.4.2 e 4.18); e também encontramos documentação do contrário, “Não ser amigo de César”; Suetônio, (Tibério, 58): *judicia majestatis atrocissime exercuit* “(castigou atrozmente os crimes de lesa-majestade)” e Tácito (*Annales*, 3, 38): *majestatis crimen omnium accusationum complementum* (“o crime de lesa-majestade era complemento de todas as acusações”). E Pilatos já sofrera por isso, conforme lemos extensamente narrado em Philon (“A Embaixada a Gaio”, 38:299 a 305).

Diante de todas essas pressões políticas, Pilatos resolve sentar-se no Tribunal, erguido no lugar que João chama *Litóstrotos* (“calçado de pedras”), acompanhado de Jesus, e apresenta-o aos sacerdotes: “Eis vosso rei”!

Mas a gritaria continuava ininterrupta e esganiçada: Crucifica-o! Intrigado, pergunta Pilatos: “Crucificarei vosso rei”?

E o clero judaico, que jamais aceitara o domínio dos romanos, - porque dizia que seu único rei era YHWH - esse mesmo clero cínico e fanático sai com uma afirmativa esdrúxula: “nosso único rei é César”!

Até que ponto chega a baixeza humana, quando o fanatismo irracional domina as inteligências!

Aqui assistimos ao desenrolar de um dos dramas mais vergonhosos da humanidade, desses que levam as criaturas equilibradas a envergonhar-se de pertencer ao gênero humano.

Mas tudo se torna compreensível, quando lemos a anotação de João: “Era a parasceve da páscoa, era a hora quase Sexta”.

Nessas pequenas frases coordenadas assindéticas, encontramos a chave que explica o episódio, iluminando-o com a revelação do segredo iniciático do que se passava realmente. Não obstante ser interpretado por todos como simples informação cronológica, essas duas frases, para quem conhece os rituais cabalísticos das iniciações espirituais, são de clareza meridiana.

“Parasceve da Páscoa” interpreta-se como “preparação da páscoa”, ou seja, a véspera do sábado em que se comemorava a páscoa, comendo ritualisticamente o Cordeiro Pascal. Mas, por que traduzir “parasceve” e não traduzir “páscoa”? Se dermos atenção ao significado da palavra, sem que haja influência de calendários eclesiásticos, vemos que “páscoa” significa, sem qualquer dúvida, PASSAGEM. Temos, então: “Era a preparação para a passagem”. Que passagem? De um plano vibratório a outro. Todas as vezes em que subimos uma escada, há um átimo de tempo, entre o firmar o pé no degrau superior e levantar o outro do degrau inferior, em que o equilíbrio se torna instável: é o exemplo do que sucede ao passar-se de um plano espiritual inferior a um plano espiritual superior, o que é chamado exatamente INICIAÇÃO, porque o candidato INICIA sua vida em outro plano. Daí o engano em que laboram tantos milhares de criaturas, quando julgam que “iniciação” é uma série de ritos físicos ou materiais, de caminhadas, de tantas outras ações “simbólicas”, no plano físico, do que se realiza no espiritual. Mas, se não houver a REALIZAÇÃO espiritual, torna-se vazio qualquer simbolismo físico.

No plano espiritual, qualquer subida produz o mesmo impacto na criatura; e se esta for inepta a subir, desequilibra-se e volta ao degrau inferior: mas se for apta, supera e vence o impacto e se firma no degrau superior: venceu! dominou a “morte”, que se deu realmente no plano inferior, para renascer vitorioso (ou “ressuscitar”) no plano superior. E de que consta esse “impacto”? Exatamente é traduzido em sofrimentos morais e também, por vezes, em dores materiais, de origem muitas vezes insuspeitada, e de consequências frequentemente não percebidas pela “consciência atual” da personagem encarnada.

As autoridades legitimamente constituídas, com poderes concedidos pelo Alto, tentam, por vezes, evitar ou minorar essas angústias (e o termo é precisamente esse: “angústia”, pois se trata de uma passagem ou “páscoa” estreita: “estreita é a porta e apertada a estrada que conduz à vida”, Mat. 7:13). Mas aqueles que usurpam os poderes por conta própria, agem a serviço do pólo negativo, embora autorizados pelas forças positivas do Bem, e procuram aumentar os sofrimentos. Estabelece-se então a luta entre as duas facções, entre as quais permanece, vítima impoluta mas impotente, o candidato à ascensão.

Estávamos, pois, na “preparação da passagem”, que se daria com a vítima pregada no madeiro da cruz (encarnado na matéria), na qualidade - neste caso particular - de um rei-sacerdote, que passaria ao grau de Rei-Sumo-Sacerdote (Hebr. 5:20). E essa passagem é preparada com todas as minúcias,

para que nada falte às provas. Que - mister é reconhecê-lo - foram galhardamente vencidas pelo candidato ao Sumo-Sacerdócio.

Não menos significativa a anotação: “era quase a hora sexta”, que, na interpretação profana, se diz ser “quase o meio-dia”. Mas o sentido espiritual é bem mais profundo: estávamos quase na penúltima etapa. Interessante observar que a anotação seguinte não fala em “hora sétima”, finalização normal das iniciações menores, e sim na “hora nona”, pois NOVE é o número típico do final da iniciação maior, quando o candidato dá seu último passo na matéria.

Depois dessas considerações, podemos ainda meditar a respeito das duas apresentações que ao réu faz o governador ao povo e ao clero.

Na primeira diz: EIS O HOMEM, e na segunda: EIS VOSSO REI.

A expressão HOMEM é típica da criatura que atingiu sua categoria máxima, “o estado de Homem perfeito” (Ef. 4:32), mas ainda como tal é visto: ferido e maltratado em sua condição externa de personagem, vítima dos ódios humanos. Mas a expressão VOSSO REI já o mostra sob outro aspecto, na condição interna da individualidade, que atingiu também o mais alto posto iniciático.

Dessa forma, temos o reconhecimento “oficial” dos dois aspectos do ser humano: a personagem (o Homem) e a individualidade (o Rei), ambos como tendo atingido seu ápice.

Portanto, no passo iniciático prestes a ser dado, encontramos o ser completo, constituída essa unidade global pelo “humano” e pelo “divino” existentes em cada criatura encarnada.

E de acordo com o simbolismo iniciático mais rígido, Pilatos vai agir no “lugar chamado Litóstrotos em grego e gábbatha em hebraico”, ambas as palavras exprimindo “pedra”, ou seja, compreensão literal dos ensinamentos: só daí e só assim têm capacidade de falar os profanos, para quem o corpo constitui o único ser “real”:

Diante da magnitude atingida pela criatura, a massa popular, dirigida pelo clero, pede que seja ela retirada do meio deles, quais toupeiras que solicitassem que o sol se ocultasse diante de seus olhos acostumados às trevas subterrâneas, em sua vivência do submundo. As expressões: “tira, tira”! exprimem exatamente esse desejo veemente de que seja retirado do ambiente humano aquele que, por ter elevado sua sintonia interna, “desafina” com a tônica da humanidade, e não pode permanecer entre os retardatários da caminhada evolutiva. São esses elementos superiores considerados “anormais”, pois fogem da “aurea mediocritas” e constituem uma condenação viva do modo de agir comum: egoísmo, cobiça, competição, preguiça, ódios, intemperança, maldades. dureza de coração, desvario em tudo.

Induzida pelo clamor público, pela voz interna e até pelo aviso de sua esposa após a experiência onírica, autoridade civil, ameaçada e amedrontada, cede diante da desordem e prefere deixar que se cometa a injustiça, a envolver-se em dificuldades terrivelmente prejudiciais à sua carreira política e social. A contragosto embora, entrega o réu à voracidade canibalesca do clero, sem saber bem o que se passava, sem ter conhecimento do papel que desempenhava em todo esse desenrolar de acontecimentos desagradáveis e cruéis.

Prefere amordaçar sua consciência a ver-se amordaçado pela desgraça de perder a amizade de seu protetor terreno, chefe supremo político de todo o mundo conhecido então, autoridade máxima e incontestável das personagens do mundo ocidental “civilizado”.

Outra passagem merecedora de meditação é a que afirma ter Jesus dito que “era Filho de Deus”. De plena veracidade a frase. Pilatos não se arrisca a tratar desse assunto perante o público. Sabe da importância real que isso pode implicar. Então, após haver declarado a inocência da personagem diante do povo, retira-se com o réu a um local reservado, para que mais uma vez possa ter o privilégio de entreter-se com Ele. E vai direto ao assunto. Não indaga da filiação terrena; antes, admitindo como certa sua origem extraterrena, emprega palavras perfeitamente adequadas à circunstância: “Donde ÉS tu” (póthen eí sy;). O verbo “vir” (eltheín) suporta uma cidade terrena, um local físico. Assim

também o verbo “nascer (gígnomai) indagaria da filiação de pais humanos. Mas “ser” (eimi) supõe tecnicamente uma origem diferente: “Donde ÉS tu, da Terra ou do Alto, és humano ou divino”?

Teria sido a indagação de Pilatos uma ânsia de conhecimento, ou simples curiosidade mórbida, insuflada pela vaidade de estar lidando com um ser superior? Pelo silêncio de Jesus, temos a impressão de a segunda hipótese ser a mais viável: não interessada “dar pérolas a porcos nem coisas santas a cães” (Mat. 7:6). Mesmo porque, se declarada fora sua proveniência verdadeira extraterrena, talvez Pilatos fincasse pé e soltasse Jesus, quando era mister que seguisse até o fim seu caminho. Ou, quiçá, desse ao governador a crença da realidade, com a esperança de vê-Lo escapar ao sacrifício, e depois, diante das ocorrências, sua decepção o inabilitasse para futuros passos evolutivos.

Silêncio, pois, preservando o segredo. Mesmo porque não teria sido possível uma explicação satisfatória para compreensão total da Verdade: Seu corpo nascera normalmente na Terra, Sua personagem era terrestre, embora Seu Espírito, Sua Individualidade, proviessem de regiões distantes vibratoriamente, de planetas incomparavelmente superiores ao nosso pequeno e atrasado elétron do sistema solar.

Digno de nota, ainda, para meditação, a assertiva: “Quem me entregou a ti, tem maior erro”. Evidente que se trata do clero judaico, que O entregou a Pilatos. Mas ... não se tratava de antiquíssima predeterminação de fatos indispensáveis, não apenas à evolução de Jesus, como à evolução da Humanidade? Então, todos os atores desse divino drama sagrado estavam, logicamente, justificados em suas atitudes. Como, pois, falar em “erros” maiores ou menores?

Esse é oportuno esclarecimento em torno da responsabilidade cármica de cada criatura. Ainda quando se age “a serviço” e por determinação expressa das Forças Superiores, no sentido de reajustar diretrizes e “cobrar” dívidas cármicas, ainda assim o agente está sujeito às penalidades legais (da “Lei maior”), pois sua ação é produto de uma distorção de sua mentalização normal, e é essa distorção mental que provocará o resultado doloroso de seu ato. Tanta assim que, se vencer a prova, adquirirá “merecimento”: sua ação está sempre, em última análise, sujeita ao “livre-arbítrio”.

Procuremos traduzir mais simples e didaticamente este asserto, mediante um exemplo.

Uma criatura precisa, para sua evolução espiritual, de um sofrimento que se traduza em intensa perseguição psicológica de adversários, e que deverá ser superada pela paciência e pelo silêncio que perdoa e beneficia, sem que o serviço jamais seja abandonado, nem mesmo sequer diminuído ou afrouxado. A seu lado, em sua vida, é colocada uma criatura que, por atavismo, tenha contra a vítima queixas do passado ou até da presente vida, por deficiências emocionais. O despeito cresce com o perpassar dos dias, e a atuação contrária psicológica vai macerando e desbastando as resistências da vítima que, nada obstante, a tudo resiste impávido e prossegue em sua tarefa. Inegável que o perseguidor está agindo “a serviço das Forças Superiores. Mas sua atuação é efeito de defeitos inatos e de distorções mentais, que poderiam ser esclarecidas e modificadas, diante da atitude superior e amorosa da vítima. Isso porém não ocorre, por cegueira do perseguidor, que não admite ele não pode compreender.

Ora, os resultados “dolorosos” que esse perseguidor sofrerá por seus atos (por seus “erros”, digamos), serão consequência inevitável não tanto de suas ações (permitidas pelas Forças Superiores), mas sim de sua personagem defeituosa e ainda cega. E esta necessitará passar inevitavelmente pelos corretivos posteriores (“castigos” ou ainda “carmas negativos”) a fim de reajustar-se com a Lei e poder evoluir, modificando sua mente (metánoia) a fim de “pensar certo” e sobretudo de “libertar-se dos erros” (áphesin tôn hamartiôn).

Nesse sentido podemos admitir vulgar e profanamente a palavra “erros” maiores ou menores, mesmo quando alguém age de acordo com as determinações das Forças do Bem e em cumprimento a tarefas especificamente necessárias para evolução da vítima.

Pergunta-se: e se a criatura, colocada ao lado da vítima, seduzida pela bondade desta, modificar seu comportamento e passar até a ajudá-la? Duas hipóteses poderão ocorrer: ou a Lei providenciará a chegada de outra pessoa que termine o trabalho, ou a própria “conquista” e transformação espiritual

do perseguidor constituirão prova de ter a vítima alcançado o grau evolutivo esperado e, além disso, o mérito de haver contribuído para a evolução desse ser.

PILATOS LAVA AS MÃOS

Mat. 27:24-26

Mar. 15:15

Luc. 23:24-25

- | | | |
|---|---|---|
| <p>24. Mas vendo Pilatos que nada consegue, antes surgia um tumulto, tomando água lavou as mãos diante do povo, dizendo: Sou impune do sangue deste; vede vós.</p> <p>25. E respondendo todo o povo disse: O sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos.</p> <p>26. Então soltou-lhes Barabas e, tendo flagelado Jesus, entregou(-o) para que fosse crucificado.</p> | <p>15. Mas Pilatos, querendo satisfazer ao povo, soltou-lhes Barabas, e entregou Jesus, flagelado, para que fosse crucificado.</p> | <p>24. E Pilatos decidiu fosse feito o pedido deles.</p> <p>25. Soltou-lhes, pois, o que pediam, o que por causa da sedição e do homicídio, fora lançado na prisão, mas entregou Jesus à vontade deles.</p> |
|---|---|---|

O episódio de “lavar as mãos” era quase universal à época, tal como ainda hoje essa expressão, para significar que nada temos com algum fato.

Entre os judeus, lemos no Deuteronômio (21:6-7): “Todos os anciãos dessa cidade, que sejam mais próximos ao morto, lavarão as mãos sobre a novilha cujo pescoço foi quebrado no vale, e dirão: Nossas mãos não derramaram esse sangue, nem nossos olhos o viram”.

Entre os gregos, lemos em Sófocles (Ajax, 654-656):

*All' éimi pròs te loutrà kai paraktíous
leimônas, hôs àn lymath'agnísas emá
mênin bareian exalyxômai theás,*

ou seja, “mas vou às abluções, aos campos que margeiam o rio, para purificar *minhas imundícies e escapar à dura cólera da deusa*”.

Também em Heródoto (1,35): *es tàs sárdis anêr symphorêi echómenos kai ou katharòs cheítras*, isto é, “chegou a Sárdis um homem. vítima de uma desgraça e com as mãos impuras e pediu que fosse purificado”.

Entre os romanos, encontramos Vergílio (En. 2,719): *donec me flumine vivo abluero*, que se traduz “até que me lave no rio corrente”.

Apolônio de Rodes (4,693ss) também apresenta um trecho que confirma a tese, além de outros, cujas obras não tivemos oportunidade de compulsar.

De qualquer modo, juntando as palavras ao fato, Pilatos se declara “impune” do sangue do réu, ou seja, não merecedor de qualquer castigo, deixando tudo nas mãos dos judeus: “vede vós”!

E os sacerdotes aceitam o desafio, com uma frase que não é, em absoluto, uma imprecação, mas o assumir da responsabilidade total: “Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”.

Realmente Pilatos cometeu “erro menor”, apesar de haver, depois dessa cena patética, entregue Jesus “às mãos (sujas de sangue e impuras) do clero judeu. Mas não havia outro recurso: qualquer passo em falso, arruinaria o andamento normal do drama previsto com antecedência espantosa de séculos.



Figura “ECCE HOMO” – Desenho de Bida, gravura de W. Haussolier

A água sempre representou elemento de capital importância em qualquer rito iniciático, como símbolo de purificação. Para isso era mister água corrente (flumine vivo), donde as representações plásticas de um soldado a verter água sobre as mãos de Pilatos.

Aqui, o candidato à iniciação não necessita de purificar-se, pois é reconhecidamente inocente de qualquer imperfeição. E se o governador romano pretende, com a ablução ritualística das mãos, innocentar-se do sangue da vítima, manifestou, sem percebê-lo, outra faceta do ato, pois fez compreender

que, naquele gesto seu, estava implícita a interpretação alegórica do drama, na entrega da vítima, aos verdadeiros verdugos: a personagem humana de Jesus representava alegoricamente a vítima, que outrora era sacrificada sobre o altar do holocausto, o “Cordeiro de Deus”.

Não mais se tratava de um ser humano que fosse considerado, em julgamento normal, culpado ou inocente, mas simplesmente de uma alegoria dos antigos sacrifícios, em que a vítima era sempre inocente, e morria sacrificada sem qualquer espécie de julgamento, a isso levada pelo único motivo de um rito propiciatório imposto pelas autoridades religiosas.

Mateus é o único a narrar esse episódio altamente significativo, quiçá para demonstrar ao povo judaico o alcance terrível de seu gesto e a responsabilidade que sobre ele pesava no cômputo geral da condenação de Jesus. E sua lembrança em fixar a cena e as palavras, serviu para nossa observação dos acontecimentos históricos posteriores em relação ao povo israelita, embora tivesse influenciado, outrossim, uma espécie de “justificação” esdrúxula das perseguições que os católicos romanos infligiram, durante séculos, aos judeus, sobretudo e mais acirradamente, na época da Inquisição.

Em vista da teimosia obcecada e das ameaças do clero judaico, dos gritos histéricos, do fanatismo descontrolado, e da advertência de sua esposa após o aviso onírico, Pilatos sente-se impotente, apesar de toda a sua autoridade, para libertar o acusado inocente. Mas segue à letra a recomendação da esposa: não O condena, não “se envolve” com aquele justo (e ele sabia que o era), limitando-se a retraindo-se e a retirando-se da cena, levando as mãos.

Talvez por isso Tertuliano (Apologetica, 21, 21) tenha escrito: Ea omnia super Christo Pilatus, et ipse jam pro sua conscientia Christianus, Caesari tunc Tiberio nuntiavit, ou seja, “Todas essas coisas sobre o Cristo, Pilatos, também ele mesmo já Cristão em sua consciência, relatou a Tibério, então imperador”.

Mas, conforme prometera, solta Barabas e entrega Jesus à sanha sádica dos sacerdotes, para que seja crucificado.

Dessa maneira é que a Individualidade (Jesus) vai conduzir sua personagem a suportar o impacto do holocausto sangrento, a fim de conquistar mais um passo na Senda evolutiva. E a personagem que assim se submete, humilde e conformada, voluntária e ardente de amor, vai com isso merecer a imortalidade, após vencer a morte com denodo e coragem insuperáveis.

Os evangelistas não falam na sentença, mas essa, para ter força legal, devia ser escrita, não tendo valor jurídico qualquer sentença verbal. A prova de que foi realmente escrita aparece mais adiante (João, 19:22), quando Pilatos, ao responder a uma reclamação do clero, afirma que não retirará “o que escreveu”.

SIMÃO, O CIRENEU

Mat. 27:31-32

Luc. 23:26-32

31. E quando o escarneceram, despiram-lhe a capa e vestiram-no com sua veste e levaram-no para ser crucificado.
32. Tendo saído, encontraram um homem cireneu, de nome Simão, a quem obrigaram a tomar a cruz dele.
26. E como o levassem, tendo pegado certo Simão cireneu que vinha do campo, impuseram-lhe a cruz dele, para que a levasse por trás de Jesus.
27. Seguia-o grande multidão de povo e mulheres, que choravam e lamentavam.

Marc. 15:20-21

20. E quando o escarneceram, despiram-lhe a púrpura e o vestiram com sua veste, e o levaram para fora para que o crucifiquem.
21. E obrigam um passante, certo Simão cireneu, que vinha do campo, pai de Alexandre e de Rufo, para que tomasse a cruz dele.
28. Voltando-se para elas, Jesus disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, antes chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos,
29. porque eis que virão dias em que dirão: Felizes as estéreis e os ventres que não geraram e os seios que não amamentaram.
30. Então começarão a dizer aos montes: cai sobre nós; e às colinas: escondei-nos;

João, 19:16-17a

16. Então o entregou a eles para que fosse crucificado.
17. a Apanharam então Jesus. E carregando sua cruz, saiu ...
31. porque se fazem isto à madeira úmida, que se não fará à seca?”
32. Eram também levados outros dois malfeitores com ele, para serem mortos.

Quando os sacerdotes judeus se certificaram de que Jesus estava entregue a eles, tiveram ímpetos de alegria, lançaram ao ar gritos de vitória e levantaram um coro escarninho de impropérios e zombarias, qual em geral ocorre quando uma pessoa de destaque perde sua posição e cai, antipatizada e malquistada, no desagrado do populacho.

Pelo costume romano, os condenados à crucificação seguiam nus até o lugar do suplício, pois a essa altura os soldados já haviam distribuído entre si seus pertences. No entanto, Mateus e Marcos concordam em afirmar que Jesus seguiu “com suas vestes”, segundo o hábito israelita de condenar a nudez, embora não expliquem por que os soldados se comportaram dessa maneira.

O percurso do Pretório ao lugar da execução não era muito longo: de 500 a 600 metros. Todavia era bem doloroso carregar aquele peso durante meio quilômetro, com os ombros já feridos. A própria madeira era talhada a golpes de machado, irregular e cheia de arestas. No “Sudário de Turim” (cfr. Pierre Barbet, “A Paixão de Cristo segundo o cirurgião”, Edições Loyola, S. Paulo, 1966) são vistos os coágulos formados no ombro esquerdo, das escaras produzidas pelo peso da madeira, embora não se tratasse da cruz inteira, mas apenas da trave superior.

Esse travessão, com 2,30 a 2,60 metros de comprimento, pesava em média 50 quilos. Como era arrastado pelo condenado, este suportava mais ou menos 30 a 40 quilos, o que não impedia, porém, que a carne ficasse macerada nos ombros e omoplatas. Os termos latinos *portare* e *bajulare* e as palavras gregas *phérein* e *bastázein*, no entanto, indicam mais “carregar” do que arrastar.



Figura “SIMÃO, O CIRINEU” – Desenho de Bida, gravura de Ed. Hédouin

Ao observarem a fraqueza do condenado, os soldados temeram que não resistisse. E, como conquistadores, gozavam do direito de requisitar qualquer pessoa para ajudá-los. Chamaram, então, um homem que vinha do campo, talvez para o almoço e o repouso da sesta, e deram-lhe a incumbência de carregar o travessão por trás (*ópisthen*) de Jesus; ou seja, não se tratava de segurar a ponta de trás do travessão enquanto Jesus segurava a ponta da frente, mas de carregar sozinho, caminhando atrás de Jesus. Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 26 col. 209) escreveu: *sed hoc intellegendum est, quod egrediens de Pretorio, Jesus ipse portavit crucem suam; postea obvium habuerunt Simonem, cui portandam crucem impo-*

suerint, isto é, “deve compreender-se que, ao sair do Pretório, o próprio Jesus tenha carregado sua cruz; depois encontraram Simão, a quem impuseram a cruz para ser carregada”. Normalmente os condenados carregavam o patíbulo entre os sarcasmos da multidão (cfr. Plauto, *Miles Gloriosus*, 359; Plutarco, *De Sera num. vind.*, 9; Artemidoro Tarsense, *Oneirocrit*, 2,56).

Antes de impor a cruz a Jesus, tiraram a capa e provavelmente a coroa de acácia, pois os crucifixos, só a partir do séc. XIII representam Jesus com a coroa.

Nada sabemos de positivo quanto à forma da cruz de Jesus, se era em T ou se a haste vertical superava a trave horizontal. O mais provável era a forma em T. O argumento da “inscrição”, que leva alguns a pensarem que possuía uma parte da haste acima da cabeça (*crux immissa*), não é suficiente a decidir a respeito da forma da cruz, pois ao ser suspenso, o corpo arriava e ficava espaço suficiente na parte superior para ser colocada a tabuleta.

A haste vertical permanecia fixa no local das execuções: era a *stipes crucis* (cfr. Cícero, Rabir. 11: *in Campo Martio ... cruce[m] ad civium supplicium defigi et constitui jubes*, “mandas levantar e plantar uma cruz no Campo de Marte para o suplício dos cidadãos”). O travessão horizontal, chamado *patibulum*, e em grego *staurós* ou *skólops*, era levado pelo condenado e colocado, depois que se pregava a vítima, no côncavo da haste vertical, ou *stipis furca*, próprio para receber o *patibulum*. A cruz inteira era também denominada *xylon dídymon*, ou seja, “pau duplo”.

Apesar de suplício tipicamente romano, já era conhecida a crucificação entre os judeus, como lemos em Josué (8:29): “suspendeu o rei deles no patíbulo até a tarde e o ocaso do sol. E Josué ordenou e depuseram o cadáver dele da cruz”. A “invenção” desse suplício é atribuída aos persas.

Quanto a Simão, os três sinópticos coincidem nos dados: o nome Simão e a cidade de que era natural, Cirene, no norte da África, para onde Ptolomeu Sóter (306-285 A.C.) atraía mais de 100.000 judeus, outorgando-lhes numerosos privilégios. Os judeus de Cirene formavam colônia tão importante, que possuíam uma sinagoga própria em Jerusalém (cfr. Atos, 6:9) onde se reuniam os que de lá haviam regressado à pátria e os que se achavam de passagem.

Marcos anota que Simão era o pai de Alexandre e de Rufo, que deviam ser bem conhecidos na comunidade cristã de Roma, para quem foi escrito seu Evangelho, e também são citados por Paulo quando escreve aos romanos (cfr. Rom. 16:13).

As palavras de Jesus dirigidas às mulheres “filhas de Jerusalém” são privativas de Lucas, que tem o hábito de salientar o papel das mulheres na vida de Jesus (cfr. Luc. 1:39, 56; 2:36-38; 7:11-15 e 47-50; 8:1-3; 10:38-42). Essas mulheres não eram as galiléias, mas moravam em Jerusalém.

Diz o Talmud (b. Sanhedrim, 43 a) que as mulheres da sociedade preparavam o vinho com incenso (ou mirra) e o levavam aos condenados. Jesus dirige-lhes palavras de bondade, lembrando sua previsão da destruição de Jerusalém (cfr. Luc. 21:20-24). E repete as palavras de Oseas (10:8). A comparação entre a madeira úmida e a seca (cfr. 1.^a Pe. 4:17-18) refere-se a facilidade com que queima a seca, enquanto a úmida arde com dificuldade.

Lucas também fala dos outros dois condenados que foram levados junto com Jesus, para que a escolta fizesse de uma só vez as três execuções. Embora no *Sanhedrim* (6,4) esteja prescrito: “Não se executem dois homens no mesmo dia”, os romanos não possuíam em ruas leis nenhuma limitação, e quase nunca realizavam uma só execução: as crucificações ascendiam, em alguns casos, a centenas.

Eis que prossegue o drama, a desenrolar-se paulatinamente.

O candidato tem que seguir para o altar do sacrifício. Durante o suplício da flagelação e o escárnio que precederam ao holocausto, haviam recoberto a vítima com uma capa púrpura: era o momento da catarse por meio da dor. Mas ao encaminhar-se para o ponto crucial da iniciação, a capa vermelha lhe é retirada, sendo-lhe imposta a túnica branca com que viera vestido: é a cor típica do iniciando, a candida vestis, que lhe dá o nome de candidato, manifestando a pureza de quem já superou a catarse e está pronto para galgar sua exaltação. Inconscientemente, ou por sugestão mental do próprio Jesus,

os soldados lhe trocam as vestes, revestindo-o com a túnica branca inconsútil, isto é, sem costuras, tecida de alto a baixo (cfr. João 19:23). E não devemos esquecer de que a vestimenta própria do Sumo-Sacerdote era exatamente a túnica inconsútil (ho chitô árraphos), como nos revela Flavio Josepho (Ant. Jud. 3, 7, 2).

Digno de meditação, ainda, o trabalho de Simão, o cireneu, que, por ser histórico, não perde seu significado simbólico. Não competia ao iniciando o transporte do instrumento de tortura, pois era mister lhe fossem poupadas as forças, a fim de poder resistir melhor às hemorragias que seriam produzidas durante o suplício, e isso com vistas ao posterior refazimento rápido e perfeito dos tecidos epiteliais e das energias vitais, quando o Espírito regressasse novamente e reassumisse o corpo físico, após a visita ao hades, que durava 36 horas, ou seta, um dia e duas noites, abrangendo, na contagem da época, três dias: sexta-feira, sábado e domingo. Para que no soerguimento (ressurreição) pudessem ser aproveitadas ao máximo as forças físicas do iniciando, numa cerimônia iniciática sangrenta, indispensável era poupar-lhe as energias.

Além disso, descobrimos outra lição prática: a da ajuda e do serviço, que qualquer ser humano deve prestar a seu semelhante, sobretudo nos momentos de maior necessidade e angústia. Não nos é lícito deixar que cada um suporte sozinho o peso de sua cruz, quando nos seja possível dar um auxílio efetivo, ainda que isso seja pesado para nós, - como o foi a Simão o ter de carregar, por meio quilômetro, a trave horizontal da cruz de Jesus.

Outro ensinamento: se podemos e devemos ajudar a carregar a cruz dos semelhantes, não nos cabe ser crucificados em seu lugar: nem os Mestres podem substituir-se a seus discípulos, embora os auxiliem na caminhada, aliviando-os do peso excessivo que os esmagaria.

Dignas de nota as palavras de Jesus às mulheres “filhas de Jerusalém”, isto é, filiadas às religiões personalísticas, que nada percebiam dos ritos iniciáticos. Por que lamentar a sorte de Jesus e de seu corpo, se o que estava sofrendo serviria para sua elevação evolutiva, tornando-O Sumo-Sacerdote da Ordem de Melquisedec (cfr. Hebr. 5:5-20)? Elas mesmas, sim, eram dignas de lamentação, bem como seus filhos, em vista não apenas - como salientam os exegetas da próxima destruição de Jerusalém (40 anos depois), como sobretudo pelas reencarnações posteriores de todas elas, ainda tão atrasadas evolutivamente e tão enoveladas nos meandros escuros do Anti-Sistema.

A citação das palavras de Oseas caracteriza o sofrimento que atingiria muitas vezes as raías do desespero. E se a dor e os maus tratos eram insólitos e violentos em relação à madeira úmida, isto é, um Homem permeado pelo Espírito divino, ungido (Christós) com o óleo sacerdotal, embebido com a “água viva” da graça sublime em cada célula sua - o que não ocorreria à madeira seca daqueles em que ainda não vibrava o Espírito (cfr. João, 7:39), aqueles que só conheciam a matéria densa de seus corpos, julgando-os a única realidade de seus seres? Para estes, perder o corpo era perder tudo, era acabar, era “finar-se”. Então, para eles, as dores e torturas constituíam o último ato de suas existências, pois quando seus espíritos passassem a viver no plano astral, nenhuma consciência mais teriam de sua identidade, mas permaneceriam hebetados como que em estado de sonho. Só o contato com a matéria densa lhes poderia reviver a consciência atual. O que explica o Grande número de espíritos perturbados que frequentam as sessões espíritas, e o que nem sequer sabem quem são, nem se lembram do que foram quando encarnados. Madeira seca, simples palha, sujeita ao “fogo inextinguível” (cfr. Mat. 3:12 e Luc. 3:11) das múltiplas encarnações sucessivas e purificadoras, até que um dia cheguem a tomar-se madeiras umidificadas e vivificadas pelo Espírito.

A CRUCIFICAÇÃO

Mat. 27:33-38

- 33. E chegando a um lugar denominado Gólgota, que é chamado lugar da caveira,
- 34. deram-lhe de beber vinho misturado com fel; e tendo provado, não quis beber.
- 35. Tendo-o crucificado, repartiram entre si suas vestes, lançando sortes,
- 36. e sentados, o guardavam ali.
- 37. E puseram acima da cabeça dele a culpa dele escrita: Este é Jesus, o rei dos judeus.
- 38. Então foram crucificados com ele dois salteadores, um à direita e outro à esquerda.

Marc. 15:22-28

- 22. E levam-no sobre o lugar Gólgota, que é interpretado lugar da caveira,
- 23. e deram-lhe vinho com mirra, que não tomou.
- 24. E o crucificam e repartem entre si as vestes dele, lançando sorte sobre elas: quem tomaria o que.
- 25. Era a hora terceira quando o crucificaram,
- 26. e estava sobre-escrito o título de sua culpa: o rei dos judeus.
- 27. E com ele crucificaram dois salteadores, um à direita, outro à esquerda dele,
- 28. e cumpriu-se a escritura que diz: e foi contado entre os malfeitores.

Luc. 23:33-34

- 33. E quando chegaram ao lugar chamado caveira, aí o crucificaram e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.
- 34. e Jesus disse: Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem. E repartindo as vestes dele, lançaram sorte.

João, 19:17b-24

- 17. b ... para o denominado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota,
- 18. onde o crucificaram, e com ele outros dois, de cá e de lá, e Jesus no meio.
- 19. Pilatos também escreveu um título e colocou sobre a cruz; estava escrito: Jesus o Nazoreu, o rei dos judeus.
- 20. Muitos dos judeus então leram esse título, porque o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade. E estava escrito em hebraico, romano e grego.
- 21. Disseram, então, a Pilatos os principais sacerdotes dos Judeus: Não escrevas “o rei dos Judeus”, mas que “Ele disse: sou o rei dos judeus”.
- 22. Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.
- 23. Os soldados, então, quando crucificaram Jesus, tomaram as vestes dele e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, e a túnica. Mas a túnica era sem costura, tecida toda a partir de cima.
- 24. Disseram, então, uns aos outros: não a rasguemos, mas sorteemos, de quem será; para que se cumprisse a escritura que dizia: repartiram entre si as minhas vestes e sobre minha vestimenta lançaram sorte. E isso fizeram, então, os soldados.

Vejamos alguns pormenores

GÓLGOTA

Significa literalmente “lugar do crânio”, em grego *kraníon*, em latim *calva* ou *calvarium*. O aramaico, de fato, seria *gólgotha*, e o hebraico *gulgoleth*, sempre com o sentido de crânio.

Orígenes (Patrol. Gr. vol. 13, col. 1777) seguido por Maimônides, diz que se tratava do local em que fora enterrado o crânio de Adão. E nas cartas de Paula e Eustáquia a Marcela (Patrol. Lat. vol. 22, col. 485) está escrito: *locus ... calvaria appellatur, scilicet quod ibi sit antiqui hominis calvaria cóndita, ut secundus Adam, id est, sanguis Christi, de cruce stillans, primi Adam et jacentis protoplasti dilúeret*, ou seja: “o lugar se chama calvario, isto é porque aí está localizado o crânio do homem antigo, para que o segundo Adão, isto é, o sangue de Cristo, gotejando da cruz, lavasse os pecados do primeiro Adão e do primeiro homem caído” (isto é, Abel). Essa opinião foi aceita pelo pseudo-Atanásio (Patrol. Gr. vol. 28, col. 208), por Ambrósio (Patr. Lat. vol. 15, col. 1832) por João Crisóstomo (Patr. Gr. vol. 59, col. 459) por Epifânio (Patr. Gr. vol. 41, col. 844) e outros, pois a sepultura de Adão era tradicionalmente situada pelos Judeus no Hebron.

Entretanto Jerônimo (Patr. Lat. vol. 26, col. 209) põe as coisas em seu devido lugar: *favorabilis interpretatio et mulcens aurem populi, nec tamen vera ... Loca sunt in quibus truncantur capita damnatorum et calvariae, id est, decollatorum sumpsisse nomen*, ou seja, “a interpretação é favorável e agradável ao ouvido do povo, mas não é verdadeira: são os lugares em que se cortam as cabeças dos condenados, e tomou o nome de “caveiras”, isto é, dos degolados”.

A tradição nada diz. E parece que todas essas interpretações são falhas, pois seria inadmissível que o rico José de Arimatéia erguesse para si um túmulo na vizinhança do lugar das execuções. O mais certo é que o nome se deva à conformação do solo: trata-se de uma protuberância rochosa, que se eleva a uns 5 metros, dando a impressão do tampo de uma caveira.

LOCALIZAÇÃO

Situa-se no Gareb, a noroeste da 2.^a muralha, lugar que foi reconhecido por Helena, esposa de Constantino, e onde se verificaram as profanações de Adriano, na época dos primeiros cristãos: a tradição a respeito do local é antiquíssima e indiscutida. Recentes escavações no hotel russo de Santa Alexandra e no templo protestante do Redentor comprovaram que ficava junto à 2.^a muralha, mas fora da cidade (confirmando Mat. 27:32; Marc. 15:21; Luc. 23:21; João, 19:17; Hebr. 13:12 nas proximidades de uma estrada pública (cfr. Mat. 27:39; Marc. 15:25 e João, 19:20).

A distância do pretório, em linha reta (a vol d’oieau) é de 600 metros, mas o percurso foi feito dando voltas em ruas estreitas e apinhadas de povo por causa da páscoa. O percurso acompanha as sinuosidades da Segunda muralha, fazendo 150m em descida (a cota da Torre Antonia é de 750m) até o fundo do Vale do Tiropeu (cota de 710m) e o resto em subida até o Gólgota (cota de 755m).

BEBIDA AMARGA

Em Strack e Billerbeck (vol. 1, pág. 1037, 38) encontramos a citação de Rab Chisda (+ 305): “A quem vai ao suplício se dá pequeno pedaço de incenso com vinho, numa taça, a fim de embotar as sensações, como está em Provérbios (31:6): Daí licores fortes a quem morre e vinho a quem tem a alma amargurada”.

Em Jerusalém (cfr. Sanhedrim. 43 a) era tarefa de que as mulheres da sociedade se incumbiam; mas quando não no podiam fazer, as mulheres do povo se encarregavam de preparar a bebida.

Mateus diz que era “vinho misturado com bile” (cholé) ou fel, no sentido de coisa amarga, talvez por influência do Salmo 66:22, onde os LXX escrevem exatamente cholé. Marcos escreveu “vinho (temperado) com mirra”, no original *esmyrnisménon oínon* (em latim, *vinum myrrhatum*). Parece haver em

Marcos maior precisão de termos, já que a mirra é um odorante amargo (que o Talmud chama de incenso), com efeito anestesiante e ligeiramente anti-séptico. Jesus recusa essa bebida (Marcos) ou apenas a prova (Mateus). Mais tarde, tomará o vinagre ou bebida acidulada (cfr. Mat. 27:48), em vista da sede, provocada pelo suor e pela perda de sangue.

VESTES

Já vimos que Jesus fez o percurso do pretório ao Gólgota com suas vestes brancas. Mas como terá sido crucificado? Lemos no Talmud (*Sanhedrim* 6, 3): “Quatro côvados antes de chegar ao lugar do suplício, é despido. Se é homem, é coberto pela frente; se é mulher, é coberto pela frente e por trás. Assim diz o R. Judá (+ 150)”. (cfr. Strack e Billerbeck, o.c. vol. 1. pág. 1038).

Segundo o costume romano, os condenados eram crucificados inteiramente nus, e essa hipótese é aceita por Ambrósio, Atanásio, Agostinho e grande maioria dos “pais” da igreja, assim como por Suarez (cfr. *Mysteria Vitae Christ*, disp. 36, sect. 4), e pelo Papa Bento XIV.

No entanto, a prescrição talmúdica talvez justifique a tradição do pano que cobre as partes sexuais de Jesus nos crucifixos: os soldados romanos devem Ter cedido aos costumes israelitas, conforme afirma Fl. Josefo (*Contra Appion*, 2.6.73): *Romani subjectos non cogunt patria transcendere* (1), ou seja, “os romanos não coagem os (povos) submetidos a transgredir os direitos pátrios”. Já tendo sido dado a Jesus um ajudante para carregar a cruz, e tendo sido permitida a oferta da bebida anestesiante, é perfeitamente possível que acessem a cobri-lo com um pano. No sepulcro, porém, (ve-lo-emos) estava nu, conforme atesta a figura gravada no “Sudário de Turim” (cfr. Dr. Pierre Barbet, o.c., pág. 48).

(1) O “Contra Appion”, de 2,51 in fine, só existe in fine, só existe com o texto latino.

Já no *graffito*, encontrado em 1857 no muro do *Paedagogium*, em Roma, (escola destinada aos escravos do Palácio Imperial) e atualmente no Museu Kircher de Roma, está representado Jesus, com cabeça de asno, numa cruz em T, e com o pano pendurado à barriga, e a inscrição: *Alexámenos sébete theo* (“Alexámenos adora seu deus”).

A CRUZ COMO SUPLÍCIO

Segundo Cícero (in Verr. 5, 66, 169) era *servitutis extremum summumque supplicium*, “o último e o maior suplício do escravo”, reservado a ladrões e malfeitores (cfr. Fl. Josefo, *Ant. Jud.* 20, 6, 2 e *Bell. Jud.* 2, 12, 6; 14, 9 e 5, 11, 1). O Deuteronomio (21:23) declara “maldito o que é pendurado no lenho”, e Cícero (*Pro Rabirio*, 16) escreve que “o próprio nome de cruz deve estar ausente do corpo dos cidadãos romanos” (*nomen ipsum crucis absit ... a corpore civium romanorum*). E declara (in Verr. 5, 170): *facinus est vincire civem Romanum, scelus verberare, prope parricidium necare; quid dicam in crucem tollere?*, isto é, “é um ultraje encarcerar um cidadão romano, um crime flagelá-lo, quase um parricídio matar; que direi suspender na cruz”?

Mas o costume em relação aos bárbaros era supliciar e depois crucificar: *quid deinde séquitur? Verbera atque ignes et illa extrema ad supplicium damnatorum, metum ceterorum cruciatus et crux* (in Verr. 5.14), ou seja, “que se segue depois? flagelações e queimaduras, e aqueles últimos, para suplício dos condenados e medo dos outros, tortura e cruz”. Fl. Josefo (*Bell. Jud.* 2,149) atesta: *mástizin proaikisámenos anestaúrsen*, “tendo-os flagelado, crucificou-os”.

No entanto, a partir do drama do Gólgota, a cruz passou a ser “o sinal típico do Senhor” (Cfr. Clemente de Alexandria, *Stromm.* 6,11, *Patr. Gr.* vol. 9, col. 305: *toú kyriakou sêmeon typon*; e Agostinho, *Tract*, in Joannem, 118. *Patr. Lat.* vol. 35, col. 1950).

Mas a cruz era sempre representada sozinha. A primeira vez em que aparece a figura do crucificado sobre ela, é no *graffito* que citamos. assim mesmo em caricatura. Com seriedade, só aparece a figura de Jesus sobre a cruz no século V: um na porta de madeira da igreja de Santa Sabina, em Roma; e a outra em marfim, no British Museum, em Londres. Mas em ambos, Jesus está vivo, de olhos abertos, e sem sinal de sofrimento no rosto, mas com o pano que cobre a região genital.

A cruz utilizada para Jesus era, provavelmente igual a todas as outras, de pinho. Não a sublimis (de 4,5m de altura), mas a humilis (de 2,5m), pois as hastes já deviam estar todas fixadas no local destinado às execuções, conforme o hábito romano.



Figura “CRUCIFICAÇÃO” – Desenho de Bida, gravura de L. Flameng

ENCONTRO DA CRUZ

Conta a tradição, baseada na carta de Cirilo de Jerusalém ao imperador Constâncio (*Patr. Gr.* vol. 33 col. 52 e 1167; e col. 686/7) e na confirmação de Ambrósio (*De óbitu Theod.*, 45-48; *Patr. Lat.* vol. 16, col. 1401) e de Rufino (*Hist. Eccles.* 1, 8, *Patr. Lat.* vol. 21. col. 476) que Helena, esposa do imperador Constantino, encontrou a cruz de Jesus e reconheceu-a por causa da inscrição que lhe estava pregada. A dúvida é sugerida porque Eusébio de Cesaréia, que narra todos os feitos de Helena, omite esse pormenor, do encontro da cruz, que, no entanto, devia ser primordial em sua vida.

CRUCIFICAÇÃO

Os crucificadores eram quatro normalmente (o *tetrádion*, citado em At. 12:4 e no vers. 23 de João), número que constituía “uma escolta”. Mas sabemos (por Mateus 27:54, Marc. 15:39 e Luc. 23:47) que estava presente um centurião, talvez em virtude da importância religiosa e política do condenado, que não era réu de crime comum. Essa escolta devia permanecer a postos até a morte da vítima.

O condenado era pregado pelos punhos (não pelas palmas das mãos) no patíbulo, que posteriormente era suspenso e colocado acima da haste (donde *ascendere in crucem* e *subire in crucem*). A seguir eram pregados os dois pés, um sobre o outro, com cravo (ou os dois separadamente, cada um com seu cravo). Esse era o costume, conforme nos informam os autores profanos (2).

- (2) Firmicus Maternus (*De Errore Profanorum Religionum*) diz: *Suffixus in crucem, patibulum tollitur*, “pregado na cruz, patíbulo é suspenso”. Assim também Cícero (in Verr. 1, 7): *quos ... in crucem sustulit*; (ib. 6,13): *ab isto civem Romanum ... sublatum esse in crucem*; (ib. 5,7): *illum jussu praetoris in crucem esse sublatum*; (ib. 5,168): *ut ... quamvis civis Romanus esset, in crucem tolleretur*.

Os dois ladrões também foram pregados, segundo o costume, e não amarrados e suas cruzes eram da mesma altura, iguais à de Jesus (cfr. João Crisóstomo, *Hom. 5,5 in Cor. 1:26, Patr. Gr. vol. 61 col. 45*). A tradição pictográfica estabelece diferenças para fazer subressair Jesus e seu martírio (3).

- (3) Os testemunhos de autores profanos são numerosos nesse sentido, como Plauto (Persa, 295): *te cruci ipsum propediem adfigunt alii* “outros em breve te pregam na cruz”; Plauto (Mostellaria, 359-360): *ego dabo ei talentum, primus qui in crucem excucurrerit, sed ea lege, ut offigantur bis pedes, bis brachia*, “darei um talento àquele que primeiro correr para a cruz, mas com a condição de que sejam pregados os dois pés e os dois braços” (não “as duas mãos”). O verbo mais usual era *figere, adfigere ou suffigere*, “pregar” ou “fixar”, como lemos em Sêneca (Hypp. 497) *cruci suffixus*; César (*Bell. Afric. 66*) *Jaba Numinas ... in cruce omnes suffixit*; Horácio (Sát. 1, 3, 82): *si quis ... in cruce suffigat*; Catulo (99, 4), em sentido figurado: *namque amplius horam suffixum in summa me mémini esse cruce*, e muitos outros passos e autores.

FIXAÇÃO DAS MÃOS

Segundo os estudos do cirurgião Dr. Pierre Barbet – que, aproveitando-se do Laboratório de Necropsia (“autópsia”) onde dava as aulas, realizou numerosas experiências de crucificação em cadáveres recentes, a fim de aprofundar estudos - os cravos eram fixados na flexão do punho (o. c., pág. 123) em pleno carpo (pag 129) entre o semilunar, o piramidal e o grande osso (pag. 139) imediatamente antes da interlínea de Lisfranc, na parte posterior do 2.º espaço intermetatarsiano (pág. 150). Nesse ponto é moderada a efusão de sangue (pág. 142) ou seja, a hemorragia é de pouca importância, pois a rede circulatória é quase unicamente venosa.

Uma vez metido o cravo, o polegar se dobra, opondo-se à palma da mão, em virtude da contração dos músculos tenarianos. É atingido o tronco do nervo mediano, de grande sensibilidade, mas ficam intactos os nervos do curto abdutor, do oponente e do curto flexor.

FIXAÇÃO DOS PÉS

Pelo estudo do sudário, o Dr. P. Barbet deduziu que realmente os pés de Jesus foram pregados o esquerdo sobre o direito com um só cravo (o.c., pág. 145); e isso em vista das manchas sanguíneas deixadas no pano; e ainda, que foram pregados diretamente na haste, e não no supedâneo (pág. 146).

SUPEDÂNEO

O supedâneo, pedaço de madeira que ficava sob os pés do crucificado, citado pela primeira vez no 6.º século, por Gregório de Tours (*De Glória Mátyrum 6, Patr. Lat, vol. 71, col. 711*). Mas aparece no *grafitto* supracitado.

SEDILE

O *sedile* consistia num pedaço de madeira, fixada na haste, e que sustentava o condenado entre as pernas, apoiando-se nele o períneo (donde a expressão *equitare in cruce*, “cavalgar na cruz”). Era usual e indispensável, para evitar que o peso do corpo fizesse que os cravos rasgassem os tecidos. Em Sêneca (*Epist. Morales*) lemos: *sedere in cruce*, “sentar-se na cruz, e em Justino (Diál. com Triphon. 91,2) temos: *kai tò en tòi mésòi pegnymenon hôs kéras kai autô exéchon estín, eph'hôi epochoúntai hoi stau-*

roúmenoi, ou seja, “E, no meio, a estaca que é saliente, como chifre, sobre a qual se apoiam os crucificados”. A isso, Tertuliano chamava *sedilis excessus* (*Ad Marcionem*).

A HORA

Marcos é o único que afirma Ter sido realizada a crucificação na *terceira hora*. Mas como pode ter sido na terceira hora, se Jesus foi apresentado por Pilatos aos Judeus na *sexta hora*, isto é, por volta do meio-dia?

Eusébio, Jerônimo, Pedro Alexandrino, Severo de Antióquia, Amônio e muitos outros moderno, perguntam se não houve erro de copista, embora este tivesse que provir do original (o que é possível), já que era fácil confundir o número 3 (representado pelo gamma, Γ) com o número 6 (representado pelo digama F). Uma simples falha do traço horizontal inferior teria transformado o 6 em 3.

No entanto, temos que levar em conta que a 3.^a hora ia de 9 às 12 horas, a 6.^a, de 12 às 15 h; e a 9.^a, das 15 às 18 h, e isso sem a precisão exata e cronométrica dos relógios modernos; eram relógios solares ou cálculo visual da altitude do sol. Nada impede, pois, que tomemos as palavras de Marcos lato sensu: apresentado a Pilatos cerca da 6.^a hora (por volta do meio-dia) seguiu logo após para o Gólgota, a meio quilômetro, onde deve ter sido cravado na cruz entre, no máximo, 13 e 14 horas, tendo parecido ao jovem Marcos (ou a Pedro) que ainda não finalizara a hora terceira.

DIVISÃO DAS VESTES

A roupa do condenado pertencia tradicionalmente aos carrascos, que ficavam com todos os pertences desde quando a vítima seguia para o suplício. Mas como Jesus fora novamente recoberto com suas vestes, só fizeram a distribuição depois de crucificá-lo. João especifica que eram quatro (como vimos acima) e que cada um ficou com uma parte: o manto, o cinto, a camisa, as sandálias. Todavia, como a túnica era inconsútil, não quiseram cortá-la: foi então sorteada (cfr. Salmo 19:23). Também no Salmo 21:18 está escrito: “repartiram minhas vestes”.

O TÍTULO

A palavra latina *títulus* foi transliterado para o grego *títlos*, em lugar ao legítimo *epígraphê* ou mesmo o *pínax*. Embora em essência os evangelistas digam o mesmo, as palavras variam:

O REI DOS JUDEUS (Marcos)

ESTE É O REI DOS JUDEUS (Mateus e Lucas)

JESUS O NAZOREU, REI DOS JUDEUS (João).

A tabuleta, com o resumo da sentença, era carregada pelo próprio condenado (cfr. Suetônio, *Calígula*, 32, 4: *praecedente título qui causam poenae indicaret*; e Dion Cassius, 54, 3).

Eusébio (Hist. Eccles. 5,1.; Patr. Gr. vol. 20, col. 425) cita a carta dos cristãos de Lyon, onde narram o martírio de Átalo, que também carregou uma inscrição (*pínax*) com as palavras: *hoútos estin Áttalos, ho christianos*.

Conforme vimos, quando Helena encontrou a cruz de Jesus, identificou-a pela tabuleta que nela estava pregada, e que ainda hoje se conserva na igreja de Jerusalém, em Roma. Devia ter mais ou menos 65 x 20 cm, era pintada de branco com as letras, de 3 cm de altura, vermelhas. Em 1492 já faltava o um da palavra *Judaeorum*; em 1564 não havia mais as palavras *Jesus* e *Judacorum*. Hoje está reduzida a 23 x 13 cm, faltando muitos sinais: restam apenas alguns traços inferiores das letras hebraicas; a palavra NAZARENOUS I (BASILEOS) do grego, sem o artigo, conforme é citado por João, que nos conservou parece, a inscrição verdadeira do original; e NAZARENUS RE(X), do latim.

Todas as palavras estão escritas da direita para a esquerda, o que é evidente prova da autenticidade da tabuleta encontrada por Helena, já que a um falsário jamais ocorreria escrever errado. João cita NAZÔRAIOS, certo; na tabuinha está NAZARENOUS, errado. E na época evangélica já ninguém mais se lembrava, havia séculos, da escrita *boustrophêdôn* (uma unha em cada direção alternadamente) e muito menos da primitiva maneira de grafar o grego da direita para a esquerda, coisa que não ocorria com o latim. Portanto, quem escreveu a tabuleta devia ser um judeu, e grafou as línguas grega e latim à maneira do hebraico (cfr. Sozômeno, Hist. Eccl. 2,1; Patr. Gr. vol. 67, col. 929).

O clero irritou-se quando leu a inscrição, ou logo à saída de Jesus do Pretório, ou depois que foi pregado na cruz. Não na aceitaram, porque Jesus não estava sendo crucificado porque era rei dos judeus, mas porque *se dissera tal*. Pilatos, que preferira essa causa de condenação porque fora a que o levara, a condenar o réu, para evitar que os judeus o denunciassem, respondeu secamente: o que escrevi, escrevi. Inegavelmente era o reconhecimento oficial da realeza iniciática de Jesus.

Restam-nos duas anotações:

- 1) O versículo 28 de Marcos; “E cumpriu-se a Escritura que diz; E foi contado entre os malfeitores”, é omitido nos códices *álef*, A, B, C, D, X, *psi*, nos lecionários, na itala d, e k, na siríaca sinaítica, na copta sahidica e do manuscrito bohaírico, na favense, no texto do canon de Eusébio, em Amônio, Nestle, Swete, Lagrange, Knáhenbauer, Huby, Alland, Pirot.

Mas aparece (em Luc. 22:37 e Is. 53:12) nos códices K, L, P, *delta*, *theta* e *pi*, nos manuscritos: 0112, 0250, f², f¹³, 28, 33, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, 1216, 1230, 1241, 1242, 1253, 1344, 1365, 1546, 1646, 2148 e 2174, nos lecionários bizantinos 10, 211, 883, 1642, nas italas *aur*, e, ff², l, n, r¹, na vulgata, nas siríacas peschitto, palestinese, hacleense, na copta bohaírica, na gótica, na armênia, na etiópica, na geórgia, no pseudo-Hipólito, em Orígenes, no manuscrito do cânon de Eusébio, em Vigílio, Bodin, Von Soden, Merck.

- 2) O versículo 34 de Lucas, em sua primeira parte; “E Jesus disse: Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”, aparece nos códices: *alef* (original), A, C, D (2.^a mão), E, K, L X, *delta*, *pi*, *psi*, nos manuscritos: 0117, 0250, f¹, f¹³, 28, 33, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, 1216, 1230, 1242, 1253, 1344, 1365, 1546, 1646, 2148, 2174, nos lecionários bizantinos nas italas *aur*., *b*, *c*, *e*, *f*, ff², l, r¹, na vulgata, nas siríacas peschitto e palestinese, no manuscrito bohaírico da copta, na armênia, na etiópica, na geórgia, e nos autores: Hegesipo, Marcion, Diatessaron, Justino, Irineu (latino), Clemente, Orígenes (latino), Eusebio, no cânon eusebiano, no Ambrosiáster, em Hilário, Basílio, nas *Constitutiones Apostolicae*, em Ambrósio, João Crisóstomo. Jerônimo, Agostinho, Teodoro, João Damasceno e na maioria dos modernos.

Mas é omitida no papiro 75, em *aleph* (2.^a mão), B, D (original), W, *theta*, 0124, 1241, nas italas *a* e *d*, na siríaca sinaítica, na copta sahidica, em Cirilo e Wescott e Hort.

Supõe-se que a omissão tenha sido devida por julgarem que a indulgência era demasiada. Perdão para os romanos? ou para os judeus, induzidos a isso por seus preconceitos religiosos? Lemos nos Atos (3:17 e 13:27) e em Coríntios (1.^a, 2:8) que eles agiram por ignorância, mas eram responsáveis. Como perdoar-lhes?

Assistimos, aqui, à execução da parte crucial da ação física do supremo holocausto a que são submetidos os que realizam o quinto grau iniciático. A demonstração efetuada na pessoa humana de Jesus - que é, não no esqueçamos, o símbolo da Individualidade para nós - representa o sacrifício máximo do Espírito que perlustra os últimos passos de sua evolução terrena: sua crucificação na matéria densa, por vontade própria, indispensável para ascender à unificação total e definitiva com a Divindade que em todos reside, e que é a essência última de todos e de tudo.

Facilidades são oferecidas a quem se dispõe a palmilhar esta senda duríssima e árdua, para atingir tal altitude evolutiva: o vinho com mirra, ou seja, o embriagamento dos sentidos, o que diminuirá o sofrimento. Os “grandes” rejeitam esses paliativos externos: têm, em si mesmos, a capacidade e o mérito de criar condições próprias, a fim de ajudar a superação das dores. Vimo-lo no revestimento

da cristalização do ectoplasma. Mas isso, que constitui o pior sacrifício dos Espíritos Superiores (a prisão num corpo de carne), apresenta-se como um dos maiores prazeres para aqueles que se encontram no início da evolução, e que buscam avidamente a encarnação como a satisfação mais perfeita e ampla de seus instintos ainda animalizados.

Se, para o Espírito evoluído, a permanência na cruz do corpo físico é sofrimento, para o espírito apegado à matéria - única realidade para ele a estada na carne constitui a realização máxima de seu sonho: aí pode sentir-se realizado, experimentando as sensações gozosas do paladar, as emoções inebriantes do sexo, a alegria ilusória da posse, o prazer vaidoso do intelectualismo, a glória da fama que incha, o aplauso das multidões que o enaltece, o gosto do domínio que o ilude, enfim, a satisfação de todo o acerto que trouxe do reino animal, ainda vivamente degustado em sua mente. Daí suportar heroicamente todas as dores, sofrimentos e aleijões, contanto que permaneça nessa “cruz” (para ele “paraíso”) o maior tempo possível, jamais conseguindo compreender plenamente o que ele chama de fenômeno insuportável de abandonar a carne. E quando a isso coagido, busca regressar a ela o mais depressa que pode.

No entanto, para quem superou esses instintos, sobrepujando as sensações e dominando as emoções, desprezando o intelectualismo balofo, porque já experimentou a superioridade indescritível da intuição verdadeira, pois aprendeu a agir ligado diretamente à Fonte divina da inspiração espiritual, essa crucificação se torna martírio atroz. Para estes, por isso, essa crucificação é vantagem, porque tal martírio age em seu sentido etimológico de “testemunho” ou de “comprovação” de suas qualidades, além de adaptar-se ao sentido vulgar de sofrimento violento.

Passam pelo mundo incompreendidos pelas massas e por aqueles mesmos que se lhes ligam afetivamente, constituindo seu lar e seu parentesco: para todos é o orgulhoso, o convencido, o esquisito, o diferente, o egoísta, o insensível e talvez até mesmo o mau. Diante do modo de agir “normal” para o mundo, ele se torna o estulto, o desequilibrado, o idiota, o que não entende. Sua honestidade é falta de inteligência: sua indiferença às ofensas que recebe, é desfibramento; seu perdão aos que lhe fazem mal e o caluniam, é o máximo de covardia: sua paz, que o faz fugir de qualquer briga, é falta de personalidade; seu desejo de ajudar é intromissão que atrapalha; sua dedicação total é reflexo de seu egoísmo; sua humildade amorosa que o faz realizar pessoalmente todos os serviços e atribuições de empregados domésticos, para demonstrar seu amor, é prova de baixeza de ânimo; seu amor por todos é o sinal evidente de que não ama a família; sua generosidade é pródigo desperdício; sua firmeza em cumprir à risca seus menores e menos importantes deveres, é inferioridade mental; sua responsabilidade nos mínimos atos representa sua alma de escravo; e tudo isso demonstra no cômputo total, sua absoluta inferioridade e seu atraso.

Assim enumerados, esses comportamentos parecem constituir a descrição fria de teorias. Quem, todavia, sente na carne, durante o dia e durante a noite, esses impactos, durante dias, meses e anos seguidos, provenientes das pessoas que mais ama, vai torturando sua alma, e são frequentes as vezes em que de seu coração parte a exclamação: “minha alma está triste até a morte ... Pai, se é possível, afasta de mim esta taça ... todavia, não o que quero, mas o que tu queres” (Mat. 26:38-39; Marc. 14:34-36; Luc. 22:42).

* * *

Trata-se, portanto, de uma crucificação que dura ANOS, e, por ser longa, nem por isso deixa de ser dolorosa e difícil de suportar. Jesus, a Individualidade, reuniu numa cena de extrema violência todas essas facetas, de forma que pudéssemos aprender, proporcionalmente, como agir em nossa crucificação diuturna e, sem dúvida, menos violenta. Embora, em certas ocasiões, o que sofre o Espírito “acordado” que vive na carne, é correspondentemente violento, pelas terríveis humilhações e desafios: se é tão confiante no Pai, por que Este não o socorre e ajuda na hora?

As zombarias são totais e a Terra, para ele, se apresenta sem a menor dúvida, o “Lugar da Caveira”, o local em que todos querem, de fato, assistir a sua derrota, sua queda, seu sumiço, sua “caveira”, literalmente. Sua presença incomoda: é mister livrar-se dele.

E a razão principal de sua condenação, ou seja, a “sua culpa”, está marcada sobre sua cabeça: é “o rei dos judeus”, isto é, um dos seres ou o ser mais elevado de sua raça, aquele que possui todas as características morais, espirituais, psíquicas, intelectuais e até talvez mesmo físicas, para servir de modelo e exemplo a todos, para ditar a orientação certa do rebanho, porque conhece todo o caminho a perلustrar.

Rei! Rei que serve, coberto a cabeça com o véu da humildade e, na mão, qual cetro, os instrumentos dos serviços mais humildes; rei vilipendiado e desprezado, pois todos os julgam com o direito de zombar e de pisoteá-lo impunemente, “para maior glória de Deus”, porque ele não sabe reagir: perdoa sempre! Pois, a atitude desse rei terá que ser sempre a que Jesus exemplificou: “perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem”! É o adulto que sorri quando uma criança de dois anos caçoa dele: que segue em frente amável, ao receber uma assuada de meninos levados; que não se magoa se uma menininha lhe vira as costas quando ela se dirige amorosamente: malcriações infantis são perdoadas, “porque não sabem o que fazem”. Assim terá que agir o Evoluído em relação à massa involuída que o cerca, pois ele também “foi contado entre os malfetores”.

Rei dos judeus, dos religiosos, líder da religião devocional, perseguido exatamente pelo sacerdócio, pretendo dono da religião, que jamais admite intromissões leigas em sua área de serviço, permanecendo atentos a qualquer tentativa de invasão de seu território, para defendê-lo com qualquer arma a seu alcance: do combate oral sério às acusações mentirosas, da calúnia à ironia ferina, da perseguição oculta ao assassinato, que hoje em dia é disfarçado de muitas maneiras, embora na antiguidade fosse claro: “matem todos, Deus escolherá os seus”, dizia célebre inquisidor espanhol.

A crucificação de nossos Espíritos num corpo humano, a longo prazo, constitui experiência dolorosa, mas indispensável à evolução.

* * *

Quanto às três cruzeiras, já os primeiros Pais da igreja as comparavam às árvores do “paraíso terrestre”: a árvore da ciência do bem e do mal e a árvore da vida, dizendo que eram três: a árvore da vida no centro (Jesus), a árvore do bem de um lado (o “bom ladrão”) e a árvore do mal do outro lado (o mau ladrão”).

Mas, podemos dar um passo à frente, na simbologia.

Assim como, na passagem do reino animal para o reino hominal, a criatura provou da árvore do bem e do mal, perdendo por isso o paraíso da irresponsabilidade animal e adquirindo o livre-arbítrio, assim também na passagem do reino hominal para o reino dos céus a criatura experimentará (páthein) a árvore da vida, adquirindo a VIDA IMANENTE, também chamada, mais geralmente, VIDA ETERNA. É a árvore do centro, a Cruz de Jesus, que proporciona a Vida, e por isso Ele foi classificado como “o Salvador” ou ainda o “Redentor”. Embora a interpretação desse fato tenha sido deteriorada por ignorância da realidade; de qualquer modo esses atributos estão bem aplicados.

Não é, pois, Redentor no sentido de que sua paixão (páthein) tenha redimido por si só a humanidade, mas sim no sentido de que foi o primeiro a conseguir passar, nesta Terra, de um estágio a outro, abrindo o caminho (“eu sou o CAMINHO da Verdade e da Vida”, João 14:6 para que todos pudessem segui-Lo, redimindo-se, também, cada um a si mesmo, porque, na estrada que abriu, como batedor ou sapador, todos nós temos mais facilidade de seguir seus passos. Árvore da Vida, a Cruz de Jesus, que simboliza a cruz do corpo humano, que para nós constitui o meio da redenção final, na estrada real da evolução.

E no topo dessa cruz está a inscrição que inspiradamente foi ordenada por Pilatos: o rei dos judeus, o hierofante da raça sacerdotal de toda a humanidade. Quando todos atingirmos essa graduação inequívoca, esse ápice evolutivo do gênero humano, teremos conquistado a redenção final e estaremos “salvos”, pois não necessitaremos mais ser crucificados, através das encarnações, no corpo de carne.

A tentativa do clero personalístico de inutilizar a frase de Pilatos fracassou, diante da vontade inflexível daquele que, embora julgado titubeante e facilmente influenciável pelos mais fortes como a biruta ao vento, no entanto bateu o pé e mandou mantê-la. Era impossível descer do pedestal de sua autori-

dade, porque aí não foi o homem Pilatos que agiu, mas a autoridade máxima que outorgada lhe fora pelo Alto.

A sugestão de que fosse escrito: “Ele disse que era rei dos judeus” alerta-nos ainda para um fato muito importante, e Pilatos acertou em não aceitar. Não é o fato de alguém SE DIZER rei ou hierofante, que lhe ratifica o posto: este só pode ser conferido por quem tenha autoridade de fazê-lo, como foi o caso de Pilatos, legitimamente constituído como Governador, tendo recebido, portanto, do Alto sua investidura civil e religiosa, já que era delegado do Imperador-Pontífice Tibério César. Hoje, muita gente ostenta títulos e nomes geralmente arrevezados por iniciativa própria, atribuídos a si por eles mesmos ou por amigos que se reúnem em sistema de elogios mútuos, conferindo-se uns aos outros títulos bombásticos e honoríficos, sem qualquer autoridade. São encontradiços vários “mestres”, alguns “sris”, outros “yogis” e mesmo “swamis”, além de muitos “anandas”. Uma vez revestidos dessas insígnias verbais, inflam o peito vaidosamente e se crêem grandes emissários das fraternidades (sempre orientais), esquecidos de que o pior vício que afasta da Fonte é exatamente a vaidade que exalta a personagem. Colocam sobre seus próprios ombros “missões” importantes e acreditam-se grandes seres, embora suas palavras e ações (reveladoras dos mais íntimos pensamentos) contradigam frontalmente o que pretendem aparentar.

Jesus jamais atribuiu a si mesmo qualquer título. Antes, recusou o atributo de BOM, afirmando ser bom apenas o Pai, e negou ser MESTRE, ensinando que só o Cristo devia ser tido como Mestre (Mat. 23:10). Por que Lhe não seguirmos as pegadas? Por que não anularmos nosso eu personalístico e vaidoso, convencendo-nos de que, se estamos encarnados neste planeta, isto significa que somos apenas espíritos devedores, ainda carregados de carmas negativos, que precisamos expurgar, para podermos ser merecedores de receber qualquer missão? Deixemos de lado os títulos e nomes exóticos, e sejamos discípulos humildes e verdadeiros, enquanto estamos crucificados nesta carne transitória, pois “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (1.ª Cor. 15:50): só o Espírito o vive. Por que pois pretender salientar a personagem terrena (carne e sangue) com nomes orientais pomposos, que nada valem, mas ao contrário prejudicam, porque alimentam a vaidade íntima? Vivamos de forma a poder dizer, no fim de nossa romaria terrena: “somos servos inúteis, cumprimos nosso dever” (Luc. 17:10).

Aproveitamos a crucificação sem reclamar, como a soube aproveitar o “bom ladrão”, que se limitou humildemente a solicitar auxílio.

E não nos preocupemos se nossas vestimentas forem divididas e sobre elas lançadas sortes, ficando nós nus: que é a roupa para o corpo? Assim também, que é o corpo, veste do Espírito, em relação a este? Que nos maltratem, nos firam e nos matem o corpo: o Espírito permanecerá vivo e progredirá; tenhamos os que podem matar o Espírito, não os que só atingem o corpo físico e a personagem terrena (cfr. Mat. 10:28); e tudo o que nos seja arrancado - objetos, propriedades, amigos, parentes e até o corpo - constituem apenas agregações temporárias que poderão ser reconquistadas todas pelo Espírito eterno. Aproveitemos a crucificação na Terra, para aprender a renúncia a tudo o que é externo, só valorizando o Espírito.

ZOMBARIAS

Mat. 27:39-44

Luc. 23:35-43

39. Os que passavam, porém, o insultavam, meneando a cabeça deles.
40. e dizendo: ó tu que destróis o santuário e em três dias o contróis, salva a ti mesmo, se és filho de Deus e desce da cruz!
41. Igualmente também os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam:
42. Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar; se é rei de Israel, desça agora da cruz e creremos nele ...
43. confiou em Deus, que ele o livre agora se o ama, pois disse: sou filho de Deus.
44. Do mesmo modo também os salteadores, crucificados junto com ele, o insultavam.
35. E estava o povo olhando. Os principais sacerdotes torciam o nariz, dizendo: Salvou os outros, salve a si mesmo, se este é o ungido de Deus, o escolhido.
36. Zombavam dele também os soldados, que se aproximavam, oferecendo-lhe vinagre
37. e dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva a ti mesmo.
38. Estava também acima dele a inscrição: Este é o rei dos judeus.
39. Um dos malfeitores pendurados o insultava, dizendo: Não és tu o ungido? salva a ti mesmo e a nós.
40. Respondendo o outro, censurando-o, disse: Não temes tu a Deus, por estares no mesmo julgamento?
41. E nós, sem dúvida, justamente, porque recebemos o merecido do que fizemos; mas este nada fez fora de lugar.
42. E disse: Jesus. lembra-te de mim quando estiveres no teu reino.
43. E disse-lhe: “Em verdade te digo, hoje comigo estarás no paraíso”.
29. Os que passavam o insultavam, meneando as cabeças deles e dizendo: Olá (tu que) destróis o santuário e o constróis em três dias,
30. salva a ti mesmo, descendo da cruz.
31. Igualmente também os principais sacerdotes, com os escribas, escarnecendo uns com os outros, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar ...
32. O ungido, o rei de Israel, desça agora da cruz para que vejamos e creiamos. Também os crucificados junto com ele o injuriavam.

O verbo *blasphêmein* tem dois sentidos básicas: o primeiro, mais popular, e “injuriar” ou “insultar”, referindo-se a qualquer pessoa (cfr. Isócrates, 12, 65 e 15,2; Demóstenes, 51, 3, etc.); o segundo, mais técnico, significa “falar profanamente das coisas iniciáticas”, ou proferir injúrias contra a Divindade ou as coisas sagradas”, tendo sido, neste caso, transliterado para o português “blasfemar”; usado, também nesse sentido por autores profanos (Vettius Valens, 58, 12 e 67, 20; Demóstenes, 25, 26; Platão, De Legibus, 800 c.d), na versão dos LXX (Ezequiel, 35:12; Daniel 3:29 ou 96; 2.º Macabeus, 10:4 e 34) e no Novo Testamento (Mat. 9:3; 12:31; Marc. 3:29; 1.ª Cor. 10:30; Ef. 4:31).

As expressões “menear a cabeça” (*kinoúntes téš kephalês*, Mateus e Marcos) e “torcer o nariz” (*exemykterizôn*, de *myktêr*, Lucas) se equivalem, como sinais de desaprovação, subentendendo ao mesmo tempo, certo desprezo.

As palavras acompanham os gestos. Desafiam que desça da cruz, pois é isso que significa “salve-se a si mesmo”. E volta o argumento da destruição do santuário (*naós*) e de sua reconstrução (*oikodomôn*) em três dias, com aquela repetição dos mesmos argumentos, típica dos desequilibrados mentais com monoideísmo, que se apegam a um só ponto, porque incapazes de raciocinar.

A libertação, ou descida da cruz, para eles seria uma prova de que o Pai o amava (*thélei*, literalmente “quer”, no sentido de “querer bem”, que corresponde ao hebraico hafaz; a frase é tirada do Salmo 22:8, que transcreveremos mais adiante na íntegra).

Diz Lucas que os soldados ofereceram a Jesus “vinagre”, ou seja, a conhecida bebida acre, que utilizavam para dessedentar-se. Consistia em vinagre misturado com água, contendo, às vezes, ovos batidos (cfr. Plauto, *Miles*, 836; Truculentus, 609; Plínio, *História Naturalis*, 27, 12 § 29; 28, 14 § 56; Suetônio, *Vitellius*, 12).

O aceno de Lucas à inscrição sobre a cruz serve, apenas, como complementação de passagem à descrição da cena, não se demorando o evangelista nesse pormenor.

Mateus e Marcos afirmam que os dois salteadores participaram do coro das zombarias; no entanto, Lucas narra um episódio inédito e que impressiona (cfr. Agostinho, *Patr. Lat.* col. 36, col. 1190).

Um dos salteadores, a quem a tradição atribui o nome de DIMAS, repreende o companheiro severamente, e, dirigindo-se a Jesus profere uma frase reveladora de correto conhecimento espiritual. Não solicita que o liberte do suplício, nem que o faça viver, mas apenas que “se lembre dele, quando estiver em seu reino”.

Jesus responde literalmente: “Em verdade te digo (*amên soi légô*) hoje mesmo (*sêmeron*) estarás comigo (*met'emou ésêi*) no paraíso (*en tòi paradeísôi*)”.

A palavra PARAÍSO, transcrição do persa *pairi-daêza*, é encontrada várias vezes no Antigo Testamento, com o sentido de “jardim plantado”, de “bosque” ou “pomar” amenos, mas sempre no solo da Terra, e não flutuando entre as nuvens. Foi a tradução encontrada pelos LXX para a palavra hebraica *eden* raiz que significa “prazer, delícia, deleite, gozo (também sexual).

No Gênesis (2:8, 9, 10, 15, 16 e 3:1, 2, 3, 8, 10, 23 e 24) foi empregada para designar, segundo a versão esotérica, o local onde Deus colocou Adão. No sentido esotérico expressa o estado da alma (*psychê*) dos animais que, ainda não discernindo entre bem e mal, vivem no prazer permanente do hoje, gozando a vida sem ontem e sem amanhã, deleitando-se no instante do agora.

Em outros passos no Antigo Testamento encontramos o termo *parádeisos* como local físico de deleite ameno: “uma carta para Asaph, guarda do BOSQUE (*paradeisou*)”, (Neh. 2:8); “Fiz para mim jardins (*kêpous*) e QUINTAIS (*paradeísous*) e neles plantei árvores frutíferas de todas as espécies” (Ecl. 2:5) “Os teus renovos são um pomar (*parádeisos*) de romãs com frutos preciosos” (Cânt. 4:13).

Há ainda os que apenas designam “jardim” como lugar de repouso e prazer ameno: “E eu saí como um canal do rio e como um aqueduto para um jardim (*parádeison*)” (Ecl. 24:30 nos LXX, 24:41 na Vulgata); “A graça como um jardim (*parádeisos*) em bênçãos” (Ecl. 40:17); “Nascestes nas delícias do jardim de Deus (*en tēi tryphēi tou paradeísou tou theou egenēthēs*)” (Ezeq. 28:13). Comparando a Assíria a um cedro do Líbano, o profeta Ezequiel (31:8-9) assim se exprime: “Os cedros no JARDIM DE DEUS (*paradeísôi tou theou*) não o podiam esconder; os ciprestes não eram como seus ramos e os plátanos não eram como seus galhos; nenhuma árvore no JARDIM DE DEUS se assemelhava a ele em sua beleza, pela multidão de seus ramos e o invejavam as árvores do JARDIM (*paradeísou*) das delícias de Deus”.

No Novo Testamento, além deste passo de Lucas, há dois outros que empregam essa palavra: 2.^a Cor. 12:4 diz: “E conheço esse homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei: Deus sabe) que foi arrebatado ao JARDIM (*eis tòn parádeison*) e ouviu palavras impronunciáveis, que não é lícito o homem fa-

lar”. E Apoc, 2:7 onde lemos: “Ao vencedor dar-lhe-ei de comer da árvore da vida, que está no JARDIM (*en tõi paradeísôi*) de Deus”.

Agostinho (*Patr. Lat.* vol. 35, col 1927) interpreta sempre como o “céu”, no sentido católico. Mas outros compreendem como o *eden* do Gênesis, o vulgarmente chamado “paraíso terrestre”, como Cirilo de Jerusalém (*Patrol. Gr.* vol. 33, col. 809), João Crisóstomo. (*Patr.Gr.* vol. 49, col. 409/410), Teofilacto (*Patr.Gr.* vol. 123, col 1104) e Eutímio (*Patr. Gr.* vol. 129, col. 1092).

Segundo Henoch (60:8, 23 e 61:12) não se trata de “céu”, mas de Hades. Entretanto, temos que interpretar o verdadeiro “paraíso” segundo o dizer de Ambrósio (*Patr. Lat.* vol. 15, col. 1834): *vita enim esse cum Christo; ideo, ubi Christus, ibi vita, ibi regnum*, ou seja, “Com efeito, a vida é estar com Cristo; por isso, onde está Cristo, aí está a vida, aí o reino”.

O trecho ensina-nos meridiana lição do modo como o mundo considera e trata os Emissários do Bem, com suas zombarias e desafios, para que saia das dificuldades, como se os evoluídos se comprazessem, qual os involuídos em facilidades e prazeres físicos e ausência de dores. Mal sabem que a dor é exatamente a porta por onde se alcança o cume da montanha, na árdua e íngreme subida evolutiva.

Como em seu espírito de serviço os medianeiros levam a cura aos corpos enfermos dos outros, julga-se que possuem os mesmos poderes em relação a si mesmos, esquecidos, ou ignorando, que, sendo criaturas devedoras à Lei do Carma, também eles “precisam” expugar os pesados fluidos que agregaram a si em vidas pretéritas ou na mesma vida atual.

Esse, evidentemente, não era o caso de Jesus, que se situa em outra faixa, como também o de outros seres elevados: a dor, nessa ambiência superior, é a escalada de mais um degrau evolutivo, o que se não consegue sem esforço doloroso: toda iniciação em nova estrada requer readaptação, exigindo sacrifício que inclui, por vezes, violência, não só espiritual como física.

Tudo isso é inconcebível para o vulgo em atraso, que julga bem e felicidade somente o que se relaciona com o corpo denso e o astral inferior (saúde, conforto, sensações de prazer, emoções felizes). O essencial é saber receber com resignação, sendo com alegria, aquilo que nos chega com vistas à nossa ascensão. Não importa se se trata quer de soldados brancos, quer de sacerdotes cultos: vale o estágio espiritual em que se encontra a individualidade, não o grau cultural conquistado pela personagem transitória.

E a prova disso é que um dos salteadores, crucificado com Jesus, percebeu o alcance do que se passava, e pede que “Jesus se lembre dele quando estiver em seu reino”.

Alguns intérpretes supõem tratar-se do “céu” católico, da “bem-aventurança eterna”, como dizem. O absurdo é palpável, quando sabemos que o próprio Jesus não subiu a esse “céu” nesse mesmo dia, mas ao invés desceu ao “Hades”, e só quarenta e dois dias depois disse aos discípulos que “subiria ao Pai”. Isso se entendermos “subir ao Pai” no sentido católico, o que não corresponde, nem isso, à realidade dos fatos.

Como entender, então, esse pedido, falando em “reino”, quando o salteador via Jesus a estertorar numa cruz a seu lado, um simples carpinteiro humilde?

Não podia, pois, tratar-se de reino material, na Terra. Será que ele teve, naquela hora, a revelação interna do que se passava? Será que já ouvira de Jesus alguma explicação aos discípulos a esse respeito? Ou será que nesse passo de Lucas encontramos, na realidade, um simbolismo profundo, ocultado sob a aparência de um fato?

Inegavelmente, o conhecido como o “bom ladrão” dá-nos maravilhosa lição a respeito da prece sincera, que provém do âmago do coração nos momentos mais dolorosos de nossa jornada, enquanto estamos crucificados na carne. Embora em dores atrozes, causadas pela necessidade de purificar-nos de nossos sérios débitos do passado, tenhamos a certeza de que, a nosso lado, crucificado conosco, porque, habitando dentro de nós, está o Cristo, que ouvirá e atenderá nossa prece, se realmente for a expressão de nossos sentimentos íntimos.

No entanto, se nossa atitude for de rebeldia, como a do que chamamos “mau ladrão”, que nos adiantará estarmos crucificados com o Cristo, ao lado de Jesus? Qualquer revolta íntima dissintoniza com o Cristo interno, e nossa dor se multiplicará, já que em nós mesmos não alimentamos qualquer esperança.

Aí temos, portanto, duas lições: a da prece e a da resignação, humildemente reconhecendo que merecemos o que estamos recebendo”.

A promessa de Jesus também requer meditação.

Segundo sabemos, cada um recebe segundo suas obras (cfr. vol. 5). Ora, a vida do “bom ladrão” não havia transcorrido com ações positivas, pois ele mesmo reconhece: “recebemos o merecido do que fizemos”. Logo, teria sido clamorosa injustiça, sua liberação total naquele momento.

Mais: é-nos dito que “todos chegaremos à medida da evolução do Cristo” (Ef. 4:32). Ora, por sua vida na matéria, o “bom ladrão” não havia alcançado essa evolução crística. Logo, não possuía gabarito para obter a liberação total.

Concluimos, pois, que não há possibilidade de entender-se a frase de Jesus como prova de obtenção “nesse dia” (“hoje”) da “bem-aventurança celeste”, antes de o próprio Mestre a ter conseguido.

Que há de verdadeiro na frase?

Se bem entendemos a doutrina longamente exposta nos Evangelhos, a finalidade primordial da encarnação da criatura humana é a obtenção da felicidade suprema do Encontro com o Cristo Interno, por meio do MERGULHO no imo do coração, o que - quando permanente - constitui a liberação total.

Mas, muitas vezes experimentamos esse Encontro sublime em átimos de segundo, quer conscientemente, quer inconscientemente. É natural e inconsciente, por exemplo, no gozo inigualável do milionésimo de segundo do orgasmo sexual - pois só unificados com o Cristo Interno, temos a capacidade de tornar-nos “criadores”, à semelhança da ação criadora divina -. Daí ser tão forte esse impulso, que leva a humanidade a superar todos os percalços e sofrimentos da gestação e o trabalho da manutenção e educação dos filhos. E esse prazer foi concedido aos seres humanos para que fossem experimentando aos poucos a satisfação dessa felicidade total (cfr. no vol. 2), as opiniões de Teilhard de Chardin e de Paul Brunton).

Ora, o Encontro com o Cristo Interno faz que a criatura passe a conscientizar-se (“que entre”) no “reino celeste”, abandonando, por instantes, o reino hominal terreno. Isso, sem dúvida, está dentro de toda lógica, e pode compreender-se racionalmente; portanto, a promessa podia ser feita e cumprida: hoje mesmo estarás comigo (terás um Encontro comigo, diz O Cristo) no jardim delicioso que supera e anula as dores e dá a satisfação da felicidade, apesar de todo o sofrimento.

E talvez, com esse sofrimento da crucificação, Dimas também haja dado seu primeiro passo na senda iniciática, tendo abertas diante de si as portas que conduzem à plenificação da Paz Interior.

AO PÉ DA CRUZ**Mat. 27:55-56****Luc. 23:49**

55. Estavam ali muitas mulheres, contemplando de longe, as quais tinham acompanhado Jesus desde a Galiléia, para servi-lo.

56. Entre elas estavam Maria, a Madalena e Maria, a mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu

49. Mas todos os conhecidos dele estavam de pé, ao longe, e as mulheres que o seguiam desde a Galiléia, contemplando essas coisas.

João, 19:25-27**Marc. 15:40-41**

41. Estavam também ali umas mulheres, contemplando de longe, entre elas Maria, a Madalena e Maria a mãe de Tiago o menor e de José, e Salomé,

42. as quais, quando estava na Galiléia, o acompanhavam e serviam, e muitas outras que subiram com ele a Jerusalém.

25. Estavam, porém, junto à cruz de Jesus, a mãe dele e a Irmã da mãe dele, Maria a (esposa) de Cleopas, e Maria a Madalena.

26. Vendo, então, Jesus sua mãe e ao lado o discípulo que amava, disse à mãe: “Mulher, eis teu filho”.

27. Depois disse ao discípulo. “Eis tua mãe”. E desde essa hora, tomou-a o discípulo como coisa própria.

Aqui encontramos a relação dos que se encontravam a contemplar a cruz, durante a permanência de Jesus. A enumeração não é lisonjeira para os homens, pois o único presente, dos Seus amigos, parece ter sido João, o “discípulo amado”. As mulheres citadas, em número de cinco, acompanharam Jesus durante todo o Seu ministério. Temos então (cfr. vol. 2 e vol. 3).

1. MARIA, a mãe de Jesus.
2. MARIA, denominada a Madalena, do nome de sua aldeia natal Magdala (atual El-Medjdel) no lago de Tiberíades, a quem Jesus dedicava tão grande amor, que a brindou com Sua primeira aparição. após levantar-se do túmulo.
3. JOANA, irmã da mãe de Jesus, esposa de Cuza e mãe de Salomé (a esposa de Zebedeu), de Simão, de Maria e de Suzana (?) ditos “irmãos de Jesus”.
4. MARIA, esposa de Clopas, que era irmão de José, e mãe de Tiago (o menor), de José e de Judas Tadeu, também ditos “irmãos de Jesus”.
5. SALOMÉ, esposa de Zebedeu e mãe de Tiago (o maior) e de João o evangelista.

João cita as quatro primeiras, omitindo o nome de sua própria mãe, Salomé, talvez para não chocar os leitores com a narração, a seguir, da entrega que a ele fez Jesus de uma segunda mãe, ou mesmo por modéstia. Mateus e Marcos omitem o nome da mãe de Jesus e de Joana de Cuza, mas são unânimes em registrar a presença de Salomé. Lucas não cita nomes.

Concordamos (vol 2) com Zahn, Loisy, Lagrange, Durand e Bernard, que a “irmã de Maria” não podia ser “Maria de Clopas”, pois não se compreenderia duas irmãs com o mesmo nome. Daí nossa hipótese de que a “irmã de Maria” era Joana, esposa de Cuza.

Todos mantinham-se “de pé” (*eistêkeisan*), fortes e corajosas.



Figura “AS MULHERES” – Desenho de Bida, gravura de J. Veyssarat

Foi quando Jesus cômico de si e com todas as Suas energias, percorreu o olhar pelas pessoas ali presentes, e proferiu as frases curtas e incisivas: “Mulher, eis teu filho” (*gynai, híde ho huiós sou*). Com isso nomeava João, o discípulo amado, como Seu substituto legal no afeto de Maria. Voltando-se, depois, para João, ratifica o mesmo legado: “eis tua mãe” (*híde hê mêtêr sou*). E o evangelista acrescenta: e desde essa hora, tomou-a o discípulo como coisa própria” (*eis tà ídia*), ou “a seu cargo”.

A partir do século XII, apoiando-se em Orígenes (*Comment. in Joannem*, 1.4. 23), a tradição passou a considerar válida a interpretação de Rupert de Deutz ou Rupertus (*Comment. in Joannem, Patr. Lat.* vol. 169, col. 790): João representou, ao pé da cruz, todas as criaturas humanas, que se tornaram, *ipso facto*, irmãos de Jesus.

Essa tradição foi sancionada por Leão XIII (*Encíclicas Quamquam pluries*, de 25-8-1889; *Octobri mense adveniente* de 22-9-1891; *Jucundum semper*, de 8-9-1894; e *Adjutricem populi christiani*, de 5-9-1895) e por Pio XI (*Encíclica Rerum Ecclesiae*, de 28-2-1926), onde se lê: *Sanctissima Regina Apostolorum Maria, cum homines universos in Calvaria habúerit materno animo suo commendatos, non minus eos fovet ac diligit, qui se fuisse a Christo Jesu redemptos ignorant, quam qui ipsius beneficiis fruuntur feliciter*, ou seja: “Maria santíssima, rainha dos apóstolos, ao ter encomendados a seu ânimo materno, no Calvário, todos os homens, não menos ama e acalenta aqueles que ignoram terem sido redimidos pelo Cristo Jesus, do que àqueles que felizmente gozam dos benefícios Dele”.

Portanto, segundo o pensamento católico, todas as criaturas humanas, fiéis e infiéis, estão sob o manto protetor e materno, de Maria, por delegação de Jesus.

A beleza deste capítulo é imensa, pois o vemos imbuído de delicadeza de sentimentos.

Em primeiro lugar salienta-se a fidelidade feminina, geralmente bem maior que a masculina, em vista dos sentimentos mais apurados e do amor naturalmente materno e sacrificial. Apesar do ambiente rude de soldados, do espetáculo horripilante e deprimente da cruel crucificação, do cansaço e dos fortes impactos emocionais das últimas horas, não abandonaram o ser amado à sua sorte: permaneceram “de pé”, a confortar com seus olhares amorosos aquele que estava a sofrer pelo bem que espalhara e pelos profundos conhecimentos espirituais que demonstrara em Seus ensinamentos às multidões e ao grupo de Seus discípulos. E através do olhar, deveram também sustentá-Lo com seus fluidos de amor inigualável, diminuindo-Lhe a dor moral do abandono da maioria de Seus discípulos e mantendo-O anestesiado às dores físicas.

A expressão “de longe contemplavam” (Mateus, Marcos e Lucas) é contraditada pelo testemunho pessoal de João, ali presente: “junto à cruz de Jesus”. Temos que compreender um meio termo, pois “de longe” nem poderiam ter ouvido as palavras proferidas por Jesus; mas também “junto” deve pressupor “colados” à cruz, já que os soldados não teriam permitido proximidade exagerada, com receio de ser prestada aos condenados ajuda indesejável.

Fora do círculo familiar da mãe, das duas tias e da irmã de Jesus (Salomé) e do sobrinho João, a única não parenta era a Madalena, a grande apaixonada pelo Mestre, e que, uma vez tocada, jamais O abandonara.

Em segundo lugar observamos a cena da entrega de Maria, Sua Mãe, ao discípulo amado, a fim de que ele cuidasse de Maria em lugar do próprio filho Jesus.

Anotemos, de passagem, que se Maria tivesse tido outros filhos, ou mesmo enteados (filhos do primeiro matrimônio de José), esse gesto de Jesus tem ensanchas de magoá-los profundamente. Daí termos aceitado, desde o início, a hipótese da expressão “irmãos de Jesus”, como sendo seus “primos irmãos” (1).

- (1) A palavra grega adelphós, “irmão”, referia-se também a “primos”, como lemos em muitos autores profanos (cfr. Herodoto. 1.65; 4.147; 6.94. etc.; Thucídides. 2.101, etc.; Strabão, 10.5.6, etc.), dando-se o mesmo com a palavra latina *frater*. Lemos em Cícero (*De Fin*; 5.1. 1): *L. Cícero frater noster, cognatione patruelis, amore germanus*, ou seja, “Lúcio Cícero nosso irmão, pelo parentesco primo, pelo amor, irmão”. E a definição do Digesto (38. 10. 1, § 6): *item fratres patruales, sorores patruales, id est qui quaeve ex duobus fratribus progenerantur*, “da mesma forma, primos-irmãos, primas-irmãs, os que e as que são gerados de dois irmãos”. Não esqueçamos que a palavra portuguesa “irmão”, assim como a castelhana “hermano”, são derivadas do latim *germanus* (proveniente de *germen*) e exprime aqueles que são da mesma origem, do mesmo germe, conforme já lemos mesmo em Plauto (*Menaechmi*, 1102): *spes mihi est vos inventuros fratres germanos duos*

geminos una matre natos et patre uno uno die, isto é: “minha esperança é de que vos descobrireis irmãos autênticos gêmeos nascidos de uma mãe e de um pai, no mesmo dia”.

Já o contrário podia dar-se, como se deu: embora estivesse presente Salomé, mãe de João, era perfeitamente admissível que Jesus atribuísse o encargo de Sua mãe ao discípulo amado, sem que por isso se sentisse magoada a mãe de João, grande e sincera discípula de Jesus. Antes, para ela constituía uma honra, pois demonstrava a confiança que o Mestre depositava em seu filho, ainda tão jovem (João, a essa época, parece que contava cerca de 21 ou 22 anos).

A partir daí, João manteve Maria a seu lado, tendo-a levado para Éfeso, segundo a tradição, onde ela veio a falecer muitos anos depois.

ÍNDICE REMISSIVO**A**

Acontecimentos daquela noite, 68
ACUSAÇÕES, 106
ALEGRIA MÁXIMA, 31
Amônio, 14
Anastácio, 118
Ancião dos Dias, 51
Azpeitia-Gutierrez, 61

B

Barrabas, 118
Basílio, 21
Bebida amarga, 140
Bossuet, 15

C

Cardeal Estêvão Langton, 14
Cardeal Hugo de Saint-Cher, 14
CASA DE CAIFÁS, NA, 77
Chisda, Rab, 140
Crucificação, 142
CRUCIFICAÇÃO, A, 139
Cruz como suplício, A, 141

D

Davies, J. G., 21
DESPEDIDA, 50
Divisão das vestes, 144

E

Encontro da Cruz, 142
ENVIO A HERODES, 114
ENVIO A PILATOS, 98
EPISÓDIO DE JUDAS, 101
ESFORÇO PARA SALVAR, 126

F

FACÕES, OS, 56
Filho Carnal de Deus, 93
Filho consubstancial de Deus, 93
FILHO DE DEUS, 91
Filho por Adoção, 92
Fixação das mãos, 143
Fixação dos pés, 143
Flagelação, 120
Flávio Josefo, 76
François-Marie Braun, 46

G

Gaius Septimius Vegetus, 118
Gandhi, o Mahatma, 17
Girólamo Vitelli, 118

Gólgota, 140

H

Hora, A, 144

I

INTERROGATÓRIO OFICIAL, 90
INTERROGATÓRIO, 1.º, 110
INTERROGATÓRIO, 2.º, 116
INTERROGATÓRIO, 3.º, 117
INTERROGATÓRIO, PRIMEIRO, 82

L

LAVA AS MÃOS, Pilatos, 132
Libertação de Preso, 118
Localização, 140

M

Melquisedec, 72
Mulheres, As, 153

N

NEGAÇÃO DE PEDRO, 1.ª, 79

O

O “ADVOGADO”, 9
O “EU” PROFUNDO, 3
Ocorrências, 120
ÓDIO DO MUNDO, 20
ORAÇÃO NO JARDIM, 58
ORAÇÃO, A, 34
OUTRAS NEGAÇÕES, 85

P

PÉ DA CRUZ, AO, 153
Picchini, L., 61
PRISÃO MOVIMENTADA, 67

R

REI ESCARNECIDO, 122
Riquelme Salazar, 61
Roberto Estienne, impressor, 14

S

SAÍDA DO CENÁCULO, 54
Salvação, 52
Sedile, 143
SIMÃO, O CIRENEU, 135
Sonho, O, 119
Supedâneo, 143

T

Teodoro de Beza, 14
Teofrasto (História Plantarum), 123
Teresa d'Ávila, 46
Tito Lívio, 118
Título, O, 144
TRABALHO DO ESPÍRITO, 26

U

UNIÃO COM CRISTO, 13

UNIFICAÇÃO COM DEUS, 39

V

Vestes, 141
VISITA A ANÁS, 75

Z

Zaragoza, 61
ZOMBARIAS, 149